

CARLA MARIA VIEGAS E MELO CRUZ

**PARENTALIDADE
E COMPORTAMENTOS HOSTIS EM ADOLESCENTES**

Orientador: Professor Doutor João Carvalho Duarte

Coorientadora: Professora Doutora Alcina Manuela Oliveira Martins

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2014

CARLA MARIA VIEGAS E MELO CRUZ

**PARENTALIDADE E COMPORTAMENTOS
HOSTIS EM ADOLESCENTES**

Tese defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 526/2014, de 25 de junho de 2014, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor António Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Arguente:

Prof.^a Doutora Isaura Pedro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof.^a Doutora Paula Vagos – Universidade de Aveiro

Vogal:

Prof. Doutor José Bernardino Duarte – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Varandas – Escola Superior de Enfermagem de Lisboa

Orientador:

Prof. Doutor João Carvalho Duarte – Escola Superior de Saúde de Viseu

Coorientadora:

Prof.^a Doutora Alcina Manuela de Oliveira Martins – Universidade Lusófona do Porto

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2014

AGRADEÇO

Aos diretores dos Conselhos Executivos e professores das Escolas Secundárias da cidade de Viseu, onde o estudo se desenvolveu, pela simpatia, disponibilidade e organização de toda a logística que possibilitou a viabilização deste estudo permitindo a recolha de dados aos estudantes.

Aos vários autores das escalas utilizadas, pela autorização fornecida para a sua utilização.

A todos os adolescentes participantes no estudo, que com a sua autenticidade, acederam participar respondendo ao questionário.

Ao meu orientador, Professor Doutor João Duarte, pela sua competência e paciência.

À Professora Doutora Alcina Martins, pela força, coragem, energia e amizade.

Aos meus estudantes, a colaboração na recolha de dados.

Aos meus amigos, que compreenderam com preocupação, o meu afastamento e indisponibilidade.

Aos meus pais e filhos, que desculpam sempre as minhas irritações e desatenção.

À minha mãe Adília e pai Carlos,
que contribuíram para a minha fabulosa Adolescência.

Aos meus filhos, Nando e Cató,
que me proporcionam os momentos mais felizes da minha vida.

ABSTRACT

Environment: Hostile Behavior in adolescents is a growing reality worldwide. Several epidemic studies have shown that parental relationship is fundamental for the individual development, from childhood to adolescence, fact noticed in social behavior.

Goals: Identify sociodemographic variables and family context variables that affect with significance Hostile Behaviors in adolescents. Analyse the influence of adolescents Perception in Behavior and Parental Conflict in Hostile Behavior and evaluate the influence of Emotional Security in adolescents in the Parental Subsystem in adolescents Hostile Behaviors.

Method: Quantitative, transversal, descriptive and analytical study, evolving a sample of 1890 adolescents (age $\bar{x}$ =16,26 years old; Dp=1,02 years old). The data was gathered through a questionnaire that evolves dimensions such as Sociodemographic Data, Family Context Data, Childhood Report of Parenting Behavior Inventory, Child Emotional Security in the Context of Interparental Conflict, Children's Perception of Interparental Conflict Scale, Buss-Durkee Hostility Inventory.

Results: A higher perception of Parental Behavior, Behavior Disadjustment and conflict consequent representations, indicates negative perception of Interparental Conflict, and higher Hostile Behavior in adolescents.

Conclusion: We hope that, by revealing this study, a contribution can be created to a better life quality of Adolescents, decreasing potential risks of this issue.

Key Words: Hostile Behaviour, Adolescents, Parental Behavior, Parental Conflict, Emotional Security.

RESUMO

Enquadramento: Os Comportamentos Hostis em adolescentes são uma realidade crescente no Mundo. Estudos epidemiológicos têm demonstrado que a relação parental é de primordial importância para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo.

Objetivos: Identificar as variáveis sociodemográficas e de contexto familiar que têm efeito significativo nos Comportamentos Hostis em adolescentes; Analisar a influência da Perceção dos adolescentes face ao Comportamento e Conflito Parental nos Comportamentos Hostis e Avaliar a influência da Segurança Emocional dos adolescentes face ao Subsistema Parental nos Comportamentos Hostis em adolescentes.

Métodos: Estudo quantitativo, transversal, descritivo e analítico, envolvendo uma amostra de 1890 adolescentes (idade $\bar{x}$ =16,26 anos; Dp =1,02 anos). A recolha de dados inclui o Questionário de dados Sociodemográficos e Contexto Familiar, Inventário da Perceção Face ao Comportamento Parental, Escala de Perceção ao Conflito Interparental, Escala de Segurança Emocional no Subsistema Parental e Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee.

Resultados: Quanto maior a Perceção do adolescente face ao Comportamento Parental, desajustamento comportamental, as Representações consequentes ao Conflito mais negativa a Perceção face ao Conflito Interparental e menor a Segurança Emocional face ao Conflito parental, maior o Comportamento Hostil em adolescentes.

Conclusão: Esperamos que a divulgação deste estudo constitua um contributo para a qualidade de vida dos Adolescentes, diminuindo os riscos potenciais desta problemática.

Palavras-chave: Comportamento Hostil; Adolescentes; Comportamento Parental; Conflito Parental; Segurança Emocional.

ÍNDICE DE SIGLAS

APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
BDHI	Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee
CID 10	Classificação Internacional de Doenças
CPIC	Children's Perception of Interparental Conflict
CRPBI	Children Report on Parental Behavior Inventory
DSM IV TR	Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders- 4 th Edition Text Revised
ESSV	Escola Superior de Saúde de Viseu
INE	Instituto Nacional de Estatística
OM	Média Ordenada
OMS	Organização Mundial de Saúde
RDC	Research Diagnostic Criteria
RSI	Relational Support Inventory
SIS	Security Interparental Subsystem Scale
TOTCPIC	Total da percepção face ao conflito parental
WHO	World Health Organization
VIF	Variance Inflation Factor

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	16
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	23
CAPÍTULO 1 - O ADOLESCENTE E O SEU PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	24
CAPITULO 2 - O ADOLESCENTE E A RELAÇÃO PARENTAL	30
2.1. Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	31
2.2. Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	36
2.3. Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	44
CAPITULO 3 - COMPORTAMENTOS HOSTIS EM ADOLESCENTES.....	51
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	58
CAPITULO 4 - METODOLOGIA	59
4.1 - Concetualização do estudo.....	59
4.2 - Questões e objetivos do estudo	62
4.3 - Tipo de estudo	63
4.4 - Participantes	65
4.4.1 - <u>Caracterização da amostra</u>	65
4.5 - Instrumentos de recolha de dados.....	71
4.5.1 - <u>Questionário</u>	71
4.5.2 – <u>Escala e Inventários</u>	72
4.6 - Procedimentos formais e éticos	109
4.7 - Procedimentos estatísticos	109
CAPITULO 5 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	113
5.1 – Análise descritiva	113
5.1.1 - <u>Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental</u>	113
5.1.2 – <u>Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental</u>	121
5.1.3 - <u>Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental</u>	132
5.1.4 - <u>Comportamentos Hostis</u>	148
5.2 - Análise inferencial	150
5.2.1 – <u>Variáveis sociodemográficas e Comportamentos Hostis nos adolescentes</u> .	150
5.2.2 – <u>Variáveis de contexto familiar e Comportamentos Hostis em adolescentes</u> .	156
5.2.3 – <u>Relação entre a Perceção face ao Comportamento Parental, Perceção face ao Conflito Interparental, Segurança Emocional no Subsistema Parental e Comportamentos Hostis em Adolescentes</u>	161
6 - DISCUSSÃO	189
6.1 - Discussão metodológica.....	189
6.2 - Discussão dos resultados	191

6.2.1 - <u>Variáveis sociodemográficas, de contexto familiar e Comportamentos Hostis</u>	192
6.2.2 – <u>Relação entre Comportamento Parental e Comportamentos Hostis</u>	196
6.2.3 – <u>Relação entre Conflito Interparental e Comportamentos Hostis</u>	199
6.2.4 – <u>Relação entre Segurança Emocional no Subsistema Parental e Comportamentos Hostis</u>	204
CONCLUSÕES	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Marcador não definido.
BIBLIOGRAFIA	213
ANEXO I	224

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Estatísticas relativas à idade segundo o sexo	66
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra segundo o sexo	67
Tabela 3 - Profissão dos progenitores dos adolescentes.....	68
Tabela 4 - Habilitações literárias dos progenitores segundo o sexo	69
Tabela 5 - Colaboração dos adolescentes em atividades domésticas	69
Tabela 6 - Período do dia que colaboram nas atividades domésticas.....	70
Tabela 7 - Rendimento mensal dos progenitores segundo o sexo	70
Tabela 8 - Estatísticas relacionadas com Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	114
Tabela 9 - Teste t para amostras independentes entre Sexo e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental.	114
Tabela 10 - Análise de variância entre Idade e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	115
Tabela 11 - Teste de U Mann Whitney entre Local de residência e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	115
Tabela 12 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	116
Tabela 13 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	116
Tabela 14 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado Civil dos pais e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	117
Tabela 15 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	118
Tabela 16 - Teste de Kruskal Wallis entre Habilitações Literárias dos progenitores e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	119
Tabela 17 - Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	119
Tabela 18 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento Familiar e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental	120
Tabela 19 - Relação da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental em função do sexo	120
Tabela 20 - Estatísticas relacionadas com Perceção do Adolescente face Conflito Interparental	122
Tabela 21 - Teste t para diferença de médias entre Sexo e Perceção do Adolescente face Conflito Interparental.....	122

Tabela 22 - Análise de variância entre Idade e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	123
Tabela 23 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental	125
Tabela 24 - Teste t para diferença de médias entre Local de Residência e Percepção do Adolescente face Conflito Interparental.....	125
Tabela 25 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	126
Tabela 26 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado Civil dos progenitores e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	126
Tabela 27 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	127
Tabela 28 - Teste de Kruskal Wallis entre Habilitações Literárias dos progenitores e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	128
Tabela 29 - Teste post hoc entre Habilitações literárias dos pais e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	129
Tabela 30 - Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	129
Tabela 31 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento do agregado familiar do Adolescente e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	130
Tabela 32 - Relação entre Sexo e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	131
Tabela 33 - Estatísticas relacionadas Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental.....	132
Tabela 34 - Teste t para diferença de médias entre Sexo e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	133
Tabela 35 - Análise de variância entre Idade e Segurança Emocional do Adolescente face ao Subsistema Parental	133
Tabela 36 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	134
Tabela 37 - Teste t para diferença de médias entre Local de residência e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	135
Tabela 38 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	135
Tabela 39 - Teste post hoc de Tukey entre Coabitação e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	136

Tabela 40 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado Civil e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	137
Tabela 41 - Teste post hoc de Tukey entre Estado Civil e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	137
Tabela 42 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	138
Tabela 43 - Teste post hoc de Tukey entre Profissão dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	139
Tabela 44 - Teste de Kruskal Wallis entre Habilitações Literárias dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	140
Tabela 45 - Teste post hoc de Tukey entre Habilitações Literárias dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	141
Tabela 46 - Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	141
Tabela 47 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento Familiar e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	142
Tabela 48 - Teste post hoc de Tukey entre Rendimento Familiar e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental	142
Tabela 49 - Análise de variância entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Percepção ao Conflito Interparental	143
Tabela 50 - Teste post hoc de Tukey entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Percepção ao Conflito Interparental	143
Tabela 51 - Análise de variância entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Percepção Comportamento Parental	145
Tabela 52 - Teste post hoc de Tukey entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental	146
Tabela 53 - Relação entre Sexo e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental.....	146
Tabela 54 - Estatísticas relacionadas com os Comportamentos Hostis.....	149
Tabela 55 - Prevalência dos Comportamentos Hostis por dimensão	149
Tabela 56 - Teste t para diferença de médias entre Sexo e Comportamentos Hostis	150
Tabela 57 - Análise de variância entre Idade e Comportamentos Hostis	151
Tabela 58 - Teste t para diferença de médias entre Sexo e Comportamentos Hostis em adolescentes com 16 anos.....	152
Tabela 59 - Teste de Kruskal Wallis entre Ano Escolaridade e Comportamentos Hostis	152

Tabela 60 - Teste post-hoc entre Ano escolaridade e Comportamentos Hostis	153
Tabela 61 - Teste de Kruskal Wallis entre Idade, Curso Profissional e Comportamentos Hostis	154
Tabela 62 - Teste t para diferença de médias entre Sexo, Curso profissional e Comportamentos Hostis em adolescentes	154
Tabela 63 - Teste t para diferença de médias entre Local de Residência e Comportamentos Hostis	155
Tabela 64 - Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Comportamentos Hostis	156
Tabela 65 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação dos adolescentes e Comportamentos Hostis	157
Tabela 66 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado civil dos progenitores e Comportamentos Hostis	158
Tabela 67 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Comportamentos Hostis	159
Tabela 68 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade dos pais e Comportamentos Hostis em adolescentes.	160
Tabela 69 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento Familiar e Comportamentos Hostis	161
Tabela 70 - Correlações de Pearson entre variáveis independentes e Violência.....	163
Tabela 71 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Hostilidade indireta.....	166
Tabela 72 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Irritabilidade	168
Tabela 73 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Negativismo	171
Tabela 74 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Ressentimento	173
Tabela 75 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Receio.....	176
Tabela 76 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Hostilidade verbal	179
Tabela 77 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Culpabilidade ..	182
Tabela 78 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Hostilidade global	184

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Consistência Interna do Inventário de Percepção face ao Comportamento Parental	76
Quadro 2 - Relações entre itens e dimensões do Inventário de Percepção face ao Comportamento Parental	78
Quadro 3 - Comparação dos valores de alfa do estudo atual com a escala original por dimensões.....	79
Quadro 4 - Correlação dos itens com as dimensões e escala global do CRPBI.....	80
Quadro 5 - Matriz de Correlação de Pearson entre dimensões do CRPBI.....	81
Quadro 6 - Distribuição dos itens por fator da escala original.....	82
Quadro 7 - Consistência Interna da escala de Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	85
Quadro 8 - Relações entre itens e escala de Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental.....	88
Quadro 9 - Síntese dos valores de alfa e do split-half para a escala da Percepção ao Conflito Parental	89
Quadro 10 - Correlação dos itens com as subescalas do CPIC.....	89
Quadro 11 - Matriz de Correlação de Pearson entre subescalas do CPIC.....	91
Quadro 12 - Distribuição dos Itens por subescala da escala de Segurança Emocional no Subsistema Parental	92
Quadro 13 - Estatísticas e valores de alfa para Segurança Emocional no Subsistema Parental	94
Quadro 14 - Estatísticas e valores de alfa por subescala.....	97
Quadro 15 - Comparação dos valores de alfa do estudo atual com a escala original por subescalas	98
Quadro 16 - Consistência interna do Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee	101
Quadro 17 - Consistência interna por dimensões do Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee	106
Quadro 18 - Matriz de Correlação de Pearson entre dimensões do Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee	108
Quadro 19 - Classificação do grau de dispersão em função do Coeficiente de variação	110
Quadro 20 - Análise de variância entre variáveis independentes e Violência.....	164
Quadro 21 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Hostilidade Indireta	167
Quadro 22 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Irritabilidade.....	170

Quadro 23 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Negativismo.....	172
Quadro 24 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Ressentimento	175
Quadro 25 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Receio	177
Quadro 26 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Hostilidade verbal	181
Quadro 27 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Culpabilidade.....	183
Quadro 28 - Regressão múltipla entre variáveis independentes e Hostilidade global	186

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema conceptual de base da relação prevista entre as variáveis	64
Figura 2 - Modelo ajustado para a Violência.....	165
Figura 3 - Modelo ajustado para a hostilidade indirecta.....	168
Figura 4 - Modelo ajustado para a Irritabilidade	170
Figura 5 - Modelo ajustado para o Negativismo	173
Figura 6 - Modelo ajustado para o Ressentimento.....	175
Figura 7 - Modelo ajustado para o Receio	178
Figura 8 - Modelo ajustado para a Hostilidade verbal	181
Figura 9 - Modelo ajustado para a Culpabilidade	184
Figura 10 - Modelo ajustado para a Hostilidade global	186
Figura 11 - Representação esquemática das variáveis preditoras dos Comportamentos Hostis	188

INTRODUÇÃO

Atualmente assistimos a constantes mudanças económicas, políticas, sociais e financeiras que alteram o comportamento das sociedades, famílias e indivíduos. O ajuste contínuo no Mundo faz com que o conceito de normalidade seja profundo e rapidamente alterado como uma luta constante pela sobrevivência, sendo neste percurso, muitas vezes, os valores sociais de dignidade e respeito pelo outro, progressivamente substituídos com vulgaridade, por Comportamentos Hostis que estão a assumir contornos assustadores especialmente com o tipo e volume de divulgação que é feito pelos Mídias.

Nesse mundo de hostilidade em que o Adolescente também está envolvido, quer como vítima quer como agressor, não são a maioria das vezes avaliados os motivos que o levam a ter esses comportamentos e a cometer atos sociais ou a ser alvo deles.

O Adolescente vive um período da vida com contornos *sui generis*. Procura ajustar-se ao seu corpo em transformação, contesta todas as normas e padrões sociais e parentais, sentindo-se muitas vezes revoltado e vulnerável (Frota, 2007).

Para além da dualidade de critérios educativos que o confunde e revolta, também o apoio social no qual incluímos necessariamente a Família, a Escola e o Grupo de pares, pode provocar-lhe nalgumas situações, a adoção de Comportamentos Hostis que quando isolados e de menor gravidade são inócuos mas, tornando-se repetidos e tendencialmente mais graves poderão acarretar consequências nefastas roçando a criminalidade (Marty, 2006).

A Família tem a função de educar com base em normas e rotinas de afeto, sociais e protetoras. O Adolescente tem necessidade da sua independência, de correr riscos, do Grupo de pares e de violar normas para se sentir adulto mas, precisa de um “porto de abrigo”. Precisa daqueles que apesar de o criticarem estão com a porta aberta e um abraço. Esses são a sua Família (Collins & Sprinthall, 2008).

Estranhamente, assistimos com frequência a comportamentos familiares de distanciamento dos pais em relação aos filhos, ou recriminatórios das atitudes do Adolescente como se tratasse de uma relação não de pais para filhos mas entre rivais. Estes comportamentos parentais não denotam atitudes educativas protetoras e emocionalmente ricas mas de rejeição, oposição e marginalização e até de revolta que inclui lamentos para outros adultos, sugerindo um pedido de desculpa social pelo sentimento de incompetência no cumprimento do mandato da parentalidade.

Por outro lado, o Adolescente a vivenciar um processo de turbulência interior necessita perceber que os seus pais estão com ele nesse processo de maturação e que com afeto, aceitam ou rejeitam, concedem autonomia ou restringem-na, são firmes ou dão-

lhe espaço para construírem a sua autonomia e independência ou seja, o seu caminho para se tornarem adultos responsáveis, no entanto parece que esse desígnio não acontece. Sampaio (2006) e Silva (2008) referem que os pais de hoje tendem a posicionar-se em dois polos opostos: negligência e superproteção.

Também no que diz respeito à Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental, este pode afetar negativamente o comportamento do Adolescente. Percebendo a conflitualidade entre os pais, o Adolescente poderá sentir-se ameaçado, formulando um conjunto de representações relativas à sua causa, levando-o a suspeitar que ele é o motivo do conflito. Neste contexto, surge o sentimento de culpabilização pela assunção da responsabilidade face ao conflito interparental, censurando-se por nada conseguir fazer para evitar os acontecimentos, experienciando sentimentos intensos de vergonha e culpa (Sani, 2004; Oliveira, 2005).

A Segurança Emocional do Adolescente, conquistada também por relações seguras com os seus pais, pode ser mediadora da sua percepção ao conflito interparental, através da utilização de estratégias de confronto ou alheamento face à situação. Se o Adolescente conseguir preservar e promover a sua segurança emocional sairá ganhador ou seja terá um comportamento saudável no percurso da sua vida (Benetti, 2006).

Todo este percurso relacional entre pais e filhos precisa ser construído com base no respeito mútuo sem suspeições porque se o adulto falha, o Adolescente desconfia das suas competências parentais sentindo-se inseguro procurando suporte emocional fora da família, podendo adotar diversos tipos de Comportamentos Hostis.

Constatámos, pela revisão de literatura efetuada, que ao longo da Adolescência existem comportamentos de hostilidade que são inerentes a esta fase da vida. No entanto se potenciados por fatores como por exemplo, comportamentos parentais duradouros de conflitualidade, esses comportamentos de hostilidade podem permanecer e intensificar-se com reflexos negativos no seu desenvolvimento pessoal futuro, tendendo para comportamentos marginais de delinquência.

A orientação da nossa pesquisa centra-se num modelo cognitivo – contextual, que reforça o papel da cognição e emoção, defendido por Crockenberg e Forgays (1996); Cummings e Davies (1994); Grych e Fincham (1990); Sani (2004), que enfatizam a compreensão do ajustamento psicológico do Adolescente face ao comportamento e conflitos interparentais.

Os conflitos interparentais constituem um dos stressores mais significativos sob o ponto de vista negativo para os filhos a nível do seu ajustamento emocional. Este modelo sugere que eles percecionam o conflito interparental e o interpretam com base na cognição e no afeto (emoção), moldando dessa forma a resposta afetiva inicial.

Para entendermos a regulação emocional dos filhos face ao conflito interparental, existe a necessidade da compreensão das interrelações entre as suas emoções e o contexto de ocorrência dos conflitos. Caso a percepção do conflito seja negativa, esta prediz o desenvolvimento de problemas psicopatológicos, dificuldades emocionais e sociais a vários níveis como por exemplo, a incapacidade de estabelecer e manter relações amorosas satisfatórias (Canha & Neves, 2008).

Delineamos o desenho da nossa investigação de acordo com o exposto, ou seja, procuramos analisar a relação da Percepção do Adolescente face ao Comportamento e Conflito Parental e Segurança Emocional do Adolescente face ao Subsistema Parental com os Comportamentos Hostis em adolescentes.

Se sob o ponto de vista emocional o Adolescente se sentir vulnerável não conseguindo ajustar-se ao relacionamento parental, poderá face à sua fragilidade emocional adotar comportamentos de hostilidade que ultrapassam a sua esfera pessoal e familiar usando-os na sociedade e nas suas relações pessoais futuras.

A motivação para o estudo sobre **Parentalidade e Comportamentos Hostis em adolescentes**, surge da combinação de diversos fatores:

1. Inquietações pessoais e experiência profissional no relacionamento com adolescentes;
2. Confronto com a divulgação de diversos tipos de Comportamentos Hostis atribuídos aos adolescentes e fraca consistência científica dos motivos que os orientam para esse tipo de comportamentos;
3. Evidência de benefício para a saúde a longo prazo, através de intervenções a nível de promoção das relações parentais;
4. Prevenção de comportamentos de risco, abuso e violência, entre outras, sendo um dos locais de intervenção com adolescentes as escolas, uma das metas referenciadas no ponto 13 “Juventude à procura de um futuro saudável – dos 10 aos 24 anos que engloba a adolescência (...)” (Plano Nacional de Saúde, 2014-2016).

Com base nestas motivações orientamos o nosso estudo colocando as seguintes questões de investigação:

- (i) Qual a prevalência dos Comportamentos Hostis em adolescentes? (ii) Que variáveis sócio-demográficas e de contexto familiar têm efeito significativo sobre os Comportamentos Hostis em adolescentes? (iii) Em que medida a Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental tem influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes? (iv) Qual a influência da Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental nos Comportamentos Hostis em adolescentes? (v) Em que medida a

Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental tem influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes?

Às questões formuladas procuraremos dar resposta ao longo do trabalho desenvolvido. Para o efeito delineamos os seguintes objetivos:

(i) Determinar a prevalência dos Comportamentos Hostis em adolescentes da amostra em estudo; (ii) Identificar as variáveis sociodemográficas e de contexto familiar que têm efeito significativo nos Comportamentos Hostis em adolescentes; (iii) Determinar a influência da Perceção dos adolescentes face ao Comportamento Parental nos Comportamentos Hostis em adolescentes; (iv) Analisar a influência da Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental nos Comportamentos Hostis em adolescentes; (v) Analisar a influência da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental nos Comportamentos Hostis em adolescentes.

Considerando este tema atual e pertinente mas pouco estudado no contexto português, apesar da nossa dificuldade em reunir construtos teóricos atuais e resultados de estudos sobre a problemática para solidificar o nosso estudo empírico, consideramos um desafio arriscar no sentido de contribuir para o desenvolvimento de novas investigações.

Este estudo encontra-se dividido em duas partes de modo a facilitar a sua leitura e organização. A primeira parte é constituída pela fundamentação teórica, construída com base em contributos investigativos que suportem o nosso estudo empírico.

Organizamos sequencialmente a apresentação dos temas de acordo com a conceção do estudo empírico. Assim, no capítulo 1 - **Adolescentes e o seu processo de socialização**, pretendemos caracterizar a nossa amostra falando sobre o Adolescente e o seu processo de socialização.

Atravessado por mudanças físicas, psicológicas e sociais entre outras, o Adolescente necessita de espaço para se entender consigo para se poder relacionar com os outros. Ele lida no seu dia-a-dia com pressões sociais e familiares, sentindo-se alvo das atenções pelos comportamentos de risco que adota para descobrir qual o caminho a seguir sempre com o objetivo de alcançar autonomia e independência.

Volta-se para fora da família que o pressiona impondo-lhe normas e restrições, ou que o ignora afetivamente, focando-se no grupo de pares onde centra a sua atenção emocional.

No entanto apesar desta atitude de distanciamento precisa sentir o afeto dos pais, ser orientado, contrariado e sobretudo elogiado como filho.

No capítulo 2 - **O Adolescente e a relação parental**, abordamos aspetos relacionados com a Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental.

Os estilos parentais de aceitação vs. rejeição, controlo psicológico vs. autonomia psicológica e controlo firme vs. controlo permissivo, são aqui enfatizados.

O estilo parental diz respeito ao modo como os pais se relacionam com os filhos, sendo considerado fator protetor ou de risco do indivíduo em função da variação do controlo parental aliada a aspetos da interação como a comunicação e o afeto (Rodrigues, 2008; Brás, 2008).

No seio familiar são diversas as situações que afetam a Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental, sendo a ocorrência de situações conjugais conflituosas com episódios de violência física, verbal e psicológica, uma das formas mais negativas de interação e expressão afetiva com graves consequências na relação parental e no desenvolvimento do indivíduo, projetando os comportamentos experienciados nas futuras relações sociais (Moura & Matos, 2008).

O permanente e elevado conflito interparental projeta-se, na maioria dos casos, num relacionamento pais – filhos caracterizado por uma disciplina permissiva e inconsistente, volatilidade emocional, elevados índices de hostilidade e impulsividade educativa, menor responsividade e disponibilidade emocional (Nunes-Costa, Lamela & Figueiredo, 2009).

O conflito conjugal para além de prejudicar a disponibilidade dos pais para com os filhos segundo El-Sheikh, Harger e Whitson (2001) e Benetti (2006), permite a perceção do conflito associado ao sentimento de ameaça e culpa por parte do filho, o que constitui um dos motivos para a ocorrência de distúrbios afetivos e manifestações clínicas no desenvolvimento do indivíduo, perpetuando-se ao longo da vida com a ocorrência de comportamentos agressivos, conduta antissocial, abuso de substância e envolvimento com a lei (Fergusson & Horwood, 1998; Benetti, 2006).

Para terminar este capítulo, damos ênfase à Segurança Emocional do Adolescente face ao Subsistema Parental. Face ao Comportamento de Conflito Interparental o filho utiliza recursos emocionais de que dispõe para se ajustar à situação. As várias dimensões da Segurança Emocional serão discutidas sempre na perspetiva de percebermos as suas repercussões no Comportamento Hostil em adolescentes.

Em famílias com conflitos conjugais severos é vulgar uma elevada reatividade emocional por parte dos filhos sujeitos a maior risco de problemas psicológicos a longo prazo. Outras das dimensões da Segurança Emocional é o envolvimento dos filhos no Conflito Interparental ou o evitamento, isolando-se para reduzir a exposição à ameaça, aumentando a sua segurança emocional.

No que concerne às representações internas do filho face às relações familiares altamente conflituosas ele pode interiorizar o conflito não reagindo. Esta reação leva-o ao

desenvolvimento de representações inseguras, como o medo de ser apanhado no meio do conflito, ou o sentimento de contribuir para o aumento da sua escalada e a ocorrência de divórcio elevando desta forma o risco de problemas de ajustamento e/ou depressão ou delinquência no adolescente.

Podemos afirmar que o nível de segurança emocional está intimamente relacionado com a forma como são percebidas as situações de conflito, acreditando os adolescentes que se sentem inseguros estarem mais ameaçados pelos conflitos interparentais do que os adolescentes seguros emocionalmente.

No capítulo 3 - abordamos a temática dos **Comportamentos Hostis em adolescentes**, seguindo a nomenclatura utilizada por Buss-Durkee que os decompõe em Comportamentos como o negativismo, ressentimento, receio, culpabilidade, irritabilidade, hostilidade indireta, hostilidade verbal e violência.

O Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee não valoriza a intensidade mas as várias dimensões que compõem os Comportamentos Hostis, sendo definidos e avaliados de uma forma multidimensional o que se revela inovador em relação a outros instrumentos de medida.

Damos particular ênfase às várias dimensões dos comportamentos Hostis, caracterizando-as com o cuidado de não enveredar pelo sentido da patologia mas sempre na perspetiva do olhar atento e vigilante sobre os adolescentes com estes comportamentos, perante os quais não podemos optar por uma atitude de desprezo pois podem desencadear, se perpetuados, comportamentos delinquentes.

A segunda parte constitui o Estudo Empírico que se encontra subdividida em capítulos.

O capítulo 4 - diz respeito à **Metodologia**. Nele se explanam a conceitualização do estudo; Participantes; Instrumentos de recolha de dados; Procedimentos éticos e estatísticos.

O tratamento estatístico dos dados foi processado através dos programas SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) e AMOS (Analysis of moments Structures) versão 21 de 2012 para Windows.

Com base nos objetivos e questões de investigação enunciadas selecionamos a nossa amostra. A colheita de dados, realizada com o objetivo de caracterizar as nossas variáveis, é composta por um questionário, inventários e escalas. O questionário é constituído por questões sobre dados do contexto sociodemográfico e familiar. As escalas utilizadas foram o Inventário de Perceção face ao Comportamento Parental, Escala de Perceção face ao Conflito Parental, Escala de Segurança Emocional do Subsistema Parental e Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee.

Delineamos para esta pesquisa um estudo de análise quantitativa, não-experimental, analítico, descritivo e correlacional, transversal e explicativo para estudarmos o modo como variáveis independentes se relacionam com o Comportamento Hostil em adolescentes.

A apresentação dos resultados (capítulo 5) permite-nos analisar o impacto de variáveis sociodemográficas e de contexto familiar nos resultados das escalas por nós aplicadas e apresentar respostas às questões de investigação que orientaram o estudo, através da descrição dos dados decorrentes das associações entre as variáveis principais em destaque.

No último capítulo do estudo empírico é apresentada a **discussão de resultados** (capítulo 6), onde confrontamos os resultados obtidos no presente estudo com os construtos teóricos e achados científicos de outras investigações sobre a temática.

A estes capítulos seguem-se as **conclusões** onde salientamos os resultados considerados mais pertinentes e apelamos a estudos futuros sobre a problemática.

Pretendemos que este documento sirva de base a futuras pesquisas tendo em consideração os resultados apurados e à sistematização e diferenciação de conceitos teóricos.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – O ADOLESCENTE E O SEU PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

O Adolescente ri, brinca, entusiasma-se, apaixona-se, arrisca, sente-se ultrapassado pela euforia em que vive, surpreende-se, entriste-se, desilude-se, revolta-se com ele, sente-se irritado, criança e adulto, culpado por tudo e por nada. É neste misto de sentimentos que o caracteriza e o envolve que vive esta fase da vida.

A adolescência é um período essencial para o desenvolvimento do indivíduo. Não obstante os vários estudos que analisam a adolescência como um processo de construção social, ela é também entendida como uma construção das histórias pessoais, um período de vivências individuais a ser vivido por cada sujeito sem que ele possa determinar quando deseja sair dele.

A representação do Adolescente como alguém com comportamentos instáveis e frequentes crises de identidade e conflitos intensos na relação consigo e com o social está difundida na cultura, nas práticas sociais e nas relações interpessoais e intrapessoais (Avila, 2005).

A fase de adaptação ao corpo, a procura de autonomia e independência, a socialização no grupo de pares e modelos de identificação são motivos que o afastam e o prendem à família como um “porto de abrigo”.

Muitas vezes reage e comporta-se de um modo que até para ele é estranho, procurando afirmar-se incluindo comportamentos de agressividade e revolta também contra ele não gostando de si e do seu corpo, no entanto sem repercussões futuras nem sendo essas manifestações comportamentais danosas.

O Adolescente vive uma multiplicidade de aventuras individuais caracterizadas por adaptações constantes a transformações fundamentais de ordem biológica (orientadas pela puberdade, que irão influenciar o surto de crescimento e as diversas transformações a nível do corpo), cognitiva (capacidade em elaborar raciocínios cada vez mais complexos e abstratos), psicológica (desenvolvimento da autonomia e construção da identidade) e social (envolvimento no desempenho de novos papéis). Estas transformações são, em si mesmas, universais, sendo o contexto em que se desenvolvem diferente de Adolescente para Adolescente (Fonseca & Strecht, 2012).

Um conjunto de transformações sociopsicológicas e anátomo-metabólicas, deixam o Adolescente exposto a um modelo de vida até então desconhecido, sentindo-se vulnerável, estruturando-se sob o ponto de vista intelectual e social com base em padrões comportamentais adquiridos num ambiente que envolve a família, os pares, a escola e o social (Neto, 2005). No entanto precisa desconstruir todos os ensinamentos familiares com o desejo de ser ele próprio.

O Adolescente percebe que está a mudar, sem se conseguir controlar, sentindo medo de deixar de ser criança e continuar a ser amado. Sente-se inseguro e instável pois deseja simultaneamente ser autónomo e livre mas sente necessidade de proteção. Por outro lado, percebe a dificuldade dos pais lidarem com as suas mudanças, não reconhecendo que o filho cresceu e amadureceu e que precisa de ser tratado com respeito e consideração em relação às suas opiniões e desejos, exigindo-lhe responsabilidades de adulto (Avila, 2005).

Apesar da importância que a definição social de Adolescência assumiu, muito do que hoje se reconhece como específico das experiências do Adolescente não constitui uma inovação deste século. Em 1964 Norman Kiell, no seu trabalho "*A experiência universal da adolescência*" refere que as questões e preocupações com a Adolescência têm existido ao longo dos séculos (Collins & Sprinthall, 2008).

Ao debruçarmo-nos para entender o porquê dos comportamentos do Adolescente muitas vezes irritável, agressivo, violento e de oposição às normas familiares e sociais entre outras, encontramos com certeza variados fatores. Nessa linha sentimos necessidade de referenciar as transformações biológicas, físicas, cognitivas, afetivas e sociais que se operam na vida do Adolescente e que o tornam mais suscetível para adotar esses comportamentos.

A transição do corpo infantil para um novo corpo genitalizado, com capacidade reprodutiva, promove a ativação de uma pulsionalidade até então não experienciada (Saviotto & Cardoso, 2006), o que origina períodos de grande insegurança e preocupação para o Adolescente que sente essas modificações, muitas vezes, de forma tão rápida e dolorosamente única agindo de modo súbito nalgumas circunstâncias da sua vida, com irritabilidade, impulsividade, tristeza e alegria (Collins & Sprinthall, 2008).

As diferenças comportamentais observadas em idades diferentes nos rapazes e raparigas podem ser atribuídas à maturidade sexual. Neles, a puberdade inicia-se por volta dos doze anos e termina aos dezoito anos num percurso progressivo, enquanto nas raparigas tem início aos onze anos e termina por volta dos dezassete anos sendo mais evidentes as alterações físicas e por isso mais exacerbadas as mudanças comportamentais.

Ideologicamente está intrínseco na sociedade que esta fase da vida possui características psicológicas específicas e naturais como insegurança, rebeldia, impulsividade e agressividade (Dallo & Paludo, 2013).

O comportamento psicológico do Adolescente altera-se não só devido às mudanças físicas e biológicas, com forte componente endócrina e metabólica, mas também devido aos novos comportamentos dos adultos que lidam com ele como se fosse adulto e criança quase em simultâneo.

Também as fortes pressões normativas sociais e as expectativas dos pais, professores e grupo de pares associadas às transformações biológicas e cognitivas, numa sociedade em que se dá uma ênfase real ao desenvolvimento físico, exigem do Adolescente um esforço suplementar para não desiludir quem mais admiram.

De facto, importantes mudanças cognitivas e de personalidade são concomitantes a estes sinais de crescimento físico. O Adolescente conserva o egocentrismo da criança mas descentrado de narcisismo e de domínio sobre os outros, focado no plano afetivo e intelectual, deseja conquistar estima, admiração e principalmente o interesse do outro, procurando um maior domínio de si próprio. Este processo é marcado por conflitos internos que se não forem resolvidos podem levá-lo a uma profunda desilusão e em situações extremas ao suicídio.

As transformações físicas mais evidentes da adolescência são um importante indicador para a família e para a comunidade que a criança está a tornar-se um adulto. Igualmente importantes para os menos desatentos são as transformações na capacidade de pensar, raciocinar e de resolver problemas.

O pensamento do Adolescente adquire a capacidade para levantar hipóteses antever resultados, refletir sobre os próprios pensamentos, ponderar sobre os pontos de vista dos outros, contrastando assim com as características do pensamento infantil. Quanto mais ativo se tornar o processo simbólico, mais efetivo e consistente será o desenvolvimento cognitivo do Adolescente.

Os diferentes contextos sociais (família, amigos, professores, comunicação social e mundo do trabalho) levam o Adolescente a executar novos papéis e a descobrir novas imagens de si próprio tornando-se capaz de desenvolver e utilizar uma empatia real com ele e com os outros. As fortes pressões que são exercidas sobre ele para que aceite as normas e códigos sociais tornam-no nalgumas situações, um ator social revoltado e contestatário pois encontra-se a atravessar um processo de procura da sua identidade querendo construir o seu interior sem imposição externa.

O desenvolvimento da atração para como os outros e a necessidade de manter os laços de proximidade com os pais, levam-no a construir uma nova identidade, baseada na reorganização das suas identificações, enfrentando vários desafios como tensões pessoais e situacionais. Essa identidade apresenta-se interligada com a aquisição de um forte sentido de identidade pessoal traduzido na fidelidade que o conduz à primeira tarefa da vida adulta: o desenvolvimento de um sentido de verdadeira intimidade (Collins & Sprinthall, 2008).

A intimidade, encarada como um processo integrador das transformações pessoais, exigências sociais e expectativas em relação ao futuro é construída com base num percurso formado por um conjunto de tarefas psicossociais em que o Adolescente reproduz, imita e

estabelece conluios, conscientes e inconscientes, com comportamentos de contestação e de autoafirmação que se extremados e continuados podem ser considerados associais, marginais e delinquentes.

Neste sentido, Levisky em 1997 defendia que durante a adolescência podem ser criadas condições construtivas ou destrutivas em relação ao desenvolvimento da personalidade do Adolescente, resultantes da sua interação com a sociedade onde vai buscar os seus modelos identificativos. A Adolescência é considerada por alguns investigadores como Bock (2007), uma construção social, ou seja, associada ao desenvolvimento físico, encontram-se significações e interpretações determinadas pelo social (Avila, 2005).

O desenvolvimento das relações sociais e em particular com o grupo de pares assumem especial relevância para a socialização do Adolescente, não esquecendo a sua atração pelas novas tecnologias, especialmente no que concerne às redes sociais que contribuem em grande medida para o aprimorar das suas relações sociais (Barcelos, 2010).

Para o Adolescente a escola não se confunde com o ensino que ministra mas no seu conjunto é tudo importante: a arquitetura, o professor enquanto pessoa física e moral, o seu comportamento, a avaliação do rendimento escolar que o treina para lidar com os sucessos e os fracassos (Fonseca & Strecht, 2012) e a relação com o grupo de pares. Face a todas estas variáveis a escola exerce no Adolescente uma influência por vezes perturbadora, gerando comportamentos de ansiedade, angustia, agressividade entre outras, que se repercutem consideravelmente no baixo rendimento escolar sobretudo nos adolescentes emocionalmente instáveis.

A escola tem um papel fundamental na socialização do Adolescente pois é nesse contexto que se esboçam muitas vezes os primeiros movimentos de envolvimento afetivo-sexual. Na escola secundária iniciam-se os esforços verdadeiros que conduzem à formação da identidade, continuando a desenrolar-se, com bastante intensidade, durante os anos universitários (Collins & Sprinthall, 2008).

O convívio e a partilha com uma grande diversidade de jovens permitem a descoberta de um grande leque de atitudes e comportamentos, constituindo os amigos um outro importante espaço de desenvolvimento (Weimer, Kerns & Oldenburg, 2004).

Apesar de o Adolescente ter necessidade de se centrar fora da família, não significa que os pais não tenham para ele um lugar ainda mais especial do que tinham até então, dando valor aos momentos de partilha que o ajudam a organizar o quotidiano e a aumentar o sentimento de união (Cunningham & Baker, 2007).

Na família ocorre a maior parte das aprendizagens iniciais acerca das pessoas, situações e capacidades individuais ou seja, geram-se as primeiras relações sociais Collins

e Sprinthall (2008). Tais aquisições exercem grande influência na personalidade, sendo que essa influência formativa das aprendizagens iniciais talvez explique por que é que a família afeta muitas das relações e tarefas na adolescência e na vida adulta.

A atmosfera emocional da família, a forma como os pais preparam e ensinam os filhos, as oportunidades e dificuldades que a vida familiar coloca ao seu desenvolvimento normal, são fatores presentes desde o nascimento que continuam a exercer a sua ascendência ao longo da Adolescência.

A família tem como funções favorecer a individualização e a tolerância pelas diferenças interpessoais, o estabelecimento de ligações emocionais positivas e calorosas entre os seus membros, particularmente indutoras de uma consciência de si mais desenvolvida e do desejo e capacidade para compreender e aceitar as perspetivas dos outros, (Collins & Sprinthall, 2008). Mas, tal comportamento familiar pode não ocorrer desta forma sendo gerador de situações futuras nefastas para o Adolescente e futuro Adulto.

Face á complexidade da vida atual é necessário uma grande capacidade de ajustamento de toda a estrutura familiar que precisa delimitar novas fronteiras, permitindo ao Adolescente partir e voltar e cada um dos elementos tem de encontrar um novo lugar, um novo papel e rever os seus investimentos no mundo exterior, proporcionar ou manter um relacionamento caloroso, positivo e baseado no respeito mútuo para prevenir o seu afastamento.

A mudança na relação pais-filhos, o aumento da flexibilidade das fronteiras familiares e a uma nova focagem na vivência do casal é essencial porque o Adolescente inicia um percurso em que a separação das figuras parentais é um acontecimento essencial para a construção da sua identidade.

É necessário que este processo de mudança ocorra na família, implicando a alteração de regras e descoberta de novas formas de comunicação. Se tal não acontecer, a crescente necessidade de autonomia que caracteriza a adolescência pode ser geradora de conflitos familiares.

O comportamento dos pais, seja qual for o seu estatuto social, profissional e cultural é constantemente questionado pelo Adolescente (Fonseca & Strecht, 2012), confrontando-os com atitudes da sua adolescência, para alguns esquecida, recalcada ou negada, gerando períodos de conflitualidade e desilusão por os seus pais não os compreenderem ou ouvirem.

Tornar-se Adolescente é também aceder progressivamente ao estatuto de sujeito, isto é, a uma definição de si, a um reconhecimento das suas próprias identificações, desejos e ideais. O Adolescente precisa diferenciar-se dos pais, mas as suas identificações de futuro adulto só adquirem um sentido existencial duradouro se se inscreverem na linhagem familiar (Braconnier, Marcelli & Fernandes, 2000).

A este respeito existem algumas teorias que secundarizam o papel da família no desenvolvimento do Adolescente, como por exemplo a “teoria da socialização de grupo” defendida por Harris desde 1995, mas a maioria da investigação realizada nesse âmbito mostra que a família ocupa um lugar de destaque na socialização do adolescente (Braconnier et. al., 2000; Toumbourou & Gregg, 2001).

A família transmite atitudes, valores e normas de conduta que irão guiar o adolescente ao longo da sua vida. Os pais têm ainda a função de servir de apoio e suporte afetivo, constituindo um elemento facilitador da adaptação do adolescente às novas circunstâncias de vida. Alguns jovens desenvolvem-se em contextos familiares estáveis a nível emocional, social, económico entre outros, o que facilita a passagem do jovem pela adolescência. Outros porém, pertencem a famílias em situação de desvantagem que muitas vezes constituem um risco adicional para além dos inerentes à própria adolescência.

Em suma, o processo de autonomização do Adolescente constrói-se com base em todas as interações que estabelece. É uma das principais tarefas de pais e filhos, enfrentarem-se e adaptarem-se e esse processo não acontecerá de modo natural se o adolescente viver relações de autoritarismo exacerbado (Paludo & Dallo, 2011).

A inadaptação do funcionamento familiar ao Adolescente proporciona o seu afastamento do meio familiar, sendo as relações entre ele e os pais frequentemente marcadas por comportamentos de revolta e agressividade pondo em causa o controlo que os pais desejam exercer sobre as suas condutas, especialmente quando se trata do aspeto formal da autoridade parental (Braconnier et. al., 2000).

De uma forma sucinta, abordámos os atores privilegiados no processo de socialização do adolescente. No próximo capítulo iremos dar ênfase à perceção do Adolescente face à relação interparental, interveniente ativo na construção afetiva do percurso do indivíduo até á adolescência marcando-o positiva ou negativamente com repercussões ao longo da vida.

CAPITULO 2 - O ADOLESCENTE E A RELAÇÃO PARENTAL

Nos dias de hoje pais e filhos sentem-se afastados. Por questões sociais e económicas os pais encontram-se mais ausentes física e afetivamente centrados no trabalho, desgastados, preocupados e intolerantes (Sampaio & Barros, 2006). Por outro lado os filhos passam grande parte do seu dia na escola ou com os amigos e quando presentes em casa, permanecem no seu quarto a estudar ou socializando nas redes sociais.

O afastamento do Adolescente dos pais surge pelo desejo de conquistar uma maior autonomia, gradualmente vai preservando a sua intimidade, recorrendo menos aos pais para a resolução dos seus problemas e partilhando com eles menos tempo em atividades, sendo o controlo parental questionado e fonte de confrontação e conflitualidade.

A mudança no relacionamento parental não significa uma rutura relacional com os progenitores mas, a necessidade do Adolescente abandonar a situação de dependência para explorar o mundo à sua volta, através de vivências proporcionadas por novas relações, ingresso na universidade e aquisição de novos direitos e deveres que os prepararam para a vida adulta.

O processo de controlo e autonomia parental é exercido de uma forma natural sendo salutar quando a relação estabelecida entre pais e filhos é segura, estável e de confiança. Esse processo necessita ser doseado pelos pais.

As regras e papéis dos vários elementos da família têm de ser negociadas e renegociadas, sendo este percurso percebido como normal, saudável e necessário na Adolescência onde a mudança ocorre e a identidade familiar se mantém sem riscos para a relação afetiva.

A aceitação dos comportamentos entre pais e filhos implica uma relação de amor e partilha que irá permitir a exposição de diferentes pontos de vista, não significando tolerância incondicional nem uma rejeição total.

As fronteiras do sistema familiar precisam ser mais flexíveis e permeáveis ao exterior, já que o Adolescente investe cada vez mais nas suas relações com o grupo de pares, delegando para segundo plano a família mas recorrendo a ela ao mínimo percalço. Muitas vezes ao questionar as regras, o Adolescente está a assegurar-se de que os pais não prescindem de o cuidar e continuam a preocupar-se com a sua segurança e bem-estar.

2.1. Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

A importância da relação pais/filhos centra-se na confiança, respeito, estabelecimento de fronteiras e investimento afetivo, independentemente dos níveis de competência e segurança que lhe são transmitidos. O bem-estar psicológico e comportamental sentido pelo Adolescente advêm do tipo de desempenho parental que eles experienciam (Oliveira, 2005).

É consensual para os investigadores que a educação familiar é elemento base no comportamento de qualquer ser humano (Urra, 2007). O Adolescente para conseguir uma interação afetiva gratificante e estimulante necessita estar equilibrado psiquicamente, ser produtivo e bem aceite nos grupos sociais, sendo a família o seu primeiro e principal grupo de apoio emocional e de suporte com autoridade e força que proporcionam o desenvolvimento de valores educacionais (Gonçalves, 2004).

Os valores da educação familiar consistem em compreender o Adolescente no seu processo evolutivo o que envolve uma relação de confiança, ajudando-o a caminhar para uma maturidade referenciada em valores que não se alteram em função das políticas, dos sentidos ou das modas, manifestando em cada momento o respeito que ele merece por depender dos educadores para edificar com segurança a sua personalidade (Boléo-Tomé, 2006).

Na década de 70 Baumrind conceitualizou os estilos parentais, como iremos descrever adiante, com base numa tipologia que enfatizava as práticas de educação familiar assim como os efeitos observados nos filhos. Os estilos parentais: permissivo, autoritário e autorizado e a sua relação com o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos filhos (Baumrind, 1991; citado por Jimènez-Barbero, Ruiz-Hernández, Llor-Esteban & Waschglér, 2014), podem ser considerados como fatores protetores ou de risco do indivíduo em função da variação do controlo parental aliada a aspetos da interação como a comunicação e o afeto.

O estilo parental diz respeito ao modo como os pais se relacionam com os filhos e define um padrão global de interação das duas gerações na família, colocado em ação por um conjunto de práticas educativas dos progenitores no seu dia-a-dia com os filhos.

Os pais com comportamento permissivo não exigem responsabilidade aos filhos mas também não encorajam a sua independência. Não estabelecem normas nem usam o poder paternal dando-lhes total autonomia na tomada de decisões, sendo extremamente tolerantes mas no entanto podem tornar-se violentos quando sentem que perdem o controlo da situação.

Estes pais são considerados frios, inacessíveis, indiferentes, centrados neles próprios, não dando aos filhos os estímulos afetivos que necessitam e recorrem a castigos ou pressões para evitar que eles perturbem o seu comodismo. Não sendo considerados modelos nem agentes ativos de mudança podem levar os filhos a sentirem-se excessivamente dependentes e superprotegidos, tristes, frustrados, inseguros, desorientados e consequentemente originar mais facilmente problemas de conduta, como a delinquência (Baumrind, 1991; citado por Sena & Machado, 2007).

Ao contrário dos pais com comportamentos permissivos, os pais com comportamento autoritário recorrem ao controlo tentando modelar o comportamento dos filhos de acordo com os seus padrões de conduta frequentemente absolutos e intransigentes. Valorizam o respeito pela autoridade e pela ordem, são punitivos, não encorajam a troca de opiniões, são exigentes e restritivos da autonomia não fomentando a comunicação e consideram que as questões morais e convencionais são reguladas pela autoridade parental.

A respeito do estilo autoritário, Sampaio e Barros (2006) referem que é caracterizado pela obediência e conformismo imposto pelos pais exigentes e pouco compreensivos no modo de encarar os comportamentos dos filhos, estabelecendo-se uma distância intergeracional acentuada pela falta de comunicação e apoio familiar. Estes aspetos podem ser percebidos pelo Adolescente como hostis e repressivos desencadeando a procura de um ambiente confortável e seguro, podendo passar por um processo de desadaptação que o conduzirá a comportamentos inadequados, nomeadamente a condutas violentas, como forma de protesto e afirmação social (Cobos, 2008).

No estudo intitulado *“El rol del apoyo parental, las actitudes hacia la escuela y la autoestima en la violencia escolar en Adolescente”* realizado em 2004, foram estudadas as relações existentes entre as variáveis: familiares (autoestima familiar, apoio parental); escolares (autoestima escolar e atitudes perante a escola) e a violência na adolescência. Neste estudo participaram 1068 adolescentes com idades compreendidas entre os 11 e 16 anos, vivendo 88% com a família nuclear constituída pela mãe e o pai. As conclusões evidenciaram que o apoio paternal e a autoestima escolar e familiar se correlacionam de forma negativa com a presença de violência escolar, perceção da injustiça na escola e menosprezo para com os estudos. Estes resultados demonstram que a autoestima familiar tem uma influência negativa na violência ou seja, o Adolescente com baixa autoestima familiar tende a expressar-se através da violência e tendencialmente um alto apoio parental induz a baixa violência escolar (Martínez-Ferrer, Murgui-Pérez, Musitu-Ochoa & Monreal-Gimeno, 2008).

Outro estudo intitulado “*Prevención de la agresión en la infancia y la adolescência*” numa amostra aleatória de 1107 indivíduos com idades compreendidas dos 8 aos 17 anos, utilizado o Inventário da Perceção face ao Comportamento Parental (CRPBI), concluiu que as variáveis de relação parental influenciam positivamente os Comportamentos Hostis em adolescentes. Os rapazes consideram os pais como sendo pouco comunicativos, controladores e mais hostis do que as raparigas. Os resultados revelaram-se estatisticamente significativos no que diz respeito à relação da parentalidade com a agressividade ou seja a agressividade depende de fatores como: classe social e composição do agregado familiar. Assim, filhos de pais cuja classe social é baixa, apresentam níveis inferiores de comunicação afetiva e valores superiores no controlo da hostilidade. No que diz respeito à composição do agregado familiar, nas famílias monoparentais cujo Adolescente vive só com o pai, perante situações desagradáveis apresenta reações primárias de agressividade e hostilidade sendo os rapazes mais agressivos, tanto a nível físico como verbal. Com o aumento da idade aumenta o comportamento agressivo, principalmente a agressão verbal (Del Barrio, Carrasco, Rodríguez & Gordillo, 2009).

Por fim, no que diz respeito ao estilo parental autorizado, os pais tendem a exercer um controlo firme mas de forma racional. São pais presentes, valorizando tanto a obediência como a autonomia, exercendo um controlo consistente não impondo restrições excessivas nem recorrendo a práticas punitivas exageradas encorajando a troca de ideias. Esta relação considerada afetuosa e empenhada favorece a interiorização das normas parentais e estimula a comunicação.

Foi demonstrado em vários estudos de Baumrind (1966); Maccoby e Martin (1983); Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts e Fraleigh (1987); Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991) que filhos de pais adotam esse estilo educacional, apresentam melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental, são mais competentes e confiantes das suas capacidades. Apesar de um modo geral o estilo autorizado ser considerado o estilo mais adaptativo, existem fatores externos como por exemplo a cultura que podem conduzir a comportamentos diferentes.

Os adolescentes filhos de pais atentos às suas necessidades que permitem a participação dos filhos no estabelecimento das regras familiares, responsabilizando-os pelos resultados dos seus comportamentos, são mais assertivos, independentes, amigáveis e cooperantes.

Por oposição, os adolescentes cujos pais exercem baixos níveis de responsabilidade associados a altos níveis de exercício de poder, têm maior probabilidade

de interiorização de sentimentos inadequados de hostilidade e culpa ou sintomas exteriorizados de agressividade e violência (Calheiros & Monteiro, 2007).

A qualidade da preocupação parental e da satisfação das necessidades dos filhos a nível educacional, psicológico e afetivo encontra-se em estreita relação com a formação da sua personalidade, sendo necessário que os cuidados parentais incluam o estabelecimento de rotinas e limites, diálogo e liberdade de expressão, suporte afetivo e respeito, permitindo que o indivíduo saiba até onde deve ir e o porquê dos limites. A relação que se estabelece na adolescência entre pais e filhos é construída na infância através de um equilíbrio complexo entre compreensão e controlo, amor e disciplina, numa família em busca constante da sua identidade (Sampaio & Barros, 2006).

Em 1965 Schaefer construiu um instrumento de medida designado por *Children Report on Parental Behavior Inventory* (CRPBI), com a finalidade de identificar a perceção da criança face ao comportamento parental. Este instrumento é constituído por três dimensões do comportamento parental: aceitação versus rejeição, autonomia versus controlo psicológico e controlo firme vs. controlo permissivo.

Um estudo relacionado com esta temática, citado por Aluja, Del Barrio e García (2007), intitulado "*Personality, social values and marital satisfaction as predictors of parents rearing styles*", pesquisou o efeito dos estilos parentais no comportamento do Adolescente. Este estudo procurou caracterizar a parentalidade em 134 casais com filhos com idade média de 14 anos. As conclusões permitiram afirmar que os estilos parentais se encontram correlacionados com a personalidade dos membros do casal e com a satisfação familiar e respetivos valores sociais e que casais com um bom ajuste social, têm um melhor estilo de parentalidade. Os pais que dão ênfase à aceitação e compressão dos seus filhos tornam-nos mais responsáveis e estáveis a nível emocional. Ao invés os filhos de pais superprotetores com um comportamento social restrito, baixa estabilidade emocional, falta de coesão e valores sociais carecidos de benevolência e prestígio social, apresentam comportamentos semelhantes reagindo com hostilidade.

Um estudo epidemiológico intitulado "*Prevención de la violencia infantil-juvenil: estilos educativos de las Familias como factores de protección*", com uma amostra constituída por 455 agregados familiares com filhos com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, comprova a existência de correlação entre a presença de algum tipo de condutas agressivas e os estilos educativos adotados pelos pais. Um dos exemplos estudados foi a utilização da prática educativa do castigo positivo e negativo. Concluiu-se que utilizar como castigo a obrigação da criança ficar a estudar ou mesmo repetir insistentemente as instruções, são precursores positivos para uma maior probabilidade de presença de comportamentos hostis (López, Bacerra, García & Guttierrez, 2008).

Os adolescentes com idade até aos 18 anos perceberam o pai e a mãe de forma diferente no que concerne ao apoio parental. A mãe mais protetora e o pai oferecendo mais suporte emocional, opinião que se vai alterando com o avanço da idade dos filhos. A figura paterna tende a desvincular-se mais dos filhos em comparação com a materna quando estes atingem a maioridade ou seja, o pai diminui a frequência ao recurso das práticas de controlo. Já a mãe tende a manter um padrão de suporte emocional e controlo mais alongado no tempo, mesmo que com menor intensidade e frequência (Soares & Almeida, 2011).

O controlo parental tem implicações importantes para o funcionamento adaptativo dos filhos, especialmente no que diz respeito à capacidade para viver em grupo e em sociedade, na medida em que promove a conformidade e aceitação das regras e normas sociais. Nas suas duas *nuances* pode ser simultaneamente inibidor e facilitador, quando se trata respetivamente de controlo psicológico ou de controlo comportamental (Barber, 2002).

Para os pais, dosear estas duas vertentes, é um exercício complexo: conceder autonomia psicológica sem serem comportamentalmente permissivos (Sena & Machado, 2007).

O controlo comportamental implica ensinar todo um conjunto de regras de conduta sociais, verificando ou supervisionando o seu cumprimento, não usando o controlo psicológico ou seja o controlo intrusivo e/ou coercivo com recurso a técnicas de manipulação das emoções. Estas técnicas interferem no desenvolvimento psicológico e emocional dos filhos com efeitos negativos, prejudicando o desenvolvimento da autonomia e de um sentido de identidade e avaliação do próprio enquanto ser competente e autónomo (Steinberg, 2005).

Ao falarmos de emoções, afeto e aceitação, referimo-nos a um conjunto de características parentais que incluem o suporte parental, a disponibilidade afetiva, as expressões de afeto e o tom emocional positivo, a aceitação, o envolvimento positivo, a sensibilidade para os estados psicológicos e respostas adequadas às necessidades psicológicas do filho. Nesta dimensão podem acontecer os comportamentos de aceitação manifestados pelo afeto físico ou verbal e os de rejeição através da manifestação de hostilidade na forma de agressividade física e verbal, indiferença ou negligência e rejeição (Rohner, 2004).

Os pais, principais responsáveis pelo desenvolvimento afetivo e social do seu filho precisam lidar com ele como um ser detentor da sua própria individualidade, que pensa, sente, age e reage, como agente ativo na relação pais-filhos não o condicionando pelo conflito interparental, envolvendo-o e simultaneamente considerando-o um ser passivo.

2.2. Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

A crença de que a família é uma instituição segura, tem vindo a ser posta em causa pela informação cada vez mais frequente de vários incidentes familiares violentos muitas vezes ocultos, porque são considerados segredos de família ou são aceites numa sociedade patriarcal sendo a infância, pelas suas fragilidades, a geração mais afetada pelo ambiente familiar (Rodrigues, 2008).

A família é caracterizada por uma multiplicidade de relações conjugais e parentais, entre os seus elementos constitutivos, sendo as relações íntimas claramente reconhecidas como importantes para o bem-estar psicológico dos indivíduos. Considerando a convergência e sobreposição das funções parentais e conjugais nas mesmas pessoas, existindo disfuncionalidade, ela afetará pais e filhos gerando consequências nefastas ao nível da satisfação em todos os elementos da família (Moura & Matos, 2008).

As situações que afetam o sistema familiar como a ocorrência de conflito conjugal, associada a episódios de violência física e verbal no casal, são uma das formas mais negativas de interação e expressão afetiva com graves consequências na relação parental e consequente desenvolvimento do indivíduo.

Com o intuito de perceber de que forma o filho interpreta e responde ao conflito no contexto da relação interparental Grych e Fincham em 1990, desenvolveram o “Modelo cognitivo-contextual” e elaboraram a escala *Children’s Perception of Interparental Conflict* (CPIC) de Grych, Seid e Fincham (1992), com o objetivo de avaliar a percepção dos filhos face ao conflito entre as figuras parentais que pode variar em função das características do conflito, de fatores contextuais e do nível de desenvolvimento cognitivo do filho.

Esse Instrumento utilizado no nosso estudo avalia três grandes dimensões:

1. Propriedades do conflito (frequência, intensidade e a resolução), avalia a percepção do filho a uma forma destrutiva de conflito parental.
2. Ameaça (percepção de ameaça e eficácia de coping), avalia a percepção de ameaça e de medo desencadeado pelo conflito associado a um sentimento de incompetência pessoal para lidar com esse mesmo conflito.
3. Culpa (culpa e o conteúdo do conflito), avalia a percepção dos filhos em se culpabilizarem pelo conflito dos pais.

O conflito interparental afeta o indivíduo de uma forma muitas vezes invisível a curto prazo, motivo pelo qual é minimizado ou incompreendido, sendo os seus efeitos observáveis a longo prazo na adolescência ou idade adulta (Benetti, 2006).

As práticas e rotinas parentais perturbadas pelo elevado conflito interparental, traduzem-se na maioria dos casos numa disciplina permissiva e inconsistente, volatilidade

emocional, elevados índices de hostilidade e impulsividade educativa, menor responsividade e disponibilidade emocional (Nunes-Costa, Lamela & Figueiredo, 2009).

Conflitos e discórdias entre adultos são comuns no dia-a-dia dos filhos e fazem parte dos relacionamentos dos casais, mesmo dos que vivem uma relação harmoniosa. No entanto o conflito conjugal envolvendo agressão física constante com elevada intensidade e baixo nível de resolução, torna-se extremamente stressante para os filhos podendo desencadear sintomas patológicos (interiorizados ou exteriorizados) e interferir de modo significativo no desenvolvimento cognitivo e emocional (Toloi, 2006).

Num estudo exploratório intitulado “Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre a família” desenvolvido por Nardi e Dell’Aglia (2012), os autores concluíram que a presença de conflitos familiares e distanciamento entre os membros da família era um aspeto comum a todos os casos de adolescentes estudados, assim como um comportamento parental permissivo perante comportamentos marginais como o uso de substâncias ilícitas ou violência.

Outro estudo citado por Pacheco e Hutz (2009), investigou as variáveis individuais e familiares como preditoras do comportamento antissocial sendo apontados os conflitos na família e as práticas educativas como importantes no desenvolvimento da conduta infratora. A violência familiar é apontada como potencializadora do desenvolvimento de problemas de comportamento na infância e na adolescência, como agressividade e transgressão (Assis & Avanci, 2004; Pesce, 2009).

Um estudo realizado com 311 adolescentes divididos em dois grupos de jovens infratores e não infratores revelou uma diferença significativa entre os grupos quanto à ocorrência de conflitos na família. O grupo de adolescentes infratores apresentou uma maior frequência de conflitos familiares (45,3%), com origem no geral entre o casal ou entre os pais e os filhos (Pacheco, 2004).

A respeito do conflito conjugal, os dados inscritos no Relatório Anual da Associação de Apoio à Vítima (APAV), de 2012, apresentam um registo de 16.970 crimes de violência doméstica destacando-se os maus tratos psíquicos com o maior valor percentual (35,9%), seguido dos maus tratos físicos com 26,7%. O perfil da vítima é apresentado neste relatório como sendo Mulher (81,1%), com idade compreendida entre os 25 anos e os 54 anos (28,6%), casada (36,0%), família nuclear com filhos (42,8%), ensino superior (7,0%) e empregada (32,6%). No que concerne ao perfil do agressor, constata-se ser homem (79,5%), com idade entre os 36 e os 50 anos (16,1%), casado (38,9%), sabe ler e escrever (9,2%) e empregado (36,7%). No perfil do agressor não se encontra discriminado se é pai.

Podemos inferir pela idade da vítima e agressor que os filhos serão crianças ou adolescentes sendo claro para os estudiosos desta problemática que os acontecimentos

violentos que têm lugar na infância são recordados pelos adolescentes, que precisam falar acerca deles, necessitando ver as suas experiências validadas (Office for Victims of Crime, 1999).

Apesar de se considerar que o grau e a qualidade do funcionamento do indivíduo não estão exclusivamente associados ao tipo de configuração estrutural da família mas à qualidade e tonalidade da relação parental (Nunes-Costa et. al., 2009), recorremos aos dados de 2010 do Instituto Nacional de Estatística sobre o número de divórcios. Constatamos que estes duplicaram entre 1990 e 2000. Por outro lado, a taxa de divórcios em Portugal passou de 1,2 em 1993 para 2,2 em 2004 e 2,5 divórcios por mil habitantes em 2008. Neste período os divórcios registaram uma taxa média de crescimento anual de 8,1% embora entre 2000 e 2008 a taxa tenha sido mais moderada (4,1%), mantendo-se o abrandamento entre 2007 e 2008. Relativizamos estes dados pois temos a noção de que os motivos de divórcio são múltiplos e não implicam necessariamente violência. Por outro lado existem casais em união de facto com filhos, que em situação de separação, não se encontram nestas estatísticas.

Em Portugal a maioria das crianças vive no seio de famílias nucleares constituídas pelo casal e filhos, observando-se um aumento significativo das famílias recompostas e monoparentais maternas pelo consequente aumento dos divórcios. Na origem das famílias monoparentais e recompostas, estão quase sempre processos de rutura e de reconstrução conjugais ao longo dos quais as crianças raramente são poupadas pois, o clima de conflito e a intensa vulnerabilidade afetiva dos pais tendem a transbordar para a relação parental e para a criança (Benetti, 2006; Rodrigues, 2008).

Uma pesquisa realizada por Ribeiro (1989) citado por Baptista, Baptista e Dias (2001), refere que a situação conflituosa pode representar perda da segurança e instabilidade e sentimentos negativos no Adolescente, além de influenciar o seu autoconceito, segurança pessoal, atitudes sociais e autocontrole, tendendo a manifestarem comportamentos de desorganização, distração, descontrolo e desatenção.

De acordo com Rosales (1993) citado por Baptista et. al. (2001), uma pesquisa que associava a autoestima do Adolescente com Famílias intactas, uniparentais e reconstituídas, concluiu que a autoestima dos Adolescente não dependia do tipo de família em que se encontram inseridos mas da sua funcionalidade, o que sugere que a presença de distúrbios emocionais nos filhos não está relacionada unicamente com a situação do divórcio parental mas sim com a sua exposição a conflitos intensos anteriores à rutura familiar.

Numa meta-análise a 92 estudos conduzidos entre 1950 e 1980, tentaram identificar-se os efeitos negativos resultantes da experiência da separação dos progenitores, comparando os filhos de famílias intactas com filhos que tinham vivenciado essa situação.

Os resultados congruentes com estudos posteriores reforçam que não é a separação em si própria que desencadeia a desadaptação desenvolvimental, mas outros fatores de risco associados à mesma, como fatores intrínsecos, declínio da segurança financeira no período que se segue à separação, quadros psicopatológicos nos pais com especial relevância para a depressão, coparentalidade conflituosa ou descomprometida e intensidade, tonalidade e frequência do conflito interparental antes e durante o período de separação (Amato & Keith, 1991 citado por Nunes-Costa et. al., 2009).

Na perspectiva dos filhos o significado do conflito não se articula com a presença ou frequência da discórdia global. Eles demonstram enorme sensibilidade aos parâmetros centrados na forma e intensidade de expressão dos pais, no percurso emocional da interação assim como nos resultados e implicações dos temas abordados (Toloi, 2007).

No que respeita à exposição dos filhos ao conflito e/ou violência entre os pais esta pode apresentar-se de varias de formas. Por exemplo, através da presença física no local onde o conflito ocorre ou na proximidade, apercebendo-se de atos de empurrar ou de bater, ouvir gritos ou choro, sentir os empurrões contra a parede ou a porta, ver o resultado das injúrias tal como a face da mãe com equimoses ou os danos na casa como orifícios nas paredes, ou ainda sentir a tensão ou o medo na relação entre os pais. Os filhos podem não observar diretamente os desacordos entre os pais, mas ouvem intencionalmente o incidente. Assim, estar “exposta” pode simplesmente significar viver numa casa caracterizada pela violência (Sani, 2003).

A maioria dos filhos é capaz de descrever situações de conflitos conjugais e violência, desconhecendo os pais que eles as presenciaram. Estudos realizados em 1990 por Pagelow citados por Rodrigues (2008) revelam que os filhos estão presentes em cerca de 80% dos lares onde existe violência conjugal e desses, 90% testemunham a violência entre os progenitores.

A questão do impacto do conflito conjugal nos processos psicológicos, cognitivos e relacionais da criança e do Adolescente, surgiu com maior ênfase recentemente a partir da constatação de que a presença de conflitos estava associada a uma maior exposição da criança a situações de stress familiar.

Atualmente, a dimensão conflito conjugal é considerada como um processo familiar importante para ocorrência de distúrbios afetivos e manifestações clínicas no desenvolvimento infantil e com posteriores dificuldades na adolescência, como agressividade, conduta antissocial, abuso de substância e envolvimento com a lei (Benetti, 2006).

Além de afetar a disponibilidade parental para com os filhos, a exposição aos episódios de conflito conjugal, segundo opinião da autora, gera estados afetivos internos de

intenso sofrimento psíquico, sentimentos de ameaça, culpa e *stress* e transformações emocionais e fisiológicas dos filhos.

Por outro lado, a exposição direta e indireta a diversos tipos de violência no seio das famílias é apontado como fator de risco para o aparecimento de problemas de agressão e violação de regras. Esta situação pode ser entendida se considerarmos que um ambiente familiar violento serve como modelo para a aprendizagem de padrões comportamentais e sociais caracterizados pela violência (Sá, Curto, Bordin & Paula, 2009).

As discórdias na presença dos filhos são para eles mais negativas emocionalmente e mais destrutivas do que as ocorridas na sua ausência. Os conflitos interparentais na presença dos filhos têm alta incidência de temas relacionados com eles tais como, problemas de educação e cuidados diários, sendo considerados especialmente angustiantes para os filhos, contribuindo essa exposição aos conflitos conjugais para a sua instabilidade afetiva e emocional.

Um estudo realizado por Lopez et. al. (2008), com 510 adolescentes entre os 11 e os 18 anos, em que 54% eram raparigas e 46% rapazes, apontou os reflexos do conflito interparental no desenvolvimento dos adolescentes.

Tendo em consideração a alta intensidade e frequência do conflito não resolvido, considerado como conflito destrutivo, produz resultados nefastos nas emoções, cognições e conduta dos filhos (Cummings & Davies, 2011) que manifestam sentimentos de insegurança, ameaça, preocupação e culpa. Nesta situação, os filhos não conseguem preservar a sua segurança emocional devido á dimensão do conflito ou seja, quanto maior o conflito interparental destrutivo, menor segurança e maior preocupação por se sentirem impotentes para ajudarem a resolver os conflitos.

No que diz respeito ao papel da estrutura familiar, estudos de Cummings e Davies (2011) confirmam que esta problemática é pouco investigada. Os conflitos entre os progenitores muitas vezes mantêm-se após o divórcio, com efeitos negativos na segurança emocional dos filhos, percebido com mais intensidade pelos rapazes mais velhos, provavelmente por uma maior sensibilidade face aos problemas dos adultos e um percurso mais longo de exposição ao conflito sendo os pais ineficazes no apoio parental. Apesar de não existirem diferenças significativas entre sexos no que diz respeito ao impacto do conflito nas emoções e cognições dos adolescentes, a resposta á situação de conflito por parte das raparigas é de alheamento face ao conflito como estratégia de perseveração da sua segurança emocional.

O estudo intitulado “Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes” publicado por Moura e Matos (2008), com uma amostra de 310 adolescentes com idades entre os 14 e 18 anos, sendo 54,8% raparigas e 45,2% rapazes a frequentarem

do 9º ao 12º ano de escolaridade utilizou como instrumento de colheita de dados a *escala CPIC*. As conclusões revelaram que as raparigas apresentavam uma percepção mais elevada do conflito entre a díade parental sentindo-se mais ameaçadas do que os rapazes.

Estes resultados levam-nos a pensar que as raparigas tendem a investir mais nos relacionamentos interpessoais encontrando-se emocionalmente mais próximas dos pais e mais sensíveis perante acontecimentos de vida negativos, nomeadamente o conflito interparental, que afetam as pessoas da sua rede de suporte. De uma forma geral os resultados obtidos parecem sugerir que as raparigas necessitam de uma maior proximidade emocional e encontram-se mais dependentes do relacionamento com os pais, para além de serem mais sensíveis ao conflito entre eles. Relativamente à idade, não foram encontrados efeitos significativos no conflito interparental.

Estudos mais recentes apontam a percepção de ameaça e culpa que o filho desenvolve a partir do conflito entre os pais, mediadores da associação entre o conflito interparental e o ajustamento psicossocial nos adolescentes. Assim, a experiência de uma grande ameaça e medo perante o conflito entre os pais pode aumentar o risco de aparecimento de sintomas de ansiedade, depressão, tristeza e outros sintomas internalizantes nas crianças (McDonald & Grych, 2006).

Por outro lado, a autculpabilização do filho sobre a existência de conflito entre os pais pode potenciar o desenvolvimento de sintomas externalização como a agressividade e hostilidade verbal, entre outros e de sintomas internalização como tristeza, culpa e vergonha (Achembach 1991; citado por Sousa & Moraes, 2011).

A respeito do impacto dos conflitos conjugais ao nível do ajustamento dos filhos Osofsky (2003), afirma que a exposição à violência interparental afeta profundamente os filhos a nível do desenvolvimento da sua personalidade e afetos. Comparativamente ao impacto sofrido pela exposição à violência noutros contextos o testemunho de violência entre os pais, dado o contexto onde ocorre e a proximidade afetiva com os intervenientes, tem efeitos mais devastadores.

A exposição dos filhos aos conflitos entre os seus principais cuidadores pode traduzir-se em comportamentos de agressividade, fobias, insónia, depressão, baixos níveis de competência académica e na resolução de problemas, sendo os efeitos observáveis a curto ou a longo prazo. Para os mais jovens as consequências podem traduzir-se em dificuldades emocionais significativas tais como agressividade, ansiedade, baixa autoestima, confusão, culpa, depressão, insegurança, isolamento, medo, reações de evitamento e vergonha.

Alguns estudos longitudinais referem problemas a longo prazo como patologia mental, comportamentos de abuso de substâncias, bullying e ofensas criminais, resultantes da exposição à violência.

Num estudo sobre bullying realizado por Pinheiro e França (2006), com uma amostra constituída por 239 estudantes com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos, em que 65,3% eram raparigas e 34,7% rapazes, 49% referiram estar envolvidos em bullying, desses 21% são vitimas-agressores e 3% agressores. Cerca de 55% dos estudantes referiu ter presenciado situações de discórdia entre os pais tais como agressão psicológica, gritos, insultos, ameaças, espancamentos entre outros. Os resultados do estudo permitem ainda concluir da existência de uma correlação positiva entre violência doméstica e violência no meio escolar.

No entanto, as reações dos filhos ao conflito interparental são diferentes mesmo naquelas expostas a formas prejudiciais de conflito, sendo alguns mais afetados do que outros não apresentando todos comportamentos problemáticos ou mesmo psicopatológicos. Esta circunstância pode dever-se ao tempo que decorre entre a situação problema e o aparecimento da sintomatologia, manifestada de forma subtil ou tardia, mas também pelo facto de os filhos possuírem recursos que os tornam capazes de lidar com o conflito sem que se tornem sintomáticos. Rodrigues (2008) sugere que as representações e significados construídos constituem um importante mediador do impacto desta experiência de vitimização indireta (Sani, 2003).

Assim, face a situações de conflito familiar com características muito semelhantes, as reações dos filhos são diversas remetendo para o entendimento da compreensão das diferenças individuais, bem como das representações e significados por eles construídos (Rodrigues, 2008). A este respeito dir-se-ia que nem todos os adolescentes expostos à violência e conflitos familiares apresentam vulnerabilidades e problemas no desenvolvimento.

Os fatores de proteção presentes nos jovens expostos ao conflito auxiliam-nos no processo de confrontação, amenizando ou neutralizando os efeitos dos riscos. Masten e Garnezy (1985); citado por Nardi e Dell'Aglio (2010), apontam três grupos de fatores de proteção essenciais ao desenvolvimento do indivíduo: (a) os atributos pessoais (autoestima, autonomia, temperamento, inteligência e a orientação social positiva); (b) a coesão familiar caracterizada pela ausência de conflitos e pela presença de pelo menos um adulto com interesse pela criança, assim como a presença de comunicação e afeto; e (c) a disponibilidade de sistemas externos de apoio caracterizados pela presença de recursos na comunidade que auxiliam o indivíduo a lidar com as adversidades.

As teorias relacionais são uma mais-valia para a compreensão desta problemática pelo seu grande enfoque na noção de que o normal desenvolvimento do indivíduo resulta de adequados cuidados maternos, que permitem que as representações de si e dos outros sejam integradas.

O indivíduo desenvolve um modelo representacional interno acerca dos relacionamentos baseados na experiência prévia com outras pessoas significativas. Esse modelo pode ser modificado ao longo do tempo mediante novas experiências de relacionamentos significativos, permitindo o modelo cognitivo-contextual proposto por Grych e Fincham em 1990, perceber de que forma o filho interpreta e responde ao conflito no contexto da relação interparental.

As teorias relacionais promovem explicações satisfatórias para algumas das reações dos filhos que testemunham a violência no seu contexto familiar, como a baixa autoestima, as dificuldades na confiança e relacionamentos interpessoais ou na regulação da emoção e do comportamento (Rossman, Hughes & Rosenberg, 2000).

A perceção do adolescente acerca do conflito que ela própria testemunha, irá confirmar ou não, de forma mais consistente o seu ajustamento reforçando estes modelos o papel da cognição e da emoção na segurança emocional do indivíduo (Goulard & Wagner, 2013).

As reações dos filhos ao conflito interparental refletem a interação entre a natureza desse stressor e as suas capacidades de resposta, sendo o significado atribuído ao conflito determinante do seu impacto e dos comportamentos resultantes. Um dos modelos explicativos das reações dos filhos face ao conflito interparental é o Modelo de Segurança Emocional de Cummings e Davies (1994) que tem vindo a sublinhar a importância da avaliação subjetiva dos filhos na resposta ao conflito e consequentes implicações ao nível do seu ajustamento.

Perante o conflito parental, os filhos podem desenvolver estratégias para lidar com o conflito gerindo as suas emoções, o que contribui de forma significativa para a sua segurança emocional. Neste âmbito torna-se importante compreender de que modo a cognição e a emoção influenciam o impacto do conflito no adolescente.

2.3. Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

A adolescência é comumente entendida como uma fase do desenvolvimento humano, marcada por características pré-determinadas como a rebeldia e impulsividade. Com base neste pressuposto construiu-se socialmente a ideia de que os adolescentes são naturalmente irresponsáveis, associando-os ao desenvolvimento de comportamentos de risco. Perante este cenário, pretende-se argumentar que o adolescente mesmo com vivências conflituosas no contexto familiar, a partir da construção de recursos resilientes e da autonomia na tomada de decisões, poderá fazer escolhas conscientes adotando comportamentos saudáveis.

A relação entre os conflitos parentais e os problemas de ajustamento dos filhos é explicada por Cummings e Davies (1994) com o modelo da “Segurança Emocional”. Este modelo assenta no modelo cognitivo – contextual de Grych e Fincham (1990) e defende que os processos cognitivos dos filhos são moldados pelas características do conflito interparental e fatores contextuais como a experiência passada de conflitos. Os autores dão ênfase às representações emocionais do filho usadas como um processo de ajustamento e compreensão face ao conflito interparental, perspetiva adotada como modelo para a presente investigação. De acordo com este modelo as emoções funcionam como um sistema de monitorização e guia na representação dos eventos e motivação do comportamento.

O filho pode obter segurança emocional a partir do relacionamento interparental e da qualidade do relacionamento que mantém com os pais. Os relacionamentos conjugais destrutivos comprometem o ajustamento do filho ao ameaçarem a sua segurança emocional.

A preservação da Segurança Emocional do filho face ao conflito interparental é alcançada como nos referem Cummings e Davies (2002); citado por Goulard e Wagner (2013), pela inter-relação de três pressupostos que embora representem aspetos distintos da segurança emocional são interdependentes pois contemplam um objetivo comum, a preservação da segurança emocional. Esses pressupostos são: a reatividade emocional, a regulação da exposição aos afetos e as representações internas face ao conflito.

A reatividade emocional traduz-se pela capacidade que o filho tem em reduzir, aumentar e manter seu estado emocional quando confrontado com os conflitos. A insegurança emocional uma forma de reatividade emocional, pode manifestar-se nos filhos que vivem em lares caracterizados por conflitos conjugais severos, através de elevados níveis de medo, *stress*, vigilância e hostilidade, com maior risco de desajustamento comportamental e problemas psicológicos a longo prazo (Davies & Cummings, 1998).

Outro pressuposto considera que a segurança emocional tem uma função reguladora da exposição aos afetos que enfatiza o esforço do filho para controlar a situação de conflito familiar.

Os conflitos interparentais que se caracterizam por elevados níveis de conflitualidade têm uma grande probabilidade de se prolongarem no tempo, tornarem-se progressivamente piores e passarem a incluir outros membros da família (Cummings & Davies, 1994). Os filhos que podem adotar o comportamento de evitamento ou do envolvimento na situação conflituosa, estratégia para manter ou restabelecer a sua segurança emocional.

Os filhos ao envolverem-se, procurando mediar o conflito interparental, podem fazê-lo na tentativa de controlar as suas emoções aumentando a sua segurança emocional pois consideram contribuir para minimizar as sequelas negativas do conflito na família.

Os filhos que optam pelo evitamento podem obter os mesmos resultados apesar da adoção de um comportamento oposto ao anterior mas com função idêntica. Ao reduzirem a exposição à ameaça aumentam a sua segurança emocional (Davies & Cummings, 1998). Todavia a relação entre o tipo de estratégias de confronto com os conflitos e o nível de ajustamento do indivíduo é bastante complexo.

Por fim, um terceiro pressuposto da segurança emocional são as representações internas das relações parentais. Essas representações internas podem ser construtivas, destrutivas e representações conseqüentes do conflito.

Estudos experimentais e correlacionais têm demonstrado que a variação nas diversas dimensões do conflito corresponde a oscilações nas reações emocionais dos filhos a curto e a longo prazo. As representações internas construtivas e destrutivas do conflito parental produzem efeitos no amadurecimento emocional dos filhos.

Os comportamentos conflituosos identificados como construtivos pelos filhos, incluem a resolução do conflito com sucesso, explicações dos pais acerca da forma de resolução do conflito, explicações otimistas acerca de conflitos não resolvidos e ainda que o conflito não constitui uma ameaça séria ou que será eventualmente resolvido, indicando a perspectiva de que as dificuldades são situações que devem ser trabalhadas e discutidas (Benetti, 2006; Rodrigues, 2008).

No que diz respeito aos comportamentos conflituosos destrutivos estes incluem: agressão ou violência interparental, ira não-verbal, indiferença, afastamento dos cônjuges, agressão face a objetos, conflitos envolvendo ameaças à integridade da família (ameaças de separação) e conflitos com temas relacionados com os filhos.

O impacto do conflito conjugal sobre a segurança emocional, ocorre na medida em que as situações de discórdia desencadeiam no adolescente representações familiares

destrutivas que incluem estados de ansiedade, insegurança, medo em ser apanhado no meio do conflito interparental ou de ser mediador na situação de discórdia interparental, o que eleva o risco de problemas de ajustamento do adolescente, sintomas depressivos ou comportamentos de delinquência (Cummings & Davies, 1994; citados por Benetti, 2006).

O conflito interparental é percebido pelo filho como uma ameaça específica à sua segurança emocional e da sua família, representando um fator de *stress* face ao qual se esforça por compreender o significado que o conflito tem para si e para a sua família, avaliando a sua capacidade para lidar com o mesmo (Rodrigues, 2008).

A exposição ao conflito conjugal interfere na qualidade dessas representações familiares a partir do momento em que se associam situações de instabilidade emocional ligadas às figuras parentais, fonte das vivências afetivas de estabilidade do filho.

Face às situações de discórdia e conflitos familiares o filho reage, esforçando-se por criar mecanismos mediadores de controlo, tanto ao nível de seus próprios estados de ansiedade interna, como também do controlo do comportamento dos próprios adultos envolvidos na disputa, o que exige intervenções dirigidas à regulação emocional (Sani, 2003; Benetti, 2006; Rodrigues, 2008).

A segurança emocional do filho face ao conflito interparental está intimamente relacionada com as perceções que ele desenvolve acerca do conflito interparental, ou seja, um filho mais inseguro sente-se mais ameaçado em contexto conflituoso do que um filho com sentimentos de segurança.

Na opinião de Davies e Cummings, (1998) os filhos provenientes de famílias altamente conflituosas têm uma maior probabilidade de desenvolver representações inseguras (e.g., medo da escalada do conflito) acerca das relações familiares.

As diferenças individuais na segurança emocional, segundo os autores citados, estão ligadas a história de conflitos interparentais intensos, violentos e frequentes. Esses aspetos podem afetar o sentimento de segurança emocional do filho ao aumentar o medo acerca da infelicidade dos pais, divórcio ou dissolução da família. O conflito interparental, quando extensível a todo o contexto familiar, afeta também as relações dos pais com os filhos o que irá gerar circunstâncias propícias ao desenvolvimento de problemas de ajustamento.

Num estudo efetuado em 1998 por Davies e Cummings os autores reforçam a teoria de que a segurança emocional é um mediador do conflito interparental, uma vez que o funcionamento cognitivo processa a informação, sendo através das emoções que se reflete o estado psicológico e a experiência de segurança emocional individual. O comportamento é orientado no sentido de manter um estado de regulação emocional face a uma situação avaliada como stressante atribuindo-lhe significado (Rodrigues, 2008).

A Segurança Emocional desenvolve-se, segundo a autora, com base em representações de apego estabelecidas ao longo do relacionamento do filho com as figuras cuidadoras, caracterizadas pela expressão de afeto, apoio, compreensão e suporte emocional e qualidade da relação parental. Este processo é indispensável para compreender a forma como o indivíduo é capaz de se ajustar às exigências de cada situação, existindo sempre uma interdependência e interligação entre o mundo interno e o mundo externo.

A capacidade de regulação emocional é determinante na experiência do filho face ao conflito. Portanto, os efeitos negativos da exposição não resultam diretamente das características mais ou menos intensas do conflito parental mas sim, da percepção de ameaça à capacidade de manutenção da segurança emocional interna da criança, alterada pelo conflito (Benetti, 2006).

No que diz respeito aos fatores protetores, Masten e Coatsworth (1998) citado por Norgren (2011), referem que as características individuais relativamente estáveis e a características do ambiente contribuem para atenuar o impacto negativo do conflito parental nos filhos.

Os autores afirmam que as características individuais incluem o elevado nível de inteligência e de autoestima, o temperamento tolerante, a interpretação do filho face aos acontecimentos e a capacidade para reagir de maneira eficaz, quando confrontado com situações de *stress*.

As características do ambiente envolvem o suporte dentro do sistema familiar (apoio emocional e relações de carinho, quer dos pais quer de outros adultos significativos na vida dos filhos, bom relacionamento com uma das figuras paternas ou irmão) e o suporte fora do sistema familiar (participação em atividades que proporcionam ao adolescente a percepção de eficácia, sucesso e reforço).

Para além dos fatores individuais (avaliação do conflito, estratégias usadas para a sua resolução, experiência prévia com conflitos, expectativas frente ao acontecimento e ao estado afetivo ou humor do filho no momento do conflito), o fator contextual tem especial relevo no modelo cognitivo contextual de Grych e Fincham, na história de exposição ao conflito na família (Oliveira & Fonseca, 2005).

A exposição prévia do filho aos conflitos interparentais, influencia significativamente as percepções de ameaça e eficácia das estratégias da sua resolução pois tais experiências sustentam fortemente as suas crenças sobre o desenrolar deste evento.

A observação dos conflitos interparentais implica-o num processo de avaliação do nível de ameaça ocasionado pelo conflito (processamento primário), procurando

compreender a razão da sua ocorrência (processamento secundário) e selecionando a resposta ao conflito (estratégia de resolução).

Compreender as causas e consequências dos eventos significativos, particularmente aqueles que são ameaçadores e aversivos, é adaptativo porque aumenta a capacidade do indivíduo para responder efetivamente, antecipar o comportamento do outro, prever outros eventos e determinar o foco das estratégias de resposta (Grych, 1998).

Outro aspeto contextual importante, segundo o autor, prende-se com o próprio espaço privilegiado de ocorrência das situações de violência, designadamente o contexto familiar, muitas das vezes marcado por outras formas de hostilidade, por exemplo entre pais e filhos. Para os filhos que experienciam simultaneamente a violência interparental e maus tratos, a sua perceção de ameaça ao conflito entre pais tende a ser maior, porque temem pela possibilidade de um maior nível de hostilidade e agressão dirigidas a eles próprios.

Outro aspeto contextual que afeta a apreciação que o filho possa fazer dos conflitos, é a qualidade afetiva do relacionamento de cada um dos pais ou cuidadores com ele (Cox, Paley & Hater, 2001). Este aspeto assume um papel privilegiado como fator de resiliência capaz de amortecer o impacto da experiência de vitimização indirecta, por exemplo, ao reduzir a perceção de ameaça do filho face ao conflito interparental (Cummings & Davies, 1994).

Todavia, o predomínio de afeto negativo dos pais, o facto de estarem zangados, exaustos, desmoralizados em resultado do conflito marital, acaba por tornar disruptivas as interações entre pais e filhos. Os pais podem estar menos disponíveis do ponto de vista emocional para o filho, ou simplesmente não perceberem ou detetarem as suas necessidades emocionais (Cox et. al., 2001).

O nível desenvolvimental do filho é considerado também aspeto contextual, com implicações na capacidade para compreender interações complexas. As perceções acerca das causas que modelam a expressão dos afetos e o comportamento diferenciam-se bastante com a idade, modificam-se gradualmente e deixam de focar-se em fatores proximais como o seu próprio comportamento, mas mais distais e psicológicos, como as características de personalidade dos pais (Covell & Abramovitch, 1987; Miler & Aloise, 1989).

As características específicas como idade, sexo e processos cognitivos envolvidos na avaliação da situação (experiência passada, capacidade de compreensão), irão determinar os efeitos da exposição aos conflitos interparentais. Dependendo das características do conflito e da faixa etária do filho diferentes consequências poderão ocorrer no processo de desenvolvimento (Grych & Fincham, 1990).

Os pais assumem o papel, extremamente importante, de modelos educativos sobretudo em idades muito jovens proporcionando às crianças um conjunto de aprendizagens capazes de as orientar no futuro.

A exposição crónica a situações conflituosas transmite aos filhos a visão de que a sua casa não é um abrigo seguro sentindo-se impotentes para se afastar dessa situação perigosa. Estas situações podem assumir variadas formas, quer aterrorizando a criança criando um ambiente perigoso no qual esta é forçada a viver, quer encorajando os comportamentos antissociais e violentos (Peled & Davis, 1995).

Nas situações de testemunho de violência conjugal, estas circunstâncias são comuns. O Adolescente ao estar exposto ao conflito e à violência pode racionalizar a violência como essencial nos relacionamentos íntimos em condições de stress, o que terá repercussões na vida adulta.

A aprendizagem de comportamentos agressivos pela observação de modelos agressivos é considerada um dos fatores predisponentes para a criminalidade em adultos, nomeadamente os maus-tratos ao sexo oposto (Grych & Fincham, 2001; Goulart & Wagner, 2013). Por um lado, o conflito parental proporciona modelos de cólera e de hostilidade nos filhos e não modelos cordiais, carinhosos, afetuosos e geradores de resolução de problemas. Por outro, os filhos podem assimilar atitudes e valores em que a agressão é uma forma aceitável e racional de resolver o conflito nas suas relações com os pais, com os pares e com outros adultos (Davies & Cummings, 1998).

Na perceção da Segurança Emocional do Adolescente face ao Subsistema Parental (SIS), estudos de Davies, Harold, Goeke-Morey e Cummings (2002), demonstraram que os géneros diferiram estatisticamente na reatividade emocional e das representações internas das relações parentais, em que as médias das raparigas foram superiores às dos rapazes. O género feminino registou valores significativos mais elevados nas dimensões da reatividade emocional e das representações internas das relações parentais e as crianças com 8-9 anos, valores elevados na reatividade emocional e na regulação da exposição ao afeto parental. Resultados semelhantes aos anteriores foram obtidos na regulação da exposição ao afeto parental. Alguns problemas de externalização do adolescente como agressão, raiva, desobediência podem advir do comportamento parental.

As crianças expostas à violência familiar evidenciam frequentemente níveis elevados de ansiedade traduzidos, por exemplo, em sintomas fisiológicos (e.g., aumento dos batimentos cardíacos) na grande preocupação com a integridade física e psicológica da vítima, na falta de concentração e atenção académica, em dificuldades de separação de pessoas de referência ou mesmo ansiedade social.

A tristeza, mágoa, desesperança, isolamento e em casos extremos os pensamentos e comportamentos autodestrutivos, são altamente reveladores do impacto negativo que uma experiência como a violência na família tem impacto nos filhos em qualquer idade.

Num estudo realizado por Rodrigues (2008), sobre o impacto do conflito parental nos filhos, com uma amostra de 2280 indivíduos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8-11 anos, foi utilizada a escala SIS. As conclusões permitiram afirmar que as crianças que vivem com os Pais apresentam valores mais baixos nas três dimensões: reatividade emocional, regulação da exposição aos afetos e nas representações internas face ao conflito comparativamente com os que vivem com Pai/Mãe/Outros. O sexo feminino perceciona níveis superiores de reatividade emocional e o sexo masculino nas dimensões regulação da exposição aos afetos e as representações internas face ao conflito.

Podemos então concluir a este respeito que os conflitos interparentais não são necessariamente negativos para o filho. Alguns autores como Goodman, Barfoot, Frye e Belli (1999), citados por Sani (2003), partilham desta ideia considerando que os pais envolvidos em conflitos menos frequentes, mais construtivos e na maioria das vezes bem resolvidos podem modelar formas adaptativas de resolver problemas sociais, promover um ambiente seguro e de suporte emocional em casa, que podem facilitar o desenvolvimento da capacidade de regular as emoções e comportamentos no filho.

A identificação destes aspectos mais subtis da experiencia dos filhos, ajuda-nos a compreender melhor o impacto de problemas como a violência interparental, a nível do seu ajustamento que caso não ocorra de modo satisfatório poderá conduzir a curto, médio e longo prazo, a condutas hostis, delinquentes e marginais.

CAPITULO 3 - COMPORTAMENTOS HOSTIS EM ADOLESCENTES

Envoltos num turbilhão de modificações físicas, cognitivas e sociais, os adolescentes vão construindo o seu perfil, exteriorizando de uma forma mais ou menos “rebelde”, os seus sentimentos, atravessados por crises que os guiam na construção da sua subjetividade intelectual (Frota, 2007).

O Adolescente mesmo “bem comportado” tem períodos de hostilidade, constituídos por comportamentos de desobediência, rebeldia e de oposição às regras, usando argumentos quando desejam atingir os seus objetivos. São desafiantes e apresentam oscilações frequentes de humor, podendo mesmo chegar a ser violentos, o que poderá fazer parte do seu desenvolvimento normal característico desta fase da vida.

Apesar de se desejar manter um discurso em torno de comportamentos saudáveis em adolescentes, sabe-se que um padrão recorrente de comportamentos hostis pode ser patológico e afetar todas as vertentes da vida do futuro adulto.

Esses comportamentos disfuncionais podem iniciar-se ao longo da infância e desenvolverem-se até à adolescência tornando-se cada vez mais hostis, principalmente perante figuras de autoridade. É frequente iniciarem-se por volta dos 8 anos e a sua prevalência aumenta com a idade, encontrando-se relacionados com níveis sócio-económicos mais desfavorecidos ou estruturas familiares frágeis, coexistindo muitas vezes com patologias do comportamento ou desenvolvimento (Ferreira, Nogueira & Fernandes, 2011).

A explicação desses comportamentos pode estar também relacionada de acordo com os supracitados autores, com défices de competências cognitivas e emocionais que comprometem a capacidade do Adolescente em corresponder às exigências do adulto. Por exemplo, um défice de modulação afetiva pode levar o Adolescente a reagir de forma emocionalmente excessiva mesmo explosiva, perante uma ordem dos pais ou figura de autoridade e isto acontece simplesmente porque não é capaz de modular as suas emoções.

As causas dos Comportamento Hostis não estão completamente identificadas, no entanto, parecem estar ligadas a uma série de fatores biológicos, psicológicos e sociais e também a perturbações do humor.

A expressão emocional destes comportamentos pode ser dividida em dois grandes grupos: sintomas de internalização e externalização (Achembach, 1991; citado por Sousa & Moraes, 2011).

Os sintomas de internalização incluem a interiorização de sentimentos inadequados de hostilidade, culpa, tristeza, negativismo, ressentimento e receio entre outros, muitas vezes impercetíveis, levando ao sofrimento emocional.

Os sintomas de externalização manifestam-se através de comportamentos motores, de agressividade, irritabilidade, hostilidade indireta, hostilidade verbal e violência, mais dirigidos e ou percebidos pelos outros, com impacto social negativo.

Os Comportamentos Hostis parecem ser mais comuns nos rapazes antes da puberdade sendo a prevalência igual nos dois géneros na Adolescência. No entanto este facto não está totalmente esclarecido porque antes da Adolescência as raparigas podem manifestar comportamentos hostis sobretudo no contexto das relações sociais. Elas utilizam a intriga e a exclusão social, recorrem mais à agressão verbal e passiva em detrimento dos comportamentos destrutivos ou da agressão física. Independentemente do género e idade de início e dependendo do grau de hostilidade dos comportamentos, a manterem-se, estes poderão evoluir para uma perturbação do humor mais especificamente a ansiedade (Loeber, Burke & Pardini, 2008; Ferreira, Nogueira & Fernandes, 2011).

A literatura assim como os estudos sobre Comportamentos Hostis é parca manifestando Andreu e Peña (2010), na realização dos estudos sobre a agressividade na Adolescência, dificuldades especialmente no que diz respeito à conceptualização de termos como: agressividade, violência e conduta associal que se apresentam na diversa literatura de forma indiferenciada.

O Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee (BDHI) avalia a hostilidade como um conceito multidimensional não valorizando a sua intensidade, o que se revela inovador face a outros instrumentos de medida existentes como o Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) e Cook-Medley Hostility Scale (Ho), considerados inventários de personalidade, centrados na avaliação e diagnóstico de doença Mental.

As diversas dimensões dos Comportamentos Hostis contempladas por Buss-Durkee no seu Inventário são a Violência, Hostilidade indirecta, Irritabilidade, Negativismo, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal e Culpa.

Com o intuito de melhor entender a gravidade dos Comportamentos Hostis em adolescentes e as suas consequências, no caso de se intensificarem e perpetuarem no tempo e a necessidade de intervenção precoce, consultamos alguns compêndios de Psiquiatria nomeadamente da Associação Americana de Psiquiatria, onde identificamos algumas das suas dimensões.

Por exemplo, o comportamento negativista, hostil e desafiante, quando recorrentes, interferem de uma maneira significativa no desempenho familiar, escolar ou social do Adolescente e integram um grupo de síndromes comportamentais da entidade clínica Transtorno de Oposição e de Desafio.

No Adolescente a irritabilidade é um dos critérios de diagnóstico e o sintoma mais comum da Depressão (Crowe, Ward, Bunnachie & Roberts, 2006). Comportamentos como a

irritabilidade, ressentimento, raiva, agressividade e violência são características do Transtorno de Conduta conforme descrito na Classificação Internacional das doenças (CID-10) da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2008) e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM IV-TR) da American Psychiatric Association (APA, 2006).

O negativismo, segundo os citados autores, é um comportamento de oposição generalizado à autoridade que implica a rejeição de cooperação sob a forma passiva ou manifesta de rebelião em relação às normas e padrões sociais e /ou familiares.

Outra perspectiva do comportamento negativista é apontada por Lázaro, Casimiro e Fernandes (2010), como uma panóplia de pensamentos inapropriados, irracionais e contra produtivos que poderão conduzir o indivíduo a sentimentos negativos e a uma execução deficiente de determinadas ações.

Reconhecemos que o comportamento de negativismo que o Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee avalia é o de contestação e afirmação do Adolescente perante a autoridade social.

Em relação ao Ressentimento são várias as perspectivas. Inclui sentimentos de raiva, ciúme e ódio para com tudo o que o rodeia, face à forma como se percebe e avalia situações de violência incluindo maus-tratos. Este sentimento encontra-se associado à lembrança de uma humilhação e de injustiça sofrida e induz desejo de vingança e punição de uma ofensa. Pode exprimir-se de forma explícita mais ou menos hostil e malévola, ou dissimulada através de sentimentos de rancor.

O ressentimento considerado passivo pode começar por ser uma reação inibidora face a experiências vividas, isto é, ausência de resposta face ao sofrimento causado por outrem (agressão física ou psicológica). É um sentimento de impotência ou de fraqueza em responder agressor na sua presença ou por se encontrar ausente. O próprio conceito de impotência implica a intenção de reagir mas com inibição. A partir daqui a relação com o agente (causa) do sofrimento é de defesa, insegurança e revolta. O sentimento de ressentimento prende o indivíduo ao passado, à agressão de que foi vítima ou no caso de agressor liga-o contra si próprio. Este sentimento arrasta o indivíduo para uma incapacidade de relacionamentos sociais com receio de ser sujeito a novas agressões.

O ressentimento quando se manifesta de uma forma ativa altera a posição hierárquica do agressor. O indivíduo com ressentimento passivo, espera pelo momento oportuno para se vingar mas se consegue expressar o sentimento de ressentimento consome a vingança rebaixando o agressor causador do seu sofrimento.

A culpabilidade, conceito complexo, pode ligar-se ao conceito de angústia e/ou um mal-estar interno. A culpa tem as suas origens no desenvolvimento afetivo não sendo restrita a nenhuma fase do desenvolvimento da personalidade (Garcia, 2006).

O trabalho intitulado “O Ego e o Id” realizado por Freud em 1923, sugere que o sentimento de culpa surge simultaneamente com o Superego, herdeiro do complexo de Édipo sublinhando o seu carácter eminentemente social. O sentimento de culpa ocupa um lugar fundamental na articulação da vida individual com o convívio social, ganhando um valor essencial na formação cultural. Uma perspetiva diferente é apontada por Lewis (1993) que considera a culpa um estado emocional que ocorre quando o indivíduo avalia negativamente o seu comportamento, podendo ver-se livre desse sentimento se realizar uma ação que repare a ação negativa.

O sentimento de culpa pode surgir do medo da autoridade externa, construído desde muito jovem, pelo medo que os filhos sentem dos pais, reagindo mais tarde com comportamentos de renúncia face ao relacionamento interparental que o tornam incapaz de se libertar do sentimento de culpa que persiste tornando-se fonte permanente de sofrimento (Carnaúba, 2009).

A irritabilidade envolve a tendência para reações de afeto negativo perante atitudes provocatórias e inclui mau humor constante, desespero e rudeza. Embora não seja uma condição nem necessária nem suficiente para a ocorrência de agressão é um ativador central, individual e coletivo, sendo uma das causas do comportamento parental negligente e não responsivo às necessidades dos filhos (Gomide, 2003).

Teoricamente os indivíduos com alta tendência para a irritabilidade são propensos a perder a paciência rapidamente, respondendo furiosamente a uma provocação leve, refere Buss-Durkee autor do Inventário de Hostilidade construído em 1957 (Gouveia, 2004).

Relativamente à hostilidade o Buss-Durkee Hostility Inventory (BDHI) aponta dois tipos de hostilidade: hostilidade indireta ou também denominada de neurótica e hostilidade verbal conhecida por alguns autores como expressão de hostilidade. Segundo Trigo, Rocha e Coelho (2000) a hostilidade neurótica está associada à experiência de ira, desconfiança, ressentimento, ansiedade e depressão. Referem os supracitados autores, que a expressão de hostilidade relaciona-se com a manifestação direta da ira, não se correlacionando esta hostilidade expressa com o neuroticismo e ansiedade.

A hostilidade verbal direta é definida por Seixas (2006), como expressão de afeto negativo, através das palavras, conteúdo e estilo incluindo gritos, gozar, insultar, pôr alcunhas, ser sarcástico, ameaçar verbalmente, importunar ou aborrecer deliberadamente, emitir comentários maldosos/maliciosos, rebaixar, criticar a aparência do colega e admoestação racial. A hostilidade verbal indireta caracteriza-se por espalhar rumores e/ou mentiras, escrever notas ou grafitis maldosos, intrigar, caluniar/difamar e dizer coisas desagradáveis pelas costas do colega.

A crescente onda de agressividade que se percebe no comportamento dos adolescentes inclui uma série de condutas como a ira, agressão física e verbal, brigas, ameaças, crueldades e vandalismo manifestadas com mais frequência no meio escolar.

A forma mais comum de hostilidade praticada pelos adolescentes é a violência cometida em meio escolar. Entendemos melhor a sua ampla dimensão e complexidade se a subdividirmos em três grandes categorias (Seixas, 2006):

a) Agressão verbal e Crueldade psicológica que incluem: insultos, ameaças ou humilhações;

b) Ofensa e Ferimento físico que integram conflitos entre um ou mais indivíduos no qual pelo menos um deles utiliza a força física ou armas para causar intencionalmente dano, podendo incluir também o uso de força física contra propriedade alheia.

c) Bullying, entendido como uma variação específica da violência escolar. Inclui geralmente a componente da agressão física e estratégias de pressão psicológica, envolvendo uma relação entre agressor e vítima na qual os sujeitos mais fracos são regularmente provocados, oprimidos e insultados.

Para Neto (2005), a agressividade nas escolas é um problema universal. O bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a Infância e Adolescência. O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. Compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Atitudes como colocar apelido em alguém, ofender, humilhar, insultar, ameaçar ou acusar pessoas de serem inúteis, caracterizam uma forma verbal de bullying na qual os autores agredem a vítima através de palavras e principalmente com apelidos maldosos (Guareschi & Silva, 2008).

Podemos perceber que a hostilidade/agressão verbal também se integra numa forma de bullying relacionado com a ideia social de juventude e por isso, esperado em muitas situações. Este conceito pode levar à valorização positiva do uso da força e à busca do desenvolvimento de competências para esse fim, com reforço das crenças que estabelecem o uso de violência como meio de resolução de conflitos num processo recursivo.

Em 2002 a OMS lançou um relatório intitulado “Relatório Mundial sobre Violência e Saúde” onde a definição de violência surge como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou

uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Entre as principais causas relacionadas com a violência estão a incapacidade de o adolescente modular as próprias emoções, resolver problemas, sentir-se aceite ou não pela família e pela comunidade em que vive e principalmente pela qualidade da relação com os cuidadores.

Ao mesmo tempo que a família exerce a função de proteção psicossocial e propiciar um ambiente favorecedor de bem-estar, pode ser também modelo para a violência. Situações de violência doméstica sofridas diretamente por crianças e adolescentes ou sua exposição a situações de violência conjugal podem ser indutoras de comportamentos violentos perpetrados mais tarde pelos adolescentes (Sebastião, Alexandre & Ferreira, 2010).

A respeito dos comportamentos violentos em adolescentes Garbarino (2009), dá ênfase a dois padrões de interação observados na díade pais e filhos. O primeiro está relacionado ao aumento de conflito na relação dos pais com a criança o qual se caracterizaria por práticas coercitivas e interações aversivas. O segundo padrão consiste num processo gradual de distanciamento emocional entre os pais e a criança.

O fenómeno da violência é um problema sóciohistórico considerado na atualidade como um grave problema de saúde pública, constituindo-se na principal causa de morbimortalidade na Adolescência (Assis & Avanci, 2004).

Os jovens que se envolvem em atos de violência apresentam um comportamento de afastamento em relação à casa, à família e à escola, interagindo com mais frequência num grupo de jovens. Os jovens vítimas de atos de violência manifestam em geral problemas de relação social com os pares considerando difícil arranjar novos amigos e referem não ter amigos (Matos & Carvalhosa, 2001).

A respeito dos Comportamentos Hostis em adolescentes, foi realizado um estudo por Cruz, Almeida, Pinto e Aleluia (2011), com uma amostra constituída por 980 adolescentes com uma média de idades de 16,1 anos, 68,7% residentes em zona urbana, 82,9% a residir com os pais, 86,3% casados, possuindo 33,9 % e 42,1% dos pais e mães respetivamente habilitações literárias a nível do Ensino Superior.

Essa investigação teve como objetivo saber se as várias dimensões do Comportamento Hostil do Adolescente eram influenciadas pelas variáveis sociodemográficas e de contexto familiar. Utilizado o BDHI as conclusões foram as seguintes: A idade, ano de escolaridade e estado civil dos pais, não têm influência em nenhuma das dimensões dos Comportamentos Hostis. O sexo influencia as dimensões: culpabilidade, violência, receios e negativismo. O local de residência influencia as

dimensões: receios, culpabilidade e ressentimentos. As habilitações literárias dos pais influenciam os comportamentos de Hostilidade verbal e ressentimentos. As habilitações da mãe influenciam as dimensões: receios, culpabilidade e ressentimentos. Por fim, o rendimento mensal familiar influencia a dimensão Ressentimentos.

Em suma, parece claro que os conflitos fazem parte de qualquer relacionamento, tendo uma conotação positiva quando são construtivos, isto é, quando os filhos observam que os adultos discordam entre si mas são capazes de solucionar os seus problemas. Já a representação destrutiva dos conflitos produz efeitos nefastos a nível do desenvolvimento e ajustamento do filho. Neste sentido é importante prestar especial atenção às consequências diretas e indiretas dos conflitos interparentais que poderão gerar Comportamentos Hostis nos filhos.

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

CAPITULO 4 - METODOLOGIA

Os Comportamentos Hostis em adolescentes são uma problemática crescente do Mundo moderno divulgada diariamente nos Mídias.

No entanto percebemos que a investigação divulgada sobre as suas causas não acompanha a dimensão deste problema.

A segunda parte deste trabalho constitui a contribuição pessoal que se inicia com as considerações metodológicas.

Neste capítulo, tendo por base a temática deste trabalho e o referencial teórico, iremos definir os procedimentos metodológicos que procurarão dar resposta às questões que formulámos face à problemática dos Comportamentos Hostis em adolescentes numa população estudantil do Ensino Secundário da cidade de Viseu.

Iremos descrever e explicar o tipo de investigação, as variáveis em estudo, a amostragem realizada, os instrumentos de colheita de dados utilizados e os procedimentos estatísticos que nos permitirão retirar conclusões sobre a problemática a investigar.

4.1 - Concetualização do estudo

Presenciamos atualmente constantes mudanças económicas, políticas, sociais e financeiras que direta ou indiretamente vêm produzindo alterações no comportamento das sociedades, famílias e indivíduos.

Como consequência tem-se assistido à substituição de valores sociais de dignidade e respeito pelo outro por Comportamentos Hostis com níveis elevados de violência que envolvem também adolescentes.

O Adolescente faz parte desse mundo de hostilidade, quer como vítima quer como agressor, não sendo no entanto a maioria das vezes, extrapoladas as situações que o levam a ter esses comportamentos e a cometer atos associais, ou a ser alvo deles (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano 2002).

Nos dias de hoje, em consonância com todas as mudanças sociais, o perfil do Adolescente é construído tendo por base inúmeros problemas como a violência explícita, a exclusão social, as relações de poder na sociedade e na escola, o comportamento familiar, a assunção da gravidez e do aborto, a apologia da moda, da beleza e o culto ao corpo e o acesso ampliado à informação, entre outros.

Para além desses constrangimentos sociais o Adolescente vive um período da vida com contornos *sui generis*. Por um lado procura ajustar-se ao seu corpo em transformação, por outro, no intuito de querer autoafirmar-se, contesta o seu amadurecimento intelectual

rejeitando as normas sociais, considerando ser tratado conforme as situações como uma criança irresponsável ou recriminado, por adotar comportamentos de adulto (Krug et. al., 2002).

A família, também a sofrer constantes mudanças e ajustamentos, debate-se para manter a função de educativa com base em normas e rotinas de afeto, sociais e protetoras. Procura gerir o afastamento do Adolescente que tem necessidade do grupo de pares, da sua independência, de correr riscos e de violar normas para se sentir adulto e a sua aproximação na busca de proteção, disponibilidade e afeto (Collins & Sprinthall, 2008).

Na nossa perspetiva a relação parental e o contexto familiar são fatores primordiais que contribuem para a identidade social do Adolescente, que o orientam e guiam no seu percurso, tornando-se assim de extrema importância o seu estudo.

A literatura consultada aponta o relacionamento parental, como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias particularmente no que respeita às relações que os pais sustentam com os seus filhos. O ajustamento conjugal, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos utilizados pelo casal, influenciam a segurança emocional dos filhos.

A ausência de apoio social, no qual incluímos necessariamente a família, a escola e o grupo de pares, pode provocar nalgumas situações a adoção de Comportamentos Hostis, que quando isolados e de menor gravidade são inócuos mas, tornando-se repetidos e tendencialmente mais graves lograrão acarretar consequências nefastas roçando a criminalidade (Marty, 2006).

Algumas pesquisas realizadas pela comunidade científica procuram ilustrar a transmissão de comportamentos saudáveis entre gerações. Esta hipótese de continuidade sugere, que a maioria dos filhos agressivos numa geração propende a perpetuar essa agressividade nos filhos da geração seguinte, apontando-se como base para esta continuidade alguns fatores, genéticos, ambientais ou sociais. Claro que é extremamente difícil comprovar tais pressupostos, uma vez que os comportamentos hostis inclinam-se a ser estabelecidos durante a Infância e a Adolescência nas duas gerações.

Os comportamentos evidenciados nos adolescentes têm sido descritos como uma variedade de respostas de incumprimento de regras sociais e de problemas de conduta, incluindo agressão física e verbal, roubo, mentira, rebeldia, delinquência, crueldade física e atos criminosos (Jackson, Bijstra, Oostra & Bosma, 1998).

As evidências constituem um ponto de partida para compreendermos como as ações, pensamentos e emoções contidos nos comportamentos de externalização se encontram interrelacionados ao longo do ciclo de vida. Os adolescentes que apresentaram índices elevados de comportamento de externalização no início da vida encontram-se mais

propensos a intensificar as mentiras, altercações, lutas e prática de crueldades com animais, vandalismo, comportamentos agressivos e criminosos na idade adulta (Hann & Borek, 2001).

Por outro lado, os resultados para a maioria dos estudos efetuados indicam que as práticas parentais de jovens pais com os seus filhos podem ser previstas tendo em consideração as suas vivências enquanto filhos. Alguns autores afirmam que parte da explicação para os comportamentos dos pais estão relacionadas com as suas experiências enquanto crianças.

A este propósito Edens, Cavell e Hughes (1999), referem que as relações entre filhos com problemas de comportamento e seus progenitores são caracterizadas, na sua maioria, por práticas parentais como coerção, disciplina inconsistente, grande hostilidade, indiferença, negatividade, restrição emocional, pouca afetividade e apoio, punição e parentalidade abusiva. Esses progenitores têm sido descritos como disciplinadores inadequados e inconsistentes por serem em determinados casos, rudes e punitivos e noutras situações, totalmente permissivos. Tais paradoxos levam à promoção do comportamento anti-social das crianças, sem intenção, usando além de condutas disciplinares inadequadas, expressões de raiva.

Uma conclusão plausível que se pode retirar é que comportamentos de parentalidade e hostilidade parecem influenciar-se reciprocamente. Com efeito, entre gerações a hostilidade nos adolescentes é muitas vezes seguida de uma parentalidade promotora de hostilidade que por sua vez, aparenta contribuir para a agressividade, entre outros comportamentos, nos filhos. Como referem Krug et. al., (2002) o comportamento dos pais e o ambiente familiar envolvente são um dos fatores primordiais para o desenvolvimento dos Comportamentos Hostis em adolescentes, tornando-se assim não só um problema familiar mas um problema social.

É referido por Braz, Dessem e Silva (2005) que os progenitores que mantêm relações conjugais estáveis, interações emocionais positivas e satisfatórias com os seus filhos e que oferecem suporte mútuo, mostram mais coerência nas decisões, promovendo no seu filho um desenvolvimento mais satisfatório e assertivo a nível social e cultural, apresentando maior sensibilidade para o seu papel parental que os restantes. O mesmo não se verifica porém em famílias disfuncionais onde predominam sentimentos de desconfiança e comportamentos negativos perante os filhos.

Nesta sequência outros pormenores são ainda de realçar. Por exemplo, os filhos de casais insatisfeitos com uma relação parental negativa, tendem a apresentar com maior frequência interações negativas com os seus pares mostrando um nível de saúde baixo. Os adolescentes que expressam raiva e insatisfação tendem a interagir menos com os seus

pares e têm mais dificuldades em lidar com tais sentimentos, permanecendo em constante estado de vigilância, defesa, raiva e agressividade, para além de manifestarem outros comportamentos como irritabilidade, negativismo, ressentimento, receios e culpabilidade.

Existem evidências empíricas que suportam a teoria de que a relação parental influencia o tipo de comportamento apresentado pelo adolescente. As disfunções familiares produzem prejuízos diretos e indiretos nos filhos pertencentes a um contexto familiar caracterizado por uma relação familiar insatisfatória, prejudicando o desenvolvimento dos filhos.

4.2 - Questões e objetivos do estudo

O presente estudo sobre a **Parentalidade e Comportamentos Hostis em adolescentes**, surgiu também como resultado das nossas inquietações perante uma problemática tão atual mas ainda tão pouco analisada e estudada principalmente no que concerne aos adolescentes. Efetivamente a literatura e os diversos estudos por nós consultados têm enfatizado sobretudo os aspetos relacionados com a parentalidade em crianças, descurando os adolescentes. Foi ao procurar indagar esta vertente, que emergiram as nossas inquietações pessoais (i) Qual a prevalência dos Comportamentos Hostis em adolescentes (ii) Que variáveis sócio demográficas e de contexto familiar têm efeito significativo sobre os Comportamentos Hostis em adolescentes? (iii) Em que medida a percepção do adolescente face ao Comportamento Parental, têm influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes? (iv) Qual a influência da Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental, nos Comportamentos Hostis em adolescentes? (v) Em que medida a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental, têm influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes?

Para dar resposta às questões formuladas delineamos os seguintes objetivos: (i) Determinar a prevalência dos Comportamentos Hostis em adolescentes da amostra em estudo; (ii) Identificar as variáveis sociodemográficas e de contexto familiar que têm efeito significativo nos Comportamentos Hostis em adolescentes; (iii) Determinar a influência da Percepção dos adolescentes face ao Comportamento Parental nos Comportamentos Hostis em adolescentes; (iv) Analisar a influência da Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental nos Comportamentos Hostis em adolescentes; (v) Analisar a influência da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental nos Comportamentos Hostis em adolescentes.

Como já referenciámos, os estudos sobre esta temática em Portugal são ainda diminutos e dos que se conhecem, provavelmente estão longe de revelarem a verdadeira

dimensão do problema. Não é nossa pretensão dar resposta e encontrar soluções para uma situação tão complexa, mas será mais um contributo para melhor compreendermos as múltiplas implicações que fatores externos, como o estado civil dos pais, rendimento mensal dos pais, a perceção sobre o comportamento parental e conflito interparental e a segurança emocional face ao conflito parental e fatores internos como idade, sexo, ano de escolaridade entre outros podem influenciar os Comportamento Hostis em adolescentes.

4.3 - Tipo de estudo

Delineamos para esta pesquisa um estudo quantitativo, não-experimental, transversal, descritivo-correlacional e explicativo, com a qual procuramos estudar o modo como variáveis de contexto sócio-demográfico, familiar e de relação parental afetam os Comportamentos Hostis em adolescentes.

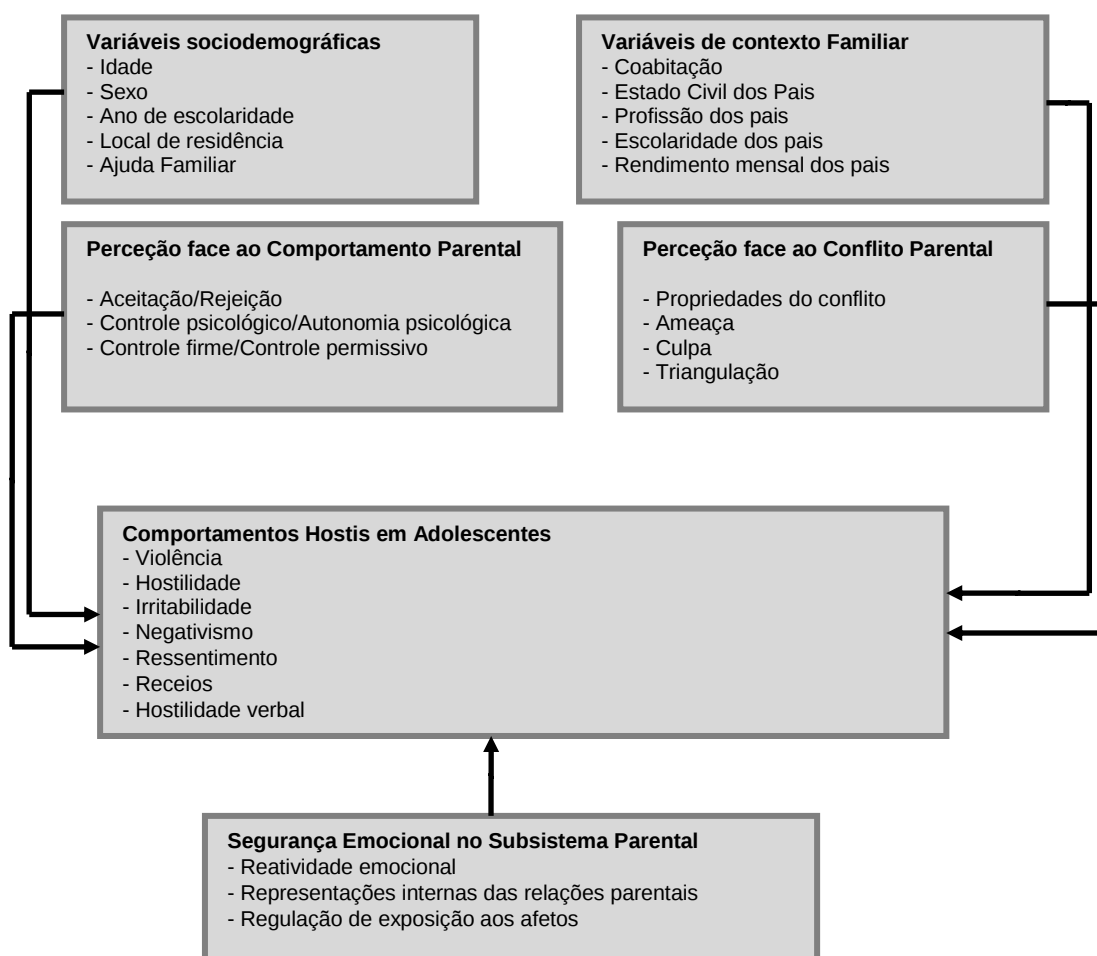
De uma forma sintética podemos afirmar que o tipo de pesquisa equacionada para esta investigação engloba as seguintes características:

- O estudo segue métodos de análise quantitativa dado que pretendemos usar a quantificação, tanto na recolha de dados quanto no tratamento das informações utilizando para o efeito técnicas estatísticas, objetivando-se os seus resultados de forma a evitar possíveis distorções de análise e interpretação e consequentemente, proporcionar uma maior margem de segurança.
- É um estudo não-experimental porque as variáveis de interesse do estudo são observadas ou mensuradas como ocorrem naturalmente isto é, não são manipuladas embora seja nossa intenção obter evidências para explicar por que ocorre um determinado fenómeno.
- Trata-se de um estudo transversal porque os dados são recolhidos num só momento no tempo numa amostra, não existindo um período de seguimento dos indivíduos para descrever ou detetar possíveis relações entre traços/variáveis (Coutinho, 2011).
- Possui as características de um *survey* descritivo uma vez que tem como objetivo descobrir a incidência e distribuição de determinados traços ou atributos de uma população sem os procurar explicar. Dito de outra forma, procuramos estudar o traço (variável) na amostra, para dela se inferir a descrição na população de que a amostra foi extraída (Coutinho, 2011).
- É um estudo explicativo dado que o seu propósito é respondermos às causas dos eventos, sucessos e fenómenos físicos e sociais, ou seja, o seu

interesse centra-se em explicarmos a relação entre uma boa ou má Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental, com a Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental e Percepção do Adolescente face ao Conflito Parental e como estas variáveis influenciam os Comportamentos Hostis. Em suma, um *survey* explicativo tem como objetivo adicional, tentar determinar relações entre variáveis aproximando-as dos planos ex-post-facto e implica o recurso a técnicas estatísticas multivariadas.

Face ao exposto elaboramos o esquema concetual do estudo (Figura 1), que nos permite representar as interrelações das variáveis independentes (sociodemográficas e do contexto familiar, Comportamento e Conflito Parental e Segurança Emocional) com a variável dependente (Comportamentos Hostis em adolescentes).

Figura 1 – Esquema conceptual de base da relação prevista entre as variáveis



4.4 - Participantes

Recorreremos a uma amostra não probabilística intencional por conveniência, constituída por 1890 adolescentes que frequentavam o 10º, 11º e 12º ano de escolaridade e Curso Profissional no ano letivo de 2009/2010 em escolas secundárias da cidade de Viseu, com idades compreendidas entre os 14 e 19 anos de idade de um total de 2719 estudantes. Participaram no estudo 69,51% da totalidade da população o que nos permite afirmar que a margem de erro para um intervalo de confiança de 95% é de 1,24%.

Dois objetivos concentram-se na escolha deste tipo de amostra. O primeiro prende-se com o facto de os adolescentes apresentarem um estádio de desenvolvimento psicológico e conhecimento das diversas normas de etiqueta social necessárias para efetuarem a sua própria avaliação referente às diversas atitudes dos seus progenitores. O segundo relaciona-se com o facto de podermos dispor com maior facilidade dos sujeitos para o estudo, dado que em cada escola possuíamos observadores por nós devidamente preparados e que colaboraram na aplicação e recolha dos questionários.

Como critérios de exclusão para a escolha da referida amostra consideramos (i) o estudante possuir uma idade superior a 19 anos; (ii) não frequentar o 10º., 11º. e 12º. Ano de escolaridade e Curso Profissional; (iii) não aceitar participar no estudo.

4.4.1 - Caracterização da amostra

Idade e sexo

As estatísticas da idade revelam para a totalidade da amostra uma idade mínima de 14 anos e uma máxima de 19 anos com uma média de 16,26 anos ($Dp=\pm 1,02$), a que corresponde um coeficiente de variação de 6,43% sugestivo de dispersão fraca.

No sexo feminino com uma representatividade de 54,3% a idade mínima e máxima oscila entre os 14 e 19 anos o mesmo ocorrendo com o sexo masculino cuja representatividade é de 45,7%. Denota-se que os rapazes são ligeiramente mais velhos que as raparigas mas as diferenças não são significativas ($t=1,529$; $p=0,127$). Os valores de assimetria revelam curvas com enviesamentos à direita enquanto as curtoses indiciam para o sexo masculino uma curva platicurtica e para o feminino e valor global da amostra curvas leptocurticas (cf. Tabela 1). Por sua vez o teste de aderência à normalidade e Kolmogorov Smirnov assinala que a amostra não tem distribuição normal.

Tabela 1 - Estatísticas relativas à idade segundo o sexo

Sexo	N	%	Min	Max	Média	DP	CV %	SK/erro	K/erro	KS
Masculino	863	45,7	14	19	16,30	1,050	6,442	3,662	3,969	0,000
Feminino	1027	54,3	14	19	1,23	1,006	6,198	4,632	-3,151	0,000
Total	1890	100,0	14	19	16,26	1,027	6,310	5,928	-0,500	0,000

Outra leitura possível da idade é obtida quando se efetua o seu agrupamento em classes ou grupos etários. Do total da amostra o grupo mais representativo é o que apresenta idade superior ou igual a 17 anos com 40,3% e menos frequente o grupo com idade inferior ou igual a 15 anos com 26,9%. Analisando os resultados em função do sexo continua a denotar-se que com idade superior ou igual a 17 anos encontramos 41,4% dos rapazes e 30,3% das raparigas. Cerca de 3 em cada 10 rapazes e igual número de raparigas têm menos de 16 anos de idade. As diferenças entre os grupos não são estatisticamente significativas conforme resultados do teste de qui quadrado ($\chi^2=0,847$; $p=0,655$) e valores residuais.

Ano de Escolaridade

A Tabela 2 dá-nos indicações sobre o ano de escolaridade que os participantes da amostra frequentam. Como se observa, a menor percentagem de adolescentes (8,5%) frequentam o Curso profissional e o maior grupo (37,8%) o 10º. Ano, sendo de 37,5% o percentual dos rapazes e 38,0% das raparigas. Com o 11º. Ano surgem 30,3% dos adolescentes e por último com o 12º. Ano 23,4% dos adolescentes. Entre os grupos não se registam significâncias estatísticas ($\chi^2=5,320$; $p=0,150$) embora os resíduos ajustados apontem diferença para os rapazes que frequentam o Curso profissional.

Local de Residência

Como apuramos, residem na cidade 50,7% dos adolescentes, sendo que destes mais de metade da amostra são rapazes e 48,8% raparigas. A aldeia é o local onde habitam 38,8% dos participantes no estudo com maior prevalência entre as raparigas (40,2%) e por último a vila com 10,5%, dos quais destes 11,0% são raparigas. Pelo teste de qui quadrado ($\chi^2=3,306$; $p=0,119$) e resíduos ajustados as diferenças entre grupos não são estatisticamente significativas.

Acresce referir que procedemos entretanto à recodificação desta variável para tratamento estatístico posterior considerando apenas dois grupos. Os residentes em zona rural, que engloba os que habitam na vila e aldeia e os de zona urbana que comporta os residentes na cidade (cf. Tabela 2).

Coabitação

Começamos por recodificar esta variável considerando os adolescentes que coabitam com os pais (pai e mãe), apenas com o pai ou com a mãe e ainda os que coabitam com outros, englobando nestes os irmãos, avós e familiares e outros. Os resultados indicam que cerca de 8 em cada 10 adolescentes vive com os seus progenitores (pai e mãe) com valores percentuais similares entre rapazes (80,2%) e raparigas (80,4%). Para os que coabitam somente com um dos progenitores, notamos que 1,6% da amostra vive somente com o pai, enquanto 12,1% com a mãe. Estas tendências mantêm-se quando analisado os percentuais segundo o sexo. O teste de qui quadrado ($\chi^2=3,805$; $p=0,283$) e os resíduos ajustados afere que não existe significância estatística entre o sexo e a coabitação (cf. Tabela 2).

Estado Civil dos progenitores

Quanto ao estado civil dos progenitores dos adolescentes, observamos que a maioria (85,0%) é casada, seguido do grupo de pais divorciados/separados com 11,6%. Igual tendência é mantida quando analisamos os resultados em função do sexo. Apenas 0,1% da amostra informa que os pais faleceram e em 2,2% um dos progenitores é viúvo. Entre os grupos não se observam significâncias estatísticas conforme resultado do teste de qui quadrado e dos resíduos ajustados (cf. Tabela 2).

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra segundo o sexo

Idade \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Resíduos	
	N (863)	% (45,7)	N (1207)	% (54,3)	N (1890)	% (100,0)	Masc.	Fem.
Idade								
<= 15 anos	225	26,1	283	27,6	508	26,9	-0,7	0,7
16 anos	281	32,6	339	33,0	620	32,8	-0,2	0,2
>= 17 anos	357	41,4	405	39,4	762	40,3	0,9	-0,9
Ano escolaridade								
10º	324	37,5	390	38,0	714	37,8	-0,2	0,2
11º	263	30,5	309	30,1	572	30,3	0,2	-0,2
12º	190	22,0	253	24,6	443	23,4	-1,3	1,3
Curso Profissional	86	10,0	75	7,3	161	8,5	2,1	-2,1
Local residência								
Cidade	457	53,0	501	48,8	958	50,7	1,8	-1,8
Vila	85	9,8	113	11,0	198	10,5	-0,8	0,8
Aldeia	321	37,2	413	40,2	734	38,8	-1,3	1,3
Coabitação								
Pais	704	82,0	824	80,4	1528	81,1	0,9	-0,9
Pai	12	1,4	18	1,8	30	1,6	-0,6	0,6
Mãe	93	10,8	135	13,2	228	12,1	-1,6	1,6
Outros	50	5,8	48	4,7	98	5,2	1,1	-1,1
Estado civil								
Casados	735	85,2	872	84,9	1607	85,0	0,2	-0,2
Solteiros	12	1,4	7	0,7	19	1,0	1,5	-1,5
Divorciados/Separados	94	10,9	126	12,3	220	11,6	-0,9	0,9
Viúvos (as)	20	2,3	22	2,1	42	2,2	0,3	-0,3
Ambos Faleceram	2	0,2	-	0,0	2	0,1	Não aplicável	

Profissão dos progenitores

Ainda inserta na caracterização sociodemográfica da amostra figuram as profissões dos progenitores cujos resultados se apresentam na Tabela 3. Utilizamos como referência para a sua classificação uma adaptação da lista nacional das profissões o que possibilitou a constituição de quatro grupos. De notar a omissão de resposta no caso do pai (4,2%) e mãe (2,4%). Quanto à profissão do pai a maior percentagem situa-se no grupo 4 (35,1%), secundados pelos pertencentes ao grupo 3. As diferenças entre grupos são estatisticamente significativas ($\chi^2=1,274$; $p=0,004$) que se situam nos pais dos adolescentes do sexo masculino que exercem a profissão pertencentes ao grupo 1 e dos pais dos adolescentes do sexo feminino que exercem a profissão pertencentes ao grupo 4.

No que respeita à profissão da mãe também é notório que metade da amostra tem uma profissão inserida no grupo 4 com percentuais próximos para as mães dos adolescentes do sexo masculino e feminino. Regista-se ainda o percentual acima de 25,0% das que exercem uma profissão inserida no grupo 1, todavia as diferenças entre grupos ($\chi^2=7,200$; $p=0,066$) não se revelam estatisticamente significativas.

Tabela 3 - Profissão dos progenitores dos adolescentes

Profissão \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Resíduos	
	N	%	N	%	N	%	Masc	Fem
Pai								
1	218	26,5	202	20,5	420	23,2	3,0	-3,0
2	133	16,2	146	14,8	279	15,4	0,8	-0,8
3	213	25,9	263	26,6	476	26,3	-0,4	0,4
4	259	31,5	376	38,1	635	35,1	-2,9	2,9
Total	823	100,0	987	100,0	1810	100,0	-	-
Mãe								
1	236	28,3	232	22,9	468	25,4	2,6	-2,6
2	61	8,5	98	9,7	169	9,2	-0,9	0,9
3	120	14,4	149	14,7	269	14,6	-0,2	0,2
4	407	48,8	532	52,6	939	50,9	-1,6	1,6
Total	834	100,0	1011	100,0	1845	100,0	-	-

Legenda:

Profissão pai e mãe

1 - (Intelectual) Diretores de bancos, técnicos, licenciados, títulos universitários

2 - (Gestor) Chefes administrativos ou de grandes empresas e comerciantes

3 - (Técnico) Motoristas, polícias, cozinheiros, oficiais de primeira, encarregados

4 - (Operacional) Jornaleiros, mandaretas, ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza e outros (trabalhadores manuais ou operários não especializados)

Habilitações Literárias dos progenitores

Reportando-nos ao grau de escolaridade dos progenitores a Tabela 4, indica-nos que o segundo ciclo com 34,2% para Pai e percentagem semelhante para Mãe (32,5%) é o que mais prevalece. O ensino secundário surge com percentagens razoáveis para ambos os progenitores (25,5% vs. 23,1%) pai e mãe respetivamente, o mesmo ocorrendo em relação aos que possuem o ensino superior (21,2% vs. 26,8%). Em suma, apuramos que o nível de literacia pode considerar-se bom para a amostra em estudo, já que cerca de metade dos progenitores dos participantes possuem entre o ensino secundário e o superior como habilitações literárias, sendo que as diferenças não são estatisticamente significativas ($\chi^2=7,429$; $p=0,059$) para o Pai e para a Mãe ($\chi^2=4,755$; $p=0,191$).

Tabela 4 - Habilitações literárias dos progenitores segundo o sexo

Sexo Habilit. literárias pais	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Total		Resíduos	
	N 848	% 100,0	N 1015	% 100,0	N 1863	% 100,0	Masc	Fem
Pai								
Até 1º Ciclo	151	18,1	198	19,9	349	19,0	-1,0	1,0
2º Ciclo	276	33,0	351	35,2	627	34,2	-1,0	1,0
Ensino Secundário	208	24,9	260	26,1	468	25,5	-0,6	0,6
Curso Superior	201	24,0	188	18,9	389	21,2	2,7	-2,7
Mãe								
Até 1º Ciclo	143	16,9	185	18,2	328	17,6	-0,8	0,8
2º Ciclo	270	31,8	335	33,0	605	32,5	-0,5	0,5
Ensino Secundário	187	22,1	243	23,9	430	23,1	-1,0	1,0
Curso Superior	248	29,2	252	24,8	500	26,8	2,1	-2,1

Colaboração dos adolescentes em atividades familiares

É sabido que em zonas de características rurais os adolescentes têm por hábito ajudar os seus familiares em pequenas atividades domésticas. Questionados sobre este facto cerca de 8 em cada 10 estudantes informaram que os ajudavam em atividades. Este percentual é semelhante em ambos os sexos (80,6% vs. 81,5%) masculino e feminino respetivamente, mas as diferenças entre os grupos não são estatisticamente significativas (cf. Tabela 5).

Tabela 5 – Colaboração dos adolescentes em atividades domésticas

Sexo Atividade	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Total		Resíduos	
	N	%	N	%	N	%	Masc	Fem
Sim	696	80,6	837	81,5	1533	81,1	-0,5	0,5
Não	167	19,4	190	18,5	357	18,9	0,5	-0,5
Total	863	100,0	1027	100,0	1890	100,0	-	-

Quando questionados sobre o período do dia em que mais colaboram em atividades domésticas cerca de metade da amostra afirma que só o faz aos fins-de-semana, contribuindo para esta percentagem os 50,9% dos inquiridos do sexo masculino e os 46,2% do feminino. Todavia é notório o maior contributo das raparigas (41,5%) quando comparado com os rapazes (35,2%) que prestam colaboração à tarde depois da escola. As diferenças entre grupos não são significativas ($\chi^2=7,016$; $p=0,071$) mas os resíduos ajustados indicam a existência de diferenças para o sexo feminino e nos que colaboram em atividades à tarde (cf. Tabela 6).

Tabela 6 - Período do dia que colaboram nas atividades domésticas

Período actividade \ Sexo	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Total		Resíduos	
	N	%	N	%	N	%	Masc	Fem
Manhã antes escola	12	1,7	9	1,1	21	1,4	1,1	-1,1
Tarde depois escola	245	35,2	347	41,5	592	38,6	-2,5	2,5
Manhã e tarde	85	12,2	94	11,2	179	11,7	0,6	-0,6
Só fins-de-semana	354	50,9	387	46,2	741	48,3	1,8	-1,8
Total	696	100,0	837	100,0	1533	100,0	-	-

Rendimento mensal dos progenitores

Instados a pronunciarem-se sobre o rendimento familiar dos seus progenitores, a maioria dos adolescentes referem que os pais auferem um rendimento mensal médio (56,7%). Nos extremos opostos (22,6% vs. 20,6%) figuram os pais que possuem um rendimento Médio Alto/Alto e Baixo/Médio Baixo, sendo que as diferenças neste grupo são estatisticamente significativas ($\chi^2=6,083$; $p=0,048$) localizado para o sexo feminino (cf. Tabela 7).

Tabela 7 - Rendimento mensal dos progenitores segundo o sexo

Rendim. Mensal \ Sexo	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Total		Resíduos	
	N	%	N	%	N	%	Masc	Fem.
Baixo/Médio/Baixo	158	18,4	229	22,5	387	20,6	-2,1	2,1
Médio	489	57,1	576	56,5	1065	56,7	0,3	-0,3
Médio Alto/Alto	210	24,5	215	21,1	425	22,6	1,8	-1,8
Total	857	100,0	1020	100,0	1877	100,0	-	-

Em síntese:

- A amostra em estudo é constituída por 1890 adolescentes que apresentam a idade mínima de 14 anos e a máxima de 19 anos, sendo a idade média de 16,26 anos. O grupo etário mais prevalente (40,3%) situa-se nos adolescentes com idade superior aos 17 anos;

- A representatividade das raparigas (54,3%) é ligeiramente superior à dos rapazes;
- Os adolescentes na sua maioria frequentam o 10º ano de escolaridade (37,8%) com percentagens semelhantes entre rapazes e raparigas. Apenas 8,5% frequenta o ensino profissional sendo este mais prevalente entre os rapazes;
- Habitam sobretudo na cidade (50,7%) mas a percentagem dos que residem na aldeia é também significativa. Mais de três quartos da amostra coabita com os pais que na sua maioria são casados (85,0%);
- As habilitações literárias dos progenitores são semelhantes entre ambos, localizando-se em maior percentagem nos que possuem o 2º ciclo e ensino secundário, no entanto a posse de curso superior é mais evidente nas mães;
- A maioria dos estudantes considera o rendimento mensal dos pais como médio, e quer o Pai quer a Mãe exercem maioritariamente uma atividade profissional inserida no grupo 4;
- Por norma os adolescentes colaboram em atividades domésticas (81,1%) que exercem sobretudo aos fins-de-semana.

4.5 - Instrumentos de recolha de dados

Na seleção dos instrumentos de recolha de dados tivemos em consideração os objetivos do estudo e as características da amostra. Optamos por um questionário, duas escalas e dois inventários que designamos por protocolo. A ordem pela qual se apresentam obedece à seguinte disposição: Dados pessoais e de contexto familiar, Inventário de Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental (CRPBI), Escala de Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental (CPIC), Escala de Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental (SIS) e Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee (BDHI).

4.5.1 - Questionário

O questionário permitiu colher informações relevantes para a caracterização da amostra no que concerne a dados pessoais e contexto familiar.

Assim, a primeira parte é dedicada à caracterização sociodemográfica da amostra, seguindo-se a segunda parte onde se colhem dados referentes ao contexto familiar.

Parte I – Dados pessoais

Esta secção é composta por 6 questões que permitem colher informação acerca da idade, sexo, ano de escolaridade, local de residência e ajuda familiar.

Parte II – Dados de contexto Familiar

A segunda parte integra variáveis que permitem a caracterização do contexto familiar, sendo composta por questões que têm como finalidade recolher informação acerca de com quem reside o adolescente, estado civil, profissão, escolaridade e rendimento mensal dos pais.

4.5.2 – Escalas e Inventários

Concedida pelos autores das escalas e inventário as devidas autorizações, iniciou-se a avaliação de algumas das suas propriedades métricas principalmente os estudos de validade e de fiabilidade ou fidelidade. Estes dois construtos são assim as duas características que um instrumento deve ter para nos garantir a qualidade informativa dos dados (Coutinho, 2011).

Conceitos distintos mas estritamente relacionados, a validade refere-se à qualidade dos resultados de investigação no sentido de os podermos aceitar como factos indiscutíveis, isto é empiricamente verdadeiros com rigor preditivo ou consistentes com o conhecimento estabelecido, enquanto a fiabilidade nos assegura se os dados foram obtidos independentemente do contexto, do instrumento ou do investigador (Coutinho, 2011). Para Anderson e Arsenault (1999) citado pela mesma autora, a validade é o complemento da fiabilidade ao indicar até que ponto o que medimos com o nosso instrumento reflete a realidade que queremos conhecer, ou por outras palavras dizem algo sobre o grau de confiança ou de exatidão que podemos ter na informação obtida.

Há várias formas de expressar a fidelidade (fiabilidade) de um instrumento sendo as mais conhecidas a estabilidade temporal e a consistência interna ou homogeneidade dos itens. A estabilidade temporal, também entendida por fiabilidade teste-reteste, procura tal como o nome indica, averiguar sobre a estabilidade do instrumento no tempo, ou seja se o instrumento utilizado dá resultados idênticos quando administrado em dois momentos diferentes. Neste nosso estudo não considerámos relevante efetuar o teste-reteste como medida de fiabilidade, dado que não utilizamos como desenho de investigação planos do tipo pré e pós teste ou planos de séries temporais.

A consistência interna ou homogeneidade dos itens é a única medida possível de obter quando se possui um único teste que é administrado uma única vez. Esta refere-se ao

grau de uniformidade e de coerência entre as respostas dos inquiridos a cada um dos itens que compõem o instrumento. Para a sua obtenção, o coeficiente a calcular deverá ter sempre presente a média das correlações entre todos os itens ou partes e o número de itens ou partes.

Neste sentido e reportando-nos ao nosso estudo, a consistência interna ou homogeneidade dos itens foi conduzida realizando-se os seguintes passos:

(i) Determinação do poder discriminativo obtido através do coeficiente de correlação de Pearson das diversas questões com a nota global, procurando determinar o grau com que o item diferencia no mesmo sentido do teste global, dado que um item é tanto mais discriminativo quanto maior discrepância proporcionar entre dois grupos (valores mais altos e mais baixos da escala).

(ii) Determinação do coeficiente alfa de Cronbach, indicador mais aconselhado para a consistência interna de instrumentos do tipo escala de Likert ou *rating*. Em termos de procedimento o alfa de Cronbach exige uma única aplicação do teste, mas em termos matemáticos procura avaliar em que grau a variância geral dos resultados da prova se associa ao somatório da variância item a item (Coutinho, 2011). Este indicador permite avaliar a forma como os diversos itens se complementam na avaliação dos diferentes aspetos de um fator pertencentes a uma mesma subescala. Para escalas dicotómicas do tipo sim/não, errado/certo, o coeficiente mais utilizado é designado de Kuder Richardson (K_{20}), também utilizado no inventário de Hostilidade de Buss-Durkee.

(iii) Determinação do coeficiente de bipartição ou método das metades (*split-half*). Este coeficiente divide os itens de uma escala em dois grupos e examina a correlação dentro de cada grupo e entre os dois grupos isto é procura comprovar se uma das metades dos itens da escala é tão consistente a medir o constructo como a outra metade. O teste é tratado matematicamente como se de dois testes se tratasse (duas médias e dois desvios padrão) e o coeficiente de correlação de Pearson deriva do facto de possuímos dois meios testes mais curtos que o original. A fidelidade do teste é sensível ao número e questões. Este indicador procura substituir o teste-reteste que não permite controlar os acontecimentos que ocorrem entre dois momentos de aplicação do instrumento a um mesmo grupo de pessoas, tornando difícil a comparação dos resultados.

Teoricamente os valores de fidelidade podem tomar qualquer valor situado entre 0 e 1. O ideal será que o coeficiente seja o mais elevado possível embora não haja regras muito rígidas a este respeito. A partir de 0,8 a consistência interna é considerada de muito boa. Para Nunnally (1978); Stevens (1996) e Cronbach (1990), uma boa consistência interna deve exceder um *alpha* de 0,80 porém são aceitáveis valores acima de 0,60 embora Marôco (2007) refira que valores de alfa superiores a 0,5 sejam considerados aceitáveis em ciências

sociais. Já Pestana & Gageiro (2005) aponta como valores de referência >0,9 muito boa; 0,8 – 0,9 boa; 0,7 – 0,8 média; 0,6 – 0,7 razoável; 0,5 – 0,6 Má; <0,5 inaceitável.

Quanto à validade, a literatura aponta para três tipos a considerar: validade de conteúdo, também considerada validade lógica, validade de critério que por sua vez pode subordinar dois tipos a validade concorrente e a validade preditiva e finalmente a validade de conceito ou de construto.

Para Coutinho (2011), a validade de construto é a mais ampla e atual englobando as validades anteriormente referidas. A validade de construto deve acompanhar todo o processo de construção de um instrumento e não se expressar sob a simples forma de um coeficiente de correlação. A metodologia usada para a validade de conceito ou constructo é diversificada e deve comportar três abordagens distintas, a lógica, a empírica e a estatística.

Considerando que utilizamos instrumentos já aferidos e validados para a população portuguesa, decidimos para este estudo não efetuar a abordagem estatística das diferentes escalas mantendo por esse facto a estrutura fatorial dos autores que as validaram, estudando apenas algumas das propriedades psicométricas, nomeadamente os estudos de consistência interna dos itens. De referir ainda que em algumas escalas decidimos proceder à eliminação de alguns itens, sem que tal procedimento afeta-se o seu construto, por apresentarem valores correlacionais inferiores a 0,20 aumentando desta forma a consistência interna da escala.

Inventário da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental

O Inventário da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental (Children Report on Parental Behavior Inventory (CRPBI) de Schludermann e Schludermann (1988), permite obter informações do adolescente acerca das práticas parentais materna. O CRPBI original de Schaefer (1965), possuía 260 itens com 26 escalas mas do seu refinamento resultou uma versão curta proposta pelos autores citados que engloba 30 itens organizados em escala ordinal tipo Likert, com 3 proposições (não parecida, um pouco parecida, muito parecida). Este inventário avalia a relação parental em três dimensões: aceitação vs. rejeição, controlo psicológico vs. autonomia psicológica e controlo firme vs. controlo permissivo. O adolescente ao responder procura descrever o grau com que as afirmações relatam o calor e a aceitação parental, as práticas de controlo e indução da culpa e a disciplina pouco firme e inconsistente (Rodrigues, 2008).

O CRPBI é uma versão concisa da medida original. Cada uma das dimensões possui dez itens a que correspondem uma pontuação mínima de 10 e máximo de 30, sendo que pontuações mais elevadas são condizentes com uma relação parental mais adequada.

A dimensão aceitação vs. rejeição caracteriza-se por um pólo positivo que está relacionado com a partilha, a expressão de afeto e a avaliação positiva e por um pólo negativo que diz respeito ao sentimento de ignorar, negligenciar e rejeitar o Adolescente. Baseia-se na associação das mais altas cargas negativas com as perceções parentais de distanciamento do pai ou mãe. É constituída pelos itens 1,3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17 e 19.

A dimensão controlo psicológico vs. autonomia psicológica contém itens relacionados com o sentimento de posse, de proteção, a censura contínua, avaliações negativas, a indução da culpa, a rigidez de disciplina e o castigo. Para o seu cálculo é necessário ter em consideração o somatório dos itens 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18 e 20.

A dimensão controlo firme vs. controlo permissivo engloba itens relativos à disciplina, que inclui punição e rigidez num pólo e no pólo oposto extrema autonomia. Contém os itens 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30 sendo que os seis itens respeitantes ao controlo permissivo são cotados inversamente.

Os autores efetuaram o estudo da consistência interna em separado para cada uma das três dimensões, procedimento que também seguimos na avaliação psicométrica que realizamos. No estudo original os coeficientes da fidedignidade teste-reteste obtidos foram: de 0,750 0,720 e 0,650 nas dimensões aceitação vs. rejeição, controlo psicológico vs. autonomia psicológica e controlo firme vs. controlo permissivo respetivamente.

Características psicométricas do CRPBI para o presente estudo

O Quadro 1 mostra-nos as estatísticas e as correlações obtidas entre cada item e o valor global o que nos permite ter a noção de como o item se combina com o todo (valor global). Analisando os valores médios e respetivos desvios padrão dos diversos itens, verificamos que se encontram na sua quase totalidade bem centrados na medida em que numa escala de 1 a 3 o valor mínimo (média=1,22) foi obtido no item 12 “a minha mãe é uma pessoa que dá castigos maus”, podendo este tornar-se o mais problemático quando relacionado com os restantes e o máximo no item 4 (média=2,57) “a minha mãe é uma pessoa que sorri para mim muitas vezes”. Os desvios padrão indicam dispersões baixas.

Em relação aos valores de alfa de Cronbach todos os itens podem classificar-se de médias pois variam entre 0,761 no item 16 “a minha mãe é uma pessoa que me dá muitos cuidados e atenção” e 0,784 no item 14 “A minha mãe é uma pessoa que quer controlar tudo o que eu faço”. Os coeficientes de correlação item total corrigido revelam que os itens 9, 12, 14, 20 e 23 são os mais problemáticos não se revelando homogéneos face aos restantes itens. Calculado o índice de fiabilidade pelo método das metades os valores de alfa de Cronbach revelaram-se mais fracos do que o alfa para a globalidade do inventário

(0,779) uma vez que para a primeira metade se obteve um valor de 0,708 e para a segunda de 0,693.

Quadro 1 - Consistência Interna do Inventário de Percepção face ao Comportamento Parental

Nº Item	Itens	Média	Dp	R Item/total	α sem item
1	A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor depois de eu lhe falar acerca das minhas preocupações	2,31	0,702	0,444	0,765
2	A minha mãe é uma pessoa que me conta todas as coisas que fez por mim	2,18	0,718	0,440	0,765
3	A minha mãe é uma pessoa que acredita que deve haver muitas regras que têm que ser cumpridas	2,33	0,680	0,289	0,772
4	A minha mãe é uma pessoa que sorri para mim muitas vezes	2,57	0,623	0,425	0,766
5	A minha mãe é uma pessoa que diz que se eu realmente gostasse dela não fazia coisas para a preocupar	1,66	0,755	0,236	0,775
6	A minha mãe é uma pessoa que insiste que eu devo fazer as coisas exatamente como ela me diz	1,90	0,736	0,224	0,776
7	A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido	2,23	0,720	0,449	0,764
8	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me como me devo comportar	2,09	0,746	0,253	0,774
9	A minha mãe é uma pessoa que é muito dura comigo	1,43	0,605	0,037	0,783
10	A minha mãe é uma pessoa que gosta de fazer coisas comigo (ex: ver televisão)	2,29	0,713	0,388	0,767
11	A minha mãe é uma pessoa que gostava de ser capaz de me dizer o que tenho de fazer a todo o momento	1,63	0,715	0,237	0,775
12	A minha mãe é uma pessoa que dá castigos maus	1,21	0,476	0,074	0,780
13	A minha mãe é uma pessoa que me alegra quando eu estou triste	2,33	0,683	0,477	0,763
14	A minha mãe é uma pessoa que quer controlar tudo o que eu faço	1,66	0,738	0,066	0,784
15	A minha mãe é uma pessoa que tem calma comigo	2,26	0,687	0,333	0,770
16	A minha mãe é uma pessoa que me dá muitos cuidados e atenção	2,41	0,659	0,522	0,761
17	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a tentar que eu mude	1,67	0,710	0,163	0,779
18	A minha mãe é uma pessoa que me perdoa quando faço algo de errado	2,48	0,606	0,336	0,770
19	A minha mãe é uma pessoa que me faz- sentir a pessoa mais importante na via dela	2,31	0,688	0,488	0,762
20	A minha mãe é uma pessoa que só cumpre as regras quando lhe convém	1,42	0,616	0,073	0,782
21	A minha mãe é uma pessoa que me dá toda a liberdade	1,86	0,670	0,245	0,775
22	A minha mãe é uma pessoa que me mostra o amor que tem por mim	2,49	0,629	0,495	0,763
23	A minha mãe é uma pessoa que é menos minha amiga se eu não penso nas coisas à sua maneira	1,33	0,581	0,052	0,782
24	A minha mãe é uma pessoa que me deixa ir onde eu quero sem lhe pedir licença	1,44	0,623	0,136	0,779
25	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me coisas boas	2,07	0,617	0,489	0,764
26	A minha mãe é uma pessoa que evita olhar para mim quando eu desobedeço	1,32	0,564	0,163	0,778
27	A minha mãe é uma pessoa que me deixa sair à noite sempre que eu quero	1,76	0,719	0,173	0,778
28	A minha mãe é uma pessoa que é fácil de conversar com ela	2,35	0,695	0,384	0,768
29	A minha mãe é uma pessoa que se a magoei deixa de falar comigo até eu voltar a agradar-lhe	1,49	0,680	0,129	0,780
30	A minha mãe é uma pessoa que me deixa fazer tudo o que eu gosto de fazer	2,02	0,655	0,317	0,771
Coeficiente Split-half		Primeira metade = 0,708			

	Segunda metade = 0,693
Coeficiente alpha Cronbach global	0,779

Apresentamos no Quadro 2 os parâmetros de validade e de precisão das dimensões do inventário de Percepção face ao Comportamento Parental.

No que concerne à aceitação vs. rejeição obtivemos valores de alfa classificados de aceitáveis uma vez que oscilam entre os 0,525 no item 7 “A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido” e 0,629 no item 9 “A minha mãe é uma pessoa que é muito dura comigo” com um valor global para o total do inventário de 0,597 que é inferior ao obtido no estudo do inventário original.

Achamos também o índice de fiabilidade de split half (método das metades) ou coeficiente de bipartição. Este índice tende a produzir valores de fiabilidade mais baixos uma vez que tem em consideração um número mais reduzido de itens. Efetivamente os valores de split-half obtidos são inferiores ao valor global quer na primeira quer na segunda metade constituindo-se como indicadores inadmissíveis de consistência interna da subescala. Salienta-se ainda que os itens 1 e 7 são os que estão mais correlacionados com a aceitação vs. rejeição ($r=0,497$) e os que melhor representam esta subescala e o menor é o item 17 ($r=0,113$). Contudo o que exprime maior variabilidade em relação aos restantes itens é o item 13 “a minha mãe é uma pessoa que me alegra quando eu estou triste” com 62,4% de variância explicada.

Analisando a dimensão controlo psicológico vs. autonomia psicológica em termos médios os resultados menos positivos verificam-se no item 6, sendo o que apresenta maior variabilidade de resposta o item 8 com um desvio padrão de 0,74. No respeitante à consistência interna da subescala registaram-se valores de alfa a oscilarem entre 0,502 no item 8 “A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me como me devo comportar” e 0,574 no item 20 “A minha mãe é uma pessoa que só cumpre as regras quando lhe convém” que podem classificar-se de aceitáveis. O alfa total para esta dimensão é também aceitável ($r=0,559$) mas é inferior ao do inventário original e os índices de fiabilidade de split-half são inadmissíveis ao situarem-se na primeira metade em 0,497 e na segunda em 0,411.

Observando os valores da correlação item total, os itens 12 ($r=0,065$) e 20 ($r=0,075$) são os que apresentam mais baixos coeficientes de correlação e menor variabilidade com 17,5% e 14,6% respetivamente. O item que melhor se correlaciona com os restantes é o item 16, exprimindo 43,3% da variabilidade através dos restantes itens dessa dimensão.

Quanto às estatísticas da dimensão controlo firme vs. controlo permissivo os resultados indicam que os itens têm uma pontuação média que oscila entre 1,33 no item 23

e 2,49 no item 22 e no que respeita à variabilidade de resposta denota-se homogeneidade uma vez que os desvios padrão se situam entre 0,582 e 0,719.

Os coeficientes de alpha de Cronbach obtidos nos dez itens desta dimensão que oscilaram entre 0,617 no item 21 “A minha mãe é uma pessoa que me dá toda a liberdade” e 0,705 no item 23 “A minha mãe é uma pessoa que é menos minha amiga se eu não penso nas coisas á sua maneira” apontam para uma razoável consistência interna o que não ocorre em relação ao coeficiente de bipartição de split-half já que os índices foram de ($\alpha=0,458$) para a primeira metade e ($\alpha=0,467$) para a segunda, com um coeficiente alpha global de ($\alpha=0,681$) ligeiramente superior ao obtido no inventário original.

O item que mais se correlaciona com os restantes é o item 21 ($r=0,541$) “A minha mãe é uma pessoa que me deixa fazer tudo o que eu gosto de fazer” com cerca de 41,0% da variabilidade, o que comprova a forte correlação e importância dos seus resultados para esta subescala. O item 23 ($r=0,045$) é o de menor correlação exibindo uma variância explicada de 27,5%.

Quadro 2 – Relações entre itens e dimensões do Inventário de Percepção face ao Comportamento Parental

Nº Item	Variáveis	Média	Dp	R/item	R ²	Alpha	h2
Aceitação vs. Rejeição							
1	A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor depois de eu lhe falar acerca das minhas preocupações	2,31	0,702	0,449	0,532	0,526	0,591
3	A minha mãe é uma pessoa que acredita que deve haver muitas regras que têm que ser cumpridas	2,33	0,680	0,317	0,161	0,560	0,472
5	A minha mãe é uma pessoa que diz que se eu realmente gostasse dela não fazia coisas para a preocupar	1,66	0,755	0,180	0,192	0,595	0,385
7	A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido	2,23	0,720	0,449	0,580	0,525	0,617
9	A minha mãe é uma pessoa que é muito dura comigo	1,43	0,605	0,120	0,326	0,629	0,511
11	A minha mãe é uma pessoa que gostava de ser capaz de me dizer o que tenho de fazer a todo o momento	1,63	0,715	0,140	0,284	0,603	0,493
13	A minha mãe é uma pessoa que me alegra quando eu estou triste	2,33	0,683	0,464	0,624	0,523	0,693
15	A minha mãe é uma pessoa que tem calma comigo	2,26	0,687	0,249	0,379	0,577	0,517
17	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a tentar que eu mude	1,67	0,710	0,113	0,268	0,610	0,417
19	A minha mãe é uma pessoa que me faz- sentir a pessoa mais importante na via dela	2,31	0,688	0,403	0,395	0,539	0,579
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica							
2	A minha mãe é uma pessoa que me conta todas as coisas que fez por mim	2,18	0,718	0,344	0,183	0,503	0,373
4	A minha mãe é uma pessoa que sorri para mim muitas vezes	2,57	0,630	0,263	0,414	0,528	0,570
6	A minha mãe é uma pessoa que insiste que eu devo fazer as coisas exactamente como ela me diz	1,90	0,726	0,316	0,346	0,512	0,597
8	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me como me devo comportar	2,09	0,746	0,345	0,312	0,502	0,581
10	A minha mãe é uma pessoa que gosta de fazer coisas comigo (ex: ver televisão)	2,29	0,713	0,259	0,352	0,529	0,459
12	A minha mãe é uma pessoa que dá castigos maus	1,21	0,476	0,065	0,175	0,569	0,448

14	A minha mãe é uma pessoa que quer controlar tudo o que eu faço	1,66	0,738	0,203	0,353	0,546	0,535
16	A minha mãe é uma pessoa que me dá muitos cuidados e atenção	2,41	0,659	0,359	0,433	0,502	0,597
18	A minha mãe é uma pessoa que me perdoa quando faço algo de errado	2,48	0,606	0,185	0,275	0,548	0,388
20	A minha mãe é uma pessoa que só cumpre as regras quando lhe convém	1,42	0,616	0,075	0,146	0,574	0,324
Controlo firme vs. Controlo permissivo							
21	A minha mãe é uma pessoa que me dá toda a liberdade	1,86	0,670	0,541	0,407	0,617	0,639
22	A minha mãe é uma pessoa que me mostra o amor que tem por mim	2,49	0,629	0,262	0,375	0,672	0,597
23	A minha mãe é uma pessoa que é menos minha amiga se eu não penso nas coisas à sua maneira	1,33	0,581	0,045	0,275	0,705	0,540
24	A minha mãe é uma pessoa que me deixa ir onde eu quero sem lhe pedir licença	1,44	0,623	0,462	0,352	0,635	0,592
25	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me coisas boas	2,07	0,617	0,395	0,345	0,648	0,486
26	A minha mãe é uma pessoa que evita olhar para mim quando eu desobedeço	1,32	0,563	0,219	0,237	0,678	0,512
27	A minha mãe é uma pessoa que me deixa sair à noite sempre que eu quero	1,76	0,719	0,505	0,405	0,623	0,634
28	A minha mãe é uma pessoa que é fácil de conversar com ela	2,35	0,695	0,319	0,396	0,663	0,573
29	A minha mãe é uma pessoa que se a magoei deixa de falar comigo até eu voltar a agradar-lhe	1,49	0,679	0,146	0,230	0,695	0,448
30	A minha mãe é uma pessoa que me deixa fazer tudo o que eu gosto de fazer	2,02	0,655	0,527	0,365	0,621	0,576

Em síntese, comparamos no Quadro 3 os coeficientes de alfa de Cronbach por subescalas entre o estudo atual e o original. De notar que o autor apenas utilizou as três dimensões não revelando os valores de alfa do inventário global e tão pouco utilizou o coeficiente de bipartição de split-half. Como já referimos os índices obtidos no nosso estudo são ligeiramente inferiores aos do inventário original com exceção para a dimensão controle firme vs. controle permissivo.

Quadro 3 – Comparação dos valores de alfa do estudo atual com a escala original por dimensões

Dimensões	Nº itens	Alfa de Cronbach			
		(Split-half)		Total	
		Parte 1	Parte2	Estudo Atual	Estudo Original
Aceitação vs. Rejeição	10	0,376	0,355	0,597	0,750
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	10	0,497	0,411	0,559	0,720
Controlo firme vs. Controlo permissivo	10	0,458	0,467	0,681	0,650
Perceção Face ao Comportamento Parental	30	0,708	0,693	0,779	Não aplicado

No Quadro 4, são apresentadas as correlações entre cada um dos itens com os resultados de cada uma das dimensões. Notamos que o item 20 “A minha mãe é uma pessoa que só cumpre as regras quando lhe convém” não se correlaciona com a dimensão aceitação vs. rejeição e os itens 23 e 24 apresentam correlações baixas não significativas e

negativas com a dimensão aceitação vs. rejeição, o mesmo ocorrendo com os itens 21, 24 e 27 com a dimensão controlo psicológico vs. autonomia psicológica e os itens 6, 8, 9, 14 e 17 com a dimensão controlo firme vs. controlo permissivo. Os restantes itens apresentam correlações positivas em todas as dimensões e a correlação é sempre maior comparada com o resultado da dimensão do qual o item faz parte.

Quadro 4 - Correlação dos itens com as dimensões e inventário global

Nº Item	Itens	Aceitação vs. Rejeição	Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	Controlo firme vs. Controlo permissivo	Perceção face ao comport. parental (global)
1	A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor depois de eu lhe falar acerca das minhas preocupações	0,614***	0,327***	0,263***	0,519***
2	A minha mãe é uma pessoa que me conta todas as coisas que fez por mim	0,482***	0,547***	0,187***	0,516***
3	A minha mãe é uma pessoa que acredita que deve haver muitas regras que têm que ser cumpridas	0,500***	0,436***	-0,054*	0,372***
4	A minha mãe é uma pessoa que sorri para mim muitas vezes	0,475***	0,451***	0,228***	0,493***
5	A minha mãe é uma pessoa que diz que se eu realmente gostasse dela não fazia coisas para a preocupar	0,401***	0,325***	0,053*	0,332***
6	A minha mãe é uma pessoa que insiste que eu devo fazer as coisas exactamente como ela me diz	0,289***	0,528***	-0,052*	0,318***
7	A minha mãe é uma pessoa que me faz sentir melhor quando eu estou aborrecido	0,618***	0,339***	0,262***	0,525***
8	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me como me devo comportar	0,346***	0,555***	-0,068**	0,347***
9	A minha mãe é uma pessoa que é muito dura comigo	0,175***	0,260***	-0,142***	0,119***
10	A minha mãe é uma pessoa que gosta de fazer coisas comigo (ex: ver televisão)	0,419***	0,474***	0,209***	0,469***
11	A minha mãe é uma pessoa que gostava de ser capaz de me dizer o que tenho de fazer a todo o momento	0,354***	0,389***	0,032 n.s.	0,328***
12	A minha mãe é uma pessoa que dá castigos maus	0,091***	0,223***	0,017 n.s.	0,138***
13	A minha mãe é uma pessoa que me alegra quando eu estou triste	0,622***	0,327***	0,319***	0,547***
14	A minha mãe é uma pessoa que quer controlar tudo o que eu faço	0,130***	0,433***	-0,152***	0,165***
15	A minha mãe é uma pessoa que tem calma comigo	0,443***	0,184***	0,327***	0,414***
16	A minha mãe é uma pessoa que me dá muitos cuidados e atenção	0,526***	0,543***	0,302***	0,585***
17	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a tentar que eu mude	0,327***	0,287***	-0,008 n.s.	0,256***
18	A minha mãe é uma pessoa que me perdoa quando faço algo de errado	0,335***	0,376***	0,243***	0,408***
19	A minha mãe é uma pessoa que me faz- sentir a pessoa mais importante na via dela	0,573***	0,379***	0,341***	0,557***
20	A minha mãe é uma pessoa que só cumpre as regras quando lhe convém	0,000 n.s.	0,278***	0,097***	0,156***
21	A minha mãe é uma pessoa que me dá toda a liberdade	0,074**	-0,010 n.s.	0,679***	0,330***
22	A minha mãe é uma pessoa que me mostra o amor que tem por mim	0,490***	0,367***	0,436***	0,558***

(continuação)					
Nº Item	Itens	Aceitação vs. Rejeição	Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	Controlo firme vs. Controlo permissivo	Perceção face ao comport. parental (global)
23	A minha mãe é uma pessoa que é menos minha amiga se eu não penso nas coisas á sua maneira	-0,022 n.s.	0,102***	0,221***	0,130***
24	A minha mãe é uma pessoa que me deixa ir onde eu quero sem lhe pedir licença	-0,041 n.s.	-0,079**	0,605***	0,219***
25	A minha mãe é uma pessoa que está sempre a dizer-me coisas boas	0,417***	0,360***	0,548***	0,551***
26	A minha mãe é uma pessoa que evita olhar para mim quando eu desobedeço	0,063**	0,101***	0,380***	0,237***
27	A minha mãe é uma pessoa que me deixa sair á noite sempre que eu quero	0,002 n.s.	-0,067**	0,659***	0,267***
28	A minha mãe é uma pessoa que é fácil de conversar com ela	0,779***	0,181***	0,503***	0,463***
29	A minha mãe é uma pessoa que se a magoei deixa de falar comigo até eu voltar a agradar-lhe	0,046 *	0,112***	0,346***	0,219***
30	A minha mãe é uma pessoa que me deixa fazer tudo o que eu gosto de fazer	0,137***	0,099***	0,664***	0,395***

Um contributo também importante para os estudos de validade é a matriz de correlação de Pearson entre as diferentes dimensões do inventário. Dos resultados apresentados no Quadro 5, verificamos que as correlações entre as dimensões são positivas e significativas o que significa que a maiores índices num dos fatores corresponde o aumento dos índices na dimensão com a qual se correlaciona ou seja, quanto mais elevada a pontuação mais adequada a relação. As maiores correlações verificam-se entre as dimensões e valor global, mas é de salientar o valor correlacional elevado ($r=0,701$) entre o controlo psicológico vs. autonomia psicológica com a aceitação vs. rejeição que explica 49,14% da variabilidade. O menor valor correlacional situa-se entre o controlo firme vs. controlo permissivo e controlo psicológico vs. autonomia psicológica.

Quadro 5 - Matriz de Correlação de Pearson entre dimensões do CRPBI

Dimensões	Aceitação vs. Rejeição	Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	Controlo firme vs. Controlo permissivo
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,701***	--	--
Controlo firme vs. Controlo permissivo	0,304**	0,213***	--
Perceção face ao Comportamento Parental	0,858***	0,808***	0,665***

*** $p < 0,001$

Escala da Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental (CPIC)

A escala *Children's Perception of Interparental Conflict* (CPIC) é um questionário de auto-relato desenvolvido por Grych, Seid e Fincham (1992) e pretende avaliar a perceção que as crianças e jovens têm relativamente ao conflito entre as figuras parentais. Tem por

base a teoria cognitivo-contextual de Grych e Fincham (1990) a qual procura compreender a relação entre conflito interparental e ajustamento dos filhos (Moura, Santos & Matos, 2006), que segundo os autores citados, varia em função das características do conflito, de fatores contextuais e do nível de desenvolvimento cognitivo da criança.

Inicialmente foi concebida para avaliar as percepções de crianças em idade escolar mas estudos posteriores, nomeadamente o estudo de Bickham e Fiese (1997) examinaram a adequação do CPIC para uso com adolescentes tardios, tendo concluído que a estrutura dos fatores emergentes se assemelhava à estrutura dos fatores encontrados pelos autores originais. O CPIC demonstrou boa confiabilidade e validade externa. Também o estudo de análise fatorial confirmatória de Moura, Santos e Matos (2006) que o adaptou e validou para a população portuguesa utilizando adolescentes (14-18 anos) e jovens adultos (18-25 anos), consideraram que apresenta indicadores bastante adequados.

É um instrumento constituído por quarenta e oito itens, os quais descrevem formas destrutivas do conflito interparental. No seu preenchimento o Adolescente é solicitado a responder de acordo com os pensamentos e sentimentos vivenciados quando os seus pais discutem ou se desentendem, quer seja na atualidade ou no passado. Cada item configura três possibilidades de resposta: o verdadeiro, às vezes verdadeiro e falso, correspondendo uma pontuação de zero, um e dois respetivamente. Moura, Santos e Matos (2006) no estudo realizado utilizaram uma escala ordinal tipo Likert com seis opções de resposta de um a seis, sendo que um corresponde a discordo totalmente e 6 a concordo totalmente. Anteriormente Sani (2001) tinha procedido ao estudo psicométrico da escala para a população portuguesa empregando os mesmos critérios de pontuação dos autores da escala original. É também este o nosso propósito no estudo psicométrico para a amostra em análise, por considerarmos que é a que mais se aproxima da escala original.

Os diferentes itens estão organizados em oito escalas: frequência, intensidade, resolução, conteúdo, percepção de ameaça, eficácia, culpa, e triangulação que se distribuem conforme o Quadro 6.

Quadro 6 – Distribuição dos itens por fator da escala original

Escalas	Itens
Frequência	1*, 10, 15, 19, 27*, 35
Intensidade	5, 13*, 22, 31, 36*, 38, 43
Resolução	2*, 11, 20*, 28*, 39*, 46
Conteúdo	3, 21, 29, 37
Percepção de ameaça	7, 16, 24, 33, 40, 45
Coping de Eficácia	6*, 14, 23*, 32, 44, 48
Culpa	9*, 18, 26, 41 47*
Triangulação	4, 8, 12, 17*, 25, 30*, 34, 42

Os itens 1, 2, 6, 9, 13, 17, 20, 23, 27, 28, e 30, 36, 39, 47 que se apresentam com asterisco (*) são cotados inversamente. Nesse sentido a pontuação total do CPIC varia entre 0 e 96 sendo que pontuações elevadas indicam percepção negativa ao Conflito Interparental.

Resultante de várias análises fatoriais exploratórias e confirmatórias Grych, Seid e Fincham (1992) reorganizaram as subescalas em três grandes dimensões:

- Propriedades do conflito que incluem a frequência, a intensidade e a resolução, cujas dimensões juntas avaliam a percepção do Adolescente relativamente a uma forma destrutiva de conflito parental. A frequência descreve o número de vezes que o indivíduo é exposto a discussões parentais. A exposição do filho a táticas de agressão verbal e física é descrita pela intensidade e os itens da subescala da resolução avaliam os índices de exposição do indivíduo a discussões não resolvidas bem como à raiva entre os pais.
- Ameaça engloba a percepção de ameaça e eficácia de coping. Avalia a percepção de ameaça e de medo desencadeado pelo conflito associado a um sentimento de incompetência pessoal para lidar com esse mesmo conflito. A percepção da ameaça avalia a reação e interpretação do conflito pelo indivíduo perante as repercussões que poderão advir dos conflitos parentais. Estas repercussões podem traduzir-se em sentimentos de medo e preocupação relativamente a si e aos pais.
- Culpa, contém as subescalas culpa e o conteúdo do conflito que no seu conjunto avaliam a percepção dos sujeitos em se culpabilizarem pelo conflito dos pais. Por vezes as crianças ou adolescentes, sem saber ou perceber o conteúdo das discussões entre os pais, podem desenvolver sentimentos de culpabilização. Os itens da subescala culpa demonstram a tendência para se culpar pelo conflito interparental associada ao seu grau de preocupação. Pontuações elevadas nesta escala, indicam que o indivíduo se percebe como causador do conflito dos seus pais e consequência, culpabilizar-se pela existência da situação conflituosa.

É importante referir que a organização dos itens nas várias subescalas, não coincide com a numeração apresentada pelos autores no seu artigo (Grych, Seid & Fincham, 1992), uma vez que a escala original apresentava 51 itens e foram retirados os itens 4, 12 e 18 o que levou a nova numeração, no entanto o seu conteúdo mantém-se inalterado. Por outro lado e segundo Sani (2004), a única subescala que mudou substancialmente a partir da versão publicada em 1992 foi a da Triangulação à qual foram adicionados os itens 4, 12 e 30 (estes já com nova numeração) cujo conteúdo não surgia em

nenhum item da primeira versão. É com base nesse documento original com as alterações introduzidas por Sani (2001), que realizámos o estudo métrico exploratório para a nossa amostra.

Acresce referir que na psicometria da escala realizada pelos autores, foi encontrada uma consistência interna adequada para as três subescalas com pontuações nos coeficientes alpha superiores a 0,70. Os coeficientes obtidos para as duas amostras foram de 0,90 e 0,89 na escala das propriedades do conflito 0,83 e 0,83 na ameaça e 0,78 e 0,84 na culpa.

Características psicométricas para o presente estudo

Para esta escala decidimos proceder à depuração de alguns itens que apresentavam valores inferiores a 0,20 uma vez que a sua manutenção iria contribuir para a obtenção de valores de alfa de Cronbach por item e valor global inadmissíveis. O Quadro 7 apresenta as correlações obtidas entre cada item e o valor global e o valor de alfa de Cronbach. Os índices médios oscilam entre 0,38 no item 2 “Quando os meus pais têm uma discussão geralmente resolvem o assunto” e 1,83 no item 43 “Os meus pais empurram-se ou batem-se durante uma discussão” sendo este que revela menor variabilidade 2,6%.

Por apresentarem valores correlacionais inferiores a 0,20 conforme referido, eliminamos os itens 1, 2, 6, 13, 17, 20, 23, 27, 28, 30, 36, 39, e 47 o que nos levou a executar uma nova correlação.

Do resultado desta nova correlação ressaltou que todos os itens apresentavam um valor superior a 0,2 oscilando estes entre os ($r=0,280$) no item 3 “Os meus pais discutem frequentemente sobre coisas que eu faço na escola” e ($r=0,606$) no item 15 “Os meus pais são muitas vezes maus um com o outro mesmo quando eu estou presente”. De notar que os valores de alfa de Cronbach (global) no primeiro momento de avaliação eram de ($\alpha=0,837$), com a eliminação dos itens mencionados passaram a ($\alpha=0,913$).

No que respeita aos valores de alfa por item também se registou uma melhoria na consistência interna já que na primeira avaliação os índices mínimos e máximos encontrados foram de ($\alpha=0,826$) no item 8 e ($\alpha=0,847$) nos itens 27 e 36. Na segunda avaliação os mesmos foram respetivamente de ($\alpha=0,909$) nos itens 5, 8, 15, 22 e 24 e de ($\alpha=0,914$) nos itens 11 e 12.

Quadro 7 - Consistência Interna da escala de Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Nº Item	Itens	Média	Dp	Todos os itens		Itens excluídos	
				r/total	α sem item	r/total	α sem item
1	Eu nunca vejo os meus pais discutindo ou discordando.	1,22	0,650	-0,049	0,841	-	-
2	Quando os meus pais têm uma discussão geralmente resolvem o assunto.	0,38	0,610	-0,160	0,843	-	-
3	Os meus pais discutem frequentemente sobre coisas que eu faço na escola.	1,50	0,675	0,354	0,832	0,280	0,913
4	Quando os meus pais discutem eu acabo por estar envolvido na discussão de alguma maneira.	1,31	0,698	0,517	0,828	0,492	0,910
5	Os meus pais ficam muito furiosos quando discutem.	1,08	0,703	0,497	0,828	0,559	0,909
6	Quando os meus pais discutem eu sou capaz de fazer alguma coisa para me sentir melhor.	0,98	0,705	0,212	0,835	-	-
7	Fico com medo quando os meus pais discutem.	1,35	0,735	0,539	0,827	0,543	0,910
8	Sinto-me no meio da discussão quando os meus pais discutem.	1,35	0,696	0,580	0,826	0,560	0,909
9	Não sou culpado pelas discussões dos meus pais.	0,60	0,699	-0,106	0,843	-	-
10	Os meus pais pensam que eu não sei, mas eu sei que eles discutem e discordam muito.	1,30	0,745	0,446	0,829	0,468	0,911
11	Mesmo depois dos meus pais pararem de discutir eles ficam zangados um com o outro.	1,12	0,698	0,432	0,830	0,514	0,914
12	Quando os meus pais discutem eu tento fazer alguma coisa para pará-los.	1,07	0,737	0,375	0,831	0,264	0,914
13	Quando os meus pais têm um desentendimento eles discutem com calma.	0,96	0,694	-0,100	0,843	-	-
14	Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.	1,07	0,729	0,371	0,831	0,388	0,912
15	Os meus pais são muitas vezes maus um com o outro mesmo quando eu estou presente.	1,47	0,716	0,537	0,827	0,606	0,909
16	Quando os meus pais discutem eu preocupo-me sobre o que me poderá acontecer.	1,10	0,759	0,476	0,829	0,470	0,911
17	Quando os meus pais têm um desacordo não me apetece ficar do lado de um deles.	1,08	0,770	-0,174	0,846	-	-
18	É geralmente por minha culpa que os meus pais discutem.	1,69	0,530	0,515	0,830	0,477	0,911
19	Frequentemente vejo ou oiço os meus pais discutindo.	1,39	0,665	0,448	0,830	0,556	0,910
20	Quando os meus pais discordam sobre alguma coisa, habitualmente arranjam uma solução.	0,57	0,646	-0,165	0,843	-	-
21	As discussões dos meus pais são geralmente sobre mim.	1,67	0,534	0,475	0,830	0,433	0,911
22	Quando os meus pais têm uma discussão eles dizem coisas más um ao outro.	1,35	0,664	0,501	0,829	0,617	0,909
23	Quando os meus pais discutem eu geralmente posso ajudar a melhorar as coisas.	1,05	0,652	0,180	0,836	-	-
24	Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mau possa acontecer.	1,26	0,711	0,554	0,827	0,585	0,909
25	A minha mãe quer que eu esteja do lado dela quando ela e o meu pai discutem.	1,54	0,649	0,461	0,830	0,469	0,911
26	Mesmo que não digam, eu sei que sou culpado quando os meus pais discutem.	1,67	0,522	0,553	0,829	0,509	0,911
27	Os meus pais raramente discutem.	0,78	0,706	-0,267	0,847	-	-
28	Quando os meus pais discutem, geralmente fazem as pazes logo a seguir.	0,74	0,683	-0,198	0,845	-	-
29	Os meus pais geralmente discutem ou discordam por causa de coisas que eu faço.	1,48	0,608	0,420	0,831	0,385	0,912
30	Eu não me meto na discussão quando os meus pais discutem.	1,15	0,692	0,056	0,839	-	-
31	Quando os meus pais têm uma discussão gritam um com o outro.	1,13	0,683	0,413	0,831	0,547	0,910
32	Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para pará-los.	1,28	0,671	0,320	0,833	0,410	0,912
33	Quando os meus pais discutem preocupo-me que um deles fique magoado.	1,06	0,811	0,304	0,833	0,332	0,913

(continuação)							
Nº Item	Itens	Média	Dp	Todos os itens		Itens excluídos	
34	Sinto que devo ficar do lado de um deles quando os meus pais têm um desacordo.	1,49	0,671	0,366	0,832	0,365	0,912
35	Os meus pais frequentemente chateiam-se e queixam-se um do outro por toda a casa.	1,50	0,676	0,396	0,831	0,507	0,910
36	Os meus pais quase nunca gritam quando têm um desentendimento.	1,02	0,748	-0,239	0,847	-	-
37	Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.	1,64	0,557	0,434	0,831	0,448	0,911
38	Os meus pais quebram ou atiram coisas durante uma discussão.	1,79	0,482	0,401	0,832	0,433	0,911
39	Quando os meus pais param de discutir, ficam amigos um do outro.	1,24	0,717	0,160	0,837	-	-
40	Quando os meus pais discutem tenho medo que eles também gritem comigo	1,45	0,665	0,457	0,830	0,493	0,910
41	Os meus pais culpam-me quando têm discussões.	1,77	0,476	0,452	0,831	0,458	0,911
42	O meu pai quer que eu esteja do lado dele quando ele e a minha mãe discutem.	1,70	0,561	0,391	0,832	0,419	0,912
43	Os meus pais empurram-se ou batem-se durante uma discussão.	1,83	0,447	0,438	0,832	0,463	0,911
44	Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para me sentir melhor.	1,38	0,643	0,367	0,832	0,438	0,911
45	Quando os meus pais discutem fico preocupado que eles possam divorciar-se.	1,41	0,727	0,430	0,830	0,507	0,910
46	Os meus pais continuam a agir mal depois de terem tido uma discussão.	1,44	0,634	0,409	0,831	0,541	0,910
47	Geralmente não é por minha culpa que os meus pais discutem.	1,39	0,758	0,142	0,837	-	-
48	Quando os meus pais discutem eles não ouvem nada do que eu digo.	1,21	0,673	0,309	0,833	0,402	0,912
Coeficiente Split-half		Primeira metade		0,777		0,876	
		Segunda metade		0,747		0,856	
Coeficiente alpha Cronbach global				0,837		0,913	

Procedemos de seguida ao estudo da análise fatorial da escala com os itens restantes usando o método de rotação varimax e valores próprios superiores a 1 mas tal como ocorreu noutras tentativas com outros autores nomeadamente Sani (2004), não encontramos consistência no agrupamento dos itens por subescalas verificando um grande volume de itens indicados pelos autores como pertencentes a uma subescala que saturavam numa outra totalmente diferente. Decidimos por isso continuar com o estudo da consistência interna analisando as subescalas tal como apresentadas no estudo original mas não incluindo os itens por nós eliminados uma vez que como referimos, consideramos por um lado que a sua eliminação não afeta o valor semântico da mesma e os restantes mantinham a sua representatividade e por outro aumenta a consistência interna da escala.

No Quadro 8 apresentamos os parâmetros de validade e de precisão das subescalas da percepção do conflito interparental.

Para as propriedades do conflito que avaliam a percepção do Adolescente relativamente à forma destrutiva de conflito interparental, obtivemos valores de alfa classificados de muito bons uma vez que oscilam entre os ($\alpha=0,847$) no item 15 “Os meus pais são muitas vezes maus um com o outro mesmo quando eu estou presente” e ($\alpha=0,867$)

no item 10 “Os meus pais pensam que eu não sei, mas eu sei que eles discutem e discordam muito” cujo valor global para o total da escala é de ($\alpha=0,866$). Os valores de split-half desceram quer na primeira quer na segunda metade mas continuam a constituir-se como bons indicadores da consistência interna da subescala. Salienta-se que o item 22 é o que está mais correlacionado com a perceção do conflito interparental ($r=0,710$) e o que exprime maior variabilidade com 54,6% em relação ao valor global.

Quanto à ameaça, os resultados menos favoráveis são encontrados no item 32 ($r=0,372$) sendo este o que apresenta menor variabilidade de resposta com 22,7%. O item 24 é o que mais se correlaciona com os resultados globais da subescala ($r=0,681$) exprimindo cerca de 54,9% da variabilidade através dos restantes itens.

Relativamente à consistência interna da subescala, obtiveram-se bons valores de alfa a oscilarem entre ($\alpha=0,786$) no item 24 “Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mau possa acontecer” e ($\alpha=0,817$) no item 32 “Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para pará-los” cujo alfa total para esta subescala é de ($\alpha=0,821$). Os valores de split-half são bastante razoáveis ($\alpha=0,758$) na primeira metade e ($\alpha=0,719$) na segunda metade.

Analisando os resultados da subescala culpa, aferimos que os coeficientes de alfa de Cronbach obtidos nos sete itens que a compõem oscilam entre ($\alpha=0,804$) no item 18 “É geralmente por minha culpa que os meus pais discutem” e ($\alpha=0,850$) no item 3 “Os meus pais discutem frequentemente sobre coisas que eu faço na escola”, o que nos indica uma boa consistência interna ocorrendo o mesmo tanto em relação ao coeficiente de split-half ($\alpha=0,803$) para a primeira metade como para o alpha global ($\alpha=0,843$) não acontecendo o mesmo para a segunda metade ($\alpha=0,692$).

O item que mais se correlaciona com os restantes é o item 18 ($r=0,718$) com cerca de 60,0% da variabilidade o que comprova a forte correlação e importância dos seus resultados para esta subescala e o que menos se correlaciona é o item 37 ($r=0,537$) com 33,2% de variabilidade.

Quanto à consistência da subescala triangulação, obtivemos valores de alfa a oscilarem entre o bastante razoável, nos seis itens que a constituem com valores do coeficiente de split-half a seguir a mesma tendência tanto na primeira como na segunda metade, bem como para o alfa global ($\alpha=0,680$). O item 34 “Sinto que devo ficar do lado de um deles quando os meus pais têm um desacordo” ($r=0,323$) é o que apresenta menor relação com os restantes exprimindo apenas 12,0% da sua variabilidade. O que traduz maior variabilidade (43,0%) e que melhor se correlaciona ($r=0,509$) é o item 8 “Sinto-me no meio da discussão quando os meus pais discutem”.

Quadro 8 – Relações entre itens e escala de Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Nº Item	Variáveis	R/item	R ²	Alpha
Propriedades do conflito				
5	Os meus pais ficam muito furiosos quando discutem.	0,595	0,414	0,852
10	Os meus pais pensam que eu não sei, mas eu sei que eles discutem e discordam muito.	0,418	0,235	0,867
11	Mesmo depois dos meus pais pararem de discutir eles ficam zangados um com o outro.	0,597	0,440	0,852
15	Os meus pais são muitas vezes maus um com o outro mesmo quando eu estou presente.	0,658	0,472	0,847
19	Frequentemente vejo ou oiço os meus pais discutindo.	0,616	0,387	0,851
22	Quando os meus pais têm uma discussão eles dizem coisas más um ao outro.	0,710	0,546	0,844
31	Quando os meus pais têm uma discussão gritam um com o outro.	0,641	0,466	0,849
36	Os meus pais frequentemente chateiam-se e queixam-se um do outro por toda a casa.	0,555	0,377	0,855
38	Os meus pais quebram ou atiram coisas durante uma discussão.	0,399	0,396	0,865
43	Os meus pais empurram-se ou batem-se durante uma discussão.	0,424	0,417	0,864
46	Os meus pais continuam a agir mal depois de terem tido uma discussão.	0,585	0,405	0,853
Ameaça				
7	Fico com medo quando os meus pais discutem.	0,578	0,445	0,796
14	Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.	0,464	0,291	0,809
16	Quando os meus pais discutem eu preocupo-me sobre o que me poderá acontecer.	0,517	0,387	0,803
24	Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mau possa acontecer.	0,681	0,549	0,786
32	Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para pará-los.	0,372	0,227	0,817
33	Quando os meus pais discutem preocupo-me que um deles fique magoado.	0,431	0,241	0,814
40	Quando os meus pais discutem tenho medo que eles também gritem comigo.	0,496	0,271	0,805
44	Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para me sentir melhor.	0,514	0,311	0,804
45	Quando os meus pais discutem fico preocupado que eles possam divorciar-se.	0,601	0,416	0,794
48	Quando os meus pais discutem eles não ouvem nada do que eu digo.	0,394	0,256	0,815
Culpa				
3	Os meus pais discutem frequentemente sobre coisas que eu faço na escola.	0,455	0,241	0,850
18	É geralmente por minha culpa que os meus pais discutem.	0,718	0,600	0,804
21	As discussões dos meus pais são geralmente sobre mim.	0,716	0,587	0,805
26	Mesmo que não digam, eu sei que sou culpado quando os meus pais discutem.	0,685	0,501	0,810
29	Os meus pais geralmente discutem ou discordam por causa de coisas que eu faço.	0,593	0,358	0,823
37	Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.	0,537	0,332	0,831
41	Os meus pais culpam-me quando têm discussões.	0,564	0,376	0,829
Triangulação				
4	Quando os meus pais discutem eu acabo por estar envolvido na discussão de alguma maneira.	0,487	0,412	0,612
8	Sinto-me no meio da discussão quando os meus pais discutem.	0,509	0,430	0,604
12	Quando os meus pais discutem eu tento fazer alguma coisa para pará-los.	0,332	0,141	0,669
25	A minha mãe quer que eu esteja do lado dela quando ela e o meu pai discutem.	0,455	0,308	0,625
34	Sinto que devo ficar do lado de um deles quando os meus pais têm um desacordo.	0,323	0,120	0,668
42	O meu pai quer que eu esteja do lado dele quando ele e a minha mãe discutem.	0,368	0,298	0,653

No Quadro 9 apresentamos em síntese o número de itens de cada subescala bem como os coeficientes de bipartição e o alfa global. Como notamos, a percepção do conflito

interparental (global) apresenta uma consistência interna muito boa, sendo boa nas restantes subescalas com exceção da triangulação que é classificada de razoável. Quanto aos coeficientes de bipartição observamos que estes oscilam entre o razoável e o bom, tanto na primeira como na segunda metade, sendo porém menores na segunda metade.

Quadro 9 – Síntese dos valores de alfa e do split-half para a escala CPIC

Subescalas	Nº itens	Alfa de Cronbach		
		(Split-half)		Estudo actual
		Parte 1	Parte2	
Propriedades do Conflito	11	0,829	0,761	0,866
Ameaça	10	0,758	0,719	0,821
Culpa	7	0,803	0,692	0,843
Triangulação	6	0,684	0,635	0,680
Perceção Conflito Interparental	34	0,876	0,856	0,913

No Quadro 10 são apresentadas as correlações entre as respostas dadas pelos participantes no estudo a cada um dos itens e o resultado em cada uma das subescalas. Assinalamos que os valores correlacionais são positivos e significativos denotando-se que a correlação é sempre maior com o resultado da subescala do qual o item faz parte.

Quadro 10 - Correlação dos itens com as subescalas CPIC

Nº Item	Itens	Pro. Conflito	Ameaça	Culpa	Triangulação
3	Os meus pais discutem frequentemente sobre coisas que eu faço na escola.	0,168***	0,109***	0,635***	0,296***
4	Quando os meus pais discutem eu acabo por estar envolvido na discussão de alguma maneira.	0,396***	0,254***	0,504***	0,685***
5	Os meus pais ficam muito furiosos quando discutem.	0,678***	0,445***	0,221***	0,408***
7	Fico com medo quando os meus pais discutem.	0,428***	0,683***	0,237***	0,397***
8	Sinto-me no meio da discussão quando os meus pais discutem.	0,435***	0,396***	0,460***	0,701***
10	Os meus pais pensam que eu não sei, mas eu sei que eles discutem e discordam muito.	0,545***	0,389***	0,269***	0,343***
11	Mesmo depois dos meus pais pararem de discutir eles ficam zangados um com o outro.	0,688***	0,391***	0,166***	0,369***
12	Quando os meus pais discutem eu tento fazer alguma coisa para pará-los.	0,205***	0,183***	0,162***	0,582***
14	Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.	0,310***	0,589***	0,170***	0,194***
15	Os meus pais são muitas vezes maus um com o outro mesmo quando eu estou presente.	0,740***	0,407***	0,324***	0,462***
16	Quando os meus pais discutem eu preocupo-me sobre o que me poderá acontecer.	0,369***	0,637***	0,197***	0,333***
18	É geralmente por minha culpa que os meus pais discutem.	0,326***	0,229***	0,803***	0,410***
19	Frequentemente vejo ou oiço os meus pais discutindo.	0,700***	0,386***	0,305***	0,368***
21	As discussões dos meus pais são geralmente sobre mim.	0,277***	0,173***	0,802***	0,412***
22	Quando os meus pais têm uma discussão eles dizem coisas más um ao outro.	0,776***	0,479***	0,231***	0,403***
(continuação)					
Nº Item	Itens	Pro. Conflito	Ameaça	Culpa	Triangulação

24	Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mau possa acontecer.	0,460***	0,763***	0,221***	0,386***
25	A minha mãe quer que eu esteja do lado dela quando ela e o meu pai discutem.	0,422***	0,312***	0,301***	0,648***
26	Mesmo que não digam, eu sei que sou culpado quando os meus pais discutem.	0,330***	0,282***	0,777***	0,476***
29	Os meus pais geralmente discutem ou discordam por causa de coisas que eu faço.	0,226***	0,206***	0,724***	0,354***
31	Quando os meus pais têm uma discussão gritam um com o outro.	0,423***	0,433***	0,175***	0,357***
32	Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para pará-los.	0,428***	0,499***	0,205***	0,170***
33	Quando os meus pais discutem preocupo-me que um deles fique magoado.	0,249***	0,575***	0,050*	0,259***
34	Sinto que devo ficar do lado de um deles quando os meus pais têm um desacordo.	0,298***	0,303***	0,216***	0,553***
35	Os meus pais frequentemente chateiam-se e queixam-se um do outro por toda a casa.	0,651***	0,372***	0,237***	0,358***
37	Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.	0,333***	0,283***	0,670***	0,332***
38	Os meus pais quebram ou atiram coisas durante uma discussão.	0,484***	0,207***	0,370***	0,322***
40	Quando os meus pais discutem tenho medo que eles também gritem comigo.	0,345***	0,605***	0,329***	0,350***
41	Os meus pais culpam-me quando têm discussões.	0,326***	0,275***	0,665***	0,383***
42	O meu pai quer que eu esteja do lado dele quando ele e a minha mãe discutem.	0,376***	0,276***	0,302***	0,554***
43	Os meus pais empurram-se ou batem-se durante uma discussão.	0,501***	0,288***	0,394***	0,352***
44	Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para me sentir melhor.	0,360***	0,617***	0,186***	0,223***
45	Quando os meus pais discutem fico preocupado que eles possam divorciar-se.	0,432***	0,701***	0,152***	0,297***
46	Os meus pais continuam a agir mal depois de terem tido uma discussão.	0,670***	0,471***	0,177***	0,345***
48	Quando os meus pais discutem eles não ouvem nada do que eu digo.	0,394***	0,519***	0,147***	0,229***

*** p < 0,001

Finalmente apresentamos no Quadro 11 os resultados da matriz de correlação de Pearson efetuada com todas as subescalas e valor global. Notamos associações positivas e significativamente correlacionadas que oscilam entre ($r=0,301$) na culpa vs. ameaça e ($r=0,606$) entre a ameaça vs. propriedades do conflito. Salienta-se que as correlações existentes entre as diferentes subescalas e a Perceção ao Conflito (global) são mais elevadas situando-se entre ($r=0,638$) com a culpa e ($r=0,868$) com as propriedades do conflito. Estes resultados sugerem que o aumento ou diminuição numa das subescalas produz efeitos em sentido direto nas restantes subescalas, isto é, a ocorrência de perceção mais negativa ao conflito.

Quadro 11 - Matriz de Correlação de Pearson entre subescalas CPIC

Subescalas	Propriedades conflito	Ameaça	Culpa	Triangulação
Ameaça	0,606***	--	--	--
Culpa	0,385**	0,301***	--	--
Triangulação	0,567***	0,460***	0,521***	--
Percepção Conflito Interparental (global)	0,868***	0,814***	0,638***	0,761***

*** p < 0,001

Escala da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental (SIS)

A escala de Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental (SIS) foi desenvolvida por Davies, Harold, Goeke-Morey e Cummings (2002), tendo por base o modelo da Segurança Emocional e pretende avaliar a Segurança Emocional da criança/adolescente face às relações parentais, mais particularmente ao Conflito parental.

A construção desta escala foi amplamente baseada nas transcrições de opiniões de crianças entrevistadas, em dados observacionais e em resultados de pesquisas anteriores sobre respostas das crianças ao conflito interparental.

Instrumentos de pesquisa já existentes e diários pessoais, também se usaram na consecução de alguns dos itens. Por exemplo, três itens da escala do SIS foram selecionados especificamente do inventário da Percepção face ao Conflito Interparental (CPIC) de Grych, Seid e Fincham (1992), depois de se fazerem pequenas alterações na redação e estrutura da frase. Um teste piloto com um pequeno grupo de crianças onde se efetuou a revisão do conteúdo dos itens possibilitou a otimização, a legibilidade e significado pretendido dos itens e o formato da escala (Davies et. al., 2002).

Inicialmente constituída por 43 itens a rotação oblíqua eliminou 6 itens por apresentarem “loadings” fatoriais inferiores a 0,30 (Davies et. al., 2002). Atualmente é constituída por 37 itens e para o seu preenchimento, os inquiridos são solicitados a assinalar a veracidade da afirmação relativamente ao último ano, numa escala com 4 posições, variando de 1 a 4 (nada verdadeiro, um pouco verdadeiro, quase verdadeiro e muito verdadeiro).

A análise fatorial exploratória realizada pelos autores da escala permitiu a estratificação de sete fatores. O primeiro e terceiro fator poderiam ser classificados como diferentes dimensões da reatividade emocional. O fator um é constituído por nove itens, e foi designado de reatividade emocional, dado que compreende indicadores que se relacionam frequentemente com expressões múltiplas prolongadas e desreguladas de afetos negativos como medo e angústia. Em contrapartida o terceiro fator, desajustamento comportamental, com três itens contém indicadores de excitação comportamental e falta de controlo.

O segundo, quarto e sexto fator, cada um com quatro itens foram classificados de

diferentes formas de representações internas das relações parentais. Os fatores dois e quatro comportam indicadores que refletem a avaliação dos adolescentes sobre as implicações que o conflito interparental tem para o bem-estar da família.

O fator dois, apelidado de representações familiares construtivas retrata as avaliações do conflito como benignas ou construtivas para a família, enquanto o fator quatro, denominado de representações familiares destrutivas, reflete as avaliações sobre as consequências nocivas do conflito. Por último o sexto fator, designado por representações consequentes do conflito, mede as crenças do filho relacionadas com os efeitos do conflito no seu bem-estar e nas relações com os pais. O quinto e sétimo fatores, com sete e seis itens respetivamente, caracterizam diferentes formas reguladoras da exposição ao afeto dos pais. O quinto fator, evitamento (fuga), contem itens que denotam estratégias de fuga ao conflito parental ou às consequências adversas e o sétimo fator que se denominou de envolvimento, avalia o empenhamento emocional e comportamental do filho no conflito.

No estudo de fidedignidade de Davies et. al. (2002), obtiveram coeficientes alpha considerados entre aceitáveis e bons na subescala de reatividade emocional, com um valor de 0,52 no desajustamento comportamental e de 0,86 na reatividade emocional. Na subescala de regulação da exposição ao conflito, em particular no evitamento, o valor de alfa foi de 0,79 e no envolvimento de 0,74. Nas representações internas, as representações consequentes dos efeitos do conflito o valor de alfa foi de 0,81 nas representações destrutivas da família de 0,76 e na representação familiar construtiva de 0,86. Os coeficientes de fidedignidade teste-reteste, obtidos com um intervalo de duas semanas entre as duas aplicações, foram superiores a 0,70 em todas as subescalas com exceção no desajustamento comportamental que foi de 0,59.

Na versão em estudo a numeração não é coincidente com a da escala original uma vez que não comporta os itens eliminados pelo autor da escala, devendo por isso reportar-se à que é apresentada a seguir no Quadro 12.

Quadro 12 – Distribuição dos Itens por subescala da escala de Segurança Emocional no Subsistema Parental

Subescalas	Itens
Reatividade emocional	1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 20
Representações familiares construtivas	28, 29, 30, 37
Desajustamento comportamental	11, 12, 16
Representações familiares destrutivas	32, 33, 34, 36
Evitamento (fuga)	9, 13, 18, 19, 22, 24, 26
Representações consequentes do conflito	17, 27, 31, 35
Envolvimento	5, 14, 15, 21, 23, 25

Em síntese, para Davies et. al. (2002), as sete subescalas podem agrupar-se conforme se segue:

1. **Reatividade emocional**
 - Reatividade emocional
 - Desajustamento comportamental
2. **Representações internas face ao conflito**
 - Representações familiares construtivas
 - Representações familiares destrutivas
 - Representações consequentes do conflito
3. **Regulação de exposição aos afetos**
 - Evitamento (fuga)
 - Envolvimento

Características psicométricas para o presente estudo

Apresentamos no Quadro 13 as estatísticas dos 37 itens, as correlações obtidas entre cada um e o valor global da escala de Segurança Emocional no Subsistema Parental. Os resultados revelam que os índices médios situados num intervalo de 1 a 4 estão bem centrados pois com exceção dos itens 9, 11, 12, 16, 31 e 35 os restantes encontram-se próximo ou acima do valor médio, oscilando entre 1,79 no item 36 “Fico a pensar que se vão separar ou divorciar” e 3,06 no item 32 “Preocupo-me com o futuro da minha família”.

Quanto aos resultados da correlação que cada item estabelece com a nota global, ressalta que todos apresentam um valor positivo, superiores a 0,2 excetuando o item 12 ($r=0,144$) “Bato, dou pontapés, dou bofetadas ou atiro coisas às pessoas da minha família”. Para os restantes itens o valor correlacional mínimo obtido foi de ($r=0,212$) no item 16 “Tento fazer palhaçadas ou causar confusão” que explica 4,4% da sua variabilidade com a pontuação global, e o máximo de ($r=0,696$) no item 20 “Não consigo parar de pensar nos problemas dos meus pais” que explica 48,4% de variabilidade.

No que respeita aos valores de alfa de Cronbach, os mesmos são indicadores de boa consistência interna porquanto todos os itens apresentam um coeficiente superior a 0,800. com um valor de alfa para a escala global de 0,898. Também os coeficientes de bipartição indicam boa consistência ao revelar um alfa para a primeira metade de 0,874 e para a segunda de 0,829.

Quadro 13 – Estatísticas e valores de alfa para Segurança Emocional no Subsistema Parental

Nº Item	Itens	Média	Dp	R Item	α cronbach
1	Sinto-me triste.	2,75	1,10	0,554	0,893
2	Sinto-me assustado.	1,94	1,01	0,573	0,893
3	Sinto-me zangado.	2,11	1,07	0,447	0,895
4	Sinto-me inseguro.	1,87	0,99	0,559	0,893
5	Sinto pena de um ou dos dois.	2,37	1,16	0,391	0,896
6	Fico com o dia todo estragado.	1,98	1,00	0,571	0,893
7	Parece que não consigo me acalmar.	1,85	0,98	0,585	0,893
8	Não consigo libertar-me dos sentimentos maus	1,91	1,02	0,600	0,893
9	Fico quieto, como se fosse uma estátua.	1,68	0,91	0,337	0,897
10	Tento esconder o que eu sinto.	1,95	1,04	0,470	0,895
11	Grito ou digo coisas desagradáveis às pessoas da minha família.	1,40	0,74	0,221	0,898
12	Bato, dou pontapés, dou bofetadas ou atiro coisas às pessoas da minha família.	1,11	0,42	0,144	0,898
13	Não sei o que fazer.	2,16	1,06	0,544	0,893
14	Tento distraí-los com outros assuntos.	2,15	1,02	0,357	0,897
15	Tento comportar-me o melhor que eu sei (ex.: fazer coisas boas para eles).	2,38	1,03	0,482	0,895
16	Tento fazer palhaçadas ou causar confusão.	1,29	0,63	0,212	0,898
17	Sinto-me apanhado no meio da discussão.	1,81	0,94	0,438	0,895
18	Tento estar muito calado.	2,10	1,03	0,376	0,896
19	Acabo por não fazer nada, apesar de querer fazer alguma coisa	2,09	0,99	0,450	0,895
20	Não consigo parar de pensar nos problemas dos meus pais.	2,13	0,99	0,696	0,891
21	Tento resolver o problema dos meus pais.	2,08	0,96	0,436	0,895
22	Tenho esperança que as coisas melhorem.	3,06	0,98	0,505	0,894
23	Tento acalmar um ou os dois.	2,55	1,08	0,447	0,895
24	Apetece-me ficar o mais longe possível deles.	1,95	1,04	0,341	0,897
25	Tento pensar que as coisas estão melhores.	2,19	0,98	0,447	0,895
26	Tento afastar-me deles.	2,02	1,07	0,367	0,896
27	Sinto que os meus pais estão preocupados comigo.	2,46	1,06	0,323	0,897
28	A família ainda consegue dar-se bem uns com os outros.	3,05	1,02	0,215	0,899
29	Sei que eles ainda se amam.	3,21	1,03	0,273	0,898
30	Sei que tudo vai ficar bem.	3,16	1,02	0,239	0,898
31	Sinto que a culpa é minha.	1,59	0,87	0,358	0,896
32	Preocupo-me com o futuro da minha família.	3,06	1,08	0,530	0,894
33	Preocupo-me com o que vão fazer em seguida.	2,70	1,10	0,617	0,892
34	Sei que é porque eles não sabem conversar um com o outro.	2,00	1,07	0,311	0,897

(continua)					
Nº Item	Itens	Média	Dp	R Item	α cronbach
35	Eu penso que eles me culpam.	1,39	0,79	0,261	0,898
36	Fico a pensar que se vão separar ou divorciar.	1,79	1,05	0,360	0,897
37	Acho que eles vão conseguir resolver os seus problemas.	3,05	1,07	0,214	0,899
Coeficiente Split-half		Primeira metade = 0,874			
		Segunda metade = 0,829			
Coeficiente alpha Cronbach global		0,898			

Na continuação do estudo da fiabilidade da escala apresentamos no Quadro 14, os parâmetros de validade e de precisão das subescalas da Segurança Emocional do Subsistema Parental

No que alude à reatividade emocional obtêm-se valores de *alfa* classificados de bons uma vez que oscilam entre $\alpha=0,876$ nos itens 7 e 8 $\alpha=0,901$ no item 10 com um valor global para o total da escala de $\alpha=0,896$, sendo este ligeiramente superior ao obtido no estudo da escala original. Os coeficientes de bipartição decaíram quer na primeira ($\alpha=0,845$) quer na segunda metade ($\alpha=0,808$) em relação ao valor global mas não deixam ainda de se constituírem como bons indicadores da consistência interna da subescala. Salienta-se que o item 8 é o que está mais correlacionado com a segurança emocional do subsistema parental ($r=0,765$) e o que exprime maior variabilidade em relação aos restantes itens com 58,5%. Em oposição o que revela menor variabilidade é o item 10 ($r=0,440$) que explica 19,3%. Pelos valores médios o que melhor representa a subescala é o item 10 e o que traduz maior dispersão ou variabilidade é o item 1.

Quanto às representações familiares construtivas, em termos médios, notamos que os mesmos estão bem centrados com médias observadas superiores às esperadas, ocorrendo também homogeneidade no que respeita à variabilidade. Em relação à consistência da subescala obtiveram-se valores de alfa a oscilarem entre ($\alpha=0,774$) no item 30 e ($\alpha=0,863$) nos itens 28 e 37 podendo classificar-se de bons, o mesmo ocorrendo para o alfa total desta subescala ao obter um valor de ($\alpha=0,853$), sendo porém ligeiramente inferior ao da escala original ($\alpha=0,86$). Os coeficientes de bipartição oscilam entre o razoável e o bom ao situarem-se na primeira metade em $\alpha=0,691$ e na segunda em $\alpha=0,805$. Pelos coeficientes de correlação item total, observamos que o que melhor se correlaciona é o item 30 ($r=0,787$) explicando 61,93% da variabilidade.

Na subescala desajustamento comportamental, pela análise dos valores médios, notamos homogeneidade nas respostas dado que entre os três itens que compõem este fator os índices médios situam-se entre 1,11 e 1,40 com dispersões a seguirem a mesma tendência, o que nos leva a afirmar que os itens se encontram bem centrados.

Os coeficientes de *alpha de Cronbach* ao oscilarem entre $\alpha=0,289$ no item 12 e $\alpha=0,506$ no item 16 indicam-nos uma fraca consistência interna, sendo o coeficiente *alpha* global ($\alpha=0,515$), semelhante ao obtido na escala original. Dado o número de itens que constituem este fator não é aplicável o método de *split-half*. Na nossa perspetiva estes resultados levam-nos a sugerir a exclusão deste fator em futuros estudos psicométricos.

Analisando a subescala representações familiares destrutivas, em termos médios o item 32 é o mais favorável e o menos favorável o item 36, com desvios padrão homogêneos para todos os itens.

Quanto à validade e consistência desta subescala encontramos valores de alfa razoáveis a balancearem-se entre ($\alpha=0,518$) no item 33 e ($\alpha=0,674$) no item 34. Os valores do coeficiente *alfa* global tendem também para o razoável ($\alpha=0,688$), mas é inferior ao obtido da escala original ($\alpha=0,76$). O coeficiente de bipartição de *split-half* revela para a primeira metade um bom coeficiente ($\alpha=0,817$) e para a segunda metade um razoável coeficiente ($\alpha=0,592$). O item 33 ($r=0,621$) é o que apresenta melhores resultados globais e o que traduz a maior variabilidade em relação aos restantes itens com 38,5%. Já o que exprime menor correlação com os restantes ($r=0,387$) e de menor variabilidade ($r=14,9\%$) é o item 15.

Reportando-nos à subescala evitamento (fuga), pelos valores médios o item que se apresenta menos homogêneo em relação aos restantes é o item 22, mas os que manifestam maior dispersão são os itens 13 e 26. Os coeficientes de correlação indicam-nos que é o item 19 ($r=0,584$) que melhor se correlaciona com os restantes explicando 34,10% da variabilidade e em oposição encontramos o item 22 ($r=0,223$) que apenas explica 4,9%. Os valores de alfa revelam-se bons ao situarem-se entre os ($\alpha=0,705$) no item 19 e os ($\alpha=0,778$) no item 22, com um alfa para a globalidade desta subescala de ($\alpha=0,758$). Os coeficientes de bipartição mostraram-se bons para a primeira metade e razoáveis para a segunda.

Os quatro itens da subescala representações consequentes ao conflito apresentam índices médios homogêneos, embora o mais problemático pareça ser o item 27. Menos homogeneidade é expressa nos coeficientes alfa que revelam valores inadmissíveis nos itens 31 e 35 e razoáveis nos itens 17 e 27, o que vai traduzir-se num alfa global de ($\alpha=0,514$) muito inferior ao da escala original que se situa em ($\alpha=0,81$). Os itens que menos se correlacionam são os 27 e 35, com igual valor correlacional ($r=0,106$), explicando 1,12% e os que mais se correlacionam são os itens 17 e 31 ($r=0,220$) com 4,8% da sua variabilidade.

Finalmente no que concerne à subescala envolvimento, os índices médios revelam homogeneidade, já que a diferença entre os itens desta subescala são residuais. Os

coeficientes alfa exprimem-se entre o razoável e o bom com o menor coeficiente no item 23 ($\alpha=0,635$) e o maior no item 5 ($\alpha=0,725$) com um alfa global de ($\alpha=0,716$), ligeiramente inferior ao da escala original que se situou em ($\alpha=0,74$). O coeficiente de split-half da primeira metade é ligeiramente inferior ao da segunda. Quanto ao coeficiente de correlação item total regista-se a maior correlação no item 23 ($r=0,577$) e a menor no item 5 ($r=0,306$) explicando 25,7% e 9,3% respetivamente.

Quadro 14 - Estatísticas e valores de alfa por subescala

Nº Item	Variáveis	Média	Dp	R Item total	α /sem item
Reatividade emocional					
1	Sinto-me triste.	2,75	1,10	0,631	0,886
2	Sinto-me assustado.	1,94	1,03	0,706	0,880
3	Sinto-me zangado.	2,11	1,07	0,586	0,890
4	Sinto-me inseguro.	1,87	0,99	0,687	0,882
6	Fico com o dia todo estragado.	1,98	1,00	0,724	0,879
7	Parece que não consigo me acalmar	1,85	0,98	0,758	0,876
8	Não consigo libertar-me dos sentimentos maus	1,91	1,02	0,765	0,876
10	Tento esconder o que eu sinto.	1,95	1,04	0,440	0,901
20	Não consigo parar de pensar nos problemas dos meus pais	2,13	0,99	0,646	0,885
Representações familiares construtivas					
28	Sei que eles ainda se amam.	3,05	1,02	0,572	0,863
29	A família ainda consegue dar-se bem uns com os outros.	3,21	1,03	0,572	0,790
30	Sei que tudo vai ficar bem.	3,16	1,02	0,572	0,774
37	Acho que eles vão conseguir resolver os seus problemas.	3,05	1,07	0,572	0,863
Desajustamento comportamental					
11	Grito ou digo coisas desagradáveis às pessoas da minha família.	1,40	0,74	0,313	0,482
12	Bato, dou pontapés, dou bofetadas ou atiro coisas às pessoas da minha família.	1,11	0,42	0,481	0,289
16	Tento fazer palhaçadas ou causar confusão.	1,29	0,63	0,276	0,506
Representações familiares destrutivas					
32	Preocupo-me com o futuro da minha família.	3,06	1,08	0,478	0,618
33	Preocupo-me com o que vão fazer em seguida.	2,70	1,10	0,621	0,518
34	Sei que é porque eles não sabem conversar um com o outro.	2,00	1,07	0,387	0,674
36	Fico a pensar que se vão separar ou divorciar.	1,79	1,05	0,406	0,662
Evitamento (fuga)					
9	Fico quieto, como se fosse uma estátua.	1,68	0,91	0,441	0,736
13	Não sei o que fazer.	2,16	1,06	0,522	0,718
18	Tento estar muito calado.	2,10	1,03	0,569	0,707
19	Acabo por não fazer nada, apesar de querer fazer alguma coisa	2,09	0,99	0,584	0,705
22	Tenho esperança que as coisas melhorem.	3,06	0,98	0,223	0,778
24	Apetece-me ficar o mais longe possível deles.	1,95	1,04	0,482	0,727
26	Tento afastar-me deles.	2,02	1,07	0,517	0,719
Representações consequentes do conflito					
17	Sinto-me apanhado no meio da discussão.	1,81	0,94	0,220	0,518

(continua)					
Nº Item	Variáveis	Média	Dp	R Item total	α /sem item
27	Sinto que os meus pais estão preocupados comigo.	2,46	1,06	0,106	0,638
31	Sinto que a culpa é minha.	1,59	0,87	0,220	0,236
35	Eu penso que eles me culpam.	1,39	0,79	0,106	0,325
Envolvimento					
5	Sinto pena de um ou dos dois.	2,37	1,16	0,306	0,725
14	Tento distraí-los com outros assuntos.	2,15	1,02	0,507	0,659
15	Tento comportar-me o melhor que eu sei (ex.: fazer coisas boas para eles).	2,38	1,03	0,509	0,658
21	Tento resolver o problema dos meus pais.	2,08	0,96	0,478	0,669
23	Tento acalmar um ou os dois.	2,55	1,08	0,577	0,635
25	Tento pensar que as coisas estão melhores.	2,19	0,98	0,337	0,708

O Quadro 15 compara os valores de alfa do estudo atual com os da escala original. Tal como fomos referindo ao longo do texto acima apresentado, os valores de alfa do estudo atual são com exceção da reatividade emocional, ligeiramente inferiores aos obtidos no estudo original. Também é possível observar os coeficientes de bipartição por subescala que oscilam entre o inadmissível e o bom.

Quadro 15 – Comparação dos valores de alfa do estudo atual com a escala original por subescalas

Subescalas	Nº itens	Alfa de Cronbach			
		(Split-half)		Total	
		Parte 1	Parte2	Estudo Actual	Estudo original
Reatividade emocional	9	0,845	0,808	0,89	0,86
Representações familiares construtivas	4	0,691	0,805	0,85	0,86
Desajustamento comportamental	3	Não aplicável		0,51	0,52
Representações familiares destrutivas	4	0,817	0,592	0,68	0,76
Evitamento (fuga)	7	0,743	0,539	0,75	0,79
Representações consequentes do conflito	4	0,033	0,791	0,51	0,81
Envolvimento	6	0,565	0,616	0,71	0,74

Inventário de Hostilidade de Buss–Durkee

Uma vez que não detínhamos a versão portuguesa do Inventário de Hostilidade de Buss–Durkee e desconhecíamos da existência de qualquer estudo nacional em que a mesma fosse utilizada, solicitamos aos seus autores a devida autorização para procedermos à sua tradução e adaptação para a língua portuguesa. Concedida a devida autorização por correio electrónico, a versão original do questionário foi sujeita ao processo de tradução para português por um “expert” em língua inglesa. Esta tradução foi seguidamente revista com o objetivo de serem detetadas eventuais discrepâncias entre a versão original e a

traduzida o que levou a serem efetuadas algumas modificações, julgadas necessárias, com especial destaque para a estrutura gramatical dos vários itens. A tradução retro tradução com a participação de um painel de três peritos garantiu a equivalência semântica e conceitual.

Uma vez obtida a versão portuguesa definitiva, iniciamos a avaliação das suas propriedades psicométricas, nomeadamente os estudos de fiabilidade.

Antes porém, convirá referir que o Inventário de Hostilidade Buss-Durkee desenvolvido pelos autores citados em 1957 foi um dos instrumentos mais utilizados nas décadas de sessenta a oitenta. Uma das principais razões para essa popularidade reside no seu carácter intencionalmente multidimensional da agressividade.

No estudo original e cuja estrutura mantemos, o inventário é composto por 75 itens num formato de “verdadeiro” ou “falso” em que cada resposta afirmativa equivale a 1 ponto e uma resposta negativa a 0 pontos. As questões agrupam-se em 8 dimensões: violência, hostilidade indireta, irritabilidade, negativismo, ressentimento, desconfiança, hostilidade verbal e culpa. Estas dimensões foram estabelecidas *à priori* e não como resultado da análise fatorial dos itens.

Este inventário foi projetado para medir diferenças individuais no traço de hostilidade a que correspondem 66 itens e culpa com 9 itens.

De uma forma geral apresentam-se as descrições das dimensões:

- Violência: mede a violência física para com os outros e a tendência em se envolver em contendas. Não inclui a violência verbal nem a destruição de objetos materiais. É composto por 10 itens (1, 9, 17, 25, 33, 41, 49, 57, 65 e 70).
- Hostilidade indireta: avalia comportamentos hostis indiretos, como bisbilhotice ou piadas e a descarga de afeto negativos para com os outros, sem centrar-se em ninguém em particular. Inclui 9 itens (2, 10, 18, 26, 34, 42, 50, 58 e 75).
- Irritabilidade: mede a tendência de explorar reações de afeto negativos a provocações de pequeno porte. Também inclui o constante mau humor, a exasperação e a descortesia. Comporta 11 itens (4, 11, 20, 27, 35, 44, 52, 60, 66, 71 e 73).
- Negativismo: refere-se a um comportamento generalizado de oposição para com a autoridade. Implica a rejeição de cooperação, quer sob a forma de incumprimento passivo ou manifesta rebelião às convenções ou regras. Possui 5 itens (3, 12, 19, 28 e 36).
- Ressentimento: avalia a inveja e ódio de outros. Inclui sentimentos de ira

para com o mundo com base em maus tratos reais ou imaginários. É medido por 8 itens (5, 13, 21, 29, 37, 45, 53 e 61).

- Receio: também chamado de suspeição ou suspeita. Pode variar de mera desconfiança ou cautela ante as pessoas, até à crença de que os outros são desprezíveis ou planeiam o mal. É constituído por 10 itens (6, 14, 22, 30, 38, 46, 54, 62, 67 e 72).
- Hostilidade verbal: refere-se à expressão do afeto negativo através da fala, tanto no conteúdo como no estilo. O estilo inclui comportamentos como chorar e gritar e o conteúdo pode incluir ameaças, insultos e hipercriticismo. A sua avaliação faz-se através de 13 itens (7, 15, 23, 31, 39, 43, 47, 51, 55, 59, 63, 68 e 74).
- Culpa: diz respeito a sentimentos de maldade, procedimento e culpas de consciência. A categoria culpa foi incluída por Buss-Durkee no questionário para observar a influência inibidora que tem sobre os tipos diferentes de agressividade. Contém 9 itens (8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64 e 69).

O inventário proporciona uma pontuação total, que é a soma de todos os itens. Para a valorização da agressividade tem maior importância a pontuação total do que as subescalas. Os pontos de corte propostos para a pontuação total e para as dimensões são:

Pontuação total: igual ou superior a 27

Violência: 3 ou mais

Hostilidade indireta: 6 ou mais

Irritabilidade: 6 ou mais

Negativismo: 6 ou mais

Ressentimento: 2 ou mais

Receios: 2 ou mais

Hostilidade verbal: 6 ou mais

Culpabilidade: não existe ponto de corte descrito.

As análises fatoriais, na adaptação espanhola realizada por Martin e Fernández-Abascal (1994) citado por Garcia León et. al. (2002), revelaram a existência de dois fatores. O fator 1 designado por hostilidade neurótica concentrou as dimensões do ressentimento e receio (desconfiança) e o fator 2 designado por hostilidade reativa ou expressiva reuniu as dimensões de violência, hostilidade indireta, irritabilidade e hostilidade verbal. Estes fatores foram considerados como independentes.

A consistência interna da versão original oscilou entre 0,57 e 0,78 e na versão espanhola em 0,86. Os resultados dos itens da hostilidade neurótica apresentaram um valor de alfa de 0,72 e da hostilidade reativa ou expressiva de 0,76. A confiabilidade temporal ou de teste reteste do BDHI foi de 0,82.

Decidimos para este estudo não efetuar a análise fatorial mantendo por esse facto a estrutura fatorial da escala original, uma vez que na nossa perspetiva o instrumento foi validado do ponto de vista do seu conteúdo.

Características psicométricas para o presente estudo

Analizando os resultados da fiabilidade, o Quadro 16 mostra-nos as estatísticas (médias e desvios padrão) e as correlações obtidas entre cada item e o valor global o que nos dá uma ideia da forma como o item se combina com o valor global. Pelos índices médios assinalamos que os itens mais problemáticos nos parecem ser o 9, 8, 15, 34, e 45, por apresentarem valores médios inferiores a 0,5. Os restantes permitem-nos afirmar que se encontram bem centrados. Já pelo alfa de Cronbach os itens são classificados de bons pois variam entre ($\alpha=0,790$) no item 12 “Os outros parecem receber sempre todas as oportunidades” e ($\alpha=0,803$) nos itens 1 “Raramente bato em alguém, mesmo que a pessoa me bata primeiro” e item 27 “Tenho sempre paciência com os outros”.

Calculado o índice de fiabilidade pelo método das metades os valores de alfa de Cronbach revelaram-se mais fracos, do que o alfa para a globalidade do inventário ($\alpha=0,797$) já que para a primeira metade se obteve um valor de ($\alpha=0,684$) e para a segunda de ($\alpha=0,797$), mas mesmo assim classificado como bons. Todavia o teste de Kuder Richardson (k_{20}), o mais adequado para a determinação da consistência interna em inventários com respostas dicotómicas, apresenta um valor de ($k_{20}=0,926$) o que pode classificar-se de muito bom.

Quadro 16 - Consistência interna do Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee

Nº Item	Itens	Média	Dp	R item total	α sem item
1	Raramente bato em alguém, mesmo que a pessoa me bata primeiro.	0,59	0,491	-0,135	0,803
2	Às vezes critico as pessoas que não aprecio.	0,79	0,409	0,146	0,796
3	Só faço alguma coisa se me pedirem de bons modos, caso contrário, não o faço.	0,54	0,499	0,193	0,795
4	Enfureço-me com facilidade mas por pouco tempo.	0,48	0,500	0,296	0,792
5	Parece que nunca recebo o que mereço.	0,36	0,479	0,300	0,792
6	Sei que as pessoas costumam falar mal de mim nas minhas costas.	0,49	0,500	0,619	0,791

7	Quando não aprovo o comportamento dos meus amigos, faço-o saber.	0,79	0,407	0,012	0,798
8	As poucas vezes que preguei uma partida, sofri remorsos insuportáveis	0,21	0,406	0,131	0,796
9	De vez em quando não consigo resistir à vontade de prejudicar os outros.	0,16	0,366	0,171	0,795
(continuação)					
Nº Item	Itens	Média	Dp	R item total	α sem item
10	Nunca me ponho tão nervoso a ponto de atirar coisas/objetos.	0,67	0,470	-0,106	0,802
11	Às vezes as pessoas incomodam-me só pelo facto de estar a meu lado.	0,34	0,472	0,253	0,793
12	Quando alguém estabelece uma regra com a qual não concordo, fico tentado a violá-la.	0,41	0,492	0,263	0,793
13	Os outros parecem receber sempre todas as oportunidades.	0,42	0,493	0,377	0,790
14	Costumo não confiar nas pessoas que são mais amigáveis do que estou à espera.	0,42	0,493	0,239	0,794
15	Frequentemente não estou de acordo com os outros.	0,24	0,430	0,231	0,794
16	Às vezes tenho pensamentos maus que me fazem sentir envergonhado.	0,31	0,464	0,299	0,792
17	Não tenho nenhuma razão para bater numa pessoa.	0,68	0,466	-0,099	0,801
18	Às vezes quando estou furioso ponho uma cara de desagrado.	0,71	0,455	0,244	0,793
19	Quando alguém é mandão, faço o oposto do que me pedem.	0,56	0,496	0,247	0,793
20	Enfado-me com mais frequência do que as pessoas pensam.	0,44	0,497	0,319	0,792
21	Não conheço ninguém a quem odeie plenamente.	0,68	0,466	-0,094	0,801
22	Há um determinado número de pessoas que aparentemente não me apreciam.	0,56	0,496	0,305	0,792
23	Não posso evitar discutir com as pessoas que não estão de acordo comigo.	0,39	0,487	0,316	0,792
24	As pessoas que não cumprem com o seu trabalho devem sentir-se muito culpáveis.	0,69	0,465	0,231	0,794
25	Se alguém me bate primeiro, reajo de igual modo.	0,59	0,491	0,203	0,794
26	Às vezes, quando estou furioso/a, bato com as portas.	0,54	0,498	0,271	0,793
27	Tenho sempre paciência com os outros.	0,58	0,494	-0,149	0,803
28	Ocasionalmente, quando estou furioso/a com alguém, deixo de lhe falar por algum tempo.	0,64	0,480	0,242	0,793
29	Quando penso no que passei, não posso deixar de sentir um leve ressentimento.	0,66	0,475	0,289	0,792
30	Há um determinado número de pessoas que parecem ter ciúmes de mim.	0,46	0,499	0,245	0,793
31	Insisto em que as pessoas respeitem os meus direitos.	0,85	0,361	0,129	0,796
32	Deprime-me pensar que não fiz mais pelos meus pais.	0,52	0,500	0,244	0,793
33	A pessoa que me insulte ou que insulte a minha família está à procura de uma discussão.	0,80	0,403	0,229	0,794
34	Nunca prego nenhuma partida às pessoas.	0,29	0,455	-0,021	0,799
35	Odeio que alguém faça troça de mim.	0,81	0,389	0,137	0,796
36	Quando as pessoas são mandonas, demoro mais a fazer as coisas só para importuná-las.	0,65	0,477	0,292	0,792

37	Quase todas as semanas vejo alguém que não aprecio.	0,59	0,492	0,290	0,792
38	Às vezes tenho a sensação que os outros se riem de mim.	0,51	0,500	0,331	0,791
39	Mesmo que tenha coragem, não uso palavras más.	0,46	0,499	-0,030	0,800
(continuação)					
Nº Item	Itens	Média	Dp	R item total	α sem item
40	Preocupo-me com que perdoem os meus pecados.	0,66	0,475	0,134	0,796
41	As pessoas que estão sempre a incomodar, estão à procura de levar um murro no nariz.	0,42	0,493	0,257	0,793
42	Às vezes ponho cara de desagrado quando as coisas não saem à minha maneira.	0,70	0,458	0,274	0,793
43	Se uma pessoa me incomoda sou capaz de lhe dizer o que penso dela.	0,76	0,425	0,182	0,795
44	Às vezes sinto-me como a pólvora, a ponto de explodir.	0,66	0,475	0,373	0,790
45	Mesmo que não dê a demonstrar, às vezes os ciúmes consomem-me.	0,53	0,499	0,341	0,791
46	A minha frase favorita é "nunca confies nos desconhecidos".	0,38	0,485	0,174	0,795
47	Quando as pessoas me gritam eu também lhes grito.	0,67	0,495	0,325	0,791
48	Faço muitas coisas que depois me dão remorsos.	0,40	0,489	0,319	0,792
49	Quando perco as estribeiras sou capaz de bater em alguém.	0,39	0,488	0,264	0,793
50	Depois dos dez anos não me voltou a dar uma birra.	0,43	0,495	-0,013	0,800
51	Quando fico furioso digo coisas desagradáveis.	0,73	0,445	0,368	0,791
52	Às vezes tenho uma atitude de "atreve-te a meter-te comigo".	0,61	0,488	0,339	0,791
53	Se as pessoas conhecessem os meus sentimentos consideravam-me uma pessoa pouco suportável.	0,24	0,430	0,241	0,794
54	Usualmente pergunto-me qual será o interesse que a pessoa tem em fazer algo para me ajudar.	0,49	0,500	0,364	0,790
55	Não podia colocar alguém no seu sítio mesmo que o merecesse.	0,41	0,493	0,188	0,795
56	O fracasso provoca-me remorsos.	0,56	0,497	0,288	0,792
57	Envolver-me em discussões tão frequentemente como as outras pessoas.	0,26	0,438	0,223	0,794
58	Recordo ter estado tão furioso que agarrei a primeira coisa que encontrei e parti-a.	0,24	0,426	0,258	0,793
59	Frequentemente faço ameaças sem intenção de as levar a cabo.	0,33	0,469	0,269	0,793
60	Não posso evitar ser um pouco mal-educado com as pessoas que não aprecio.	0,44	0,496	0,288	0,792
61	Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo.	0,63	0,482	0,345	0,791
62	Antes eu pensava que a maioria das pessoas diziam a verdade, mas agora sei que não é assim.	0,74	0,441	0,278	0,793
63	Geralmente dissimulo a má opinião que tenho sobre as outras pessoas.	0,45	0,498	0,251	0,793
64	Quando faço algo que está mal, a minha consciência castiga-me severamente.	0,61	0,487	0,202	0,794
65	Se tivesse que recorrer à violência física para defender os meus direitos, fazia-o.	0,49	0,500	0,201	0,794
66	Se alguém não me trata bem, não deixo que isso me incomode.	0,62	0,485	-0,035	0,800

67	Não tenho inimigos que realmente me queiram prejudicar.	0,68	0,468	-0,063	0,800
68	Quando estou a discutir, tenho tendência a elevar a voz.	0,72	0,450	0,244	0,794
69	Frequentemente sinto que não tenho levado uma vida correta.	0,35	0,476	0,348	0,791
(continuação)					
Nº Item	Itens	Média	Dp	R item total	α sem item
70	Conheci pessoas que me levaram a tal extremo, que fez com que nos envolvêssemos em pancada.	0,30	0,457	0,227	0,794
71	Não deixo que muitas coisas sem importância me incomodem.	0,75	0,433	-0,088	0,801
72	É raro sentir que alguém está a fazer com que me enfureça ou que me esteja a insultar.	0,61	0,488	-0,061	0,801
73	Ultimamente tenho estado de mau humor.	0,29	0,453	0,243	0,793
74	Prefiro dar o braço a torcer do que discutir por alguma coisa.	0,45	0,498	-0,032	0,800
75	Por vezes demonstro o meu aborrecimento dando pancadas na mesa.	0,25	0,435	0,230	0,794
Coeficiente de split-half		Primeira parte =0,684 Segunda parte =0,712			
Coeficiente de alpha Cronbach global		0,797			
Kudder Richardson (K20)		0,926			

Embora exista alguma evidência empírica para o uso do inventário de Buss-Durkee, são limitados os estudos que apoiam a consistência interna ou a confiabilidade teste – reteste do inventário. Por outro lado, também existem algumas fragilidades no que respeita à estrutura interna dos itens que constituem as dimensões que devem ser usadas para avaliar diferentes componentes da hostilidade. Contudo, o estudo da consistência interna desenvolvido neste estudo, aponta para valores de alfa semelhantes aos obtidos em outros estudos, pelo que decidimos continuar a examinar a consistência interna por dimensão.

Assim, analisando a dimensão violência, pelos valores médios os itens que nos parecem mais favoráveis são os itens 9 e 57 e os menos favoráveis os itens 33 e 17. Os coeficientes de alpha de Cronbach obtidos nos dez itens que oscilaram entre ($\alpha=0,598$) no item 49 “Quando perco as estribeiras sou capaz de bater em alguém” e ($\alpha=0,695$) no item 1 “Raramente bato em alguém, mesmo que a pessoa me bata primeiro”, indicam-nos uma razoável consistência interna, com um alfa total de 0,603. O maior valor de correlação situa-se no item 49 ($r=0,529$) com uma variabilidade de 27,98% e o que apresenta menor correlação é o item 1 ($r=0,245$) com uma percentagem de variância explicada de 6,0%.

Reportando-nos à hostilidade indireta, a consistência interna indica-nos valores razoáveis de alfa a oscilarem entre ($\alpha=0,568$) no item 42 “Às vezes ponho cara de desagrado quando as coisas não saem à minha maneira” com uma percentagem de variância explicada de 32,2% e ($\alpha=0,621$) no item 10 “Nunca me ponho tão nervoso a ponto de atirar coisas/objetos” com uma variabilidade de 37,2%, bem como para o alfa total ao

obter um valor de ($\alpha=0,595$). As estatísticas dos itens indicam que os mais favoráveis são os itens 58 e 75 e os menos favoráveis o 2 e 18.

Quanto à irritabilidade, em termos médios o item mais favorável é o 73 e o menos favorável é o item 35, embora os resultados indiquem que se encontram bem centrados dados os valores médios e os respetivos desvios padrão obtidos.

Os coeficientes de alpha de Cronbach dos onze itens desta dimensão que oscilaram entre ($\alpha=0,595$) no item 44 “Às vezes sinto-me como a pólvora, a ponto de explodir” e ($\alpha= 0,649$) no item 27 “Tenho sempre paciência com os outros”, com variabilidades de 35,4% e de 42,1%, indicam-nos uma razoável consistência interna, com um alfa total de ($\alpha=0,615$). O maior valor de correlação situa-se no item 73 ($r=0,995$) o que pode revelar problemas de colinearidade e o item que apresenta menor correlação é o item 20 ($r=0,046$).

No que diz respeito ao negativismo, os itens com melhores índices médios são o 3 e 12 e os de menores médias os itens 28 e 36, podendo revelar-se o mais problemático o item 28 por apresentar maior desvio padrão. O maior valor correlacional encontra-se no item 19 ($r=0,574$) a que corresponde uma variabilidade de 32,9% e o de menor correlação no item 28 ($r=0,311$) com uma variabilidade de 9,6%. Os coeficientes alpha de Cronbach obtidos nos cinco itens da dimensão oscilaram entre ($\alpha=0,672$) no item 19 “Quando alguém é mandão, faço o oposto do que me pedem” e ($\alpha=0,723$) no item 28 “Ocasionalmente, quando estou furioso/a com alguém, deixo de lhe falar por algum tempo”, indicam-nos entre razoável a boa consistência interna, sendo que o alfa global foi de 0,683.

Para a dimensão ressentimento, a melhor média diz respeito ao item 53 com 7,96 e a menor ao 21 com 7,52. Os coeficientes de alpha de Cronbach nesta dimensão variam entre ($\alpha=0,656$) no item 5 “Parece que nunca recebo o que mereço” com uma percentagem de variância explicada de 43,0% e ($\alpha=0,709$) com uma variabilidade de 50,2% no item 13 “Não conheço ninguém a quem odeie plenamente”, com um coeficiente de alpha de Cronbach global de ($\alpha= 0,647$) podendo assim inferir-se que estamos perante uma razoável consistência interna. O maior valor correlacional obtido situa-se no item 13 ($r=0,524$) e o menor é o item 21 ($r=0,019$).

Analisando a dimensão receio, podemos afirmar pelos valores médios que todos os itens se encontram bem centrados sendo que a maior se situa no item 14 com 10,39 e a menor no item 22 com 10,20. Quanto aos valores da correlação encontramos alguma discrepância uma vez que o mais elevado é de ($r=0,437$) no item 6 e o menor de ($r=0,043$) no item 67. Os coeficientes de alpha de Cronbach nesta dimensão variam entre ($\alpha=0,630$) no item 6 “Sei que as pessoas costumam falar mal de mim nas minhas costas” e ($\alpha=0,652$) no item 72 “É raro sentir que alguém está a fazer com que me enfureça ou que me esteja a

insultar” podendo considerar-se que existe uma razoável consistência interna, porquanto o coeficiente de alpha global é de ($\alpha=0,662$).

Quanto à dimensão hostilidade verbal, em termos médios o item mais favorável é o item 15 e o menos favorável é o item 31 mas uma vez mais se denota que os dados estão bem centrados, dadas as pequenas oscilações entre as médias dos diferentes itens e respetivos desvios padrão. Os coeficientes de alpha de Cronbach dos treze itens ao oscilaram entre ($\alpha= 0,614$) no item 47 “Quando as pessoas me gritam eu também lhes grito” e ($\alpha= 0,652$) no item 74 “Prefiro dar o braço a torcer do que discutir por alguma coisa” revelam também uma razoável consistência interna, classificando-se o alfa global de razoável dado o seu valor ser de ($\alpha=0,628$). Quanto à correlação item total, notamos que o maior valor correlacional se situa no item 51 ($r=0,374$) e o menor no item 74 ($r=0,017$).

Finalmente para a dimensão culpabilidade, o item com melhor índice médio é o 8 e o menor o item 24. Os valores da correlação item total apresentam valores considerados normais e os coeficientes de alpha de Cronbach obtidos nos nove itens da dimensão são razoáveis ao situarem-se nos ($\alpha=0,682$) no item 48 “Faço muitas coisas que depois dão remorsos” e ($\alpha= 0,700$) no item 24 “As pessoas que não cumprem com o seu trabalho devem sentir-se muito culpadas” sendo o alfa global de ($\alpha=0,706$) (cf. Quadro 17).

Quadro 17 – Consistência interna por dimensões do Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee

Nº Item	Dimensões	Média s/ item	Variância s/ item	R item/total	α sem item
Violência			Alfa global		0,603
1	Raramente bato em alguém, mesmo que a pessoa me bata primeiro.	8,773	13,866	-0,245	0,695
9	De vez em quando não consigo resistir à vontade de prejudicar os outros.	9,206	12,470	0,235	0,639
17	Não tenho nenhuma razão para bater numa pessoa.	8,683	13,494	-0,146	0,682
25	Se alguém me bate primeiro, reajo de igual modo.	8,772	11,508	0,439	0,610
33	A pessoa que me insulte ou que insulte a minha família está à procura de uma discussão.	8,569	12,241	0,287	0,633
41	As pessoas que estão sempre a incomodar, estão à procura de levar um murro no nariz.	8,947	11,245	0,521	0,599
49	Quando perco as estribeiras sou capaz de bater em alguém.	8,976	11,242	0,529	0,598
57	Envolve-me em discussões tão frequentemente como as outras pessoas.	9,107	11,989	0,340	0,626
65	Se tivesse que recorrer à violência física para defender os meus direitos, fazia-o.	8,872	11,367	0,473	0,605
70	Conheci pessoas que me levaram a tal extremo, que fez com que nos envolvêssemos em pancada.	9,068	11,609	0,447	0,611
Hostilidade Indireta			Alfa global		0,595
2	Às vezes critico as pessoas que não aprecio.	8,453	8,536	0,224	0,595
10	Nunca me ponho tão nervoso a ponto de atirar coisas/objectos.	8,570	8,857	0,057	0,621
18	Às vezes quando estou furioso ponho uma cara de desagrado.	8,533	8,105	0,358	0,573
26	Às vezes, quando estou furioso/a, bato com as portas.	8,696	8,029	0,341	0,573
34	Nunca prego nenhuma partida às pessoas.	8,948	8,747	0,106	0,613
42	Às vezes ponho cara de desagrado quando as coisas não saem à minha maneira.	8,541	8,028	0,385	0,568
50	Depois dos dez anos não me voltou a dar uma birra.	8,815	8,612	0,132	0,610
58	Recordo ter estado tão furioso que agarrei a primeira coisa que encontrei e parti-a.	9,003	8,489	0,229	0,594
75	Por vezes demonstro o meu aborrecimento dando pancadas na mesa.	8,987	8,382	0,265	0,589
Irritabilidade			Alfa global		0,615
4	Enfureço-me com facilidade mas por pouco tempo	11,543	12,494	0,359	0,598

11	Às vezes as pessoas incomodam-me só pelo facto de estar a meu lado	11,689	12,780	0,299	0,607
20	Enfado-me com mais frequência do que as pessoas pensam.	11,585	12,525	-0,046	0,599
27	Tenho sempre paciência com os outros.	11,450	13,937	0,208	0,649

(continuação)					
Nº Item	Dimensões	Média s/ item	Variância s/ item	R item/total	α sem item
35	Odeio que alguém faça troça de mim.	11,210	13,274	0,387	0,619
44	Às vezes sinto-me como a pólvora, a ponto de explodir	11,367	12,489	0,375	0,595
52	Às vezes tenho uma atitude de “atreve-te a meter-te comigo”.	11,416	12,482	0,336	0,596
60	Não posso evitar ser um pouco mal-educado com as pessoas que não aprecio.	11,586	12,584	0,125	0,601
66	Se alguém não me trata bem, não deixo que isso me incomode.	11,405	13,336	0,055	0,628
71	Não deixo que muitas coisas sem importância me incomodem.	11,275	13,650	0,237	0,635
73	Ultimamente tenho estado de mau humor.	11,738	13,034	0,985	0,615
Negativismo			Alfa global		0,731
3	Só faço alguma coisa se me pedirem de bons modos, caso contrário, não o faço.	5,064	6,795	0,421	0,702
12	Quando alguém estabelece uma regra com a qual não concordo, fico tentado a violá-la.	5,191	6,788	0,433	0,700
19	Quando alguém é mandão, faço o oposto do que me pedem.	5,039	6,447	0,574	0,672
28	Ocasionalmente, quando estou furioso/a com alguém, deixo de lhe falar por algum tempo.	4,959	7,114	0,311	0,723
36	Quando as pessoas são mandonas, demoro mais a fazer as coisas só para importuná-las.	4,949	6,608	0,532	0,682
Ressentimento			Alfa global		0,647
5	Parece que nunca recebo o que mereço	7,851	11,480	0,456	0,656
13	Os outros parecem receber sempre todas as oportunidades	7,792	11,215	0,524	0,646
21	Não conheço ninguém a quem odeie plenamente	7,528	12,909	0,019	0,709
29	Quando penso no que passei, não posso deixar de sentir um leve ressentimento.	7,551	11,670	0,398	0,663
37	Quase todas as semanas vejo alguém que não aprecio.	7,617	11,913	0,304	0,675
45	Mesmo que não dê a demonstrar, às vezes os ciúmes consomem-me.	7,682	11,487	0,429	0,658
53	Se as pessoas conhecessem os meus sentimentos consideravam-me uma pessoa pouco suportável.	7,964	12,128	0,293	0,678
61	Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo.	7,575	11,343	0,497	0,650
Receio			Alfa global		0,662
6	Sei que as pessoas costumam falar mal de mim nas minhas costas	10,277	14,133	0,437	0,630
14	Costumo não confiar nas pessoas que são mais amigáveis do que estou à espera	10,349	14,278	0,404	0,634
22	Há um determinado número de pessoas que aparentemente não me apreciam	10,205	14,209	0,420	0,632
30	Há um determinado número de pessoas que parecem ter ciúmes de mim	10,302	14,516	0,332	0,642
38	Às vezes tenho a sensação que os outros se riem de mim	10,250	14,275	0,398	0,634
46	A minha frase favorita é “nunca confies nos desconhecidos”	10,377	14,776	0,270	0,650
54	Usualmente pergunto-me qual será o interesse que a pessoa tem em fazer algo para me ajudar	10,264	14,244	0,406	0,633
62	Antes eu pensava que a maioria das pessoas diziam a verdade, mas agora sei que não é assim	10,020	14,653	0,355	0,642
67	Não tenho inimigos que realmente me queiram prejudicar	10,081	15,969	0,043	0,683
72	É raro sentir que alguém está a fazer com que me enfureça ou que me esteja a insultar.	10,148	15,556	0,061	0,673
Hostilidade verbal			Alfa global		0,628
7	Quando não aprovo o comportamento dos meus amigos, faço-o saber	13,524	16,895	0,201	0,633
15	Frequentemente não estou de acordo com os outros	14,070	16,626	0,263	0,627
23	Não posso evitar discutir com as pessoas que não estão de acordo comigo	13,929	16,169	0,339	0,618
31	Insisto em que as pessoas respeitem os meus direitos.	13,466	16,889	0,242	0,631
39	Mesmo que tenha coragem, não uso palavras más.	13,852	17,229	0,062	0,647
43	Se uma pessoa me incomoda sou capaz de lhe dizer o que penso dela.	13,551	16,578	0,282	0,626
47	Quando as pessoas me gritam eu também lhes grito.	13,743	16,011	0,373	0,614
51	Quando fico furioso digo coisas desagradáveis.	13,587	16,196	0,374	0,616
55	Não podia colocar alguém no seu sítio mesmo que o merecesse.	13,901	16,548	0,235	0,629
59	Frequentemente faço ameaças sem intenção de as levar a cabo.	13,988	16,401	0,293	0,623
63	Geralmente dissimulo a má opinião que tenho sobre as outras pessoas.	13,660	16,183	0,325	0,619
68	Quando estou a discutir, tenho tendência a elevar a voz.	13,597	16,421	0,305	0,623
74	Prefiro dar o braço a torcer do que discutir por alguma coisa.	13,864	17,417	0,017	0,652
Culpabilidade			Alfa global		0,706
8	As poucas vezes que preguei uma partida, sofri remorsos insuportáveis	8,392	16,745	0,344	0,697

16	Às vezes tenho pensamentos maus que me fazem sentir envergonhado.	8,286	16,276	0,417	0,688
24	As pessoas que não cumprem com o seu trabalho devem sentir-se muito culpáveis.	7,914	16,733	0,290	0,700

(continuação)					
Nº Item	Dimensões	Média s/ item	Variância s/ item	R item/total	α sem item
32	Deprime-me pensar que não fiz mais pelos meus pais.	8,077	16,007	0,449	0,683
40	Preocupo-me com que perdoem os meus pecados	7,942	16,292	0,400	0,689
48	Faço muitas coisas que depois dão remorsos	8,202	15,992	0,465	0,682
56	O fracasso provoca-me remorsos	8,043	16,023	0,448	0,684
64	Quando faço algo que está mal, a minha consciência castiga-me severamente	7,986	15,881	0,498	0,679
69	Frequentemente sinto que não tenho levado uma vida correta.	8,256	16,487	0,346	0,695

A matriz de correlação de Pearson entre os diversos fatores e o valor global da escala indicam-nos valores positivos e significativamente correlacionadas que oscilam entre ($r=0,054$) na violência vs. culpabilidade e ($r=0,432$) no ressentimento vs. culpabilidade.

Quanto às correlações existentes entre as diferentes dimensões e o valor global, notamos que estas são moderadamente elevadas situando-se entre ($r=0,510$) com o negativismo e ($r=0,698$) com a hostilidade verbal. Perante estes resultados inferimos que o aumento ou diminuição dos índices de hostilidade numa das subescalas se encontra associado a aumentos ou diminuições nos índices de hostilidade nas restantes dimensões (cf. Quadro 18).

Quadro 18 - Matriz de Correlação de Pearson entre dimensões do Inventário de Hostilidade de Buss–Durkee

Subescalas	Violência	Hostil. indireta	Irritabil.	Negativ.	Ressent.	Receio	Hostil. verbal	Culpabil.
Hostilidade indirecta	0,208***	--						
Irritabilidade	0,343***	0,263***	--					
Negativismo	0,306***	0,234***	0,309***	--				
Ressentimento	0,218***	0,218***	0,330***	0,206***	--			
Receio	0,144***	0,235***	0,366***	0,218***	0,409***	--		
Hostilidade verbal	0,353***	0,283***	0,393***	0,305***	0,386***	0,308***	--	
Culpabilidade	0,054*	0,256***	0,256***	0,099***	0,432***	0,371***	0,298***	--
Hostilidade (global)	0,522***	0,526***	0,670***	0,510***	0,670***	0,649***	0,698***	0,603***

Em síntese:

Os estudos psicométricos das diversas escalas e inventários apresentam, de uma forma global, bons índices de validade e fidelidade pelo que se considera a sua utilização, adequada na segunda fase da presente investigação.

4.6 - Procedimentos formais e éticos

Em todo o processo de investigação, procuramos pautar a nossa atuação com uma rigorosa conduta ética pelo que num primeiro momento, solicitamos a autorização formal aos autores dos diferentes instrumentos de recolha de dados para a sua utilização. Uma vez concedida, endereçamos o pedido de aplicação dos instrumentos de recolha de dados ao Conselho Executivo e Associação de Pais das escolas escolhidas como objeto de estudo.

Obtidas as respetivas autorizações, contactamos os Diretores de turma a quem lhes foi dado a conhecer os objetivos do estudo, as razões científicas inerentes ao mesmo e as implicações práticas que daí poderiam advir.

O momento seguinte consistiu em solicitar aos diretores de turma que nos indicasse o professor de cada uma das turmas que mais diretamente estaria implicado no processo de recolha de dados.

Com esta medida pretendíamos elaborar a calendarização do dia, hora e sala de aula, para preenchimento dos questionários por parte dos estudantes. Contactamos pessoalmente cada um destes professores e informamos que nos dias apazados estaria um colaborador por sala de aula, com o professor para esclarecer dúvidas antes e durante o preenchimento dos instrumentos de colheita de dados. Garantimos a confidencialidade e informamos que os resultados seriam apresentados aos diretores de turma, se assim o entendessem. Garantimos ainda que todo o trabalho seria desenvolvido de forma a não perturbar o normal funcionamento da escola, turma e dos alunos, sendo a participação destes, voluntária.

Já em sala de aulas e antes de iniciarmos a aplicação do instrumento de recolha de dados, demos a conhecer aos estudantes os objetivos do estudo e reforçamos a sua participação voluntária no estudo podendo desistir em qualquer momento e que pela sua participação não usufruiriam de qualquer benefício ou malefício.

Os dados foram recolhidos em três momentos e em três locais distintos, aos adolescentes do 10º., 11º. e 12º. Ano de escolaridade da Escola Secundária Alves Martins (18/12/2009), Escola Secundária Viriato (19/03/2010) e Escola Secundária Emídio Navarro (26/03/2010) que se encontravam no momento em sala de aulas.

4.7 - Procedimentos estatísticos

Uma vez recolhidos a informação, procedemos à sua depuração por forma a eliminar todos os que se encontrassem incompletos com mais de 10% de missings, ou mal preenchidos, tendo-se seguido a sua codificação e tabulação de modo a prepararmos o tratamento estatístico.

Para a análise dos dados, utilizamos a estatística descritiva e a estatística analítica ou inferencial. Com a estatística descritiva permitiu determinar as frequências absolutas e percentuais, algumas medidas de tendência central ou de localização como médias e medianas medidas dispersão ou variabilidade como amplitude de variação, coeficiente de variação e desvio padrão, medidas de forma como as medidas de assimetria e curtose e medidas de relação como a correlação de Pearson.

O coeficiente de variação é uma medida de dispersão relativa que é utilizada para estimar a precisão de experimentos e representa o desvio padrão expresso como percentagem da média devendo os resultados obtidos serem interpretados de acordo com Pestana & Gageiro (2005), do seguinte modo (cf. Quadro 19).

Quadro 19 – Classificação do grau de dispersão em função do Coeficiente de variação

Coeficiente de variação	Classificação do Grau de dispersão
0% - 15%	Dispersão baixa
16% - 30%	Dispersão moderada
> 30%	Dispersão alta

Em análises bivariada com variáveis nominais aplicamos o teste da percentagem residual (resíduos ajustados), muitas vezes em detrimento do teste de qui quadrado, dado que em muitas das variáveis em estudo o tamanho das subamostras não permite a sua utilização. Para Pestana & Gageiro (2005) o uso dos resíduos ajustados na forma standardizada torna-se mais potente que o teste de qui quadrado ao informarem sobre as células que mais se afastam da independência entre as variáveis. A interpretação dos resíduos ajustados necessita de um número mínimo de oito elementos tanto no total da linha como na coluna.

O Coeficiente de correlação de Pearson, é uma medida de associação linear usada para o estudo de variáveis quantitativas tomando valores situados entre -1 e +1. A correlação indica que os fenómenos não estão indissoluvelmente ligados, mas sim, que a intensidade de um (em média) é acompanhada tendencialmente com a intensidade do outro, no mesmo sentido ou em sentido inverso. O sinal negativo reflete uma relação inversa entre as variáveis em estudo e o positivo uma relação direta. De uma maneira geral, positiva ou negativa as correlações são consideradas altas se ($r > \pm 0,7$), médias se apresentam um valor entre ($r \pm 0,4$ e $r \pm 0,6$) e baixas se ($r < \pm 0,3$) (Coutinho, 2011).

Com a estatística inferencial usamos testes paramétricos e não paramétricos.

Para Marôco (2007), a utilização de testes paramétricos necessitam da verificação de dois pressupostos. O primeiro implica que as variáveis em estudo tenham uma

distribuição; o segundo obriga que as variâncias populacionais sejam homogêneas se estiver a comparar duas ou mais amostras. Assim, para o estudo da normalidade da distribuição das variáveis foi usado o teste de Kolmogorov-Smirnov e para testar a homogeneidade das variâncias o teste de Levene por ser um dos mais potentes. Acresce referir que os testes paramétricos são robustos à violação dos pressupostos da normalidade, desde que as distribuições não sejam extremamente enviesadas ou achatadas e que as dimensões das amostras não sejam extremamente pequenas (Pestana & Gageiro, 2005). Este autor declara que podem usar-se testes paramétricos, desde que o cociente entre a subamostra maior com a menor seja inferior a 1,5.

Quando estes pressupostos não se verificaram, recorremos aos testes não paramétricos que na sua essência são menos potentes, deduzindo-se daí que a possibilidade de rejeitar a hipótese nula é muito menor. Assim, quanto à estatística paramétrica e não paramétrica destaca-se:

- Testes t de Student ou teste de U-Mann Whitney (UMW) - para comparação de médias de uma variável quantitativa em dois grupos de sujeitos diferentes;
- Análise de variância a um fator (ANOVA), ou teste de Kruskal Wallis - para comparação de médias de uma variável quantitativa em três ou mais grupos de sujeitos diferentes. Como complemento dado que estamos a testar a igualdade de mais de duas médias, recorre-se aos testes post-hoc para determinar as que se diferenciam entre si (Pestana & Gageiro, 2005). O teste post-hoc utilizado foi o teste de Tukey que permite testar qualquer contraste que se baseia na diferença mínima significativa, ou seja, a menor diferença de médias de amostras que deve ser tomada como estatisticamente significativa, em determinado nível.
- Regressão é um teste estatístico paramétrico usado para prever o comportamento de uma variável quantitativa (variável endógena) a partir de uma ou mais variáveis relevantes também de natureza quantitativa (variáveis exógenas) Este teste permite prever o valor de uma variável dependente (ou de resposta) a partir de um conjunto de variáveis independentes (ou preditoras). Quando utilizamos apenas uma variável dependente e uma independente, obtemos uma regressão linear simples mas, quando comparamos uma variável dependente e mais que uma variável independente efetuamos uma regressão linear múltipla.

- Teste de qui quadrado (X^2) – teste de proporções que compara as frequências observadas com as que se esperam obter no universo para se inferir se diferem relativamente a uma determinada característica.

Na análise estatística utilizaram-se os seguintes valores de significância:

$p < 0,05$ * - diferença estatística significativa

$p < 0,01$ ** - diferença estatística bastante significativa

$p < 0,001$ *** - diferença estatística altamente significativa

$p \geq 0,05$ n.s. – diferença estatística não significativa

Para a apresentação dos resultados recorreu-se a Tabelas, Quadros e gráficos, onde se mostram os dados mais relevantes, tendo-se omitido nas mesmas o local, a data e a fonte, uma vez que todos os dados foram colhidos através do instrumento de colheita de dados aplicado aos estudantes do ensino secundário em estudo transversal. A descrição e análise dos dados obedeceram à ordem por que foi elaborado o instrumento de recolha de dados.

Todo o tratamento estatístico foi processado através dos programas SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) e AMOS (Analysis of Moments Structures) versão 21 de 2012 para Windows.

No capítulo seguinte iniciamos apresentação e análise dos resultados.

CAPITULO 5 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O propósito deste capítulo é descrever e explicar o fenómeno em estudo através da descrição, análise e interpretação dos resultados obtidos no trabalho de campo realizado.

O processo de análise que está estruturado para dar resposta aos nossos objetivos e questões de investigação pelo que consideramos a existência de dois subcapítulos. No primeiro faremos a análise descritiva onde procuramos descrever aspetos gerais da amostra relacionados com as diferentes variáveis em estudo e o segundo é dedicado à análise inferencial, recorrendo em alguns momentos à análise de equações estruturais como complemento às regressões múltiplas.

5.1 – Análise descritiva

A análise descritiva está estruturada em três grandes áreas que correspondem às variáveis consideradas fulcrais no nosso estudo. Assim, abordamos em primeiro lugar a Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental, para depois analisarmos a Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental e por fim a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental.

5.1.1 - Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Começamos por analisar as estatísticas da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental, cujos resultados se apresentam na Tabela 8, Como notamos o índice mínimo em cada uma das dimensões do inventário é de 10 e o máximo de 30 com médias situadas entre os 18,13 ($\pm 3,27$ Dp) na dimensão controlo firme vs. controlo permissivo e os 20,21 ($\pm 2,99$ Dp). Para a totalidade dos inquiridos os índices mínimos e máximos são respetivamente de 30 e 90 com uma amplitude de variação de 60, sendo a média e desvio padrão de 58,49 e 7,37 respetivamente. O teste de aderência à normalidade de Kolmogorov-Smirnov (K/S) informa que a distribuição não é normal revelando os valores de assimetria e curtose, curvas leptocurticas e enviesamento à direita. Os coeficientes de variação evidenciam face às médias encontradas uma dispersão baixa para a globalidade da Perceção face ao Comportamento Parental, moderadas na aceitação vs. rejeição e controlo firme vs. controlo permissivo e alto no controlo psicológico vs. autonomia psicológica.

Tabela 8 – Estatísticas relacionadas com Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Percepção Comportamento Parental	Estatísticas							
	Min	Max	Média	Dp.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Aceitação vs. Rejeição	10	30	20,15	3,23	16,02	-4,839	3,389	0,000
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	10	30	20,21	8,97	44,38	-4,428	5,460	0,000
Controlo firme vs. Controlo permissivo	10	30	18,13	3,27	18,03	-9,375	10,814	0,000
Percepção face ao Comportamento Parental (global)	30	90	58,49	7,37	12,60	-19,31	12,95	0,000

Procuramos saber se o **Sexo** influenciava a Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental. Apuramos pelo teste t de Student que os rapazes percecionam níveis parentais mais adequados de aceitação, controlo psicológico, controlo firme e Percepção face ao Comportamento Parental (global) do que as raparigas. Assumindo igualdade de variâncias conforme resultado do teste de Levenne, as diferenças encontradas são estatisticamente significativas, pelo que podemos afirmar que há relação e dependência entre as diferentes variáveis em estudo exceto para o controlo psicológico vs. autonomia psicológica (cf. Tabela 9).

Tabela 9 - Teste t para amostras independentes entre Sexo e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental.

Percepção Comportamento Parental	Sexo		Masculino		Feminino		Levenne (p)	t	P
			Média	Dp	Média	Dp			
Aceitação vs. Rejeição			20,35	3,29	19,99	3,17	0,666	2,395	0,017
Controlo vs. Autonomia psicológica			20,28	3,09	20,14	2,91	0,070	1,030	0,303
Controlo firme vs. Controlo permissivo			18,52	3,24	17,81	3,27	0,310	4,757	0,000
Percepção face ao Comportamento Parental (global)			59,15	7,45	57,93	7,26	0,759	3,581	0,000

No mesmo sentido, decidimos verificar a influência da **Idade** na Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental. Dos resultados apresentados na Tabela 10, notamos que os adolescentes até aos 15 anos percecionam níveis mais adequados de aceitação e controlo psicológico em relação aos mais velhos, enquanto nos adolescentes com idade superior a 16 anos se configuram níveis mais adequados no controlo firme e Comportamento Parental na sua globalidade. Apenas para a aceitação vs. rejeição, não se encontraram significâncias estatísticas, indicando o teste post hoc de Tukey que as diferenças se situam no controlo psicológico vs. autonomia psicológica, nos adolescentes com idades até aos 15 anos e 16 anos ($p=0,019$). No controlo psicológico vs. autonomia psicológica, as diferenças encontram-se nos grupos de adolescentes com idade até aos 15

anos e superior ou igual a 17 anos ($p=0,042$), o mesmo ocorrendo com igual probabilidade na Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental (global). Também para esta variável são encontradas significâncias nos adolescentes com idade de 16 anos e mais ($p=0,002$).

Tabela 10 - Análise de variância entre Idade e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Idade Percepção Comportamento Parental	<= 15 anos		16 anos		>= 17 anos		F	P	% VE
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Aceitação vs. Rejeição	20,40	3,31	19,99	3,02	20,12	3,33	2,294	0,101	0,70
Controlo vs. Autonomia psicológica	20,49	3,04	20,22	2,82	20,00	3,08	4,140	0,016	0,56
Controlo firme vs. Controlo permissivo	17,73	3,11	17,82	3,19	18,66	3,38	16,682	0,000	1,191
Percepção Comportamento Parental (global)	58,62	7,56	58,03	6,76	58,77	7,70	1,840	0,000	0,50

A Percepção do adolescente face ao Comportamento Parental não difere em função do **local de residência** conforme pode constatar-se pelos resultados expressos na Tabela 11. Contudo, observa-se uma maior tendência para que os adolescentes residentes na zona Urbana percecionem níveis mais adequados de aceitação, controlo psicológico e Percepção global e os residentes na zona Rural maiores níveis de adequação de controlo permissivo.

Tabela 11 - Teste de U Mann Whitney entre Local de residência e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Local de Residência Percepção Comportamento Parental	Urbana	Rural	UMW	P
	OM	OM		
Aceitação vs. Rejeição	951,40	879,32	2,827	0,419
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	946,06	891,89	3,355	0,340
Controlo firme vs. Controlo permissivo	936,39	1050,13	5,821	0,121
Percepção face ao Comportamento Parental (Global)	943,80	908,50	7,209	0,066

Para o estudo da **Coabitação** fizemos uso do teste de Kruskal Wallis. Os resultados expressos na Tabela 12, indicam que os adolescentes que habitam com “Outros” percecionam níveis mais adequados de Aceitação e Percepção do Comportamento Parental (global), os que vivem com a Mãe de controlo psicológico e os que vivem com o Pai de controlo firme. O teste de qui quadrado apresenta significância estatística para o comportamento de aceitação vs. rejeição e controlo psicológico vs. autonomia psicológica, indicando o teste post hoc de Tukey que as diferenças se situam para o primeiro fator (Aceitação vs. Rejeição) em todos os grupos (Pai vs. Pais; $p=0,015$); (Pai vs. Mãe; $p=0,022$);

(Pai vs. Outros; $p=0,001$) e para o segundo (controlo psicológico vs. autonomia psicológica) entre Pais vs. Pai ($p=0,001$), Pai vs. Mãe ($p=0,000$) e Outros vs. Pai ($p=0,002$).

Tabela 12 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Percepção Comportamento Parental \ Coabitação	Pais	Pai	Mãe	Outros	X ²	p
	OM	OM	OM	OM		
Aceitação vs. Rejeição	940,61	643,47	643,70	1060,70	13,850	0,003
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	938,58	572,50	1004,27	973,23	17,421	0,001
Controlo firme vs. Controlo permissivo	939,18	990,70	951,46	958,64	0,445	0,931
Percepção face ao Comportamento Parental (Global)	936,92	756,95	969,74	1022,93	6,379	0,095

Na continuação do estudo da Percepção do adolescente face ao Comportamento Parental, analisamos os resultados em função do **ano de escolaridade**. Notamos pela Tabela 13 que os estudantes do curso profissional, de um modo geral percecionam níveis mais adequados em todas as dimensões do Comportamento Parental que os seus congéneres, secundados pelos estudantes que frequentam o 10º. Ano em relação à aceitação e controlo psicológico e dos estudantes do 12º. Ano que respeita ao controle firme e Percepção face ao Comportamento Parental (global).

Em suma, os estudantes que apresentam índices mais baixos e consequentemente consentâneos com uma Percepção face ao Comportamento Parental menos adequado, são os que frequentam o 11º. Ano de escolaridade. Pelo valor de qui quadrado encontramos diferenças estatísticas significativas apenas para o controlo firme vs. controlo permissivo, localizadas entre os que frequentam o 10º. Ano e o Curso profissional ($p=0,028$).

Tabela 13 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Percepção Comportamento Parental \ Escolaridade	10º. Ano	11º. Ano	12º. Ano	Curso Prof.	X ²	p
	OM	OM	OM	OM		
Aceitação vs. Rejeição	960,95	908,28	956,79	978,17	4,039	0,257
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	973,99	920,51	914,74	992,57	5,820	0,121
Controlo firme vs. Controlo permissivo	901,89	931,40	1005,09	1025,04	13,777	0,003
Percepção face ao Comportamento Parental (Global)	944,55	909,48	962,99	1029,55	6,783	0,079

Na Tabela 14, apresentamos os resultados relativos à Percepção do adolescente face ao Comportamento Parental e **estado civil** dos progenitores. Os índices mais adequados em todas as dimensões do Comportamento Parental, ocorre nos adolescentes cujo pai ou mãe são Viúvos, secundados pelos adolescentes com pais Casados ou em

União de facto, ressaltando-se neste caso o controlo firme que recai para os adolescentes de pais Solteiros. Em oposição, isto é, com uma Perceção ao Comportamento Parental menos adequada, os adolescentes com o pai ou mãe Solteiro. As diferenças entre os grupos não são estatisticamente significativas.

Tabela 14 – Teste de Kruskal Wallis entre Estado Civil dos pais e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Perceção Comportamento Parental \ Estado Civil	Casado	Solteiro	Divorciado/ Separado	Viúvo	χ^2	p
	OM	OM	OM	OM		
Aceitação vs. Rejeição	951,40	879,32	892,01	984,79	2,827	0,419
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	946,06	891,89	912,85	1074,35	3,355	0,340
Controlo firme vs. Controlo permissivo	936,39	1050,13	937,23	1130,17	5,821	0,121
Perceção face ao Comportamento Parental (Global)	943,80	908,50	912,28	1156,29	7,209	0,066

Os resultados do estudo da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental e a **atividade profissional** dos progenitores apresentam-se na Tabela 15. Em relação à mãe, com a utilização do teste de Kruskal Wallis, verificamos que os adolescentes cuja mãe exerce a profissão “Operacional” (prof.4) percecionam níveis de Aceitação mais adequados, mas são os adolescentes com mãe a exercer a profissão de “Gestor” (prof.2) que melhor pontuam no controlo psicológico, controlo firme e Perceção face ao Comportamento Parental (global). Apenas se registam significâncias estatísticas na Perceção ao Comportamento Parental (global) e significância marginal no comportamento de aceitação vs. rejeição, revelando o teste post hoc de Tukey que a diferença se situa entre os filhos cuja mãe exerce a profissão de “Intelectual” (prof.1) vs. profissão de “Gestor” (prof.2) com ($p=0,009$) e profissão de “Gestor” (prof.2) vs. profissão de “Operacional” (prof.4) ($p=0,021$). No que se refere ao **pai**, os adolescentes cujo pai exerce a profissão de “Gestor” ou similar (2) percecionam níveis de Perceção face ao Comportamento Parental mais adequados em todas as dimensões. Por outro lado são os adolescentes cujo pai exerce uma profissão “Intelectual” que percecionam níveis de aceitação/rejeição e Perceção face ao Comportamento Parental (global) menos adequados e os adolescentes com pais no exercício de uma profissão “Técnica” níveis menos adequados no controlo psicológico e controlo firme possuindo por conseguinte maior autonomia psicológica e controlo permissivo, mas as diferenças entre os grupos não são suficientemente elevadas para produzir significâncias estatísticas.

Tabela 15 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Perceção Comportamento Parental \ Profissão	Prof1	Prof2	Prof3	Prof4	X²	P
	OM	OM	OM	OM		
Mãe						
Aceitação vs. Rejeição	488,73	479,19	416,17	497,20	7,710	0,052
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	502,46	564,87	496,27	499,43	4,512	0,211
Controlo firme vs. Controlo permissivo	481,85	574,05	506,45	503,87	7,015	0,071
Perceção face ao Comportamento Parental	482,41	592,19	510,26	499,22	10,393	0,016
Pai						
Aceitação vs. Rejeição	879,40	954,69	909,02	898,43	3,714	0,294
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	902,82	948,70	886,26	902,71	2,613	0,455
Controlo firme vs. Controlo permissivo	911,21	958,85	882,98	895,16	4,129	0,248
Perceção face ao Comportamento Parental	892,13	958,62	892,97	900,40	3,499	0,321

Legenda:

Profissão 1 – Intelectual
 Profissão 2 – Gestor
 Profissão 3 – Técnico
 Profissão 4 - Operacional

Na Tabela 16 apresentamos o estudo da relação entre a Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental e as **habilitações literárias dos progenitores**. Para a mãe, os resultados revelam que os adolescentes cuja mãe possui o Ensino secundário percecionam níveis mais adequados nos comportamentos de aceitação, controle psicológico e Percepção face ao Comportamento Parental (global). Os adolescentes cuja mãe possui o Primeiro ciclo percecionam níveis menos adequados nos comportamentos acima referidos, mas mais adequados de controlo firme.

Entre os grupos as diferenças são estatisticamente significativas para a aceitação vs. rejeição e para a Percepção face ao Comportamento Parental (global), situadas no primeiro caso entre os filhos de mãe com o Primeiro ciclo e Ensino secundário ($p=0,001$) e no segundo entre adolescentes com mães com o Ensino secundário e com o Primeiro ciclo ($p=0,002$).

No que refere ao pai, os resultados indicam que os adolescentes cujo pai possui o Ensino secundário, percecionam níveis mais adequados do Comportamento Parental em todas as dimensões e os com menor percepção são os adolescentes cujo pai possui o Primeiro ciclo com exceção para o controle firme vs. controlo permissivo que ocorre nos adolescentes cujo pai possui o Segundo ciclo. As diferenças encontradas não são estatisticamente significativas.

Tabela 16 - Teste de Kruskal Wallis entre Habilitações Literárias dos progenitores e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Perceção Comportamento Parental	Hab. Literárias	1º Ciclo	2º Ciclo	Secundário	Superior	X²	p
		OM	OM	OM	OM		
Mãe							
Aceitação vs. Rejeição		446,86	505,57	555,84	509,98	14,699	0,002
Controlo vs. Autonomia psicológica		475,51	497,45	542,62	512,49	6,236	0,101
Controlo firme vs. Controlo permissivo		508,88	503,09	533,82	488,98	3,075	0,380
Perceção face ao Comport. Parental (global)		480,65	496,34	554,58	498,65	8,551	0,036
Pai							
Aceitação vs. Rejeição		877,98	913,12	961,99	904,12	5,599	0,133
Controlo vs. Autonomia psicológica		883,69	920,15	936,59	918,24	2,073	0,557
Controlo firme vs. Controlo permissivo		933,09	888,27	939,96	921,25	3,105	0,376
Perceção face ao Comport. Parental (global)		893,45	907,73	953,74	908,87	3,237	0,357

Uma das facetas que na nossa perspetiva se pode relacionar com a Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental é a sua **colaboração em atividades domésticas**. O teste de UMW revelou-nos que os adolescentes que colaboram nessas atividades percecionam com significância estatística níveis de Comportamento Parental mais adequados do que os que não colaboram, exceto para o controlo firme vs. controlo permissivo (cf. Tabela17).

Tabela 17 – Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Perceção Comportamento Parental	Colaboração	Sim	Não	UMW	P
		OM	OM		
Aceitação vs. Rejeição		963,48	868,29	246077,000	0,003
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica		962,78	871,30	247151,500	0,004
Controlo firme vs. Controlo permissivo		940,84	965,52	266495,000	0,439
Perceção face ao Comportamento Parental (Global)		958,38	890,17	253888,000	0,033

Terminamos a análise da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental com o estudo do **rendimento familiar**. Os resultados da Tabela 18, indicam que são os adolescentes cujos pais usufruem um rendimento familiar mais elevado que percecionam níveis de Comportamento Parental de aceitação e controlo firme mais adequados excetuando para o controlo psicológico vs. autonomia psicológica, que é encontrado nos adolescentes cujo rendimento familiar é Baixo ou Médio/Baixo. Já os adolescentes cujos progenitores auferem um rendimento mensal Médio, são os que percecionam níveis de Comportamento Parental em todas as dimensões menos adequados. Entre os grupos as diferenças encontradas são estatisticamente significativas para o

controlo firme vs. controlo permissivo e Perceção face ao Comportamento Parental (global) que se localizam em ambas as variáveis entre os adolescentes com progenitores de rendimento Médio e Médio Alto/Alto com probabilidades de ($p=0,042$) e ($p=0,035$) respetivamente.

Tabela 18 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento Familiar e Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Perceção Comportamento Parental \ Rendimento Familiar	Baixo Médio/Baixo	Médio	Médio Alto/Alto	X ²	p
	OM	OM	OM		
Aceitação vs. Rejeição	936,42	924,11	978,67	3,121	0,210
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	961,72	922,92	958,61	2,201	0,333
Controlo firme vs. Controlo permissivo	925,42	918,76	1002,08	7,557	0,023
Perceção face ao Comportamento Parental (Global)	948,16	913,89	993,58	6,721	0,035

Para o valor global da Perceção ao Comportamento Parental efetuámos grupos de corte conforme expresso no capítulo da metodologia, utilizando-se para o efeito a mediana e o intervalo interquartilico. Os resultados que se apresentam na Tabela 19, revelam que a prevalência dos adolescentes com Perceção face ao Comportamento Parental inadequado foi de 41,5% e de muito adequado de 38,0%. É entre as raparigas, que encontramos os que percecionam Comportamentos parentais mais inadequados (44,7%) e nos rapazes Comportamentos Parentais mais adequados (21,2%) e muito adequados (41,1%). O teste de qui quadrado revela significância estatística ($\chi^2=10,000$; $p=0,000$) que se localiza, pelos resíduos ajustados, entre os rapazes com Perceção face ao Comportamento Parental muito adequado e nas raparigas com Perceção face ao Comportamento Parental inadequado.

Tabela 19 – Relação da Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental em função do sexo

Perceção Comportamento Parental \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Resíduos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
Inadequada	325	37,7	459	44,7	784	41,5	-3,1	3,1
Adequada	183	21,2	204	19,9	387	20,5	0,7	-0,7
Muito adequada	355	41,1	364	35,4	719	38,0	2,5	-2,5
Total	863	100,0	1027	100,0	1890	100,0		

Em Síntese:

No que respeita à Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental, registamos que os rapazes têm uma Perceção face ao Comportamento Parental mais adequada que as raparigas.

Por sua vez os adolescentes com idade superior a 16 anos percecionam níveis de controlo firme vs. controlo permissivo e Perceção face ao Comportamento Parental na sua globalidade mais elevados.

Os adolescentes com mãe e pai que possuem o Ensino secundário percecionam níveis de Comportamento Parental (global) mais elevados.

Já os adolescentes que habitam com Outros percecionam níveis de aceitação vs. rejeição e Perceção ao Comportamento (global), mais elevados os que vivem com a Mãe percecionam níveis de controlo psicológico mais elevados e os que coabitam com o Pai níveis do controlo firme mais elevados.

Os níveis mais elevados de Perceção face ao Comportamento Parental, situam-se nos adolescentes cujo pai ou mãe são Viúvos, nos residentes na zona Urbana, nos que frequentam o Curso profissional e que colaboram em atividades domésticas.

Os adolescentes com mãe com Profissão “Operacional” percecionam níveis mais elevados de aceitação, com mãe “Gestor” (prof.2) percecionam níveis mais elevados de controlo psicológico, controlo firme e Comportamento Parental (global). No que se refere à profissão do pai, os adolescentes com pai “Gestor” apresentam níveis mais elevados de Perceção ao Comportamento Parental em todas as dimensões.

Por fim, os adolescentes cujos pais têm um Rendimento Familiar Elevado, percecionam níveis mais elevados de Comportamento Parental excetuando o controlo psicológico vs. autonomia psicológica, que é percecionado pelos adolescentes cujo rendimento familiar é Baixo ou Médio/Baixo.

5.1.2 – Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental

As estatísticas da Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental revelam para o valor global da escala um índice mínimo de zero (0) e um máximo de 12 com uma média de 47,83 e um desvio padrão de 1,37, sendo que o coeficiente de variação traduz uma dispersão moderada em torno do valor médio. Para as subescalas da Perceção face ao Conflito Interparental os valores mínimos são de zero (0) e os máximos, que dependem dos itens que as constituem oscilam para estas subescalas, entre os doze (12) na Triangulação e vinte e dois (22) no Conflito, com valores médios de (média=8,46 $\pm$ 2,49 Dp.) e de (média=15,39 $\pm$ 4,69 Dp.) respetivamente. Os coeficientes de variação revelam dispersões

moderadas na culpa e triangulação e dispersões altas no conflito e ameaça, enquanto os valores de assimetria e curtose indiciam curvas com distribuição normal, para o conflito, leptocurticas para a culpa e triangulação, normocurtica para a Percepção ao Conflito Interparental (global), platicurtica para a ameaça, sendo que todos fatores se revelam enviesados à direita. O teste de aderência à normalidade de Kolmogorof Smirnov ao apresentar significância estatística indicia que as variáveis não têm distribuição normal (cf. Tabela 20).

Tabela 20 – Estatísticas relacionadas com Percepção do Adolescente face Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental \ Estatísticas	Min	Max	Média	Dp.	CV (%)	S/erro	K/erro	K/S
Conflito	0	22	15,39	4,69	30,47	-1,041	-1,433	0,000
Ameaça	0	20	12,57	4,41	35,08	-5,941	-2,991	0,000
Culpa	0	14	11,40	2,81	24,64	-18,589	4,734	0,000
Triangulação	0	12	8,46	2,49	29,43	-7,428	4,539	0,000
Percepção face ao Conflito Interparental (global)	0	68	47,83	11,37	24,80	-7,964	0,353	0,000

Aprofundamos a análise desta variável e procuramos saber se o **Sexo** discriminava a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental. Apuramos que os rapazes têm uma percepção mais negativa do Conflito Interparental e sentem-se mais ameaçados, por apresentarem pontuações mais elevadas, enquanto as raparigas se sentem mais culpadas e envolvidas no conflito (triangulação), com significância estatística para a ameaça ($t=5,056$; $p=0,000$) e culpa ($t=-8,439$; $p=0,000$), o que confirma a relação de dependência para estas subescalas e de independência para o conflito, triangulação e Percepção ao Conflito Interparental (global) (cf. Tabela 21).

Tabela 21 – Teste t para diferença de médias entre Sexo e Percepção do Adolescente face Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental \ Sexo	Masculino		Feminino		Levenne (p)	t	p
	Média	Dp	Média	Dp			
Conflito	15,52	4,66	15,29	4,72	0,613	1,045	0,296
Ameaça	13,12	4,17	12,10	4,55	0,059	5,056	0,000
Culpa	10,81	2,99	11,90	2,55	0,000	-8,439	0,000
Triangulação	8,38	2,52	8,53	2,47	0,293	-1,276	0,202
Percepção Conflito Interparental (global)	47,84	11,69	47,83	11,09	0,032	0,022	0,983

Entretanto, da análise com a **Idade**, surgem com valores médios mais elevados consonantes com uma percepção mais negativa, os adolescentes com 15 anos em relação ao conflito, culpa, triangulação e Percepção ao Conflito Interparental (global) enquanto os adolescentes com Idade superior a 16 anos se sentem mais ameaçados. (cf. Tabela 22). Os adolescentes com 16 anos são os que revelam uma Percepção ao Conflito Interparental mais positiva em todas as subescalas. As diferenças entre grupos somente não se revelaram significativas para a culpa e triangulação. Pelos testes post hoc de Tukey denota-se que para o conflito as diferenças se localizam entre os adolescentes com idades até 15 anos e 16 anos ($p=0,007$), para a ameaça nos de 16 anos e 17 anos ou mais ($p=0,006$) e para a Percepção face ao Conflito Interparental (global) nos adolescentes até aos 15 anos e 16 anos ($p=0,017$).

A percentagem de variância explicada revela que a culpa é a que tem menor variabilidade explicando a Idade (12,6%) e é no Conflito que encontramos maior percentagem (50,8%) de variância explicada.

Tabela 22 – Análise de variância entre Idade e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental	Idade		≤ 15 anos		16 anos		≥ 17 anos		F	P	% VE
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Conflito	15,92	4,55	15,06	4,83	15,31	4,65	4,823	0,008	0,508		
Ameaça	12,59	4,71	12,15	4,38	12,89	4,20	4,755	0,009	0,501		
Culpa	11,52	2,82	11,27	2,93	11,43	2,70	1,195	0,303	0,126		
Triangulação	8,66	2,54	8,34	2,56	8,42	2,40	2,513	0,081	0,265		
Percepção Conflito Interparental (global)	48,71	11,57	46,84	11,58	48,06	11,00	4,042	0,018	0,426		

A Tabela 23, procura analisar a relação da Percepção face ao conflito interparental com a **escolaridade**. Os resultados indicam que os estudantes do 12º ano são os que apresentam uma percepção mais negativa do Conflito Interparental face ao conflito, ameaça, culpa e Percepção ao Conflito Interparental (global) e os do 11º ano no que concerne à triangulação. Já os que revelam uma Percepção mais positiva são os a que frequentam o Curso profissional, com exceção para a ameaça que recai nos do 10º ano de escolaridade. As probabilidades apenas não são significativas para o conflito e ameaça. Apuramos pelo teste post hoc de Tukey que as diferenças se localizam para a culpa entre os que frequentam o 10º. e 12º. Ano de escolaridade ($p=0,019$) e Curso profissional e 12º. Ano de escolaridade ($p=0,001$) para a triangulação entre os adolescentes do 10º. Ano ($p=0,019$) do 11º. Ano ($p=0,011$) e do 12º. Ano de escolaridade ($p=0,016$) com os do Curso Profissional e

para a Percepção ao Conflito Interparental (global) entre os do 12º. Ano e do Curso profissional ($p=0,034$).

Tabela 23 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Escolaridade / Percepção Conflito Interparental	10º. Ano	11º. Ano	12º. Ano	Curso Prof.	χ^2	p
	OM	OM	OM	OM		
Conflito	944,89	951,39	965,54	872,16	3,590	0,309
Ameaça	926,41	942,40	980,75	944,16	2,755	0,431
Culpa	926,46	939,96	1022,01	839,07	16,480	0,001
Triangulação	951,46	962,67	961,56	813,87	10,551	0,014
Percepção Conflito Interparental (global)	932,53	950,71	992,12	856,20	8,006	0,046

Decidimos verificar se a Percepção dos adolescentes face ao Conflito Interparental, difere em função do **local de residência**, efetuando-se um testes t para diferença de médias (cf. Tabela 24). Assumindo igualdade de variâncias, registamos que os adolescentes residentes na zona Urbana apresentam uma Percepção ao Conflito Interparental mais negativa em todos as dimensões comparados com os residentes na zona Rural, com significância estatística para o conflito e ameaça, o que nos permite afirmar que existe relação de dependência com o local de residência para estas duas dimensões da Percepção ao Conflito Interparental.

Tabela 24 – Teste t para diferença de médias entre Local de Residência e Percepção do Adolescente face Conflito Interparental

Local Residência / Percepção Conflito Interparental	Urbana		Rural		Levenne (p)	t	p
	Média	Dp	Média	Dp			
Conflito	15,65	4,62	15,13	4,75	0,380	2,446	0,015
Ameaça	12,82	4,46	12,30	4,34	0,089	2,589	0,010
Culpa	11,42	2,80	11,38	2,83	0,458	0,281	0,779
Triangulação	8,55	2,56	8,37	2,42	0,215	1,566	0,118
Percepção Conflito Interparental (global)	48,46	11,53	47,19	11,17	0,554	2,429	0,015

Analisamos também a relação com a **Coabitação**, usando para o efeito o teste de Kruskal Wallis e para o qual se excluíram os casos de “coabitação com outros”. As ordenações médias indicam que os adolescentes que coabitam só com a Mãe têm uma percepção do conflito, triangulação e Percepção ao Conflito Interparental (global) mais positiva. Por outro lado, os que coabitam com os Pais revelam uma percepção mais negativa face à culpa, à triangulação e Percepção ao Conflito Interparental (global) enquanto os que coabitam só com o Pai tem uma percepção mais positiva em relação à culpa mas mais negativa no que se reporta à ameaça. As diferenças encontradas entre os grupos são significativas para o conflito, triangulação e Percepção ao Conflito Interparental (global), que se localizam com

igual probabilidade ($p=0,000$) em todas estas variáveis, entre os que coabitam com Pais e Mãe (cf. Tabela 25).

Tabela 25 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental \ Coabitação	Pais	Pai	Mãe	χ^2	p
	OM	OM	OM		
Conflito	817,72	836,68	738,68	24,402	0,000
Ameaça	895,60	1019,97	862,82	2,649	0,266
Culpa	903,07	767,35	845,95	4,462	0,107
Triangulação	914,43	830,93	761,49	18,158	0,000
Percepção Conflito Interparental (global)	913,11	867,68	765,44	16,357	0,000

Testámos ainda a relação com o **estado civil dos progenitores** (cf. Tabela 26). O teste de Kruskal Wallis aponta para ordenações médias mais elevadas e consequentemente Percepção Interparental mais negativa, nos filhos de pais Solteiros. Ao invés, são os filhos de pais Viúvos que revelam uma Percepção ao Conflito Interparental mais positiva exceto para o conflito que surge nos filhos de pais Divorciados/Separados. Apenas na ameaça não encontramos significância estatística e para as restantes variáveis o teste post hoc de Tukey evidencia diferenças entre filhos de pais Casados e Divorciados/Separados ($p=0,000$) e entre filhos de pais Solteiros e Divorciados para o conflito ($p=0,025$) culpa ($p=0,015$) triangulação ($p=0,000$) e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental ($p=0,033$).

Tabela 26 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado Civil dos progenitores e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental \ Estado civil	Casados	Solteiros	Div./Sep.	Viúvos	χ^2	p
	OM	OM	OM	OM		
Conflito	976,96	1001,97	730,25	798,76	43,101	0,000
Ameaça	944,64	1246,45	926,57	896,44	6,425	0,093
Culpa	958,94	987,79	872,43	749,92	10,922	0,012
Triangulação	970,46	978,55	798,62	700,01	28,319	0,000
Percepção Conflito Interparental (global)	968,38	1082,24	787,34	753,32	28,033	0,000

O teste de Kruskal Wallis foi utilizado para o estudo da relação entre a **profissão dos progenitores**. Notamos que os adolescentes filhos de mãe que exerce a profissão “Intelectual” são os que apresentam percepção mais negativa do conflito, ameaça, triangulação e Percepção ao Conflito Interparental (global) e os adolescentes filhos de mãe

com profissão “Gestor” para a culpa (cf. Tabela 27). Os filhos de mãe com a profissão “Operacional” ostentam de um modo geral uma Percepção ao Conflito Interparental mais positiva. As probabilidades encontradas indicam a presença de diferenças estatísticas localizadas no conflito ($p=0,002$), ameaça ($p=0,001$) triangulação ($p=0,004$) e Percepção face ao Conflito Interparental (global) ($p=0,001$) entre filhos de mãe com profissão “Intelectual” e “Operacional”, na ameaça com igual probabilidade para adolescentes filhos de mãe com profissão de “Gestor” e “Intelectual” ($p=0,022$) e na triangulação ($p=0,026$) entre filhos de mãe com profissão “Técnica” e “Operacional”.

Para os filhos de pais com profissão “Intelectual”, observa-se uma Percepção ao Conflito Interparental mais negativa em todas as subescalas, secundados pelos adolescentes cujos pais exercem a profissão “Gestor” no que respeita ao conflito e à Percepção face ao Conflito Interparental (global), com a profissão “Técnica” para a Triangulação e para os filhos de pais com profissão “Operacional” para a ameaça e culpa. Encontraram-se entre os grupos significâncias estatísticas para o conflito, ameaça e Percepção face ao Conflito Interparental (global), sendo que os resultados do teste post hoc permitem localizá-las para o conflito ($p=0,026$) e Percepção face ao Conflito Interparental (global) ($p=0,037$) entre os filhos de pais que exercem a profissão “Intelectual” e “Operacional” e para a ameaça e Percepção face ao Conflito Interparental (global) entre os filhos de pais que exercem as profissões “Intelectual” e “Técnica”.

Tabela 27 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Profissão dos Pais Percepção Conflito Interparental	Intelectuais	Gestores	Técnicos	Operac.	X²	p
	OM	OM	OM	OM		
Profissão da mãe						
Conflito	996,84	920,93	924,92	886,02	13,588	0,004
Ameaça	1012,60	871,97	931,05	885,22	19,664	0,000
Culpa	928,43	951,30	948,49	907,90	1,985	0,576
Triangulação	987,52	896,79	983,80	878,14	17,686	0,001
Percepção Conflito Interparental (global)	1003,36	902,86	947,67	879,51	17,739	0,000
Profissão do pai						
Conflito	972,30	909,71	885,07	874,78	9,848	0,020
Ameaça	986,91	889,22	855,83	896,05	15,838	0,002
Culpa	912,74	902,55	892,47	911,78	0,500	0,919
Triangulação	964,51	876,44	901,58	882,17	7,619	0,055
Percepção Conflito Interparental (global)	980,67	888,09	878,84	883,42	11,378	0,010

De igual modo executamos o teste de Kruskal Wallis para estudar a relação com as **habilitações literárias dos progenitores** (cf. Tabela 28). Os resultados apontam para perceções mais negativas nos adolescentes com pai e mãe que possuem como habilitações literárias o ensino superior exceto para a culpa que se regista naqueles com mães que possuem o ensino secundário. A perceção mais positiva ao Conflito Interparental é encontrada nos adolescentes com pai que possui o primeiro ciclo no que respeita ao conflito, ameaça, triangulação e Perceção face ao Conflito Interparental (global) e nos adolescentes com mãe com igual habilitação literária nos mesmos fatores salvo na Perceção ao Conflito Interparental (global) que se regista nas que possuem o ensino secundário. Não encontramos significância estatística para a culpa e triangulação face às habilitações literárias do pai e culpa para as habilitações literárias da mãe.

Tabela 28 - Teste de Kruskal Wallis entre Habilitações Literárias dos progenitores e Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Perceção Conflito Interparental	Habilitações literárias				χ^2	p
	1º Ciclo	2º Ciclo	Secund.	Superior		
	OM	OM	OM	OM		
Pai						
Conflito	863,24	894,76	902,81	1018,14	19,340	0,000
Ameaça	876,46	891,47	901,52	1013,16	16,825	0,001
Culpa	916,56	909,81	917,61	928,26	0,307	0,959
Triangulação	887,08	894,08	920,85	976,17	7,283	0,063
Perceção Conflito Interparental (global)	867,17	892,99	907,36	1012,00	17,084	0,001
Mãe						
Conflito	855,20	916,50	928,54	1004,11	16,267	0,001
Ameaça	860,13	923,52	894,13	1021,98	22,232	0,000
Culpa	933,19	917,14	948,57	934,95	0,927	0,819
Triangulação	850,42	920,44	919,60	1010,17	18,877	0,000
Perceção Conflito Interparental (global)	949,69	919,78	915,88	1014,64	20,193	0,000

A Tabela 29 apresenta os resultados dos testes post hoc para as variáveis onde se registaram significâncias estatísticas. As diferenças observam-se tanto para o Pai como para a Mãe, em relação à ameaça e à Perceção face ao Conflito Interparental (global) entre os que possuem o primeiro ciclo, segundo ciclo e secundário e ensino superior e para o Conflito entre o primeiro ciclo, segundo ciclo e ensino superior, sendo que também para a mãe existe significância estatística nestes grupos para a triangulação.

Tabela 29 - Teste post hoc entre Habilitações literárias dos pais e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental \ Profissão Pais	1vs. 4	2vs. 3	2 vs. 4	3 vs. 4
Pai				
Conflito	0,001	0,003	-	-
Ameaça	0,014	-	0,003	0,014
Culpa	-	-	-	-
Triangulação	-	-	-	-
Percepção Conflito Interparental (global)	0,005	-	0,006	0,029
Mãe				
Conflito	0,003	-	0,021	-
Ameaça	0,001	-	0,012	0,002
Culpa	-	-	-	-
Triangulação	0,002	-	0,019	-
Percepção Conflito Interparental (global)	0,001	-	0,013	0,039

Legenda:

- 1 – 1º Ciclo
- 2 – 2º Ciclo
- 3 – Secundário
- 4 – Superior

Reporta-se a Tabela 30 à **colaboração do adolescente em atividades domésticas** e sua relação com a Percepção face ao Conflito Interparental. Dos resultados obtidos ressalta que os que não colaboram com os seus progenitores têm uma Percepção face ao Conflito Interparental mais negativa exceto para a culpa que é registada nos que colaboram com os seus familiares. As diferenças encontradas entre os dois grupos são significativas somente para a ameaça, registando-se uma significância marginal na Percepção face ao Conflito Interparental (global).

Tabela 30 - Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental \ Colaboração	Sim	Não	UMW	p
	OM	OM		
Conflito	941,33	963,42	267,244.000	0,490
Ameaça	921,81	1047,24	237,320.500	0,000
Culpa	950,44	924,29	266,067.000	0,404
Triangulação	935,74	987,40	258,683.000	0,105
Percepção Conflito Interparental (global)	934,33	993,45	256,522.000	0,065

Foi ainda nossa intenção saber se o **rendimento familiar** influenciava a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental (cf. Tabela 31). O teste de Kruskal Wallis indica que os adolescentes cujo agregado familiar possui um rendimento mensal Médio

Alto/Alto possuem uma percepção mais negativa do Conflito Interparental salvo para a culpa que é observada nos de agregado familiar com um rendimento mensal Médio.

Acresce ainda referir que os adolescentes cujo agregado familiar possui um rendimento mensal Baixo/Médio Baixo, são os que revelam uma Percepção mais positiva ao Conflito Interparental, mas as diferenças entre grupos só registam significâncias para o conflito e Percepção face ao Conflito Interparental (global), que se localizam para o conflito ($p=0,020$) e Percepção face ao Conflito Interparental (global) ($p=0,046$) entre os de rendimento mensal Baixo/Médio baixo e Médio e novamente para o conflito ($p=0,000$), Percepção face ao Conflito Interparental (global) ($p=0,004$) e ameaça ($p=0,036$) entre os de rendimento mensal Baixo/Médio e Médio Alto/Alto.

Tabela 31 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento do agregado familiar do Adolescente e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Rendimento familiar Percepção Conflito Interparental	Baixo/ Médio Baixo	Médio	Medio alto/ Alto	χ^2	P
	OM	OM	OM		
Conflito	854,35	941,82	1.009,02	16,644	0,000
Ameaça	898,59	931,69	994,10	6,771	0,034
Culpa	906,84	949,30	942,46	1,845	0,397
Triangulação	880,18	952,65	958,35	5,860	0,053
Percepção Conflito Interparental (global)	866,97	942,35	996,21	11,621	0,003

Como complemento á análise das variáveis realizada anteriormente e dado que o autor da escala também não apresentava grupos de corte, procedemos de igual forma à sua categorização utilizando para o efeito a mediana e o intervalo interquartilico.

Nesse sentido constituíram-se três grupos que classificamos como percepção positiva, para todos os que obtiveram uma pontuação até 45, moderada de 46 a 53 e negativa com um índice superior a 53. Dos resultados obtidos e apresentados na Tabela 32, ressalta que 40,7% dos adolescentes têm uma Percepção face ao Conflito Interparental positiva sendo que destes a percentagem mais elevada (41,8% vs. 39,7%), recai para os rapazes. Com percepção negativa encontramos 35,2% da amostra e o maior grupo (35,3%) é também nos rapazes. As diferenças encontradas não são significativas ($\chi^2= 1,540$; $p=0,463$).

Tabela 32 - Relação entre Sexo e Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental

Percepção Conflito Interparental	Sexo		Masculino (1)		Feminino (2)		Total		Resíduos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
Positiva	361	41,8	408	39,7	769	40,7	0,9	-0,9		
Moderada	197	22,8	258	25,1	455	24,1	-1,2	1,2		
Negativa	305	35,3	361	35,2	666	35,2	0,1	-0,1		
Total	863	100,0	1027	100,0	1890	100,0				

Em síntese:

Os resultados obtidos com a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental evidenciam o seguinte:

Os rapazes têm uma Percepção mais negativa nas dimensões conflito, ameaça e Percepção face ao Conflito Interparental (global) e as raparigas na culpa e triangulação.

São os adolescentes mais jovens que possuem uma percepção mais negativa no conflito, culpa, triangulação e Percepção face ao Conflito Interparental (global) e os adolescentes com 17 anos ou mais, os que se sentem mais ameaçados face ao conflito parental.

Os que residem na zona Urbana apresentam uma percepção mais negativa ao Conflito Interparental em todas as dimensões comparativamente com os residentes na zona Rural.

Os que coabitam só com o pai têm uma percepção mais negativa do conflito e ameaça, do que os que coabitam com pais e mãe. A percepção mais negativa da culpa, triangulação e Percepção face ao Conflito Interparental (global) surge nos adolescentes que vivem com os pais.

Filhos de mãe que exerce a profissão “Intelectual” revelam percepção mais negativa face ao conflito, ameaça, triangulação e Percepção face ao Conflito Interparental (global) e os adolescentes cujo pai exerce a profissão “Intelectual”, apresentam uma Percepção face ao Conflito Interparental mais negativa em todas as dimensões.

Os resultados revelam ainda que adolescentes com pai e mãe com habilitações literárias mais altas possuem uma percepção mais negativa ao Conflito Interparental em todas as dimensões exceto a culpa que é sentida pelos adolescentes filhos de pai com o 2º ciclo.

Por fim, adolescentes cujo rendimento familiar mensal é Médio alto/ Alto revelam uma Percepção mais negativa ao Conflito Interparental o que ocorre também para aqueles que não colaboram em atividades domésticas.

5.1.3 - Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

As estatísticas da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental apresentam um índice mínimo a oscilar entre 3 que se observa no desajustamento comportamental e o máximo 48 na Segurança emocional (global). Os valores médios situam-se entre 3,81 no desajustamento comportamental e 22,31 na Segurança emocional com desvios padrão respetivamente de 1,31 e 7,15. Pelos coeficientes de variação notamos a existência de dispersões moderadas para o envolvimento e representações familiares construtivas e alta para as restantes subescalas, enquanto os valores de assimetria e curtose indiciam curvas normocurticas para as representações familiares construtivas, desajustamento comportamental, evitamento e representações consequentes ao conflito, enviesadas à direita para as representações familiares construtivas e à esquerda nos restantes casos com exceção nas representações familiares destrutivas e envolvimento, que não regista enviesamento. Quanto ao teste de aderência à normalidade de Kolmogorov Smirnof revelam que a distribuição não é normal (cf. Tabela 33).

Tabela 33 – Estatísticas relacionadas Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Estatísticas	Min	Max	Média	Dp.	CV (%)	S/erro	K/erro	K/S
Reatividade emocional	9	36	18,50	6,85	37,02	9,445	5,375	0,000
Representações familiares construtivas	4	16	12,47	3,46	27,74	-16,715	0,690	0,000
Desajustamento comportamental	3	12	3,81	1,31	34,38	39,160	0,055	0,000
Representações familiares destrutivas	4	16	9,55	3,10	32,46	1,321	-4,353	0,000
Evitamento	7	28	15,06	4,54	30,14	7,625	-1,442	0,000
Representações consequentes do Conflito	4	16	7,24	2,36	32,59	13,839	2,017	0,000
Envolvimento	6	24	13,72	4,02	29,30	0,678	4,345	0,000
Segurança Emocional (global)	12	48	22,31	7,15	32,04	9,751	3,973	0,000

Dado que se pretendia examinar se os valores médios das subescalas da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental diferiam em relação ao **sexo**, efetuamos testes t para diferença de médias (cf. Tabela 34). Os resultados indicam que as raparigas apresentam índices médios mais elevados em todas as subescalas o que significa uma maior Segurança Emocional face ao Conflito Interparental do que os rapazes não sendo as diferenças significativas para as representações familiares construtivas e desajustamento comportamental.

Tabela 34 – Teste t para diferença de médias entre Sexo e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Sexo	Masculino		Feminino		Levene (p)	T	P
	Média	Dp	Média	Dp			
Reatividade emocional	17,03	6,44	19,72	6,90	0,004	-0,749	0,000
Representações familiares construtivas	12,39	3,50	12,54	3,43	0,975	-0,912	0,362
Desajustamento comportamental	3,80	1,37	3,81	1,25	0,259	-0,239	0,811
Representações familiares destrutivas	9,06	3,08	9,95	3,05	0,791	-6,247	0,000
Evitamento	14,28	4,32	15,72	4,61	0,168	-6,930	0,000
Representações consequentes do Conflito	7,13	2,39	7,34	2,33	0,306	-1,889	0,059
Envolvimento	13,14	3,99	14,21	3,99	0,932	-5,796	0,000
Segurança Emocional (global)	20,84	6,88	23,54	7,14	0,040	-8,364	0,000

Ao relacionarmos a **idade** (cf. Tabela 35), depreendemos que esta apenas possui efeito significativo no evitamento, revelando os testes post hoc de Tukey que as diferenças se situam entre os adolescentes de 16 anos e 17 anos e mais de idade.

No que respeita às representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito e Segurança Emocional (global) os índices médios são mais elevados nos adolescentes com 16 anos condizentes com melhor Segurança Emocional, enquanto a maior Segurança Emocional com as representações familiares construtivas são observadas nos adolescentes com idade até aos 15 anos. Já o evitamento obtém índices médios mais elevados nos adolescentes com 16 anos e 17. A variabilidade encontrada, ou seja a influência da idade na Segurança Emocional no Subsistema Parental é muito fraca observando-se a maior percentagem no evitamento com 0,39% e a menor, com 0,02% na reatividade emocional.

Tabela 35 – Análise de variância entre Idade e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Idade	≤ 15 anos		16 anos		≥ 17 anos		F	P	% VE
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Reatividade emocional	18,33	6,83	18,56	6,69	18,55	6,94	0,197	0,822	0,02
Representações familiares construtivas	12,54	3,48	12,38	3,38	12,50	3,52	0,318	0,727	0,03
Desajustamento comportamental	3,69	1,12	3,85	1,38	3,85	1,36	2,724	0,066	0,28
Representações familiares destrutivas	9,31	3,10	9,68	3,11	9,59	3,08	2,127	0,120	0,22
Evitamento	15,10	4,72	15,42	4,53	14,75	4,40	3,704	0,025	0,39
Representações consequentes Conflito	7,11	2,31	7,31	2,39	7,28	2,36	1,128	0,324	0,11
Envolvimento	13,42	4,30	13,73	3,89	13,91	3,93	2,232	0,108	0,23
Segurança Emocional (global)	22,03	7,01	22,42	7,01	22,41	7,35	0,528	0,590	0,05

Reportam-se na Tabela 36 os dados relativos ao estudo da **escolaridade**. Os adolescentes do 11º. Ano revelam maior Segurança Emocional na reatividade emocional e Segurança Emocional (global) e os do 12º. Ano nas representações familiares construtivas. Os adolescentes do Curso profissional são os que apresentam maior Segurança Emocional nas restantes subescalas sendo que as diferenças são significativas entre os grupos para o desajustamento comportamental que se situa nos estudantes com o 12º. Ano e Curso profissional ($p=0,009$), no evitamento entre os do 11º. Ano e do Curso profissional ($p=0,020$), nas representações consequentes do conflito nos estudantes do 12º. Ano e do Curso profissional ($p=0,004$) e no envolvimento com diferenças nos estudantes do 10º. Ano de escolaridade e do Curso Profissional ($p=0,046$).

Tabela 36 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Escolaridade	10º. Ano	11º. Ano	12º. Ano	Curso Prof.	χ^2	P
	OM	OM	OM	OM		
Reatividade emocional	939,60	961,05	957,45	883,52	2,844	0,416
Representações familiares construtivas	924,55	958,33	984,44	885,68	5,679	0,128
Desajustamento comportamental	948,71	963,91	887,16	1026,38	11,973	0,007
Representações familiares destrutivas	918,61	961,92	934,33	1034,18	7,052	0,070
Evitamento	949,57	961,92	934,33	1037,18	8,762	0,033
Representações consequentes do Conflito	947,79	947,12	896,83	1063,51	11,301	0,010
Envolvimento	900,32	964,36	965,51	1023,80	9,540	0,023
Segurança Emocional (global)	941,74	965,93	942,53	897,80	2,083	0,555

Os resultados da relação entre **local de residência** e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental revelam que os adolescentes residentes na zona Rural apresentam maior Segurança Emocional face ao Subsistema Parental, em todas as dimensões da escala que os congéneres da zona urbana (cf. Tabela 37).

O valor de t indica significância estatística para a reatividade emocional, representações familiares destrutivas, representações consequentes ao conflito, envolvimento e Segurança Emocional (global).

Tabela 37 – Teste t para diferença de médias entre Local de residência e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Local Residência	Urbana		Rural		Levene (p)	T	P
	Média	Dp	Média	Dp			
Reatividade emocional	17,80	6,73	19,21	6,85	0,448	-4,496	0,000
Representações familiares construtivas	12,35	3,60	12,60	3,31	0,010	-1,577	0,115
Desajustamento comportamental	3,77	1,28	3,85	1,34	0,938	-1,332	0,183
Representações familiares destrutivas	9,40	3,22	9,69	2,96	0,001	-2,032	0,042
Evitamento	15,03	4,62	15,10	4,46	0,195	-0,333	0,739
Representações consequentes do Conflito	7,13	2,39	7,36	2,32	0,534	-2,146	0,032
Envolvimento	13,47	4,08	13,97	3,94	0,129	-2,689	0,007
Segurança Emocional (global)	21,58	7,04	23,06	7,18	0,279	-4,541	0,000

Quando fazemos a comparação das ordens médias da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental com a **coabitação** notamos que os adolescentes que coabitam com os pais apresentam maior segurança nas dimensões representações familiares construtivas, envolvimento e Segurança Emocional (global). Para os que vivem com a mãe a maior Segurança Emocional é registada no desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas e representações consequentes do conflito e os que vivem com “Outros” na reatividade emocional e evitamento. Menor Segurança Emocional é observada nos que vivem com o pai em relação às representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito, envolvimento e Segurança Emocional (global).

Os adolescentes que residem com a mãe apresentam menor Segurança Emocional na reatividade emocional e representações familiares construtivas e os que residem com os pais no desajustamento comportamental. O teste de Kruskal Wallis só não apresenta significâncias estatísticas apenas para o evitamento e representações consequentes do conflito (cf. Tabela 38).

Tabela 38 - Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Coabitação	Pais	Pai	Mãe	Outros	X ²	P
	OM	OM	OM	OM		
Reatividade emocional	955,49	958,48	875,14	983,76	13,137	0,004
Representações familiares construtivas	1004,55	691,67	613,75	816,67	117,274	0,000
Desajustamento comportamental	925,23	942,70	1054,62	950,87	14,559	0,002
Representações familiares destrutivas	916,51	875,88	1121,35	952,09	28,905	0,000
Evitamento	945,76	763,20	942,08	947,56	3,338	0,342
Representações consequentes do Conflito	932,21	914,85	1014,26	944,40	4,690	0,196
Envolvimento	962,26	662,07	839,01	960,96	18,453	0,000

Segurança Emocional (global)	949,29	679,25	909,72	993,45	8,969	0,030
------------------------------	--------	--------	--------	--------	-------	-------

Na Tabela 39 apresentamos as probabilidades obtidas com os testes post-hoc de Tukey que nos indicam onde se situam as diferenças entre os grupos em estudo, sendo notório que é entre os adolescentes que coabitam com os pais e com a mãe que se localizam as maiores discrepâncias.

Tabela 39 - Teste post hoc de Tukey entre Coabitação e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Coabitação	1 vs. 2	1 vs. 3	1vs. 4	2 vs. 4	3 vs. 4
Reatividade emocional	0,016			0,021	
Representações familiares construtivas	0,007	0,000	0,003		
Desajustamento comportamental		0,001			
Representações familiares destrutivas		0,000			0,045
Evitamento					
Representações consequentes do Conflito					
Envolvimento	0,014	0,007	0,040		
Segurança Emocional (global)	0,035		0,028	0,028	

Legenda:

- 1 – Pais
- 2 – Mãe
- 3 – Pai
- 4 - Outros

Os resultados do teste de Kruskal-Wallis (cf. Tabela 40) evidenciam que o **estado civil dos progenitores** dos adolescentes tem efeito significativo na Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental exceto para o evitamento ($p=0,100$).

As ordens médias e consequentemente a maior Segurança Emocional são superiores nos adolescentes que vivem com pais Casados no que respeita à reatividade emocional, representações familiares construtivas, evitamento, envolvimento e Segurança Emocional (global) e para os pais Viúvos no desajustamento comportamental e representações familiares destrutivas. Já a maior Segurança Emocional nas representações familiares construtivas ocorre nos adolescentes cujos pais são Divorciados/Separados e a menor Segurança Emocional é observada nos adolescentes com pais Solteiros.

Tabela 40 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado Civil e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Estado civil Segurança Emocional	Casado	Solteiro	Div./Sep.	Viúvo	X ²	P
	OM	OM	OM	OM		
Reatividade emocional	965,07	488,87	873,74	734,30	25,569	0,000
Representações familiares construtivas	1009,36	614,50	500,84	935,96	179,263	0,000
Desajustamento comportamental	926,43	900,92	1030,92	1202,85	21,765	0,000
Representações familiares destrutivas	920,01	652,03	1090,41	1249,62	38,011	0,000
Evitamento	950,44	643,58	926,25	948,74	6,259	0,100
Representações consequentes do Conflito	935,41	705,95	981,21	1207,81	15,193	0,002
Envolvimento	966,74	461,11	829,05	916,77	27,741	0,000
Segurança Emocional (global)	958,93	501,66	899,83	826,64	17,139	0,001

Em virtude de as diferenças encontradas se localizarem em diferentes grupos, apenas registamos na Tabela 41 as probabilidades obtidas com os testes post-hoc de Tukey. Denota-se porém, que é entre os grupos 1 (Casados) e 2 (Solteiros) que há maiores discrepâncias na Segurança Emocional.

Tabela 41 - Teste post hoc de Tukey entre Estado Civil e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Estado Civil Segurança Emocional	1 vs. 2	1 vs. 3	1vs. 4	2 vs. 3	2 vs. 4	3 vs. 4
Reatividade emocional	0,001		0,033	0,016		
Representações familiares construtivas	0,005	0,000				0,000
Desajustamento comportamental		0,012	0,001			
Representações familiares destrutivas		0,000	0,001	0,004	0,000	
Evitamento						
Representações consequentes do Conflito			0,007		0,004	
Envolvimento	0,000	0,002		0,023	0,012	
Segurança Emocional (global)	0,002			0,012		

Legenda:

- 1 – Pais
- 2 – Mãe
- 3 – Pai
- 4 – Outros

Reportam Tabela 42 os resultados do teste de Kruskal Wallis no estudo da relação entre **profissão dos progenitores** e a Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental. Os adolescentes cujo pai exerce a profissão Técnica apresentam maior Segurança Emocional nas representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, evitamento e envolvimento. Por outro lado, os adolescentes cujo pai exerce a profissão Operacional, têm maior Segurança na reatividade emocional e representações consequentes do conflito e Segurança Emocional (global). Os valores de qui quadrado não

são somente significativos para as representações familiares construtivas e evitamento pelo que podemos inferir da relação de dependência entre a Profissão dos pais e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental, em todas as variáveis onde se registaram diferenças estatísticas.

No que respeita à atividade profissional da mãe do adolescente, registamos maior Segurança emocional na reatividade emocional, representações familiares construtivas, evitamento e envolvimento, para os adolescentes cuja mãe exerce a profissão “Gestora”, nas representações consequentes ao conflito para os adolescentes cuja mãe exerce a atividade “Intelectual” e no desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas e na Segurança Emocional (global) nos adolescentes filhos de mãe com atividade “Operacional” As diferenças entre grupos apenas não são significativas para as representações familiares construtivas e evitamento.

Tabela 42 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Profissão	Intelec.	Gestores	Técnicos	Operac.	χ^2	P
	OM	OM	OM	OM		
Profissão pai						
Reatividade emocional	799,29	902,51	936,94	953,49	24,484	0,000
Representações familiares construtivas	903,02	884,77	931,75	896,57	1,877	0,598
Desajustamento comportamental	838,15	860,15	915,10	962,78	21,961	0,000
Representações familiares destrutivas	815,01	875,58	945,26	948,70	20,812	0,000
Evitamento	890,52	900,17	944,67	888,39	3,745	0,290
Representações consequentes do Conflito	841,09	879,89	934,01	937,98	11,154	0,011
Envolvimento	832,33	905,58	944,20	924,85	11,776	0,008
Segurança emocional (global)	790,62	897,18	936,05	962,24	29,530	0,000
Profissão mãe						
Reatividade emocional	817,87	986,02	898,02	971,13	28,944	0,000
Representações familiares construtivas	923,54	988,47	923,85	910,70	3,121	0,373
Desajustamento comportamental	861,12	479,36	925,75	960,91	15,891	0,001
Representações familiares destrutivas	829,24	954,81	908,91	968,04	22,220	0,000
Evitamento	908,98	987,48	916,15	920,35	2,881	0,410
Representações consequentes do Conflito	961,93	931,97	910,99	955,27	9,986	0,019
Envolvimento	859,72	973,93	898,89	952,28	11,598	0,009
Segurança emocional (global)	810,51	973,66	902,59	975,79	32,075	0,000

Efetuada o teste pos hoc de Tukey (cf. Tabela 43), os resultados evidenciam que para a Profissão do pai as diferenças localizam-se para todas as dimensões da escala nas

profissões Intelectual vs. Técnica e Intelectual vs. Operacional e no que concerne à profissão da mãe entre Intelectual vs. Operacional em todas as dimensões da escala de Segurança Emocional e ainda entre Intelectual vs. Gestor na reatividade emocional, representações familiares destrutivas e Segurança Emocional (global).

Tabela 43 - Teste post hoc de Tukey entre Profissão dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Profissão	1 vs. 2	1 vs. 3	1 vs. 4	2 vs. 4
Profissão pai				
Reatividade emocional	0,051	0,000	0,000	-
Desajustamento comportamental	-	0,057	0,000	0,009
Representações familiares destrutivas	-	0,001	0,000	-
Representações consequentes do conflito	-	0,036	0,015	-
Envolvimento	-	0,008	0,025	-
Segurança Emocional (global)	0,039	0,000	0,000	-
Profissão mãe				
Reatividade emocional	0,002	-	0,000	-
Desajustamento comportamental	-	-	0,001	-
Representações familiares destrutivas	0,040	-	0,000	-
Representações consequentes do conflito	-	-	0,009	-
Envolvimento	-	-	0,011	-
Segurança Emocional (global)	0,003	-	0,000	-

Legenda:

- 1 – Intelectual
- 2 – Gestão
- 3 – Técnica
- 4 - Operacional

A Tabela 44 expressa os resultados inerentes à relação entre a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e as **habilitações literárias dos progenitores**. Como notamos encontramos unicidade nos resultados obtidos, porquanto o adolescente filho de pai e mãe com o 1º. Ciclo manifesta maior Segurança Emocional no que respeita à reatividade emocional, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, representações consequentes ao conflito, envolvimento e Segurança Emocional (global). O evitamento com valores mais elevados ocorre em adolescentes cujos progenitores (pai e mãe) possuem o ensino secundário. A exceção verifica-se para a maior segurança das representações familiares construtivas em adolescentes cujo pai possui o Ensino superior e mãe com o Ensino secundário.

Tabela 44 - Teste de Kruskal Wallis entre Habilitações Literárias dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional	Habilitações literárias	1º Ciclo	2º Ciclo	Second.	Superior	X²	P
		OM	OM	OM	OM		
Habilitações literárias pai							
Reatividade emocional		983,32	955,09	922,38	789,63	31,371	0,000
Representações familiares construtivas		887,43	910,92	924,69	944,08	2,340	0,505
Desajustamento comportamental		986,88	940,55	897,15	840,24	21,021	0,000
Representações familiares destrutivas		969,46	936,47	934,82	817,12	18,855	0,000
Evitamento		905,19	916,85	941,56	898,27	1,676	0,642
Representações consequentes do Conflito		973,30	941,06	913,55	831,86	15,662	0,001
Envolvimento		942,39	940,68	914,56	858,98	6,778	0,079
Segurança Emocional (global)		995,01	956,38	917,87	782,49	36,245	0,000
Habilitações literárias mãe							
Reatividade emocional		1015,92	944,83	974,47	824,90	30,897	0,000
Representações familiares construtivas		927,11	914,73	965,18	927,57	2,371	0,499
Desajustamento comportamental		1006,51	956,36	924,14	860,41	21,339	0,000
Representações familiares destrutivas		1022,18	935,53	962,68	842,18	24,832	0,000
Evitamento		936,45	909,55	971,67	922,13	3,599	0,308
Representações consequentes do Conflito		995,48	952,12	936,56	862,09	14,181	0,003
Envolvimento		1024,71	923,57	957,49	859,46	20,056	0,000
Segurança Emocional (global)		1024,51	949,31	971,43	816,46	35,776	0,000

Pelo teste post hoc de Tukey, demonstra-se que de um modo geral é entre os adolescentes cujos pais possuem o 1º. Ciclo e ou 2º. Ciclo com o ensino superior que se localiza a quase totalidade das diferenças (cf. Tabela 45).

Tanto para o pai como para a mãe ainda encontramos significâncias entre os que possuem o Ensino secundário e o Ensino superior relacionado com a reatividade emocional, representações familiares destrutivas e Segurança Emocional (global).

Tabela 45 - Teste post hoc de Tukey entre Habilidades Literárias dos progenitores e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Habilidades Literárias Segurança Emocional	1 vs. 2	1 vs. 3	1vs. 4	2 vs. 4	3 vs 4
Habilidades literárias pai					
Reatividade emocional	-	-	0,000	0,000	0,001
Desajustamento comportamental	-	0,031	0,000	-	-
Representações familiares destrutivas	-	-	0,000	0,002	0,006
Representações consequentes do conflito	-	-	0,001	0,007	-
Segurança emocional (global)	-	-	0,000	0,000	0,001
Habilidades literárias mãe					
Reatividade emocional	-	-	0,000	0,001	0,000
Desajustamento comportamental	-	-	0,000	0,004	-
Representações familiares destrutivas	-	-	0,000	0,020	0,003
Representações consequentes do conflito	-	-	0,002	0,026	-
Envolvimento	0,030	-	0,000	0,027	-
Segurança Emocional (global)	-	-	0,000	0,000	0,000

Legenda:

- 1 - 1º. Ciclo
- 2 - 2º. Ciclo
- 3 - Secundário
- 4 - Superior

A Tabela 46 expressa os resultados obtidos entre a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e a **colaboração dos adolescentes em atividades domésticas**. Denota-se que os adolescentes que colaboram em atividades domésticas manifestam mais Segurança Emocional em todas as dimensões da escala do que os que não colaboraram nessas atividades com relação de dependência, exceto para as representações familiares construtivas, desajustamento comportamental e representações familiares destrutivas.

Tabela 46 - Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Colaboração em Atividades Domésticas Segurança Emocional	Sim OM	Não OM	UMW	P
Reatividade emocional	984,20	779,32	214314,500	0,000
Representações familiares construtivas	955,94	900,68	257641,000	0,082
Desajustamento comportamental	952,52	915,36	262881,000	0,188
Representações familiares destrutivas	974,02	823,04	229924,000	0,000
Evitamento	956,89	896,60	256183,000	0,060
Representações consequentes do Conflito	967,92	849,24	239274,500	0,000
Envolvimento	978,32	804,56	223326,500	0,000
Segurança Emocional (global)	982,60	786,17	216759,000	0,000

Quanto ao **rendimento familiar** sobressaem dos resultados apresentados na Tabela 47, que os adolescentes cujos pais auferem um rendimento familiar Baixo ou Médio/Baixo, possuem uma melhor Segurança Emocional no Subsistema Parental, exceto nas representações familiares construtivas e envolvimento com valores mais elevados naqueles cujo rendimento familiar é Médio/Alto e Alto, sendo contudo neste grupo que se regista menor Segurança Emocional excluindo-se apenas o envolvimento que se observa nos que possuem um rendimento médio. Denotam-se diferenças para a reatividade emocional, representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, representações consequentes ao conflito e Segurança Emocional (global).

Tabela 47 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento Familiar e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Rendimento Familiar	Baixo Médio/Baixo	Médio	Médio Alto/ Alto	χ^2	P
Reatividade emocional	1016,17	934,13	880,94	12,837	0,002
Representações familiares construtivas	850,77	949,24	993,68	15,266	0,000
Desajustamento comportamental	976,39	925,93	937,70	3,182	0,204
Representações familiares destrutivas	999,97	944,86	868,80	12,275	0,002
Evitamento	955,11	951,47	893,09	3,974	0,137
Representações consequentes do Conflito	1010,10	923,40	913,36	8,673	0,013
Envolvimento	959,57	922,08	962,68	2,42	0,298
Segurança Emocional (global)	1025,49	930,94	880,45	15,081	0,001

O teste post hoc de Tukey, para as variáveis onde se registaram diferenças, retrata essa significância entre os grupos com Rendimento familiar Baixo ou Médio/Baixo e Médio Alto/Alto ainda para os de rendimento Baixo e Médio/Baixo e Médio para as mesmas variáveis com exclusão das representações familiares destrutivas (cf. Tabela 48).

Tabela 48 - Teste post hoc de Tukey entre Rendimento Familiar e Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Rendimento familiar	1 vs. 2	1 vs. 3
Reatividade emocional	0,029	0,001
Representações familiares construtivas	0,005	0,000
Representações familiares destrutivas	-	0,002
Representações consequentes do conflito	0,018	0,027
Segurança Emocional (global)	0,009	0,000

Legenda:

1 – Baixo Médio/Baixo

2 – Médio

3 – Médio Médio/Alto

Expõem-se na Tabela 49 os resultados da **Segurança Emocional no Subsistema Parental** com a **Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental**. Apuramos que os adolescentes que revelam uma perceção positiva ao Conflito Interparental registam maior Segurança Emocional no que respeita à reatividade emocional, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito, envolvimento e Segurança Emocional (global). A menor Segurança Emocional é encontrada nos adolescentes com uma perceção negativa ao Conflito Interparental, com exceção das representações familiares construtivas que é registada nos adolescentes com perceção positiva ao conflito. O valor de f é para todas as variáveis em estudo explicativo e a percentagem de variância explicada indica-nos que a maior variabilidade (20,4%) é encontrada nas representações familiares destrutivas e a menor (4,9%) no envolvimento.

Tabela 49 – Análise de variância entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Perceção ao Conflito Interparental

Perceção Conflito Interparental Segurança Emocional	Positiva		Intermédia		Negativa		F	P	% VE
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Reatividade emocional	21,11	7,13	19,26	6,07	14,95	5,25	176,48	0,000	15,75
Rep. familiares construtivas	11,34	3,47	12,90	3,06	13,48	3,34	78,07	0,000	7,64
Desaj. Comportamental	4,23	1,58	3,71	1,15	3,39	0,83	80,79	0,000	7,88
Rep. familiares destrutivas	11,04	3,05	9,54	2,58	7,82	2,53	241,86	0,000	20,40
Evitamento	16,42	4,56	15,77	4,31	13,02	3,90	120,30	0,000	11,30
Rep. consequentes do Conflito	8,32	2,61	7,13	1,92	6,07	1,66	195,00	0,000	17,12
Envolvimento	14,41	3,79	14,33	3,90	12,51	4,09	48,90	0,000	4,92
Segurança Emocional (global)	25,35	7,32	22,98	6,32	18,35	5,41	212,34	0,000	18,37

O teste pós hoc de Tukey consigna diferenças entre os adolescentes com boa, razoável e má Perceção ao Conflito Interparental para a quase totalidade das subescalas exceto no envolvimento que só regista diferenças entre os grupos com positiva vs. negativa e intermédia vs. negativa Perceção ao Conflito Interparental conforme resultados da Tabela 50.

Tabela 50 - Teste post hoc de Tukey entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Perceção ao Conflito Interparental

Perceção Conflito Interparental Segurança Emocional	1 vs. 2	1 vs. 3	2 vs. 3

Reatividade emocional	0,000	0,000	0,000
Representações familiares construtivas	0,000	0,000	0,013
Desajustamento comportamental	0,000	0,000	0,000
Representações familiares destrutivas	0,000	0,000	0,000
Evitamento	0,027	0,000	0,000
Representações consequentes do Conflito	0,000	0,000	0,000
Envolvimento		0,000	0,000
Segurança Emocional (global)	0,000	0,000	0,000

Legenda:

- 1 – Positiva
- 2 – Intermédia
- 3 – Negativa

Estudamos também a relação entre a **Segurança Emocional** e a **Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental** (cf. Tabela 51). Os resultados permitem-nos afirmar que os adolescentes com Perceção muito adequada do Comportamento Parental revelam melhor Segurança Emocional no Subsistema Parental no concernente à reatividade emocional, representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, representações consequentes do conflito, envolvimento e Segurança Emocional (global). Para os que revelam uma adequada perceção a maior Segurança Emocional regista-se no desajustamento comportamental e os com inadequada perceção no evitamento. Aliás, é neste grupo que de um modo geral encontramos uma menor Segurança Emocional. Os valores de f apenas não são explicativos para o evitamento ($f=1,687$; $p=0,187$) e a percentagem de variância explicada apresenta a maior variabilidade (6,54%) no envolvimento e a menor no evitamento com 0,17%.

Tabela 51 – Análise de variância entre Segurança Emocional do Subsistema Parental e Perceção face ao Comportamento Parental

Perceção Comportamento Parental Segurança emocional	Inadequada		Adequada		Muito adequada		F	P	% VE
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Reatividade emocional	17,83	6,67	17,78	6,46	19,61	7,04	15,562	0,000	1,62
Representações familiares construtivas	11,75	3,54	12,84	3,41	13,05	3,26	30,096	0,000	3,09
Desajustamento comportamental	3,71	1,26	3,91	1,43	3,86	1,29	3,599	0,028	0,38
Representações familiares destrutivas	9,22	3,07	9,26	3,32	10,04	3,93	14,908	0,000	1,55
Evitamento	15,18	4,75	14,69	4,27	15,14	4,43	1,687	0,187	0,17
Representações consequente do Conflito	6,81	2,28	7,35	2,55	7,66	2,26	25,540	0,000	2,63
Envolvimento	12,52	3,62	14,22	4,09	14,76	4,06	66,041	0,000	6,54
Segurança Emocional (global)	21,55	6,92	21,69	6,91	23,47	7,37	15,515	0,000	1,61

O teste pós hoc de Tukey indica que as diferença se situam para as representações familiares construtivas, representações consequentes do conflito e envolvimento entre os grupos com Perceção face ao Comportamento Parental inadequada e adequada, para a reatividade emocional, representações familiares destrutivas e Segurança emocional (global) entre os grupos com Perceção face ao Comportamento Parental adequada e muito adequada (cf. Tabela 52).

Tabela 52 - Teste post hoc de Tukey entre Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental

Segurança Emocional \ Percepção Face ao Comportamento Parental	1 vs. 2	1 vs. 3	2 vs. 3
Reatividade emocional	n.s	0,000	0,000
Representações familiares construtivas	0,000	0,000	n.s
Desajustamento comportamental	0,048	n.s	n.s
Representações familiares destrutivas	n.s	0,000	0,000
Evitamento	n.s	n.s	n.s
Representações consequentes do Conflito	0,000	0,000	n.s
Envolvimento	0,000	0,000	n.s
Segurança Emocional (global)	n.s	0,000	0,000

Legenda:

- 1 – Inadequada
- 2 – Adequada
- 3 – Muito adequada

Procedemos ainda para o valor global da Segurança Emocional à constituição de grupos de corte tendo em consideração a mediana e o intervalo interquartilico. Assim consideramos com baixa Segurança Emocional os adolescentes com um score inferior ou igual a 19, moderada Segurança Emocional score igual ou superior a 19 e inferior ou igual a 23 e finalmente Segurança Emocional elevada os que obtiveram um score superior ou igual a 24. Dos resultados obtidos e apresentados na Tabela 53, observamos que são as raparigas que possuem Segurança Emocional mais elevada (46,9% vs. 31,1%). Os rapazes são os que revelam uma menor Segurança Emocional (50,3% vs. 34,3%). As diferenças entre grupos é estatisticamente significativa ($\chi^2=58,720$; $p=0,000$) que se localizam entre os rapazes com baixa Segurança Emocional e nas raparigas com elevada Segurança Emocional.

Tabela 53 - Relação entre Sexo e Segurança Emocional do Subsistema Parental

Segurança Emocional \ Sexo	Masculino		Feminino		Total		Resíduos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
Baixa	434	50,3	352	34,3	786	41,6	7,0	-7,0
Moderada	161	18,7	193	18,8	354	18,7	-0,1	0,1
Elevada	268	31,1	482	46,9	750	39,7	-7,0	7,0
Total	863	100,0	1027	100,0	1890	100,0		

Em síntese:

No que diz respeito às variáveis sociodemográficas e a Percepção do Adolescente face à Segurança Emocional aferimos:

As raparigas apresentam índices médios mais elevados em todas as subescalas o que significa uma maior Segurança Emocional, mas denota-se que a influência da idade na Segurança Emocional é muito fraca dado que a maior percentagem de variância explicada se regista no evitamento com 0,39%, com efeito significativo nos adolescentes com 16 anos e 17 anos e mais.

Os adolescentes que residem na zona Rural apresentam maior Segurança Emocional no Subsistema Parental, em todas as dimensões da escala que os congéneres da zona Urbana e os que coabitam com os pais têm maior Segurança Emocional nas representações familiares construtivas, envolvimento, Segurança Emocional (global), representações internas e regulação da exposição ao conflito. Para os que vivem com as Mães regista-se maior Segurança Emocional no desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas e representações consequentes do conflito e para quem vive com Outros na reatividade emocional e evitamento.

Aferimos que o Estado civil dos pais dos adolescentes tem efeito significativo na Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental exceto o evitamento. A maior Segurança Emocional regista-se nos adolescentes que vivem com pais casados em relação à reatividade emocional, representações familiares construtivas, evitamento, envolvimento, Segurança Emocional (global) e nos adolescentes com pais viúvos no desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas. Nas representações familiares construtivas a maior segurança recai nos adolescentes com pais divorciados ou separados.

Quanto à profissão dos progenitores, apuramos que os adolescentes cujo pai exerce uma profissão “Técnica” apresentam maior Segurança Emocional nas representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, evitamento e envolvimento. Para os adolescentes cujo pai exerce a profissão “Operacional”, a maior Segurança Emocional é observada na reatividade emocional e representações consequentes do conflito. No que respeita à atividade profissional da mãe do adolescente, registamos maior Segurança Emocional para as que exercem a profissão “Gestora”, na reatividade emocional, representações familiares construtivas, evitamento, envolvimento e nas representações consequentes ao conflito, para os adolescentes cuja mãe exerce a atividade “Intelectual”. A maior Segurança Emocional é registada no desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas e Segurança emocional (global) nos adolescentes filhos de mães com atividade “Operacional”.

Os adolescentes cujos pais auferem um rendimento familiar Baixo ou Médio Baixo possuem uma melhor Segurança Emocional do Subsistema Parental, exceto para representações familiares construtivas e envolvimento. Os adolescentes cujos pais auferem um rendimento Médio/Alto e Alto registam menor Segurança Emocional. São também os

adolescentes que colaboram em atividades domésticas que manifestam mais Segurança Emocional.

Os adolescentes com boa Percepção ao Conflito Interparental registam maior Segurança Emocional em relação à reatividade emocional, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito, envolvimento, Segurança Emocional (global), representações internas e regulação da exposição ao conflito.

Apuramos que os adolescentes com muito adequada Percepção ao Comportamento Parental têm pontuações mais elevadas na Segurança Emocional do Subsistema Parental no concernente à reatividade emocional, representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, representações consequentes do conflito, envolvimento, reatividade emocional global e regulação da exposição ao conflito.

5.1.4 - Comportamentos Hostis

Conforme referimos na metodologia o Inventário de Hostilidade Buss-Durkee é composto por 75 itens agregados em 8 dimensões: Violência, Hostilidade indireta, Irritabilidade, Negativismo, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal e Culpabilidade, proporcionando ainda uma pontuação total, que resulta do somatório de todos os itens.

Na Tabela 54, apresentamos as estatísticas relativas a estas dimensões bem como ao seu valor global. Para este, os resultados indicam um índice mínimo de 2 e um máximo de 73 com uma média de 39,42 ($Dp=\pm 8,78$). O intervalo de confiança a 95% situa-se entre os 39,0 e 39,8 e o erro padrão de estimação da média é baixo ao apresentar um valor de 0,20. Para as 8 subescalas o índice mínimo encontrado foi de 0 e o máximo obteve-se na Hostilidade verbal uma cotação de 13 pontos, sendo porém esta a que contempla o maior número de itens. Quanto aos valores médios encontramos a Irritabilidade, o Negativismo, o Ressentimento, o Receio, a Hostilidade verbal, e o valor global com índices superior à média esperada. O coeficiente de variação revela dispersões a oscilarem entre o moderado na Irritabilidade e Hostilidade verbal e o elevado nas restantes subescalas. O teste de aderência à normalidade de Kolmogorov Smirnov indica que a distribuição não é normal.

Tabela 54 – Estatísticas relacionadas com os Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis	Min	Max	Média	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Violência	0	10	4,75	1,71	36,00	5,107	-3,672	0,000
Hostilidade indirecta	0	9	4,59	1,48	32,24	-4,696	-0,247	0,000
Irritabilidade	0	11	6,06	1,81	29,86	-0,375	-2,451	0,000
Negativismo	0	5	2,74	1,41	51,45	-3,696	-7,460	0,000
Ressentimento	0	8	4,14	1,78	42,99	-0,285	-6,637	0,000
Receio	0	10	5,38	2,00	37,17	-2,589	-3,380	0,000
Hostilidade verbal	0	13	7,24	2,02	27,90	-3,160	1,451	0,000
Culpabilidade	0	9	4,34	2,09	48,15	-0,642	-5,451	0,000
Hostilidade (global)	2	73	39,22	8,78	22,50	-4,464	7,424	0,000

Na Tabela 55 apresentamos a prevalência de Hostilidade nas diferentes dimensões. Observa-se que 93,5% dos adolescentes têm tendência para a Violência física ou envolver-se em brigas, mas percentuais similares são encontrados para o Ressentimento Hostilidade verbal e Hostilidade global. Apenas 2,5% da totalidade da amostra não manifesta Receio, 69,9% não apresenta Hostilidade indirecta e o Negativismo não é encontrado nos participantes do estudo.

Tabela 55 – Prevalência dos Comportamentos Hostis por dimensão

Comportamentos Hostis	Frequência		Não		Sim	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Violência	122	6,5	1768	93,5		
Hostilidade indirecta	1321	69,9	569	30,1		
Irritabilidade	734	38,8	1156	61,2		
Negativismo	1890	100,0	-	0,0		
Ressentimento	131	6,9	1759	93,1		
Receio	48	2,5	1842	97,5		
Hostilidade verbal	348	18,4	1542	91,6		
Hostilidade (global)	138	7,3	1752	92,7		

Com estes resultados, respondemos assim à primeira questão de investigação que formulamos e apresentamos no capítulo da metodologia e que se reportava à determinação da prevalência dos Comportamentos Hostis em adolescentes.

5.2 - Análise inferencial

Efetuada a análise descritiva iremos proceder à análise inferencial procurando dar resposta às outras questões de investigação. Nesse sentido a segunda questão procurava determinar: Que variáveis sociodemográficas e de contexto familiar têm efeito significativo sobre os Comportamentos Hostis em adolescentes.

5.2.1 – Variáveis sociodemográficas e Comportamentos Hostis em adolescentes

Relação entre Sexo e Comportamentos Hostis em adolescentes

Procuramos saber se o **Sexo** era uma variável discriminadora dos Comportamentos Hostis. Constatamos pelos resultados apresentados na Tabela 56, que os rapazes apresentam índices médios mais elevados condizentes com Comportamentos Hostis mais acentuados em relação à Violência, Irritabilidade, Negativismo, Hostilidade verbal e Hostilidade global, enquanto as raparigas revelam maior Hostilidade indireta, Ressentimento, Receio e Culpa. Assumindo igualdade de variâncias para o Ressentimento, Receio, Hostilidade, Culpa e Hostilidade global, o teste t indica-nos a existência de significância estatística para a Violência, Negativismo, Receio e Culpa, o que confirma a relação de dependência entre estas variáveis e não em relação às restantes.

Tabela 56 – Teste t para diferença de médias entre Sexo e Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis	Sexo		Masculino		Feminino		Levene (p)	t	p
			Média	Dp	Média	Dp			
Violência			5,33	1,750	4,27	1,525	0,000	13,794	0,000
Hostilidade indirecta			4,46	1,574	4,67	1,403	0,000	-0,324	0,746
Irritabilidade			6,10	1,869	6,03	1,759	0,018	0,828	0,408
Negativismo			2,95	1,329	2,68	1,475	0,000	4,093	0,000
Ressentimento			4,05	1,808	4,21	1,769	0,888	-1,844	0,065
Receio			5,16	2,044	5,56	1,947	0,259	-4,372	0,000
Hostilidade verbal			7,25	2,111	7,23	1,956	0,088	0,260	0,795
Culpa			4,18	2,165	4,48	2,033	0,067	-3,160	0,002
Hostilidade (global)			39,70	9,190	39,17	8,427	0,173	1,301	0,193

Relação entre Idade e Comportamentos Hostis em adolescentes

Os resultados relativos à **Idade**, revelam que no grupo dos adolescentes mais jovens (≤ 15 anos), se configuram maiores índices de Violência e no grupo dos mais velhos (≥ 17 anos), Negativismo e Receio, enquanto o grupo dos adolescentes com 16 anos aponta para maior Hostilidade indireta, Irritabilidade Ressentimento, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade global. Somente na Hostilidade indireta encontramos significância estatística entre os adolescentes com idade inferior ou igual a 15 anos e 16 anos e entre estes e os mais velhos, o que nos permite deduzir que a variável idade não se revela importante, quando se comparam grupos distintos em termos de Comportamentos Hostis (cf. Tabela 57).

Tabela 57 - Análise de variância entre Idade e Comportamentos Hostis

Idade Comport. Hostis	<= 15 anos (1)		16 anos (2)		>= 17 anos (3)		F	P	Post hoc			% VE
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			1vs.2	1vs.3	2vs.3	
Violência	4,866	1,736	4,753	1,680	4,694	1,723	1,542	0,214				0,163
Hostilidade indirecta	4,622	1,535	4,851	1,418	4,540	1,486	7,850	0,000	0,026		0,000	0,825
Irritabilidade	6,009	1,754	6,198	1,785	6,002	1,862	2,371	0,094				0,250
Negativismo	2,809	1,415	2,804	1,404	2,815	1,428	0,009	0,991				9,496
Ressentimento	4,151	1,780	4,187	1,781	4,098	1,799	0,430	0,650				0,045
Receio	5,224	2,078	5,388	1,998	5,484	1,947	2,576	0,076				0,272
Hostilidade verbal	4,196	2,022	7,316	1,886	7,213	2,142	0,612	0,542				0,064
Culpa	4,179	2,120	4,451	2,092	4,379	2,087	2,485	0,084				0,262
Hostilidade (global)	39,059	8,681	39,951	8,482	39,228	9,083	1,746	0,175				0,184

Emerge dos resultados acima descritos a percepção de que os adolescentes com 16 anos têm mais Comportamentos Hostis pelo que procuramos determinar a sua tendência face ao sexo.

Dos resultados obtidos observa-se que os rapazes evidenciam mais Violência, Hostilidade indirecta, Irritabilidade, Negativismo, Hostilidade verbal e Hostilidade global e as raparigas Ressentimento, Receio e Culpa.

Não assumindo igualdade de variâncias para a Hostilidade indirecta, as diferenças entre os sexos situam-se na Violência e no Negativismo com pendor para os rapazes e no Receio para as raparigas (cf. Tabela 58).

Tabela 58 – Teste t para diferença de médias entre Sexo e Comportamentos Hostis em adolescentes com 16 anos

Sexo Comportamento Hostis	Masculino		Feminino		Levenne (p)	t	P
	Média	Dp	Média	Dp			
Violência	5,25	1,67	4,33	1,56	0,281	7,103	0,000
Hostilidade indireta	4,86	1,50	4,84	1,34	0,022	0,208	0,836
Irritabilidade	6,33	1,87	6,08	1,70	0,051	1,686	0,092
Negativismo	2,99	1,35	2,64	1,42	0,152	3,055	0,002
Ressentimento	4,08	1,79	4,27	1,76	0,790	-1,295	0,196
Receio	5,19	2,01	5,55	1,07	0,977	-2,237	0,026
Hostilidade verbal	7,34	1,94	7,28	1,88	0,472	0,392	0,695
Culpa	4,32	2,17	4,55	2,02	0,383	-1,385	0,167
Hostilidade (global)	40,39	8,87	39,58	8,31	0,344	1,195	0,233

Relação entre Ano de escolaridade e Comportamentos Hostis em adolescentes

Compulsamos na Tabela 59, a relação entre **ano de escolaridade** e Comportamentos Hostis que evidencia nos alunos do Curso profissional maiores índices de Violência, Irritabilidade, Negativismo, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade global e nos estudantes do 11º ano maior Hostilidade indireta. Por sua vez os índices mais baixos de Comportamentos Hostis são denotados nos estudantes do 12º anos com exceção para o Receio e Culpa que é observável nos que frequentam o 10º ano de escolaridade.

Tabela 59 - Teste de Kruskal Wallis entre Ano Escolaridade e Comportamentos Hostis

Ano de Escolaridade Comportamentos Hostis	10º. Ano	11º. Ano	12º. Ano	Profissional	X ²	P
	OM	OM	OM	OM		
Violência	909,80	912,42	888,38	1019,31	15,281	0,002
Hostilidade indireta	943,73	961,12	947,52	892,29	2,102	0,552
Irritabilidade	959,55	955,01	875,74	1041,34	13,198	0,004
Negativismo	963,26	954,71	889,98	986,75	0,687	0,083
Ressentimento	951,92	952,88	887,47	1050,48	11,457	0,009
Receio	928,21	932,43	941,54	1079,51	11,013	0,012
Hostilidade verbal	938,75	967,75	904,40	1009,49	5,922	0,115
Culpa	914,41	965,94	949,04	1001,01	4,897	0,179
Hostilidade global	948,60	951,37	889,57	1064,79	12,452	0,006

Na continuação da análise da Tabela anterior, notamos que o teste de qui quadrado apresenta significâncias estatísticas para a Violência, Irritabilidade, Ressentimento, Receio e Hostilidade global, sugerindo os testes post hoc a existência de diferenças para a Violência entre os adolescentes que frequentam o 10º. Ano com os do 11º. Ano e 12º. Ano de escolaridade e estes com os do Curso profissional.

A Irritabilidade diferencia-se entre os que frequentam o 10º. e 12º. Ano e 12º. Ano e Curso profissional, ocorrendo também para este grupo no que respeita ao Ressentimento e Hostilidade global. O Receio encontra-se mais patente entre os adolescentes que frequentam o 10º., 11º. e Curso profissional com o 12º. Ano de escolaridade (cf. Tabela 60).

Tabela 60 - Teste post-hoc entre Ano escolaridade e Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis \ Ano Escolaridade	Post hoc					3 vs.4
	1vs.2	1vs.3	1vs.4	2vs.3	2vs.4	
Violência	0,045	0,009				0,040
Irritabilidade		0,049				0,005
Ressentimento						0,006
Receio			0,007		0,012	0,028
Hostilidade (global)						0,003

Consideramos apenas os adolescentes que frequentam o Curso profissional dado que são os que denotam mais Comportamentos Hostis, procuramos saber se a idade e o sexo eram variáveis discriminadoras.

Quanto à Idade, os resultados vêm de encontro aos expressos na Tabela 69, ao indicarem índices mais elevados de Hostilidade nos adolescentes com 16 anos de idade em todas as subescalas mas com significância estatística na Violência, Hostilidade indireta e Hostilidade global que se localizam entre os de 16 anos e 17 anos. Os adolescentes mais velhos de um modo geral são os que manifestam menos Comportamentos Hostis (cf. Tabela 61).

Tabela 61 – Teste de Kruskal Wallis entre Idade, Curso Profissional e Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis \ Idade	<=15 anos	16 anos	>= 17 anos	χ^2	p	Tukey
	OM	OM	OM			2 vs.3
Violência	90,23	95,64	70,17	10,753	0,005	0,004
Hostilidade indireta	79,23	100,81	70,60	13,481	0,001	0,001
Irritabilidade	82,08	87,16	77,27	1,452	0,484	--
Negativismo	82,37	90,80	75,18	3,658	0,161	--
Ressentimento	79,96	92,21	75,13	4,283	0,118	--
Receio	75,00	87,77	79,06	1,638	0,441	--
Hostilidade verbal	82,87	84,26	81,63	1,064	0,587	--
Culpa	75,73	84,50	80,64	0,618	0,734	--
Hostilidade (global)	76,42	96,00	74,09	7,142	0,028	0,020

No que respeita ao **Sexo** afere-se pela Tabela 62, que as raparigas manifestam de uma forma global comportamentos mais hostis exceto para a Violência que é mais elevada entre os rapazes. Assumindo igualdade de variâncias conforme resultado do teste de Levene, encontramos significâncias estatísticas para a Violência ($p=0,028$), Irritabilidade ($p=0,036$), Ressentimento ($p=0,012$), Receio ($p=0,042$) e Hostilidade global ($p=0,039$).

Tabela 62 – Teste t para diferença de médias entre Sexo, Curso profissional e Comportamentos Hostis em adolescentes

Comportamentos Hostis \ Sexo	Masculino		Feminino		Levene (p)	t	P
	Média	Dp	Média	Dp			
Violência	5,26	1,88	4,65	1,59	0,260	2,215	0,028
Hostilidade indireta	4,48	1,79	4,49	1,50	0,121	-0,019	0,985
Irritabilidade	6,09	1,95	6,72	1,79	0,775	-2,114	0,036
Negativismo	2,77	1,33	3,12	1,32	0,863	-1,624	0,106
Ressentimento	4,13	1,84	4,85	1,71	0,645	-2,533	0,012
Receio	5,48	2,28	6,25	1,980	0,228	-2,254	0,026
Hostilidade verbal	7,11	2,38	7,84	2,04	0,194	-2,051	0,042
Culpa	4,25	2,26	4,78	2,19	0,941	-1,733	0,085
Hostilidade (global)	39,26	10,48	42,80	8,58	0,127	-2,081	0,039

Relação entre Local de residência e Comportamentos Hostis em adolescentes

Uma das questões que se nos coloca respeita aos Comportamentos Hostis manifestados pelos adolescentes tendo em consideração o **local de residência**, pois consideramos que a vida mais agitada vivenciada por quem habita na cidade pode desencadear mais Comportamentos Hostis.

Efetuada o teste t para diferença de médias, este revelou que somente a Hostilidade indireta é marcadamente mais acentuada entre os residentes da zona rural expressando os adolescentes a residir na zona Urbana maior Hostilidade (global). Com igualdade de variâncias assumida pelo teste de Levenne, o valor de “p” é explicativo para o Ressentimento, Receio, Culpa e Hostilidade global, o que nos permite afirmar a relação de dependência com estas variáveis (cf. Tabela 63).

Tabela 63 – Teste t para diferença de médias entre Local de Residência e Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis	Local Residência		Rural		Urbana		Levenne (p)	t	P
			Média	Dp	Média	Dp			
Violência			4,712	1,749	4,807	1,711	0,815	-1,205	0,228
Hostilidade indireta			4,700	1,445	4,627	1,521	0,086	1,066	0,287
Irritabilidade			5,988	1,809	6,151	1,807	0,800	-1,956	0,051
Negativismo			2,785	1,408	2,835	1,425	0,814	-0,780	0,435
Ressentimento			3,984	1,776	4,303	1,786	0,241	-3,896	0,000
Receio			5,214	2,039	5,556	1,948	0,229	-3,736	0,000
Hostilidade verbal			7,205	2,047	7,281	2,009	0,593	-0,809	0,419
Culpa			4,237	2,108	4,464	2,085	0,931	-2,359	0,018
Hostilidade (global)			38,827	8,800	40,029	8,733	0,724	-2,978	0,003

Relação entre colaboração em atividades domésticas e Comportamentos Hostis em adolescentes

Era nossa convicção de que os adolescentes que colaboravam com os seus familiares em atividades domésticas apresentariam menores índices de hostilidade. Realizado o teste de U Mann Whitney, observamos que apenas os comportamentos de Violência, Hostilidade indireta e o Negativismo, são mais acentuados nos que não colaboram nas atividades domésticas, mas só o Receio e a Culpa mostram significâncias estatísticas o que nos permite afirmar do valor explicativo para estas variáveis (cf. Tabela 64).

Tabela 64 – Teste de U Mann Whitney entre Colaboração em Atividades Domésticas e Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis \ Colaboração	Sim	Não	UMW	P
	OM	OM		
Violência	945,15	947,01	273100,000	0,953
Hostilidade indirecta	934,24	993,84	256381,500	0,058
Irritabilidade	952,48	915,54	262944,500	0,2432
Negativismo	936,64	983,56	260052,500	0,135
Ressentimento	955,80	901,25	257845,000	0,085
Receio	958,31	890,50	254006,000	0,033
Hostilidade verbal	951,97	917,70	263716,000	0,280
Culpa	961,46	876,98	249179,500	0,008
Hostilidade (global)	955,39	903,02	258474,500	0,102

5.2.2 – Variáveis de contexto familiar e Comportamentos Hostis em adolescentes

Ainda para dar resposta à segunda questão de investigação vamos agora estudar a relação entre as variáveis de Contexto familiar e Comportamentos Hostis em adolescentes.

Relação entre Coabitação e Comportamentos Hostis em adolescentes

O teste de Kruskal Wallis usado para o estudo desta relação revelou que de um modo geral, os adolescentes que coabitam com “Outro” familiar são os que manifestam maior Hostilidade com exceção para a Violência que é notória para os que coabitam só com o “Pai”. Ressalta também da Tabela 65, que os adolescentes que coabitam com os dois progenitores apresentam menor Negativismo, Ressentimento e Receio e os que coabitam com a “Mãe” menor Violência, Hostilidade indirecta, Irritabilidade e Hostilidade verbal, enquanto os que coabitam só com o “Pai”, exteriorizam menor Culpa e Hostilidade (global). Contudo, somente no Ressentimento de encontram significâncias estatísticas que se localizam entre os que coabitam com os “Pais” e com “Outros” ($p=0,032$).

Tabela 65 – Teste de Kruskal Wallis entre Coabitação dos adolescentes e Comportamentos Hostis

Coabitação Comportamentos Hostis	Pais	Pai	Mãe	Outros	X ²	P
	OM	OM	OM	OM		
Violência	945,65	1058,83	897,14	963,26	3,249	0,355
Hostilidade indireta	946,35	738,95	933,69	965,31	4,708	0,194
Irritabilidade	944,42	953,40	923,44	953,49	0,361	0,948
Negativismo	939,67	890,77	950,16	984,65	0,985	0,805
Ressentimento	924,10	970,77	1000,93	1084,81	11,451	0,010
Receio	933,21	1061,13	935,89	1066,44	7,147	0,067
Hostilidade verbal	944,56	908,98	923,46	964,96	0,596	0,897
Culpa	943,37	897,62	899,61	1042,43	5,029	0,170
Hostilidade global	934,63	917,32	937,16	1085,30	7,168	0,067

Relação entre Estado civil dos pais e Comportamentos Hostis em adolescentes

Pais permissivos, indulgentes exigem muito pouco dos seus filhos e raramente os disciplinam enquanto pais autoritários valorizam o respeito pela ordem, restringem a sua autonomia e não fomentam a comunicação. Regra geral as mães possuem mais tendência para serem autoritárias e os pais mais propensos a práticas autoritárias. Tais contextos podem gerar nos adolescentes sentimentos de revolta evidenciando comportamentos mais hostis. Foram estes pressupostos que nos levaram à realização do teste de Kruskal Wallis entre Comportamentos Hostis e Estado civil dos pais dos adolescentes.

Dos resultados apresentados denota-se que os adolescentes com pais viúvos são os que manifestam maior Hostilidade, excetuando-se a Violência e Hostilidade indireta que é mais evidenciada nos adolescentes de pais divorciados ou separados. Salienta-se por outro lado que adolescentes de pais solteiros são os que apresentam menores índices de Hostilidade, porém, apenas foram encontradas significâncias estatísticas entre os grupos em análise para a Hostilidade indireta que se situa entre os adolescentes com pais casados e pais solteiros ($p=0,012$) e pais solteiros e divorciados/separados ($p=0,012$) e para a Culpa, entre pais de adolescentes solteiros e casados ($p=0,014$) e adolescentes de pais Solteiros e Viúvos ($p=0,004$) (cf. Tabela 66).

Tabela 66 - Teste de Kruskal Wallis entre Estado civil dos progenitores e Comportamentos Hostis

Estado Civil Comportamentos Hostis	Casado	Solteiro	Divorciado /Separado	Viúvo	X ²	P
	OM	OM	OM	OM		
Violência	942,58	106,24	953,03	945,15	0,327	0,955
Hostilidade indirecta	947,22	569,22	960,36	926,86	9,649	0,022
Irritabilidade	944,92	777,47	941,70	1018,93	2,641	0,450
Negativismo	939,65	817,26	977,52	1014,85	2,778	0,427
Ressentimento	934,28	923,89	981,97	1148,74	7,719	0,052
Receio	939,76	825,68	967,71	1058,04	3,316	0,345
Hostilidade verbal	946,06	827,03	936,69	963,21	0,985	0,805
Culpa	951,62	576,26	897,67	1084,10	13,578	0,004
Hostilidade (global)	940,53	707,89	966,87	1086,08	6,877	0,076

Relação entre Profissão dos progenitores e Comportamentos Hostis em adolescentes

A Tabela 67 configura a relação entre a **profissão dos progenitores** e os Comportamentos Hostis em adolescentes. No que se refere à profissão da mãe os resultados indicam que os comportamentos de Violência, Hostilidade indireta, Receio, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade (global) são mais elevados nos adolescentes em que as mães exercem uma profissão na área da Gestão. Por outro lado, os comportamentos de Irritabilidade e Negativismo observam-se mais nos adolescentes cujas mães exercem uma profissão Técnica e o Ressentimento nas mães com profissão Operacional. As diferenças entre os grupos são significativas para o Ressentimento que se localizam nos adolescentes cujas mães exercem a profissão Intelectual e Operacional ($p=0,002$), para o Receio entre os da profissão Intelectual e Gestão ($p=0,030$) Intelectual e Técnica ($p=0,004$) e Intelectual e Operacional ($p=0,000$). Para a Hostilidade (global) as diferenças situam-se entre os adolescentes com mães com profissão Intelectual e Gestora ($p=0,040$) e Intelectual e Operacional ($p=0,007$).

No que se refere à profissão do pai os resultados indicam que a Hostilidade verbal se localiza nos adolescentes cujo pai exerce a profissão Intelectual e a Hostilidade indireta, Negativismo, Culpa e Hostilidade (global) nos adolescentes com pai a exerce a profissão de Gestor. Os comportamentos de Violência, Irritabilidade e Ressentimento manifestam-se nos adolescentes cujo pai exerce a profissão Técnica e os comportamentos de Receio nos adolescentes filhos de pai que exercem uma profissão na área Operacional. As diferenças entre os grupos são significativas no Ressentimento que se localizam nos adolescentes cujo pai exerce a profissão Intelectual e Técnica ($p=0,018$), no Receio entre a profissão Intelectual e Técnico ($p=0,002$) e a profissão Intelectual e Operacional ($p=0,000$). Para a

hostilidade (global) as diferenças situam-se entre os adolescentes com pai com a profissão Intelectual e Gestor ($p=0,043$) e Intelectual e Operacional ($p=0,048$).

Tabela 67 - Teste de Kruskal Wallis entre Profissão dos progenitores e Comportamentos Hostis

Profissão Comportamentos Hostis	Intellectual	Gestão	Técnica	Operac.	x²	P
	OM	OM	OM	OM		
Profissão mãe						
Violência	905,64	982,03	923,28	920,95	2,667	0,446
Hostilidade indirecta	943,53	949,51	902,16	913,97	1,876	0,599
Irritabilidade	907,24	891,53	943,21	930,73	1,627	0,653
Negativismo	888,90	944,04	956,34	926,66	3,414	0,332
Ressentimento	846,21	928,34	947,10	953,41	13,691	0,003
Receio	831,70	961,37	945,61	955,12	18,925	0,000
Hostilidade verbal	911,61	988,71	882,83	928,36	4,515	0,211
Culpa	873,28	977,45	903,78	943,49	7,728	0,052
Hostilidade global	851,27	977,53	926,83	947,84	12,327	0,006
Profissão pai						
Violência	882,19	912,50	924,39	903,68	1,562	0,668
Hostilidade indirecta	927,47	954,71	888,34	884,19	4,801	0,187
Irritabilidade	880,89	900,23	916,58	915,79	1,458	0,692
Negativismo	965,87	967,80	914,68	897,45	6,950	0,074
Ressentimento	840,83	910,34	941,89	918,87	9,413	0,024
Receio	812,65	903,15	938,09	943,51	18,875	0,000
Hostilidade verbal	976,31	944,37	924,57	893,43	3,917	0,271
Culpa	872,44	950,86	885,89	922,13	5,194	0,158
Hostilidade (global)	839,38	944,93	916,26	923,85	9,307	0,025

Relação entre Habilitações literárias dos pais e Comportamentos Hostis em adolescentes

Uma das curiosidades que se levantaram no decurso deste estudo prende-se com a provável relação entre as **habilitações literárias** dos progenitores e os Comportamentos Hostis em adolescentes. Tendo presente a escolaridade diferenciada de ambos os progenitores, procuramos recodificar e criar uma variável que aglutinasse as habilitações de ambos. Para o efeito concebemos quatro categorias: a primeira consigna apenas os dois progenitores que possuem o 1º. Ciclo, a segunda pelo menos um que detenha o 2º. Ciclo e seguindo a mesma lógica a terceira e quarta categoria que pelo menos um dos progenitores possua o secundário e o ensino superior respetivamente. Efetuada esta nova configuração, realizamos o teste de KW no sentido de determinar se as habilitações literárias dos progenitores descriminavam os Comportamentos Hostis em adolescentes. Comprovamos que os adolescentes cujos pais possuem o primeiro ciclo manifestam mais Comportamentos

Hostis relacionados com a Irritabilidade, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade (global). A Violência e o Negativismo são mais evidentes nos adolescentes em que pelo menos um dos progenitores possui o ensino secundário e a Hostilidade indireta situa-se essencialmente naqueles que têm o ensino superior. Denotam-se significâncias estatísticas para o Ressentimento, Receio, Culpa e Hostilidade global.

No que respeita ao Ressentimento (cf. Tabela 68), encontramos significâncias estatísticas entre os pais dos adolescentes que possuem o 1º. Ciclo e os que pelo menos um possui o ensino superior ($p=0,001$), o 2º. Ciclo e o ensino superior ($p=0,006$) e o ensino secundário e o ensino superior ($p=0,045$). Quanto ao Receio as diferenças situam-se entre os filhos de pais que possuem o 1º. Ciclo e o ensino superior ($p=0,003$) e o 2º. Ciclo e ensino superior ($p=0,000$). Já para a Culpa notamos diferenças entre os filhos de pais com o 1º. Ciclo e o ensino superior ($p=0,004$) e para a Hostilidade (global) entre os filhos de pais com o 2º. Ciclo e ensino superior ($p=0,007$), 2º. Ciclo e ensino superior ($p=0,013$) e com ensino secundário e ensino superior ($p=0,047$).

Tabela 68 - Teste de Kruskal Wallis entre Escolaridade dos pais e Comportamentos Hostis em adolescentes.

Hab. Literárias Comportamentos Hostis	Só 1º ciclo	Pelo menos um 2º ciclo	Pelo menos um secundário	Pelo menos um superior	χ^2	P
	OM	OM	OM	OM		
Violência	939,67	947,05	961,64	911,66	2,594	0,458
Hostilidade indireta	849,59	947,21	943,40	954,61	5,924	0,115
Irritabilidade	1003,91	950,11	944,98	902,46	5,805	0,121
Negativismo	924,57	953,08	957,77	913,51	2,540	0,468
Ressentimento	1033,79	967,91	953,14	868,06	18,325	0,000
Receio	1019,83	985,65	941,96	863,19	20,704	0,000
Hostilidade verbal	968,88	932,78	957,42	920,77	1,956	0,582
Culpa	1055,00	940,60	940,38	900,22	11,696	0,009
Hostilidade (global)	1017,47	965,99	957,17	871,51	15,241	0,002

Relação entre Rendimento familiar dos pais e Comportamentos Hostis em adolescentes

A delicada situação socioeconómica tem sido apontada pelos Mídias como propulsoras de Comportamentos Hostis ao serem referenciadas como favorecedoras de práticas educativas mais coercivas. Realizado o teste de Kruskal Wallis, os resultados apontam para Comportamentos Hostis mais determinantes nos adolescentes com rendimento familiar baixo, excetuando-se a Violência, a Hostilidade indireta e o Negativismo que se observa nos adolescentes com rendimento familiar alto, mas é também este grupo que evidencia comportamentos menos hostis em relação ao Ressentimento, Receio, Culpa

e Hostilidade global. As diferenças encontradas apresentam significância estatística para o Ressentimento, Receio, Culpa e Hostilidade global, situando-se para o Ressentimento entre os de rendimento baixo e médio ($p=0,008$) e baixo e alto ($p=0,000$), para o Receio entre os de rendimento baixo e médio ($p=0,001$) e médio e alto ($p=0,037$) e para a Hostilidade global entre os três grupos, baixo e médio ($p=0,006$) baixo e alto ($p=0,000$) e médio e alto ($p=0,026$) (Tabela 69).

Tabela 69 - Teste de Kruskal Wallis entre Rendimento Familiar e Comportamentos Hostis

Comportamentos Hostis \ Rendimento	Baixo Médio/Baixo	Médio	Médio Alto/ Alto	χ^2	P
	OM	OM	OM		
Violência	948,51	922,93	970,61	2,579	0,275
Hostilidade indirecta	912,03	935,74	971,74	2,660	0,265
Irritabilidade	965,01	931,99	932,89	1,154	0,565
Negativismo	938,27	933,81	952,66	0,383	0,826
Ressentimento	1025,56	931,26	879,58	15,587	0,000
Receio	1006,08	943,13	867,56	13,666	0,001
Hostilidade verbal	952,58	930,01	949,17	0,702	0,704
Culpa	990,83	940,77	887,36	7,551	0,023
Hostilidade (global)	1001,87	927,53	910,48	6,870	0,032

5.2.3 – Relação entre a Percepção face ao Comportamento Parental, Percepção face ao conflito Interparental, Segurança Emocional no Subsistema Parental e Comportamentos Hostis em Adolescentes

Tendo por base as questões: Em que medida a Percepção do adolescente face ao Comportamento Parental, têm influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes? Qual a influência da Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental, nos Comportamentos Hostis em adolescentes? Em que medida a Segurança Emocional do Adolescente face ao Subsistema Parental, têm influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes? decidimos estudar a relação entre o Comportamento Hostil em adolescentes nas suas dimensões Violência, Hostilidade indirecta, Irritabilidade, Negativismo, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal, Culpabilidade e Hostilidade (global) com a Percepção face ao Comportamento Parental (aceitação vs. rejeição, controle psicológico vs. autonomia psicológica, controlo firme vs. controlo permissivo), Percepção face ao Conflito parental (propriedades do conflito, ameaça, culpa e triangulação) e Segurança Emocional face ao Conflito Parental (reatividade emocional, representações familiares construtivas, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito e envolvimento).

Efetuamos análises de regressões múltiplas, dado que este é o método mais utilizado para realizar análises multivariadas, principalmente quando se pretende analisar em simultâneo mais que uma variável independente e uma variável dependente (Gageiro & Pestana 2005). Este método define um conjunto vasto de técnicas estatísticas usadas para modelar relações e prever o valor de uma variável dependente (variável endógena) a partir de um conjunto de variáveis independentes ou preditoras (variáveis exógenas) (Marôco, 2011).

Com método de estimação optamos pelo método de Stepwise (passo a passo) que induz tantos modelos quantos os necessários até conseguir determinar as variáveis que são preditoras da variável dependente.

Relação entre variáveis independentes e Violência

A primeira dimensão dos Comportamentos Hostis em adolescentes a ser estudada através da regressão múltipla é a **Violência**. A Tabela 70 dá-nos as correlações obtidas com as diferentes variáveis em análise e pelos resultados notamos que os valores correlacionais oscilam entre o fraco nas propriedades do conflito ($r=-0,124$), culpa ($r=-0,205$), triangulação ($r=-0,149$), Perceção ao Conflito Interparental (global) ($r=-0,140$) e desajustamento comportamental ($r=0,156$) e ínfimas nas restantes variáveis.

Verificamos ainda que a Violência estabelece relações diretas com todas as dimensões da Perceção face ao Comportamento Parental e inversas para a Perceção face ao Conflito Interparental e Segurança Emocional no Subsistema Parental, com exceção nesta variável para o desajustamento comportamental e representações consequentes ao conflito cujo sentido é direto.

Não são significativas as diferenças encontradas para a aceitação vs. rejeição, ameaça, representações familiares destrutivas e Segurança Emocional do Subsistema Parental. Inferimos assim que quanto maior a Perceção face ao Comportamento Parental, desajustamento comportamental e representações consequentes ao conflito, mais negativa a Perceção face ao Conflito Interparental e menor a Segurança Emocional, maior o Comportamento Violento do Adolescente.

Tabela 70 - Correlações de Pearson entre variáveis independentes e Violência

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,018	0,211
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,046	0,023
Controlo firme vs. Controlo permissivo	0,065	0,002
Perceção Comportamento Parental (global)	0,056	0,008
Propriedades do Conflito	-0,124	0,000
Ameaça	-0,014	0,273
Culpa	-0,205	0,000
Triangulação	-0,149	0,000
Perceção Interparental (global)	-0,140	0,000
Reatividade emocional	-0,045	0,026
Representações familiares construtivas	-0,072	0,001
Desajustamento comportamental	0,156	0,000
Representações familiares destrutivas	-0,001	0,490
Evitamento (fuga)	-0,058	0,006
Representações consequentes do Conflito	0,060	0,004
Envolvimento	-0,027	0,120
Segurança Emocional Subsistema Parental (global)	-0,034	0,070

Analisando os resultados inerentes ao modelo de regressão, notamos que a primeira variável a entrar no modelo foi a culpa por ser a que apresenta um maior coeficiente de correlação em valor absoluto conforme resultado da tabela anterior. Esta variável explica 4,2% da variação da Violência e o erro padrão de regressão é de 1,677 correspondente à diferença entre os índices observados e estimados da Violência.

No segundo modelo deu entrada o desajustamento comportamental e estas duas variáveis passaram a explicar 5,3% da variabilidade da Violência com um erro estimado de 1,668. No terceiro quarto e quinto modelos entraram sequencialmente a Segurança Emocional do Subsistema Parental (global), a Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental (global) e propriedades do conflito.

Os resultados do último modelo são apresentados no Quadro 20, que comprova que são cinco as variáveis que se constituíram como preditoras da Violência. A correlação que estas variáveis estabelecem com a Violência é fraca ($r=0,261$) e no seu conjunto apresentam uma variabilidade fraca ao situar-se nos 7%. O erro padrão da estimativa diminuiu para 1,656. Pelos resultados obtidos pela VIF aferimos que as variáveis entradas no modelo não são colineares uma vez que se situam abaixo dos valores de referência.

Com os valores de F apuramos que existem significâncias estatísticas o que leva à rejeição de nulidade entre as variáveis em estudo e os valores de t, dado também apresentarem diferenças estatísticas, permitem-nos afirmar que as variáveis independentes que entraram no modelo de regressão são preditoras do comportamento hostil de Violência.

Os coeficientes padronizados beta por sua vez indicam-nos que a culpa é a que apresenta maior valor preditivo seguida do desajustamento comportamental surgindo em último lugar a propriedades do conflito. O desajustamento comportamental e a Percepção face ao Comportamento Parental estabelecem uma relação direta e a culpa, Segurança Emocional e propriedades do conflito uma relação inversa com a Violência o que nos permite afirmar que a maiores índices onde a relação é direta e a menores onde é inversa, maior o Comportamento Violento do Adolescente.

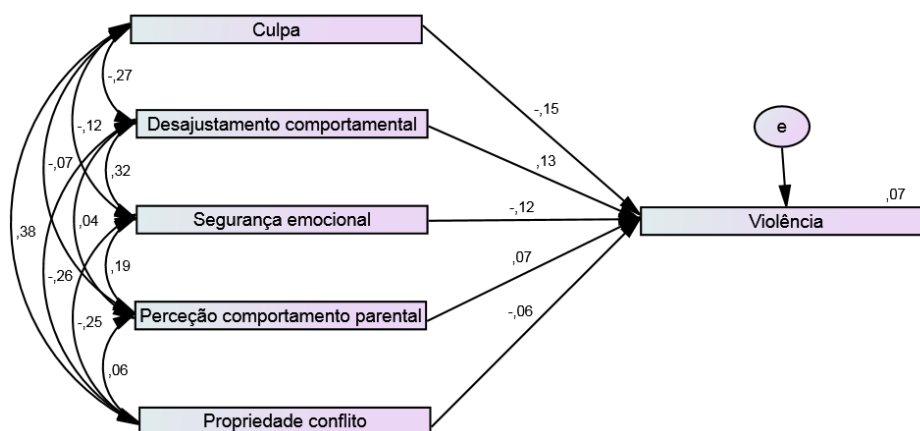
O modelo final ajustado para a Violência é dado pela seguinte fórmula:

$$\text{Violência} = 5,607 + (-0,093 \text{ culpa}) + (0,174 \text{ desajustamento comportamental}) + (-0,012 \text{ Segurança Emocional do Subsistema Parental}) + (0,015 \text{ Percepção Comportamento Parental}) + (-0,023 \text{ propriedades do conflito})$$

Quadro 20 - Análise de variância entre variáveis independentes e Violência

Variável dependente = Violência R = 0,261 R ² = 0,068 R ² Ajustado = 0,066 Erro padrão da estimativa = 1,656 Incremento de R ² = 0,003 F = 6,503 P = 0,011					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	T	P	Colinearidade VIF
Constante	5,607				
Culpa	-0,093	-0,154	-6,228	0,000	1,231
Desajustamento comportamental	0,174	0,133	5,477	0,000	1,200
Segurança Emocional	-0,012	-0,123	-5,030	0,000	1,202
Percepção Comportamento Parental	0,015	0,067	2,901	0,004	1,064
Propriedades Conflito	-0,023	-0,064	-2,550	0,011	1,277
Análise de variância					
Efeito	Soma quadrados	GL	Média quadrados	F	P
Regressão	377,265	5	75,453	27,498	0,000
Residual	5169,679	1884	2,744		
Total	5546,944	1889			

A Figura 2 representa o output gráfico do modelo ajustado com os coeficientes standardizados. Neste modelo o coeficiente de regressão ou de trajetória da culpa é de ($\beta_{culpa}=-0,15$), do desajustamento comportamental é de ($\beta_{desajustamento}=-0,13$), da Segurança Emocional do Subsistema Parental de ($\beta_{Segurança Emocional}=-0,12$), da percepção comportamento parental (global) ($\beta_{percepção comportamento parental}=0,07$) e das propriedades do conflito ($\beta_{propriedades conflito}=-0,06$) em relação à Violência. O modelo explica conforme referimos anteriormente cerca de 7% da variação observada da Violência nas diferentes variáveis.

Figura 2 – Modelo ajustado para a Violência

Relação entre variáveis independentes e Hostilidade indireta

Para a **Hostilidade indireta** verificamos pela Tabela 71, que as correlações entre este fator do Comportamento Hostil e as variáveis independentes são ínfimas, oscilando entre ($r=-0,004$) na aceitação vs. rejeição e ($r=-0,185$) na Percepção face ao Conflito Interparental (global).

Observamos também que existe uma relação inversa para a aceitação vs. rejeição, controlo firme vs. controlo permissivo fatores pertencentes à Percepção face ao Comportamento Parental, com todos os fatores da Percepção face ao Conflito Interparental e ainda com as representações familiares construtivas, fator relacionado com a Segurança Emocional, o que nos permite afirmar que quanto mais baixos os índices nas variáveis cuja relação é inversa exceto para os fatores da Percepção ao Conflito Interparental e mais elevadas nas restantes, maior a Hostilidade indireta manifestada pelo Adolescente.

As diferenças só não são significativas na aceitação vs. rejeição, controlo firme vs. controlo permissivo e representações familiares construtivas.

Tabela 71 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Hostilidade indireta

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	-0,004	0,431
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,057	0,007
Controlo firme/permissivo	-0,025	0,138
Perceção Comportamento Parental (global)	0,010	0,331
Propriedades do Conflito	-0,171	0,000
Ameaça	-0,146	0,000
Culpa	-0,110	0,000
Triangulação	-0,139	0,000
Perceção Conflito Interparental (global)	-0,185	0,000
Reatividade emocional	0,088	0,000
Representações familiares construtivas	-0,026	0,125
Desajustamento comportamental	0,131	0,000
Representações familiares destrutivas	0,081	0,000
Evitamento (fuga)	0,123	0,000
Representações consequentes do Conflito	0,067	0,002
Envolvimento	0,073	0,001
Segurança Emocional no Subsistema Parental (global)	0,113	0,000

A perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental (global) foi nesta regressão múltipla constituída por cinco passos, revelando-se com maior coeficiente de correlação em valor absoluto e consequentemente a primeira variável a integrar-se como preditora explicando por si só 3,4% da variação do comportamento de Hostilidade indireta, com um erro padrão de regressão de 1,458.

Sucessivamente deram entrada no modelo de regressão as variáveis desajustamento comportamental, evitamento, representações consequentes do conflito e controlo psicológico vs. autonomia psicológica. No Quadro 21, apresentamos os resultados do último modelo. A correlação que estas variáveis, no seu conjunto, estabelecem com a Hostilidade indireta pode classificar-se de fraca ($r=0,224$) apresentando uma variabilidade de 5,0% e um erro padrão da estimativa de 1,447 ligeiramente inferior ao obtido no primeiro modelo de regressão.

Pela VIF aferimos que as variáveis presentes no modelo não são colineares, uma vez que oscilam entre 1,026 no controlo psicológico vs. autonomia psicológica e 1,510 nas representações consequentes ao conflito.

Quanto aos testes F e os valores de t por apresentarem significância estatística, rejeitamos a hipótese de nulidade entre as variáveis em estudo indicam-nos assim que as variáveis independentes que entraram no modelo de regressão têm poder explicativo na Hostilidade Indireta. Os coeficientes padronizados beta revelam que a variável Perceção face ao Conflito Interparental é a que apresenta maior valor preditivo secundado pelo desajustamento comportamental e com igual poder preditivo o evitamento e as representações consequentes do conflito, surgindo em último lugar o controlo psicológico.

Notamos também que a Percepção ao Conflito Interparental (global) e as representações consequente ao conflito estabelecem com a Hostilidade indireta uma relação inversa e direta com as restantes variáveis, pelo que podemos inferir que quanto mais elevados os valores nestas variáveis e menores no desajustamento comportamental, evitamento e controlo psicológico vs. autonomia psicológica, menor a Hostilidade indireta.

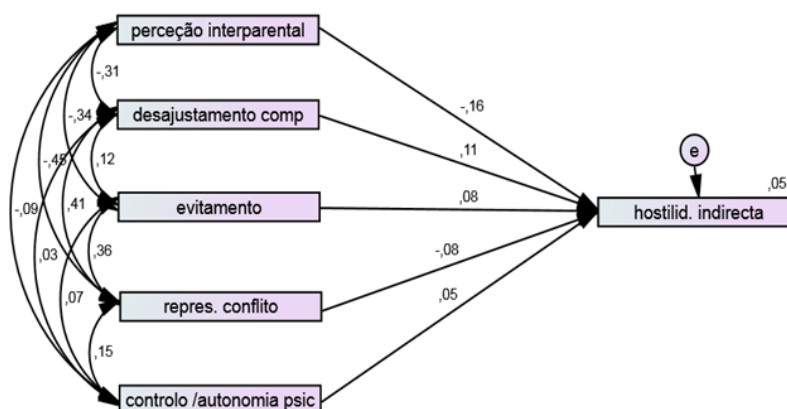
Terminamos por apresentar o modelo final ajustado para Hostilidade indireta que é dado pela seguinte fórmula:

Hostilidade indireta = 4,703 + (-0,020 Percepção face ao Conflito Interparental) + (0,119 Desajustamento comportamental) + (0,027 Evitamento) + (-0,052 Representações consequentes do Conflito) + (0,023 Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica).

Quadro 21 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Hostilidade Indireta

Variável dependente = Hostilidade indirecta R = 0,224 R ² = 0,050 R ² Ajustado = 0,047 Erro padrão da estimativa = 1,447 Incremento de R ² = 0,002 F = 3,994 P = 0,046					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	T	P	Colinearidade VIF
Constante	4,703				
Percepção Conflito Interparental	-0,020	-0,156	-6,001	0,000	1,348
Desajuste comportamental	0,119	0,105	4,212	0,000	1,242
Evitamento	0,027	0,083	3,361	0,001	1,213
Representação consequentes ao Conflito	-0,052	-0,083	-3,019	0,003	1,510
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,023	0,045	1,999	0,046	1,026
Análise de variância					
Efeito	Soma quadrados	GL	Média quadrados	F	P
Regressão	207,702	5	41,540	19,815	0,000
Residual	3949,623	1884	2,096		
Total	4157,325	1889			

Apresentamos o output gráfico do modelo ajustado com os coeficientes estandardizados. O coeficiente de regressão da Percepção ao Conflito Interparental é de ($\beta = -0,16$), desajustamento comportamental é de ($\beta = 0,11$), evitamento ($\beta = 0,08$), das representações familiares do conflito ($\beta = -0,08$) e do controlo psicológico vs. autonomia psicológica de $\beta = 0,005$ em relação à Violência. O modelo explica cerca de 5% da variabilidade da Hostilidade indireta nas diferentes variáveis (Figura 3).

Figura 3 – Modelo ajustado para a hostilidade indireta

Relação entre variáveis independentes e Irritabilidade

Quanto ao comportamento **Irritabilidade**, a Tabela 72 demonstra que as correlações com as variáveis independentes variam entre ($r=0,010$) controle firme vs. controle permissivo e ($r=-0,162$) nas propriedades do conflito. Para todas as dimensões da Percepção face ao Conflito Interparental, configura-se uma correlação inversa bem como para as representações familiares construtivas, fator pertencente à Segurança Emocional do Subsistema Parental o que nos leva a afirmar que, quanto mais positiva a Percepção face ao Conflito Interparental nas suas diferentes vertentes e a representação familiar construtiva e menor a Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental e a Segurança Emocional no Subsistema Parental, menor o Comportamento Hostil relacionado com a Irritabilidade. Somente não encontramos significância estatística na aceitação vs. rejeição ($p=0,172$), controle firme vs. controle permissivo ($p=0,337$), representações familiares construtivas ($p=0,193$) e envolvimento ($p=0,070$).

Tabela 72 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Irritabilidade

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,022	0,172
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,069	0,001
Controlo firme/permissivo	0,010	0,337
Percepção Comportamento Parental (global)	0,042	0,034
Propriedades do Conflito	-0,162	0,000
Ameaça	-0,151	0,000
Culpa	-0,124	0,000
Triangulação	-0,127	0,000
Percepção Conflito Interparental (global)	-0,184	0,000
Reatividade emocional	0,113	0,000
Representações familiares construtivas	-0,020	0,193
Desajustamento comportamental	0,108	0,000
Representações familiares destrutivas	0,078	0,000
Evitamento (fuga)	0,095	0,000
Representações consequentes do Conflito	0,100	0,000
Envolvimento	0,034	0,070
Segurança Emocional no Subsistema Parental (global)	0,111	0,000

A Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental foi a primeira variável neste modelo de regressão por ser a que apresenta maior coeficiente de correlação em valor absoluto. Esta variável explica no primeiro passo 3,4% da variação da Irritabilidade com um erro padrão de regressão de 1,779.

No segundo passo deu entrada o desajustamento comportamental que no seu conjunto passaram a explicar 3,7% da variabilidade e finalmente no terceiro e último passo consignou-se como preditora o controlo psicológico vs. autonomia psicológica.

Com a análise do Quadro 22, comprovamos que são três as variáveis que se constituíram como predictoras da Irritabilidade.

A correlação que o conjunto destas variáveis estabelece com Irritabilidade é ínfima ($r=0,198$) e explicam 3,9% da variação sendo que o erro padrão da estimativa se situou neste modelo de regressão em 1,775.

A VIF indicia que as variáveis presentes no modelo não são colineares e os testes F e os valores de t ao apresentarem significância estatística diz-nos que as variáveis independentes que entraram no modelo de regressão têm poder explicativo no que se refere à Irritabilidade.

Os coeficientes padronizados beta indicam-nos que a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental é a que tem maior valor preditivo variando em sentido inverso seguido do desajustamento comportamental e controlo psicológico vs. autonomia psicológica que varia em sentido direto, pelo que podemos inferir que a Irritabilidade é tanto menor quanto mais positivo o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Percepção ao Conflito Interparental e menor o desajustamento comportamental.

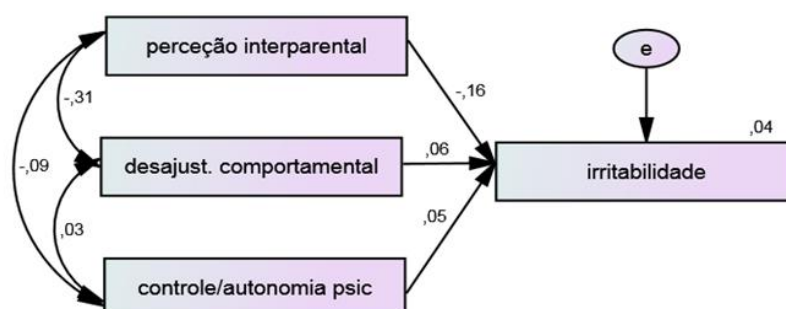
A fórmula do modelo final ajustado para a Irritabilidade é-nos dada pela seguinte equação de regressão:

$$\text{Irritabilidade} = 63,373 + (-0,026 \text{ Percepção ao Conflito Interparental}) + (0,077 \text{ Desajustamento comportamental}) + (0,033 \text{ Controlo psicológico/Autonomia psicológica}).$$

Quadro 22 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Irritabilidade

Variável dependente = Irritabilidade R = 0,198 $R^2 = 0,039$ R^2 Ajustado = 0,038 Erro padrão da estimativa = 1,775 Incremento de $R^2 = 0,003$ F = 5,292 P = 0,022					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	T	P	Colinearidade VIF
Constante	6,373				
Percepção conflito Interparental	-0,026	-0,162	-6,794	0,000	1,116
Desajuste comportamental	0,077	0,056	2,346	0,019	1,107
Controlo vs. Autonomia psicológica	0,032	0,052	2,301	0,022	1,009
Análise de variância-2,282					
Efeito	Soma quadrados	GL	Média quadrados	F	P
Regressão	243,855	3	81,285	25,786	0,000
Residual	5945,203	1886	3,152		
Total	6189,058	1889			

O output gráfico do modelo ajustado (Figura 4), com os coeficientes estandardizados para a Irritabilidade indica-nos que o coeficiente de regressão da Percepção ao Conflito Interparental é de ($\beta=-0,16$), do desajustamento comportamental de ($\beta=0,06$) e do controlo psicológico vs. autonomia psicológica de ($\beta=0,05$). O modelo explica cerca de 4% da variabilidade da Irritabilidade nas diferentes variáveis.

Figura 4 – Modelo ajustado para a Irritabilidade

Relação entre variáveis independentes e Negativismo

Para o **Negativismo** a Tabela 73 mostra que as variáveis independentes apresentam correlações que variam entre ($r=0,006$) na Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental (global) e ($r=-0,124$) Perceção face ao Conflito Interparental (global). Denota-se uma vez mais que as correlações são inversas para a Perceção face ao Conflito Interparental e respetivas dimensões e ainda para as representações familiares construtivas e envolvimento, dimensões da Segurança Emocional.

Assim, podemos inferir que quanto mais positiva a Perceção face ao Conflito Interparental e menor os valores nas restantes variáveis menor o Negativismo. Para a aceitação vs. rejeição ($p=0,158$) reatividade emocional ($p=0,407$), representações familiares destrutivas ($p=0,216$), evitamento (fuga) ($p=0,302$), representações consequentes do conflito ($p=0,069$) e Segurança Emocional (global) ($p=0,395$) não se encontraram significâncias estatísticas.

Tabela 73 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Negativismo

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,023	0,158
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,092	0,000
Controlo firme/permisivo	0,055	0,008
Perceção Comportamento Parental (global)	0,072	0,001
Propriedades do Conflito	-0,121	0,000
Ameaça	-0,059	0,005
Culpa	-0,123	0,000
Triangulação	-0,095	0,000
Perceção Conflito Interparental (global)	-0,124	0,000
Reatividade emocional	0,005	0,407
Representações familiares construtivas	-0,045	0,026
Desajustamento comportamental	0,083	0,000
Representações familiares destrutivas	0,018	0,216
Evitamento (fuga)	0,012	0,302
Representações consequentes do Conflito	0,034	0,069
Envolvimento	-0,019	0,202
Segurança Emocional no Subsistema Parental (global)	0,006	0,395

Para determinar as variáveis que se revelaram como preditoras do Negativismo foram realizados quatro passos tendo entrado no primeiro a Perceção face ao Conflito Interparental (global) e sucessivamente o controlo psicológico vs. autonomia psicológica, a ameaça e o envolvimento.

A correlação que o conjunto destas variáveis estabelecem com o Negativismo é fraca ($r=0,175$) explicando 3,0% da variação e o erro padrão da estimativa neste modelo de regressão final situou-se em 1,396 quando no primeiro modelo o mesmo era de 1,406. O valor da VIF indica que as variáveis presentes no modelo não são colineares pois oscilam entre 1,062 na Perceção face ao Conflito Interparental e 3,199 na ameaça, enquanto os

testes F e os valores de t, ao apresentarem-se estatisticamente significativos permitem afirmar que as variáveis que entraram no modelo têm valor explicativo no Negativismo.

Pelos coeficientes padronizados beta realça-se o maior valor preditivo na Percepção face ao Conflito Interparental e a menor no envolvimento que estabelecem com o Negativismo uma correlação negativa, enquanto a ameaça e o controlo psicológico vs. autonomia psicológica estabelecem uma relação positiva. Face aos resultados apuramos que o Negativismo é menor onde a correlação é negativa e maior onde é positiva (cf. Quadro 23).

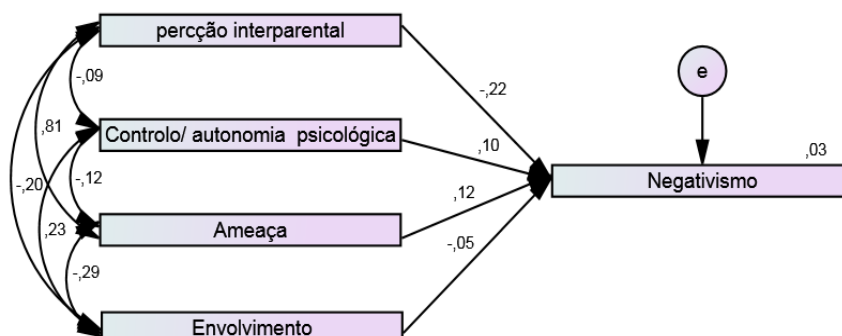
Terminamos a análise desta subescala apresentando a fórmula do modelo final ajustado para o Negativismo:

Negativismo = 2,976 + (-0,028 Percepção Conflito Interparental) + (0,046 Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica) + (0,038 Ameaça) + (-0,018 Envolvimento).

Quadro 23 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Negativismo

Variável dependente = Negativismo R = 0,175 R ² = 0,030 R ² Ajustado = 0,028 Erro padrão da estimativa = 1,396 Incremento de R ² = 0,002 F = 4,643 P = 0,031					
				Pesos de Regressão	
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	T	P	Colinearidade VIF
Constante	2,976				
Percepção Conflito Interparental	-0,028	-0,222	-5,679	0,000	2,980
Controlo vs. Autonomia psicológ.	0,046	0,097	4,171	0,000	1,062
Ameaça	0,038	0,119	2,975	0,000	3,119
Envolvimento	-0,018	-0,052	-2,155	0,000	1,143
Análise de variância					
Efeito	Soma quadrados	GL	Média quadrados	F	P
Regressão	115,580	4	28,895	14,820	0,000
Residual	3675,229	1885	1,950		
Total	3790,809	1889			

Os coeficientes estandardizados para a Negativismo são representados na Figura 5, Notamos que o coeficiente de regressão da Percepção ao Conflito Interparental é ($\beta = -0,22$), controlo psicológico vs. autonomia psicológica e desajustamento comportamental de ($\beta = 0,06$), do controlo psicológico vs. autonomia psicológica de ($\beta = 0,010$), ameaça ($\beta = 0,12$), envolvimento ($\beta = 0,05$). O modelo explica cerca de 3% da variabilidade do Negativismo.

Figura 5 – Modelo ajustado para o Negativismo

Relação entre variáveis independentes e Ressentimento

Analisando o Comportamento Hostil na variável **Ressentimento** a Tabela 74 demonstra que as correlações entre esta variável e as variáveis independentes variam entre ($r=0,043$) na Perceção face ao Comportamento Parental e ($r=-0,361$) na Perceção face ao Conflito Interparental (global).

O Ressentimento estabelece uma relação inversa com todas as variáveis relacionadas com a Perceção ao Conflito Interparental e ainda com o controlo firme vs. controlo permissivo e representações familiares construtivas, deduzindo-se assim que a maiores índices nestas variáveis e menores naquelas em que a correlação é direta, menor é o Ressentimento. Acresce referir que as diferenças encontradas são todas estatisticamente significativas.

Tabela 74 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Ressentimento

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,060	0,004
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,102	0,000
Controlo firme vs. Controlo permissivo	-0,055	0,008
Perceção Comportamento Parental (global)	0,043	0,029
Propriedades do Conflito	-0,291	0,000
Ameaça	-0,349	0,000
Culpa	-0,190	0,000
Triangulação	-0,263	0,000
Perceção Conflito Interparental (global)	-0,361	0,000
Reatividade emocional	0,259	0,000
Representações familiares construtivas	-0,089	0,000
Desajustamento comportamental	0,173	0,000
Representações familiares destrutivas	0,242	0,000
Evitamento (fuga)	0,224	0,000
Representações consequentes do Conflito	0,221	0,000
Envolvimento	0,129	0,000
Segurança Emocional no Subsistema Parental	0,263	0,000

(global)

Pelo facto de ser a Percepção face ao Conflito Interparental (global) a variável que apresentava maior coeficiente de correlação, esta traduziu-se na primeira a entrar no modelo de regressão, que configurou seis passos. Esta variável explica, no primeiro passo, 13,0% da variabilidade do Ressentimento com um erro padrão de regressão de 1,668. No segundo passo verificou-se a entrada da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental, passando a explicar estas duas variáveis em conjunto 14,5% de variação. Sucessivamente deu entrada no modelo de regressão as representações consequentes do conflito, o controlo psicológico vs. autonomia psicológica, o controlo firme vs. controlo permissivo e finalmente o envolvimento.

Sobressai pelos resultados do Quadro 24, que no conjunto estas variáveis estabelecem uma correlação fraca ($r=0,314$) explicando 15,8% da variação do Ressentimento com um erro padrão de estimativa de 1,643.

Pelos valores da VIF que oscilam entre os 1,063 no controlo firme vs. controlo permissivo e os 3,049 na Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental notamos a inexistência de colinearidade. Olhando para os resultados dos testes F e de t que se apresentam estatisticamente significativos, aferimos que as variáveis que entraram no modelo têm valor explicativo na variável dependente Ressentimento.

Quanto aos coeficientes padronizados beta a Percepção ao Conflito Interparental é a que se apresenta com maior peso preditivo seguida da Segurança Emocional sendo a variável com menor peso predito o controlo firme vs. controlo permissivo. Excetuando a Segurança Emocional e controlo psicológico vs. autonomia psicológica cuja relação com o Ressentimento é direta, as restantes variáveis estabelecem uma relação inversa o que nos leva a afirmar que o Ressentimento é menor quanto mais positiva a Percepção ao Conflito Interparental maior a Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental melhor o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e as representações familiares construtivas e menor o controlo firme vs. controlo psicológico.

Daí que modelo final ajustado para esta subescala seja dado pela seguinte fórmula:

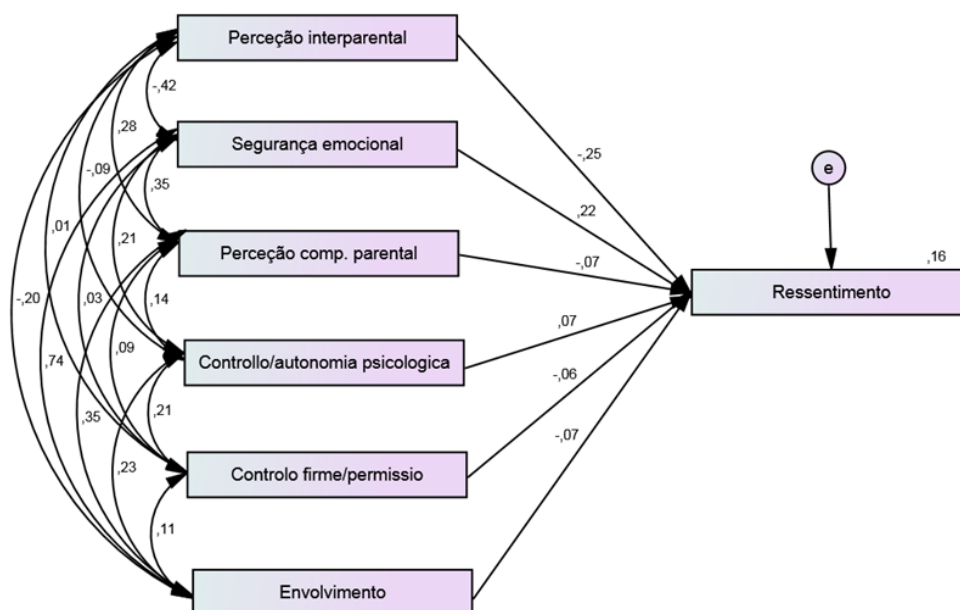
$$\begin{aligned} \text{Ressentimento} = & 4,813 + (-0,040 \text{ Percepção ao Conflito Interparental}) \\ & + (0,023 \text{ Segurança Emocional do Subsistema Parental}) + (-0,038 \text{ Representações} \\ & \text{familiares construtivas}) + (0,043 \text{ Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica}) \\ & + (-0,033 \text{ Controlo firme vs. Controlo permissivo}) + (-0,031 \text{ Envolvimento}). \end{aligned}$$

Quadro 24 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Ressentimento

Variável dependente = Ressentimento R = 0,398 $R^2 = 0,158$ R^2 Ajustado = 0,155 Erro padrão da estimativa = 1,644 Incremento de $R^2 = 0,0032$ F = 4,583 P = 0,032					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	t	P	Colinearidade VIF
Constante	4,813				
Percepção Conflito Interparental (global)	-0,040	-0,254	-9,325	0,000	1,657
Segurança Emocional (global)	0,023	0,221	5,977	0,000	3,049
Representações familiares construtivas	-0,038	-0,074	-2,812	0,005	1,552
Controlo vs. Autonomia psicológica	0,043	0,072	3,248	0,001	1,111
Controlo firme vs. Controlo permissivo	-0,033	-0,060	-2,748	0,006	1,063
Envolvimento	-0,031	-0,069	-2,141	0,032	2,336
Análise de variância					
Efeito	Soma Quadrados	GL	Média quadrados	F	P
Regressão	954,471	6	159,078	58,901	0,000
Residual	5085,527	1883	2,701		
Total	6039,998	1889			

A Figura 6 apresenta o modelo ajustado com os coeficientes estandardizados para o Ressentimento. O coeficiente de regressão da Percepção ao Conflito Interparental obtido é de ($\beta=-0,25$) para a Segurança Emocional de ($\beta=0,22$) para a Percepção do Comportamento Parental de ($\beta=0,07$) e igual coeficiente para controlo psicológico vs. autonomia psicológica e envolvimento. Para o controlo firme vs. controlo permissivo o coeficiente é de ($\beta=-0,06$). O modelo explica cerca de 16% da variabilidade para o Ressentimento nas diferentes variáveis.

Figura 6 – Modelo ajustado para o Ressentimento



Relação entre variáveis independentes e Receio

Na Tabela 75 evidencia-se a relação entre o Comportamento Hostil relativo ao **Receio** com as demais variáveis independentes notando-se que a correlação mais elevada surge nas propriedades do conflito ($r=-0,215$) e a menor no controle firme/controle permissivo ($r=-0,002$). A relação encontrada entre o Receio e as variáveis independentes são inversas para os fatores da Percepção ao Conflito Interparental e ainda para o controle firme vs. controle permissivo e para as representações familiares construtivas, aferindo-se assim que quanto menor a Percepção ao Conflito Interparental nas suas diferentes dimensões, o controle firme/controle permissivo e as representações familiares construtivas e maior nas variáveis em que a relação é direta, maior o Receio sentido pelo Adolescente. Encontradas diferenças significativas estatísticas apenas para o controle firme vs. controle psicológico ($p=0,471$) e para as representações familiares construtivas ($p=0,202$).

Tabela 75 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Receio

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,055	0,000
Contollo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,104	0,000
Contollo firme/Contollo permissivo	-0,002	0,471
Percepção Comportamento Parental (global)	0,066	0,002
Propriedades do Conflito	-0,152	0,000
Ameaça	-0,215	0,000
Culpa	-0,097	0,000
Triangulação	-0,141	0,000
Percepção Conflito Interparental (global)	-0,201	0,000
Reatividade emocional	0,192	0,000
Representações familiares construtivas	-0,019	0,202
Desajustamento comportamental	0,064	0,003
Representações familiares destrutivas	0,166	0,000
Evitamento (fuga)	0,125	0,000

Representações consequentes do Conflito	0,107	0,000
Envolvimento	0,126	0,000
Segurança Emocional no Subsistema Parental (global)	0,185	0,000

A determinação das variáveis preditoras para este modelo levou à realização de cinco passos. No primeiro, entrou a variável ameaça, que apresenta uma variabilidade de 4,6% associada a um erro de estimativa de 1,955. No segundo modelo de regressão emerge a reatividade emocional e estas duas variáveis no conjunto passaram a explicar 5,2% da variabilidade do Receio tendo o erro de estimativa diminuído ligeiramente para 1,949. A este modelo acrescem as variáveis controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Perceção ao Conflito Interparental, mas entretanto no quinto modelo foi removida a dimensão ameaça.

Os resultados do último modelo são evidenciados de forma resumida no Quadro 25, que comprova que são três as variáveis que entraram neste modelo de regressão constituindo-se assim como preditoras do Receio. No conjunto estas variáveis estabelecem com o Receio uma correlação fraca ($r=0,245$) e explicam 6,0% da variabilidade com um erro padrão de 1,942. Diagnosticada a multicolaridade pela VIF verificou-se que as variáveis não eram colineares uma vez que os valores oscilam entre ($VIF=1,025$) e ($VIF=1,228$) no controlo psicológico vs. autonomia psicológica e reatividade emocional respetivamente.

A análise de variância revela que o teste F é significativo o que leva à rejeição de nulidade entre as variáveis em estudo e os valores de t, dado apresentarem significância estatística, permite afirmar que as variáveis que entraram no modelo de regressão têm poder explicativo sobre o Receio.

Numa análise aos coeficientes padronizados beta observamos que a Perceção ao Conflito Interparental é a que revela maior valor preditivo estabelecendo uma relação inversa, seguido pela reatividade emocional e pelo controlo psicológico vs. autonomia psicológica variando estas em sentido direto, inferindo-se deste modo que quanto maior a reatividade emocional e o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e mais negativa a Perceção ao Conflito Interparental maior o Comportamento Hostil relacionado com o Receio.

O modelo final ajustado para o Receio é-nos dado pela seguinte fórmula:

$$\text{Receio} = 4,963 + (0,035 \text{ Reatividade emocional}) + (0,049 \text{ Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica}) + (-0,025 \text{ Perceção ao Conflito Interparental})$$

Quadro 25 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Receio

Variável dependente = Receio
 $R = 0,245$
 $R^2 = 0,060$
 $R^2 \text{ Ajustado} = 0,058$
 Erro padrão da estimativa = 1,942
 Incremento de $R^2 = -0,001$

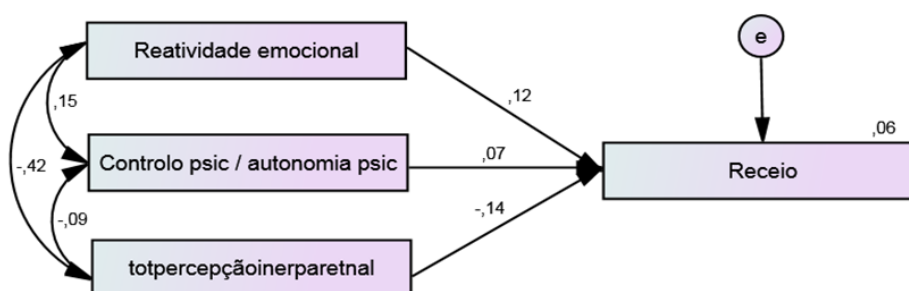
F = 2,221

P = 0,136

Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	T	P	Colinearidade VIF
Constante	4,963				
Reatividade emocional	0,035	0,121	4,880	0,000	1,228
Controlo/Autonomia psicológica	0,049	0,073	3,216	0,001	1,025
Perceção Conflito Interparental (global)	-0,025	-0,144	-5,880	0,000	1,210
Análise de variância					
Efeito	Soma Quadrados	GL	Média Quadrados	F	P
Regressão	452,832	3	150,944	40,007	0,000
Residual	7115,826	1886	3,773		
Total	7568,658	1889			

Terminamos por apresentar a Figura 7 que apresenta o output gráfico do modelo ajustado com os coeficientes estandardizados para o Receio. O coeficiente de regressão da reatividade emocional para o Receio é de ($\beta=0,12$), para o controlo psicológico vs. autonomia psicológica de ($\beta=0,07$) e para a Perceção ao Conflito Interparental de ($\beta = -0,14$) explicando o modelo cerca de 6% da variabilidade Receio nas diferentes variáveis.

Figura 7 – Modelo ajustado para o Receio



Relação entre variáveis independentes e Hostilidade verbal

Para a **Hostilidade verbal** verificamos através da Tabela 76 que as correlações entre este fator dos Comportamentos Hostis em adolescentes e as variáveis independentes são ínfimas, oscilando entre ($r=-0,003$) nas representações familiares construtivas e ($r=-0,197$) na Perceção ao Conflito Interparental (global). Observamos também que existe uma relação direta com todas as variáveis em estudo exceto para a Perceção ao Conflito Interparental nas suas diferentes dimensões e representações familiares construtivas. Assim, denota-se que quanto mais elevados os valores nas variáveis cuja relação é inversa e mais baixos nas restantes, menor o Comportamento Hostil no que respeita à Hostilidade verbal manifestada pelos adolescentes. As diferenças não são estatisticamente significativas apenas na variável representações familiares construtivas ($p=0,444$).

Tabela 76 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Hostilidade verbal

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,059	0,005
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,097	0,000
Controlo firme/permissivo	0,053	0,011
Perceção Comportamento Parental (global)	0,089	0,000
Propriedades do Conflito	-0,163	0,000
Ameaça	-0,146	0,000
Culpa	-0,137	0,000
Triangulação	-0,175	0,000
Perceção Conflito Interparental (global)	-0,197	0,000
Reatividade emocional	0,119	0,000
Representações familiares construtivas	-0,003	0,444
Desajustamento comportamental	0,155	0,000
Representações familiares destrutivas	0,145	0,000
Evitamento (fuga)	0,110	0,000
Representações consequentes do Conflito	0,122	0,000
Envolvimento	0,105	0,000
Segurança Emocional Subsistema Parental (global)	0,156	0,000

A consecução do modelo de regressão entre as variáveis independentes e a Hostilidade verbal levou à realização de quatro passos. No primeiro registou-se a entrada da Perceção ao Conflito Interparental (global), que explica 3,9% da variação da Hostilidade verbal. No segundo figurou o desajustamento comportamental o que fez com que as duas em simultâneo explicassem 4,8% da variabilidade.

Já com a entrada controlo psicológico vs. autonomia psicológica no terceiro passo e da Segurança Emocional no Subsistema Parental no quarto e último passo a variância explicada passou a ser de 5,7%, enquanto o erro padrão de regressão que inicialmente era de 1,989 diminuiu para 1,972. Os testes F e os valores de t são todos estatisticamente significativos pelo que aferimos que todas as variáveis que entraram no modelo de regressão influenciam a Hostilidade verbal, constituindo-se como predictoras. Afere-se ainda pelos valores da VIF a inexistência de problemas de colinearidade.

Os coeficientes padronizados beta indicam que a Perceção ao Conflito Interparental (global) é a variável com maior peso preditivo e a que apresenta menor peso a Segurança Emocional no Subsistema Parental. Com o desajustamento comportamental, o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Segurança Emocional do Subsistema Parental a relação é positiva e com a Perceção ao Conflito Interparental a relação é negativa, inferindo-se daí que a Hostilidade verbal é tanto menor quanto mais baixa a Perceção ao Conflito Interparental e menor o desajustamento comportamental, o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Segurança Emocional no Subsistema Parental (Quadro 26).

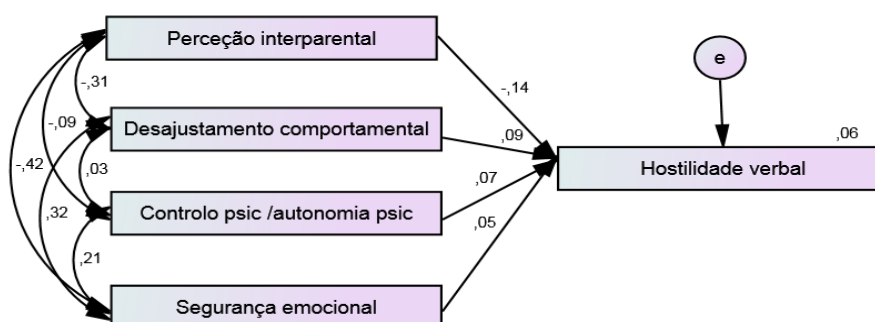
Do resultado desta regressão múltipla, resultou a seguinte fórmula global:

Hostilidade verbal = 6,410 + (-0,025 Percepção ao Conflito Interparental) + (0,143 Desajustamento comportamental) + (0,047 Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica) + (0,006 Segurança Emocional Subsistema Parental).

Quadro 26 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Hostilidade verbal

Variável dependente = Hostilidade verbal R = 0,238 $R^2 = 0,057$ R^2 Ajustado= 0,055 Erro padrão da estimativa =1,972 Incremento de $R^2 = 0,002$ F = 4,459 P = 0,035					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente B	Coefficiente Beta	T	P	Colinearidade VIF
Constante	6,410				
Percepção Conflito Interparental (global)	-0,025	-0,139	-5,509	0,000	1,266
Desajuste comportamental	0,143	0,093	3,851	0,000	1,163
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,047	0,070	3,041	0,002	1,047
Segurança Emocional (global)	0,006	0,054	2,112	0,035	1,318
Análise de variância					
Efeito	Soma Quadrados	GL	Média Quadrados	F	P
Regressão	441,984	4	110,496	28,409	0,000
Residual	7331,544	1885	3,889		
Total	7773,529	1889			

Apresenta-se de seguida a Figura 8 do output gráfico do modelo ajustado com os coeficientes estandardizados para a Hostilidade verbal. A Percepção Conflito Interparental revela um coeficiente de ($\beta=-0,14$) para o desajustamento comportamental de ($\beta=0,09$), para o controlo psicológico vs. autonomia psicológica de ($\beta=0,07$) e para a Segurança Emocional no Subsistema Parental de ($\beta=0,05$). O modelo explica cerca de 6% da variabilidade da Hostilidade verbal.

Figura 8 – Modelo ajustado para a Hostilidade verbal

Relação entre variáveis independentes e Culpabilidade

Quanto à avaliação do Comportamento Hostil relacionado com a **Culpabilidade**, a Tabela 77, revela que as correlações com as variáveis independentes oscilam entre o ínfimo nas representações familiares construtivas ($r=0,018$) e fracas ($r=0,367$) na Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental (global), sendo que se apresentam negativas para a Perceção do adolescente face ao Conflito Interparental nas suas dimensões e não significativas no controlo firme vs. controlo permissivo e ($p=0,499$) e nas representações familiares construtivas ($p=0,363$). Os resultados das correlações levam-nos a inferir que os adolescentes que menos percecionam os Comportamentos Parentais e Segurança Emocional no Subsistema Parental e mais a Perceção ao Conflito Interparental nas suas diferentes dimensões menos Culpabilidade apresentam.

Tabela 77 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Culpabilidade

Variáveis	R	R ²	P
Aceitação vs. Rejeição	0,125		0,000
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,129		0,000
Controlo firme vs. Permissivo	0,000		0,499
Perceção Comportamento Parental (global)	0,107		0,000
Propriedades do Conflito	-0,210		0,000
Ameaça	-0,362		0,000
Culpa	-0,170		0,000
Triangulação	-0,243		0,000
Perceção Conflito Interparental (global)	-0,323		0,000
Reatividade emocional	0,343		0,000
Representações familiares construtivas	0,008		0,363
Desajustamento comportamental	0,146		0,000
Representações familiares destrutivas	0,281		0,000
Evitamento (fuga)	0,257		0,000
Representações consequentes do Conflito	0,258		0,000
Envolvimento	0,263		0,000
Segurança Emocional Subsistema Parental (global)	0,367		0,000

Face aos resultados acima apresentados, a primeira variável a entrar no modelo de regressão foi a Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental com um valor de correlação de 0,367 e uma percentagem de variância explicada de 13,4%. O erro estimado neste primeiro passo foi de 1,954. Nos quatro passos seguintes entraram para o modelo final as variáveis ameaça, culpa, aceitação vs. rejeição e representações familiares construtivas que na sua globalidade passaram a explicar 18,1% da variação dos Comportamentos Hostis relacionados com a Culpabilidade. O erro padrão de regressão no último modelo diminuiu para 1,902 com valores de F e t estatisticamente significativos o que leva à rejeição de nulidade entre as variáveis que entraram no modelo. Também não se denotam problemas de colinearidade uma vez que os valores da VIF oscilam entre 2,066 na

Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental e 1,080 na aceitação vs. rejeição (cf. Quadro 27).

A correlação que estas cinco variáveis estabelecem com a culpabilidade é razoável ($r=0,426$) e os coeficientes padronizados beta sugerem-nos a Segurança Emocional do Subsistema Parental (global) é a que apresenta maior peso preditivo sendo o de menor a aceitação vs. rejeição. Com exceção da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental que estabelecem uma relação direta, as restantes variáveis que entraram no modelo apresentam uma relação inversa com a Culpabilidade, o que significa que quanto menor a Segurança Emocional do Adolescente e maior a percepção negativa relativa à culpa, ameaça e representações familiares construtivas maior a Culpabilidade.

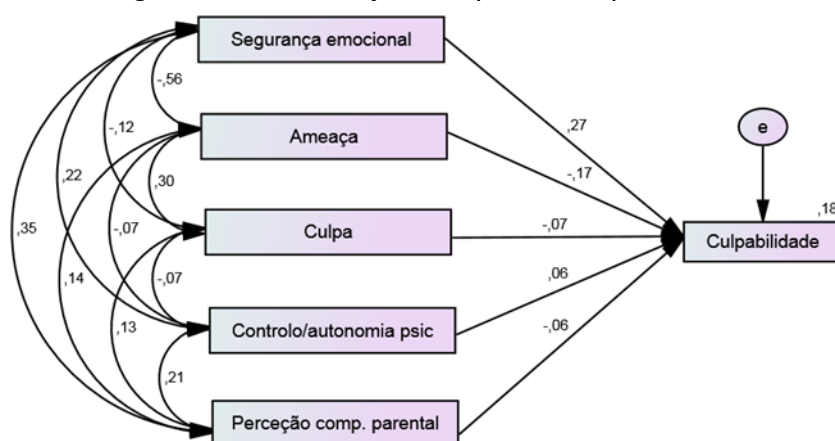
A fórmula do modelo final ajustado é a seguinte:

$$\text{Culpabilidade} = 3,037 + (0,033 \text{ Segurança emocional do subsistema parental}) + (-0,083 \text{ Ameaça}) + (-0,054 \text{ Culpa}) + (0,040 \text{ Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica}) + (-0,039 \text{ Representações familiares construtivas})$$

Quadro 27 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Culpabilidade

Variável dependente = Culpabilidade $R = 0,426$ $R^2 = 0,181$ $R^2 \text{ Ajustado} = 0,179$ Erro padrão da estimativa = 1,9027 Incremento de $R^2 = 0,003$ $F = 6,444$ $P = 0,011$					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coeficiente Beta	Coeficiente padronizado	T	p	Colinearidade VIF
Constante	3,037				
Segurança Emocional (global)	-0,033	0,268	8,940	0,000	2,066
Ameaça	-0,083	-0,175	-6,046	0,000	1,926
Culpa	0,054	-0,073	-3,306	0,001	1,117
Aceitação/Rejeição	-0,040	-0,062	2,863	0,004	1,080
Representações familiares construtivas	-0,039	-0,064	-2,538	0,011	1,445
Análise de variância					
Efeito	Soma Quadrados	GL	Média Quadrados	F	P
Regressão	1508,483	5	301,697	83,330	0,000
Residual	6821,041	1884	3,621		
Total	8329,524	1889			

O gráfico do modelo ajustado com os coeficientes estandardizados para a Culpabilidade revela que a Segurança Emocional apresenta um coeficiente de ($\beta=-0,27$), para a ameaça de ($\beta=-0,17$), para a culpa de ($\beta=-0,07$) para o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental igual coeficiente de ($\beta=0,06$). O modelo final explica 18,0% da variabilidade da Culpabilidade (Figura 9).

Figura 9 – Modelo ajustado para a Culpabilidade

Relação entre variáveis independentes e Hostilidade global

Na Tabela 78 analisamos os valores correlacionais obtidos com a **Hostilidade global**. Entre esta variável e as variáveis independentes notamos que os mesmos variam entre ($r=0,020$) no controlo firme vs. controlo permissivo e os ($r=-0,358$) na Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental (global).

Notamos também que a relação que a Hostilidade global estabelece com a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental (global) e suas dimensões, bem como com as representações familiares construtivas é negativa e positiva nas restantes, não sendo significativas apenas no controlo firme/controlo permissivo ($p=0,195$) o que nos permite afirmar que, a maior Percepção do adolescente face ao Conflito Interparental e representações familiares construtivas e a menor Percepção do Comportamento Parental e Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental, menor o Comportamento Hostil em adolescentes.

Tabela 78 - Correlação de Pearson entre variáveis independentes e Hostilidade global

Variáveis	R	P
Aceitação vs. Rejeição	0,080	0,000
Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica	0,145	0,000
Controlo firme/permissivo	0,020	0,195
Percepção Comportamento Parental (global)	0,103	0,000
Propriedades do Conflito	-0,288	0,000
Ameaça	-0,308	0,000
Culpa	-0,237	0,000
Triangulação	-0,278	0,000
Percepção Conflito Interparental (global)	-0,358	0,000
Reatividade emocional	0,236	0,000
Representações familiares construtivas	-0,051	0,013
Desajustamento comportamental	0,208	0,000
Representações familiares destrutivas	0,220	0,000
Evitamento (fuga)	0,192	0,000
Representações consequentes do Conflito	0,208	0,000
Envolvimento	0,153	0,000
Segurança Emocional Subsistema Parental (global)	0,256	0,000

Esta regressão múltipla configurou quatro passos sendo que a primeira variável a entrar foi a Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental, que por si só explica 12,8% da variação da Hostilidade com um erro padrão de regressão de 8,204.

No segundo passo verificou-se a entrada da variável Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental, passando a explicar estas duas variáveis em conjunto 14,2% de variação. No terceiro passo deu entrada o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e finalmente no último o desajustamento comportamental.

Os resultados deste último modelo configuram-se no Quadro 28 e pela sua análise, sobressai a correlação fraca ($r=0,397$) que o conjunto destas variáveis estabelece com a Hostilidade global, explicando 15,7% da variabilidade com um erro padrão de estimativa de 8,073.

Pelos valores da VIF, observamos que as variáveis presentes no modelo não são colineares e os testes F e os valores de t ao apresentarem-se estatisticamente significativos, indicam que as variáveis acima descritas têm valor explicativo com a Hostilidade global.

Quanto aos coeficientes padronizados beta, notamos que a Perceção do adolescente face ao Conflito Interparental (global) é a variável que se apresenta com maior peso preditivo variando em sentido inverso, seguida do controlo psicológico vs. autonomia psicológica, e com igual peso a Segurança Emocional do Adolescente face ao Subsistema Parental e o desajustamento comportamental que variam em sentido direto. Inferimos assim que quanto mais positiva a Perceção do adolescente face ao Conflito Interparental (global) e menores os índices nas restantes variáveis menor o Comportamento Hostil em adolescentes.

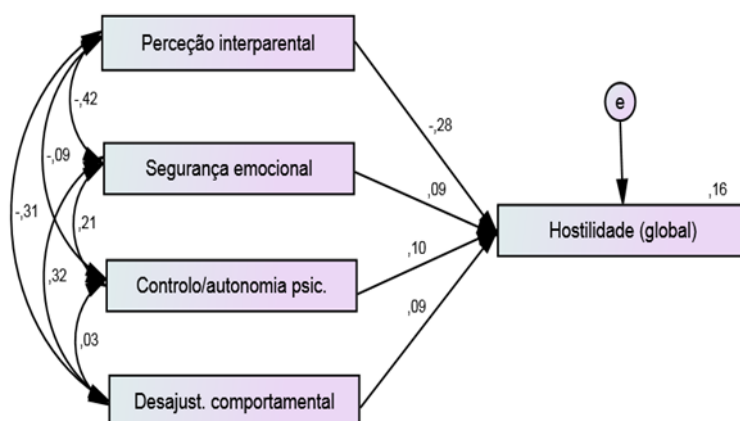
Daí que modelo final ajustado para esta subescala seja dado pela seguinte fórmula:

$$\text{Hostilidade global} = 38,248 + (-0,220 \text{ Perceção conflito interparental}) + (0,046 \text{ Segurança Emocional no Subsistema Parental}) + (0,288 \text{ Controlo psicológico vs. Autonomia psicológica}) + (0,594 \text{ Desajustamento comportamental})$$

Quadro 28 – Regressão múltipla entre variáveis independentes e Hostilidade global

Variável dependente = Hostilidade global R = 0,397 $R^2 = 0,157$ R^2 Ajustado= 0,155 Erro padrão da estimativa =8,0737 Incremento de $R^2 = 0,007$ F = 15,221 P = 0,000					
Pesos de Regressão					
Variáveis independentes	Coefficiente Beta	Coefficiente Padronizado	T	p	Colinearidade VIF
Constante	38,228				
Percepção Conflito Interparental (global)	-0,220	-0,285	-11,960	0,000	1,266
Seg. Emocional Subsistema Parental (global)	0,046	0,089	3,651	0,000	1,318
Controlo psic. vs. Autonomia psicológica	0,286	0,098	4,510	0,000	1,047
Desajustamento comportamental	0,594	0,089	3,901	0,000	1,163
Análise de variância					
Efeito	Soma Quadrados	GL	Média Quadrados	F	P
Regressão	22932,772	4	5733,193	87,953	0,000
Residual	122873,664	1885	65,185		
Total	145806,436	1889			

Como corolário a Figura 10 apresenta o gráfico do output do modelo ajustado com os coeficientes estandardizados para a Hostilidade global. O coeficiente da Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental é de ($\beta=-0,28$), da Segurança Emocional de ($\beta=-0,09$), do controlo psicológico vs. autonomia psicológica de ($\beta=0,10$) e do desajustamento comportamental de ($\beta=0,09$), com um modelo final a explicar 16,0% da variabilidade da Hostilidade global.

Figura 10 – Modelo ajustado para a Hostilidade global

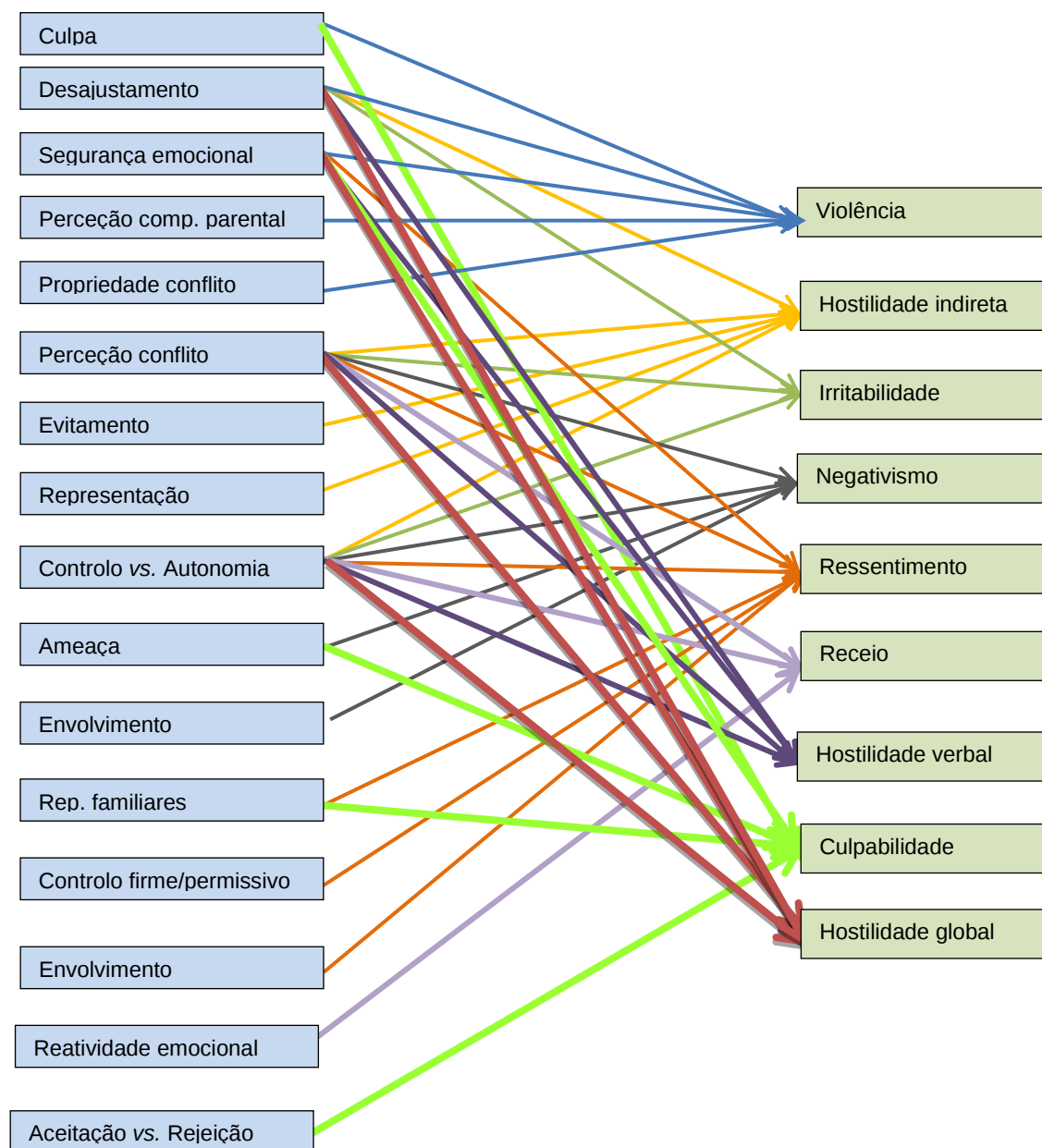
Em síntese:

Após a realização das diversas análises de regressão múltipla para cada uma das dimensões que constituem a variável os Comportamentos Hostis em adolescentes podemos referir:

- No que se refere à Violência as variáveis preditoras foram a culpa, o desajustamento comportamental, a Segurança Emocional do Subsistema Parental, a Percepção do Adolescente face ao Comportamento Parental (global) e propriedades do conflito (global).
- Quanto à Hostilidade indireta encontramos como variáveis preditoras: a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental (global) o desajustamento comportamental, o evitamento, as representações consequentes ao conflito e controlo psicológico vs. autonomia psicológica.
- A regressão múltipla com a Irritabilidade originou como variáveis preditoras: a Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental, o desajustamento comportamental e o controlo psicológico vs. autonomia psicológica.
- Para o Negativismo encontramos como preditores as variáveis Percepção do Adolescente face ao Conflito Interparental (global), controlo psicológico vs. autonomia psicológica, ameaça, envolvimento e a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental.
- Em relação ao Ressentimento os fatores preditores encontrados foram a Percepção ao Conflito Interparental (global), a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental, as representações familiares construtivas, o controlo psicológico vs. autonomia psicológica, o controle firme vs. controle permissivo e o envolvimento.
- No que concerne ao Receio, constituíram-se como preditoras a reatividade emocional, o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Percepção ao Conflito Interparental (global).
- A Hostilidade verbal configurou como variáveis preditoras a Percepção ao Conflito Interparental (global), o desajustamento comportamental, a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema parental e controlo psicológico vs. autonomia psicológica.
- Relativamente à Culpabilidade são preditores a Segurança Emocional do Subsistema Parental, a ameaça, a culpa, a Segurança Emocional do adolescente no Subsistema Parental e as representações familiares construtivas.
- Finalmente para a Hostilidade global os preditores encontrados foram a Percepção ao Conflito Interparental (global), a Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e o Desajustamento comportamental.

A Figura 11 representa em forma pictórica, as variáveis que se constituíram como preditoras dos Comportamentos Hostis em adolescentes.

Figura 11 - Representação esquemática das variáveis preditoras dos Comportamentos Hostis



6 - DISCUSSÃO

No capítulo anterior apresentámos e analisámos a informação fornecida pelos participantes no estudo e sempre que se justificou, tecemos alguns comentários aos resultados obtidos. Reservamos para este capítulo uma discussão mais pormenorizada com especial enfoque para os resultados mais significativos, confrontando-os com o Quadro conceptual desenvolvido, objetivos e questões de investigação enunciadas e com os resultados de outros estudos publicados sobre a problemática, enquadrando-os no contexto nacional e internacional.

6.1 - Discussão metodológica

Os Comportamentos Hostis em adolescentes, realidade crescente no Mundo, revestem-se de grande importância para a investigação pelos danos individuais, sociais e económicos.

É incontestável que um Adolescente com Comportamentos Hostis perturba toda uma dinâmica familiar. Mas, será que esses comportamentos estão relacionados com os comportamentos parentais? Será que os Comportamento Hostis são um sinal de alerta?

O Adolescente, muitas vezes vulnerável, expõe-se a situações de vida para ele desconhecidas podendo adotar condutas marginais. O conhecimento dos fatores influenciadores deste fenómeno é fundamental para a melhoria do nível de saúde do Adolescente, das famílias e da comunidade.

A estratégia metodológica desenhada para esta investigação teve em conta o tipo de estudo, as questões de investigação, os objetivos e o tipo de amostra, elegendo-se como instrumentos de medição os questionários de autorresposta.

Como referimos, a finalidade do estudo desenvolvido, teve em vista analisar o modo como fatores externos, tais como o estado civil dos pais, rendimento familiar, a perceção sobre o Comportamento Parental e Conflito Interparental e ainda a Segurança Emocional no Subsistema Parental e fatores internos como idade, sexo, ano de escolaridade entre outros que influenciam os Comportamentos Hostis em adolescentes.

Nesse sentido, a escola foi escolhida como local de realização do estudo. Justifica-se esta opção pela disponibilidade e simplicidade na recolha de informação, uma vez que é uma população quase perfeita. Além disso, o contexto escolar é apropriado para a deteção precoce de comportamentos de risco em adolescentes, dado que não se sentem observados pelos seus progenitores.

Contudo, o campo educacional também tem desvantagens que incluem como por exemplo a ausência dos estudantes em sala de aula no momento da aplicação do instrumento de recolha de dados, o que ocorreu em 30,48% da amostra. Isto pode ser explicado por razões válidas, no caso de uma doença ou situações menos justificáveis como simplesmente não ir às aulas, proximidade de uma avaliação ou recusar em participar no estudo. Mesmo assim consideramos o tamanho da amostra suficientemente elevado o que permitiu, na nossa perspetiva, traduzir resultados fiáveis uma vez que como referimos a margem de erro que possamos cometer com um intervalo de confiança a 95% é de 1,24, embora o tipo de amostragem (amostragem não probabilística) não sendo representativa, não permite a generalização dos resultados para a população estudantil.

A utilização dos questionários de autorresposta aplicados aos adolescentes para avaliação dos Comportamentos Hostis são, como referem Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2006), os mais adequados para examinarmos num curto espaço de tempo um grande número de sujeitos permitindo-nos no nosso estudo, avaliar a perspetiva do Adolescente. Consideramos que seria também de todo o interesse, perceber a perspetiva de outros atores como pais e professores, através de entrevistas individuais ou de grupos de discussão (*focus group*), no entanto, tais procedimentos metodológicos não seriam praticáveis, face ao tamanho da amostra.

Ainda em relação aos instrumentos de recolha de dados utilizados, há a considerar as limitações que encontramos quando trabalhamos com o público em geral e neste caso particular com adolescentes, já que os resultados dependem da honestidade e sinceridade do respondente, isto é, as suas respostas são habitualmente dirigidas mais a condutas desejáveis e não tanto às que na realidade acontecem.

Outra limitação é a validade dos instrumentos, já que um instrumento não adequado inevitavelmente levará à perda da validade e confiabilidade dos resultados da pesquisa. Para evitar essa situação problemática utilizamos instrumentos já difundidos e validados em língua portuguesa, com exceção do Inventário de Hostilidade de Buss-Durkee, que foi sujeito à tradução e retro tradução com a participação de um painel de três peritos que garantiu a equivalência semântica e concetual. Para todas as escalas foi efetuado o estudo de fiabilidade, tal como preconiza Coutinho (2011). Consideramos os instrumentos de recolha de dados utilizados adequados ao estudo, tendo em consideração os objetivos de investigação, as variáveis e a amostra.

Como referimos, o estudo empírico realizado enquadra-se no tipo de pesquisa não experimental, possuindo as características dos estudos descritivos correlacionais e explicativos. É também um estudo em corte transversal cuja estrutura é semelhante a um

estudo de coorte no entanto, todas as medições são feitas num único "momento" não existindo um período de seguimento dos indivíduos.

Advêm vantagens com a realização deste tipo de estudos nomeadamente o serem mais rápidos, mais baratos, mais fáceis em termos logísticos e de não se mostrarem sensíveis a problemas como as perdas de seguimento, uma característica dos estudos longitudinais. Estes estudos são os mais apropriados para descrever os comportamentos dos sujeitos tal qual se manifestam nos seus ambientes naturais de vida e de identificar a inter-relação entre as variáveis dependentes e independentes bem como obter evidências para explicar por que ocorre um determinado fenómeno. Foi com base neste pressuposto que se tornou possível avaliar a eficácia preditiva de algumas variáveis em estudo como os Comportamentos Hostis com a Segurança Emocional e Perceção face ao Comportamento e Conflito Interparental.

Quanto aos procedimentos desenvolvidos para a recolha de dados, tivemos a colaboração do Conselho Diretivo das escolas, no que diz respeito a datas para preenchimento dos questionários que permitisse a maior participação dos estudantes sem interferir com o normal funcionamento das atividades letivas. Procuramos ainda, entusiasmar e envolver os adolescentes a participar no estudo, evitando que se sentissem coagidos ou forçados.

No que respeita às variáveis estudadas, os estudantes não se distinguem no que respeita à Idade, Sexo e Coabitação mas em relação às Habilitações literárias dos pais e Rendimento mensal. O controlo destas variáveis torna-se do nosso ponto de vista absolutamente necessário na medida em que poderiam influenciar os Comportamentos Hostis em adolescentes e como tal o mesmo foi tido em consideração. No que respeita às restantes variáveis, Perceção face ao Comportamento Parental, Perceção face ao Conflito Parental e Segurança Emocional procuramos controlá-las adequadamente por forma a não causar viéses nos resultados.

Apesar das eventuais limitações do estudo, consideramos que os resultados obtidos nos permitiram adquirir um conhecimento mais real sobre a problemática dos Comportamentos Hostis em adolescentes.

6.2 - Discussão dos resultados

A trajetória de vida dos adolescentes é fortemente marcada pelas experiências precoces que dependendo da qualidade poderão colocar o jovem em situação de extrema vulnerabilidade emocional e possível envolvimento com consumo de drogas, delinquência e agressividade (Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini & Hutz, 2005).

Sendo os Comportamentos Hostis em adolescentes a nossa variável dependente, procuramos investigar a sua relação e interdependência com as variáveis sociodemográficas e de contexto familiar e com variáveis de Relação Parental como a Perceção dos adolescentes face ao Comportamento e Conflito Interparental e Segurança Emocional do Adolescente.

Acresce referir que em Portugal não abundam os estudos publicados como o apresentado, pelo que a análise comparativa dos resultados se torna demasiado complicado. Apenas estudos parciais são por vezes encontrados mas analisam a problemática numa perspetiva diferente e com amostras populacionais diferentes. Por exemplo não encontramos nenhum estudo que demonstre a prevalência de Comportamentos Hostis em adolescentes segundo os pontos de corte apresentados por Buss-Durkee pelo que podemos apenas cingir-nos aos resultados por nós obtidos.

Nesta conformidade apuramos que 93,5% dos adolescentes têm tendência para a Violência física ou envolver-se em brigas, mas percentuais similares são encontrados para o Ressentimento, Hostilidade verbal e Hostilidade global. Apenas 2,5% da totalidade da amostra não manifesta Receio, 69,9% não apresenta Hostilidade indireta e o Negativismo não é encontrado nos participantes do estudo.

6,2,1 - Variáveis sociodemográficas, de contexto familiar e Comportamentos Hostis

Em 2011 foram divulgados os dados estatísticos da Educação em Portugal, respeitantes ao ano letivo de 2009/2010, emanados pela Direção Geral, Serviço do Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), revelando que dos 483.982 jovens inscritos no ensino secundário, 48,7% eram do sexo masculino e 51,3% do feminino. Estes percentuais assemelham-se aos obtidos na amostra colhida para este estudo porquanto dos 1890 adolescentes a frequentarem o 10º. 11º. e 12º. Ano de escolaridade e Curso Profissional, de ambos os sexos, 54,3% eram do sexo feminino e 45,7% do masculino.

Os resultados evidenciaram também que os respondentes se encontram na sua maioria dentro das faixas etárias indicadas para os anos de escolaridade que frequentam, já que a média de idades para a mostra global foi de 16,26 anos, sendo que os rapazes em média são mais velhos que as raparigas, mas as diferenças não se revelaram significativas.

Por Ano de escolaridade apuramos que a menor percentagem de adolescentes (8,5%) frequentam o Curso profissional e em oposição foram encontrados 37,8% que frequentam o 10º. Ano de escolaridade.

Quanto a outras variáveis sociodemográficas utilizadas na caracterização da amostra, tais como local de residência, coabitação, estado civil dos pais e rendimento

mensal dos pais os resultados do nosso estudo vão de encontro aos obtidos por Moura & Matos (2008), embora a autora tenha realizado a sua investigação em grupos etários diferentes. O mesmo ocorre para as habilitações literárias dos progenitores onde referenciamos que cerca de metade dos participantes possui o Ensino Secundário ou Superior.

Um dos pontos de discussão consiste em identificar as variáveis sociodemográficas que interferem nos Comportamentos Hostis em adolescentes.

Parecem ser mais comuns nos rapazes os Comportamentos Hostis antes da puberdade, mas durante a adolescência a prevalência é igual nos dois Sexos. Contudo, alguns autores entre eles, Ferreira et. al. (2011), afirmam que este facto não está totalmente esclarecido, afirmando que antes da adolescência, as raparigas podem manifestar Comportamento Hostis de uma forma dissimulada, sobretudo no contexto das relações utilizando a intriga e a exclusão social, recorrendo mais à agressão verbal e passiva em detrimento dos comportamentos destrutivos ou da agressão física. Esta afirmação aparenta concordância com os resultados do nosso estudo ao verificarmos que os adolescentes com 16 anos e do sexo masculino, exprimiam índices mais elevados de Violência, Hostilidade indirecta, Irritabilidade, Negativismo, Hostilidade verbal e Hostilidade global, e as raparigas da mesma idade Ressentimento, Receio e Culpa. Já os mais velhos de um modo geral aparentavam ter menos comportamentos de Hostilidade.

Num outro estudo intitulado “Violência: uma realidade” Díaz Galvis, Peña Olvera, Suárez Reynaga e Palacios Cruz (2004) apresentam razões para a predominância de Comportamento Violento no Sexo masculino. Para o autor, o temperamento, as características hormonais, a serotonina, noradrenalina e a dopamina influenciam este tipo de comportamento fazendo com que os rapazes apresentem valores mais elevados de comportamentos violentos do que as raparigas, o que está em consonância com os resultados que obtivemos.

Contribuir para a redução do abandono escolar precoce é um dos objetivos da implementação do Ensino Profissional (Neves, 2010). Atualmente é recorrente afirmar que os estudantes que frequentam um Curso Profissional apresentam maiores dificuldades de aprendizagem. Apesar de não possuímos informação científica que ateste esta opinião, os resultados do nosso estudo indicam que os estudantes destes cursos revelaram maiores índices de Violência, Irritabilidade, Negativismo, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade global e os estudantes do 11º. Ano, valores mais elevados de Hostilidade indirecta e os índices mais baixos de Comportamentos Hostis foram oriundos dos estudantes do 12º. Ano com exceção para o Receio e Culpa observado nos que frequentavam o 10º. Ano de escolaridade.

Alguns investigadores acreditam que um elevado nível de escolaridade atua como fator de proteção, auxiliando jovens de alto risco a não se envolverem em Comportamentos Hostis enquanto os adolescentes com baixo nível de escolaridade têm maior probabilidade de serem mais violentos do que os de maior escolaridade (Meichenbaum, 2001).

Como refere Amaro (2004), a Grande Lisboa é uma das regiões onde se verifica a maior percentagem de comportamento violento em adolescentes, atingindo os 16,9% do total de núcleos familiares. Considera ainda que o meio urbano é o meio mais propício para o desenvolvimento de Comportamentos Hostis sendo o stress vivenciado no meio urbano responsável pelo aumento constante da violência presencial nos diversos meios urbanos. Viseu é uma pequena cidade do interior do país, com acentuadas características de ruralidade, relativamente calma e por tal facto não pode ser comparada com os níveis de stress sentidos em cidades de maiores dimensões como Lisboa ou Porto. Tais características podem estar na origem de mais de metade da amostra habitar em meio urbano que evidência de um modo geral, maiores níveis de Hostilidade, com exceção para a Hostilidade indireta, mais acentuada entre os residentes da zona rural, mas só o Ressentimento, o Receio, a Culpa e a Hostilidade global, se diferenciaram entre os grupos.

Um dos fatores de risco relacionado com o desenvolvimento de Comportamentos Hostis é a monoparentalidade. Nestas famílias os cuidados de suporte ficam sob a responsabilidade de apenas um dos progenitores, regra geral, a mãe. Os resultados encontrados no nosso estudo fogem dessa expectativa ao revelarem que os adolescentes que coabitam com outro familiar foram os que manifestaram maior Hostilidade global, embora a Violência tenha sido mais notória nos que coabitavam só com o pai. Ressalta também deste nosso estudo que os adolescentes que coabitam com os dois progenitores registaram menos Negativismo, Ressentimento e Receio e os que coabitam com a mãe menor Violência, Hostilidade indireta, Irritabilidade e Hostilidade verbal, enquanto os que coabitam só com o pai, exteriorizaram menor Culpa e Hostilidade global. Parece pois que estes resultados também não se configuram com a opinião de Del Barrio et. al. (2009), quando afirmam que famílias monoparentais onde, por exemplo, o Adolescente que vive só com o pai, perante situações desagradáveis, apresenta reações primárias de agressividade e hostilidade sendo os rapazes mais agressivos, tanto no que se refere à agressão física como verbal e com o aumento da idade aumenta também o comportamento agressivo, principalmente a agressão verbal.

Os resultados também mostraram que os adolescentes filhos de pai ou mãe viúvos manifestavam maior Hostilidade, excetuando-se a Violência e Hostilidade indireta mais evidenciada nos adolescentes de pais divorciados ou separados. Por outro lado os adolescentes filhos de pais solteiros são os que apresentavam menores índices de

Hostilidade. Mais uma vez encontramos resultados que divergem, em parte, dos obtidos por Gallo e Williams (2004) quando constatarem que 40,7% dos adolescentes em conflito com a Lei de uma cidade de médio porte viviam com ambos os pais e 43,1% viviam somente com a mãe.

A respeito do rendimento familiar, outra variável de suma importância na análise dos comportamentos de hostilidade, Ferreira et. al. (2011) consideram que os Comportamentos Hostis se encontram relacionados com níveis sócio- económicos mais desfavorecidos, podem ter início em idades precoces aumentando a sua prevalência com a idade. Hawkins et. al. (2000), reforçam estas ideias ao afirmarem que comportamentos violentos são duas vezes mais prováveis entre adolescentes pobres do que em adolescentes de classe média. Também os resultados do nosso estudo apontam para Comportamentos Hostis mais expressivos nos adolescentes com rendimento familiar baixo, excetuando-se a Violência, a Hostilidade indireta e o Negativismo que se observaram nos adolescentes com rendimento familiar alto, sendo porém neste grupo que se evidenciam menor Ressentimento, Receio, Culpa e Hostilidade global.

A inserção da mulher no mercado de trabalho faz com que esta não encontre redes de apoio suficientes e eficazes para a adequada substituição de suas funções anteriores (cuidadora dos filhos e da casa) podendo estar na origem do desenvolvimento de Comportamentos Hostis em adolescentes. O estudo revelou que filhos de mães com profissão Gestor apresentavam índices mais elevados de Violência, Hostilidade indireta, Receio, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade global, enquanto os filhos de mães com profissão Técnica, apresentam maior Irritabilidade e Negativismo sendo que o Ressentimento se manifestou mais em filhos de mãe com profissão “Operacional”. Estes resultados, salvo algumas exceções, não encontram paralelismo com a profissão exercida pelo pai. Efetivamente encontramos mais Hostilidade verbal nos adolescentes cujo pai exerce a profissão “Intelectual”, a Hostilidade indireta, o Negativismo, a Culpa e Hostilidade global nos adolescentes com pai que exerce a profissão “Gestor”, a Violência, Irritabilidade e o Ressentimento nos de profissão “Técnica” e o Receio para os adolescentes filhos de pai que exerce a profissão “Operacional”. Porém, não encontramos estudos que nos permitam confrontar e justificar estes resultados, o mesmo ocorrendo para a relação dos Comportamentos Hostis em adolescentes com as habilitações literárias dos progenitores, mas o estudo realizado indicia que pais de adolescentes que possuem o Primeiro Ciclo manifestaram mais Comportamentos Hostis e com significância estatística relacionados com o Ressentimento, Receio, Culpa e Hostilidade global e ainda Hostilidade verbal, e Irritabilidade. Por sua vez os adolescentes com pais com o Ensino Secundário revelaram

maior Violência e o Negativismo e a Hostilidade indireta foi essencialmente observada nos adolescentes com pais que possuem o Ensino Superior.

No decurso desta investigação, partimos do pressuposto que os adolescentes que colaboravam com os seus familiares em atividades domésticas apresentariam menores índices relacionados com Comportamentos Hostis, dada a maior coesão familiar que poderia existir no seio destas famílias. Contudo, verificámos que apenas os comportamentos de Violência, Hostilidade indireta e o Negativismo, foram mais acentuados nos que não colaboravam.

6.2.2 – Relação entre Comportamento Parental e Comportamentos Hostis

Um estudo sobre “Prevención de la agresión en la infancia y la adolescência” Del Barrio et. al. (2009), com uma amostra aleatória de 1107 indivíduos com idades compreendidas dos 8 aos 17 anos, em que foi utilizado o Inventário da Perceção face ao Comportamento Parental, concluiu que os rapazes em detrimento das raparigas, consideravam os pais como sendo pouco comunicativos, controladores e mais hostis.

Referem Soares e Almeida (2011) que os adolescentes com idade até aos 18 anos percecionaram o pai e a mãe de forma diferente no que respeita ao apoio parental. A mãe mais protetora e o pai oferecendo mais suporte emocional, opinião que se vai alterando com o avanço da idade dos filhos. A figura paterna tende a desvincular-se mais dos filhos, do que a materna, quando estes atingem a maioridade, isto é, o pai diminuiu a frequência ao recurso das praticas de controlo e a mãe tende a manter um padrão de suporte emocional e controlo mais alongado no tempo, mesmo que com menor intensidade e frequência. Na presente pesquisa, apuramos que os rapazes percecionam níveis parentais mais adequados de aceitação, controlo psicológico, controlo firme e consequentemente uma melhor Perceção ao Comportamento Parental (global) do que as raparigas, o mesmo ocorrendo para os adolescentes com idade até aos 15 anos para a aceitação e controlo psicológico e para os de 16 anos no controlo firme e Comportamento Parental na sua globalidade em relação aos mais velhos.

Os resultados do nosso estudo referentes ao Ano de escolaridade demonstraram que os estudantes do Curso Profissional, de um modo geral, percecionaram níveis mais adequados em todas as dimensões do Comportamento Parental, apesar de revelarem maior Hostilidade e os estudantes que apresentarem índices mais baixos e consequentemente consentâneos com um comportamento parental menos adequado, observaram-se nos que frequentavam o 11º. Ano de escolaridade.

Esta perceção não difere em função do local de residência embora se denote que adolescentes residentes na zona urbana percecionem níveis mais adequados de aceitação,

controle psicológico e Percepção global e os residentes na zona rural maiores níveis de adequação de controle permissivo.

A família já não é vista apenas como um sistema nuclear composto por pai, mãe e seus filhos biológicos mas incorpora também outras pessoas que fazem parte de sua rede de relações e com quem há afinidades. Alguns autores como Bolsoni-Silva e Marturano, (2002) aludem que as práticas parentais dos pais em relação aos seus filhos são cruciais à promoção de comportamentos socialmente adequados porém, as famílias estimulam comportamentos inadequados através de uma disciplina inconsistente, com pouca interação positiva e supervisão insuficiente das atividades.

Parece-nos que estas asserções vão de encontro aos resultados no nosso estudo, quando aferimos que os adolescentes que coabitam com Outros percebem níveis mais elevados de aceitação e Percepção do Comportamento Parental (global), os que vivem com a mãe de controle psicológico e os que vivem com o pai de controle firme. Por outro lado e em relação ao estado civil dos pais, o Comportamento Parental mais adequado ocorreu em todas as dimensões nos adolescentes cujo pai ou mãe são viúvos enquanto o Comportamento Parental menos adequado se verificou nos adolescentes com o pai ou mãe solteiros. A justificação destes resultados é encontrada em Silva (2000) quando afirma que a disciplina pouco consistente e ineficiente imposta pelos pais, está associada a comportamentos de hostilidade.

Educar os filhos sempre foi uma tarefa complexa para os pais, embora isto não signifique que essas responsabilidades sejam repartidas de forma igualitária entre o casal (Wagner, Predebon, Mosmann & Vereza, 2005). Ao permanecerem durante períodos prolongados do dia no trabalho, os pais correm o risco de prejudicar o bem-estar emocional e afetivo dos seus filhos visto que se distanciam fisicamente dos mesmos e a ausência de ambos resulta na delegação de funções noutras instituições como a escola, a televisão e a rua. Contudo a análise da literatura relacionada com esta temática, não mostra consistência quanto à forma de interferência do ambiente socioeconómico na Percepção do Comportamento Parental, o que não ocorre no nosso estudo pois encontramos alguma consistência relacionado com o mesmo. Veja-se por exemplo que os adolescentes cuja mãe exerce a profissão “Operacional”, percebem níveis de aceitação mais adequados, mas foram os adolescentes com mãe a exercer a profissão de “Gestor”, que pontuaram melhor na Percepção do comportamento controle psicológico, controle firme e Percepção face ao Comportamento Parental (global), o mesmo ocorrendo com o pai que exercia essa mesma profissão, bem como com os adolescentes que colaboravam em atividades domésticas que percebiam níveis de Comportamento Parental mais adequados do que os adolescentes que não colaboravam.

Note-se contudo que a maioria das profissões exercidas pelos pais dos adolescentes do grupo de baixo nível socioeconómico tende a ser pouco valorizada financeiramente pelo que, na nossa perspetiva os resultados do nosso estudo propendem para uma maior autonomia psicológica e controlo permissivo dos adolescentes cujo pai possui uma profissão “Técnica”. Estes resultados estão de algum modo em concordância com o facto de a mãe e pai do Adolescente possuírem o primeiro ciclo e estes percecionarem níveis mais baixos nos comportamentos de aceitação, controle psicológico e Comportamento parental (global) mas níveis de controlo firme mais adequados.

Quanto ao rendimento familiar o nosso estudo revelou que os adolescentes cujo rendimento familiar é mais elevado, percecionaram níveis de Comportamento Parental de aceitação e controle firme mais adequados e os de rendimento familiar médio, percecionaram níveis de Comportamento Parental em todas as dimensões menos adequados. Quer isto dizer que os resultados do nosso estudo estão de acordo com os resultados conseguidos noutras investigações que entendem que os pais da classe média se mostram mais permissivos enquanto os pais de meios desfavorecidos educam de uma forma mais autoritária e rígida, usando mais a punição do que os pais de outros meios socioeconómicos o que se constituiu como forte preditor do comportamento antissocial (Martinho, 2010).

A prevalência dos adolescentes com Perceção de Comportamento Parental inadequado foi de 41,48% e de muito adequado de 38,04%. É entre as raparigas, que encontramos valores percentuais mais elevados da Perceção ao Comportamento Parental inadequado.

O comportamento permissivo dos pais pode levar os filhos a sentirem-se excessivamente dependentes e superprotegidos, tristes, frustrados, inseguros, desorientados, originando mais facilmente problemas de conduta como a delinquência (Baumrind, 1989, citado por Sena & Machado, 2006). São da mesma opinião autores como Bluestone e Tamis - Lemonda, (1999) citados por Oliveira (2005); Calheiros e Monteiro (2007); Rodrigues (2008); Wendt (2006) ao referirem que os adolescentes cujos pais exercem baixos níveis de responsabilidade, associados a altos níveis de exercício de poder, têm maior probabilidade de interiorização de sentimentos inadequados de hostilidade e culpa entre outros, ou sintomas exteriorizados de agressividade e violência.

Por outro lado o estilo autoritário, caracterizado pela obediência e conformismo, muita exigência e pouca compreensão no modo de encarar os comportamentos dos filhos, mantendo uma distância intergeracional, acentuada pela falta de comunicação e apoio familiar, na perspetiva de Sampaio e Barros (2006), podem ser percebidos pelo Adolescente

como hostis e repressivos, desencadeando neste, comportamentos inadequados, como condutas violentas, como forma de protesto e afirmação social (Cobos, 2008).

Um estudo epidemiológico, intitulado de “Prevención de la violencia infantil-juvenil: estilos educativos de las Familias como factores de protección”, cuja amostra aleatória era constituída por 455 agregados familiares, comprova a existência de correlação entre a presença de algum tipo de condutas agressivas e os estilos educativos adotados pelos pais. Um dos exemplos estudados foi a utilização da prática educativa do castigo positivo e negativo tendo-se concluído que utilizar como castigo a obrigação da criança ficar a estudar ou mesmo repetir insistentemente as instruções, são precursores positivos para uma maior probabilidade de presença de Comportamentos Hostis (López et. al., 2008).

Foi demonstrado em estudos de Baumrind (1966); Dornbusch et. al. (1987); Lamborn et. al. (1991); Maccoby e Martin (1983) que os filhos de pais cujo estilo educacional é autoritativo, apresentam melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental, são mais competentes e confiantes das suas capacidades.

Particularizando as diferentes dimensões do Comportamento Hostil, o nosso estudo vai de encontro a estes resultados, porquanto verificamos que o controlo psicológico é preditor da Hostilidade indireta estabelecendo a uma relação inversa inferindo-se assim que quanto mais elevado o controlo psicológico menor a Hostilidade indireta.

No que concerne à Irritabilidade ao Negativismo à Hostilidade verbal ao Receio à Hostilidade global a relação é direta o que significa estes comportamentos são tanto menos adequados quanto menor o controlo psicológico.

Relativamente ao Ressentimento, aferimos que quanto menor o controlo firme, maior o Ressentimento e no que diz respeito à Culpabilidade, foi encontrada uma relação inversa com a perceção do Comportamento Parental de aceitação vs. rejeição.

6.2.3 – Relação entre Conflito Interparental e Comportamentos Hostis

Um estudo intitulado “Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental” realizado com 310 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos, dos quais 54,8% eram raparigas e 45,2% rapazes a frequentarem do 9º. ao 12º. Ano de escolaridade, em que se utilizou o Inventário *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC), veio revelar que as raparigas apresentavam uma perceção de conflito mais elevado entre a díade parental e valores superiores de perceção de ameaça do que os rapazes. Verificou-se ainda que as raparigas percecionam mais os conflitos entre os pais e sentem-se mais ameaçadas por esse conflito, tendem a investir mais nos relacionamentos interpessoais e encontram-se emocionalmente mais próximas dos pais, o que as poderão tornar mais sensíveis perante acontecimentos de vida negativos que afetam as pessoas da

sua rede de suporte, nomeadamente o conflito interparental. Os resultados desse estudo parecem sugerir que as raparigas necessitam de uma maior proximidade emocional e encontram-se mais dependentes do relacionamento com os pais, para além de serem mais sensíveis ao conflito entre eles. Relativamente à idade, não foram encontrados efeitos significativos no conflito interparental (Moura & Matos 2008).

Ao invés, no nosso estudo apuramos que os rapazes têm uma perceção mais negativa do conflito interparental e sentem-se mais ameaçados, enquanto as raparigas se sentem mais culpadas e envolvidas no conflito (Triangulação). Por outro lado, os adolescentes com 15 anos possuem uma perceção mais negativa em relação ao Conflito, Culpa, Triangulação e Perceção ao Conflito Interparental (global) e os de idade superior a 16 anos sentem-se mais ameaçados. Já os adolescentes com 16 anos foram os que revelam uma perceção ao conflito interparental mais positiva em todas as dimensões da escala. Sem dúvida que estes resultados sugerem uma diferenciação na forma como cada um interioriza as experiências da Perceção ao Conflito Interparental e, conseqüentemente podem ter significados psicológicos diferentes.

Não encontramos estudos que permitissem comparar a perceção ao conflito interparental com algumas variáveis sociodemográficas, nomeadamente a escolaridade dos adolescentes, o local de residência, a profissão dos progenitores e a colaboração do adolescentes em atividades domésticas, mas os resultados por nós obtidos revelaram que estudantes do 12º. Ano têm uma perceção mais negativa do conflito interparental no que respeita ao conflito, ameaça, culpa e perceção conflito interparental (global) e os adolescentes do 11º. Ano para a triangulação. Os que apresentaram uma perceção mais positiva foram os adolescentes do Curso Profissional, ao invés do que seria expectável, com exceção para a ameaça que recaiu nos do 10º. Ano de escolaridade. Estes resultados mostram claramente que a Perceção ao Conflito Interparental tem significados psicológicos diferentes quando estamos perante níveis de desenvolvimento intelectual diferentes. Assim, denota-se que os de maior escolaridade sentem mais esses conflitos, optando por não interferir nas discussões porquanto a hostilidade parental pode voltar-se contra ele.

Entretanto para o local de residência, aferimos que os residentes na zona urbana têm uma perceção ao conflito interparental mais negativa em todas as dimensões comparados com os residentes na zona rural, com diferenças significativas para o conflito e ameaça.

A respeito da profissão dos progenitores, registámos que os adolescentes filhos de mãe ou pai que exerce a profissão “Intelectual” eram os apresentavam uma perceção interparental mais negativa. Os adolescentes filhos de mãe com a profissão “Operacional”

eram os que ostentavam uma percepção ao conflito interparental mais positiva, o mesmo não ocorrendo para o pai que era repartido pelas diferentes áreas profissionais.

Ao nível das habilitações literárias dos progenitores sinalizamos uma Percepção mais positiva nos adolescentes com o pai ou mãe que possuem o 1º. ciclo em relação ao conflito, ameaça, triangulação e percepção ao conflito interparental (global) salvo para a mãe no que respeita a este último fator, que foi registado nas que possuem o ensino secundário.

Por sua vez, e tal como se aguardava a percepção face ao conflito interparental foi mais negativa entre os adolescentes que não colaboram com os seus progenitores nas atividades domésticas exceto para a culpa que foi registada nos adolescentes que colaboraram com os seus familiares.

Pelos resultados acima expostos parece-nos existir uma constância que seria importante analisar do ponto de vista psicológico. Efetivamente os resultados mostram com clareza que a percepção ao conflito interparental, tem significados diferentes quando estamos perante níveis de desenvolvimento diferentes. Na realidade é notório que são os adolescentes que habitam em zona rural, que colaboram em atividades domésticas, cujos pais exercem uma profissão “Operacional” e com habilitações literárias a nível do primeiro ciclo, que apresentam uma percepção mais positiva ao conflito interparental.

Ao analisarmos o rendimento familiar denotamos que os adolescentes com rendimento mensal Médio Alto/Alto eram os que possuíam uma percepção mais negativa do conflito interparental, salvo para a culpa observada nos adolescentes cujo agregado familiar possui um rendimento mensal médio, sendo porém os adolescentes com rendimento mensal Baixo/Médio Baixo, que revelaram uma percepção mais positiva ao conflito interparental. Estes resultados não corroboram com a diversa literatura sobre a temática, que nos diz que o baixo nível socioeconómico e educativo dos pais associado a situações de desqualificação profissional e frequente desemprego contribuem para a permanente carência económica estando por isso associado à violência e aos maus tratos.

O conflito interparental tem sido identificado como uma dimensão chave do sistema familiar, associado a uma grande variabilidade de problemas em crianças e adolescentes, prejudicando o seu funcionamento psicológico e o relacionamento com as figuras parentais, independentemente da estrutura familiar em que estão inseridos.

Para Rocha, Mota e Matos (2011) a família que mantém a união conjugal não é imune a conflitos interparentais e a vivência destes, além de não estar necessariamente vinculada a prejuízos para a família, também pode possibilitar mudanças benéficas para as relações conjugais e parentais. De acordo com os resultados auferidos neste estudo apuramos que adolescentes que coabitam só com a mãe têm uma percepção do conflito, da triangulação e da percepção ao conflito interparental (global) mais positiva. Por outro lado, é

nos adolescentes que coabitam com ambos os progenitores que se denotou uma percepção mais negativa face à culpa, à triangulação e à percepção ao conflito interparental (global) enquanto os adolescentes que coabitam só com o Pai revelaram uma percepção mais positiva em relação à culpa mas mais negativa no que se reporta à ameaça.

Um estudo com o objetivo de analisar a contribuição da estrutura familiar (intacta e divorciada), conflito interparental, apego aos pais e aos pares para a autoestima do Adolescente realizado por Mota & Matos, (2009) numa amostra constituída por 403 adolescentes, entre os 14 e os 19 anos de idade em que foi utilizado o *Childrens' Perception of Interparental Conflict Scale* (Grych, Seid, & Fincham, 1992, veio revelar que as variáveis apego, associadas a uma elevada qualidade dos laços aos pais e pares têm uma crescente importância na predição da autoestima, quando comparados com a estrutura familiar do Adolescente.

Também a este respeito Hetherington e Elmore (2003) sugerem que os conflitos podem ser melhores preditores de bem-estar do que o divórcio sendo que adolescentes de famílias intactas com elevados níveis de conflito, parecem sentir-se mais desconfortáveis consigo próprios do que os adolescentes que vivem em famílias divorciadas com baixos níveis de conflito. Esta afirmação parece reiterar os resultados por nós obtidos quando verificamos que os filhos de pais viúvos têm uma percepção ao conflito interparental mais positiva exceto para o conflito que surgiu nos adolescentes filhos de pais divorciados/separados. Todavia é entre os filhos de pais solteiros que a percepção do Adolescente face ao conflito interparental é mais negativa.

Além de afetar a disponibilidade parental para com os filhos, a exposição aos episódios de conflito conjugal, gera estados afetivos internos de intenso sofrimento psíquico, sentimentos de ameaça, culpa e stress e transformações emocionais e fisiológicas dos filhos (El-Sheik & Harger, 2001 citados por Benetti, 2006). Por outro lado, a exposição direta e indireta a diversos tipos de violência no seio das Famílias, é apontado como fator de risco para o aparecimento de problemas de agressão e violação de regras. (Fowler et. al, 2009 citados por Sá et. al. 2009). Esta situação pode ser entendida se considerarmos que um ambiente Familiar violento serve como modelo para a aprendizagem de padrões comportamentais e sociais caracterizados pela violência (Margolin, 2005 citado por Sá et. al., 2009).

Foi constatado no presente estudo que 40,7% dos adolescentes têm uma percepção face ao conflito interparental positiva sendo que a percentagem mais elevada (41,8% vs. 39,7%), recaiu nos rapazes. Com percepção negativa encontramos 35,2% da totalidade da amostra e o maior grupo (35,3%) foi também observado nos rapazes mas as diferenças não foram significativas.

Estudos recentes assinalam a percepção de ameaça e culpa que a criança desenvolve a partir do conflito entre os pais, mediadores da associação entre o conflito interparental e o ajustamento psicossocial nas crianças e adolescentes (Grych, Fincham, Jouriles & McDonald, 2000; Grych, Harold & Miles, 2003; McDonald & Grych, 2006).

Assim, a experiência de uma grande ameaça e medo perante o conflito entre os pais e a auto culpabilização da criança sobre a existência desse conflito pode potenciar o desenvolvimento de sintomas externalizantes (agressividade e comportamento anti-social), (Grych et. al., 2003) e de sintomas internalizantes (tristeza, culpa e vergonha) (Dadds et. al., 1999; Grych et. al., 2003; Kerig, 1998; McDonald & Grych, 2006).

A respeito do impacto dos conflitos conjugais ao nível do ajustamento da criança, Osofsky (1998) citado por Rodrigues (2008) afirma que a exposição da criança à violência interparental afeta-a profundamente a nível do desenvolvimento da sua personalidade e afetos. Comparativamente ao impacto sofrido pela exposição à violência noutros contextos, o testemunho de violência entre os pais, dado o contexto onde ocorre e a proximidade afetiva com os intervenientes, tem efeitos mais devastadores no desenvolvimento da criança.

Esta exposição, pode traduzir-se em comportamentos de agressividade, fobias, insónia, depressão, baixos níveis de competência académica e na resolução de problemas, com efeitos observáveis a curto ou a longo prazo (Bodnarchuk, 1999; Rossman, 2001 citados por Sani, 2003). A curto prazo as consequências podem traduzir-se em dificuldades emocionais significativas tais como agressividade, ansiedade, baixa autoestima, confusão, culpa, depressão, insegurança, isolamento, medo, reações de evitamento, e vergonha (Burrington, 1999; Sudermann & Jaffe, 1999 citados por Sani, 2003) e a longo prazo, com problemas de saúde mental, comportamentos de abuso de substâncias e ofensas criminais, resultantes da exposição à violência (Fergusson & Horwood, 1998 citados por Sani, 2003).

A análise de regressão múltipla denota um contributo significativo na predição dos Comportamentos Hostis em adolescentes ao permitir constatar que a percepção ao conflito interparental é preditora da Violência, Hostilidade indireta, Irritabilidade, Negativismo, Ressentimento, Receio, Hostilidade verbal e Hostilidade global, estabelecendo uma relação negativa. Já as propriedades do conflito e a culpa predizem negativamente a Violência, enquanto a Ameaça estabelece uma relação direta com o Negativismo e inversa com a Culpabilidade. Deduz-se destes resultados que a uma percepção ao conflito interparental mais inadequada, corresponde uma maior incidência de Comportamentos Hostis.

6.2.4 - Segurança Emocional no Subsistema Parental e Comportamentos Hostis

O papel da estrutura familiar é uma problemática ainda pouco estudada, no entanto existem a este propósito diferenças significativas entre as famílias monoparentais e nucleares. Estudos sobre os processos familiares indicam que a qualidade da relação parental e a presença de discórdia no ambiente familiar são fatores associados à etiologia de distúrbios emocionais na criança e no Adolescente (Cummings & Davies, 2002).

As relações entre pais e filhos são consideradas como fundamentais no processo de desenvolvimento, onde o sistema familiar, considerado como um todo, constitui um contexto relacional importante para o desenvolvimento da criança e do Adolescente.

Os conflitos entre os progenitores muitas vezes mantêm-se após o divórcio, com efeitos negativos na segurança emocional dos filhos, percebido com maior intensidade pelos rapazes mais velhos, não só devido a uma maior sensibilidade face aos problemas dos adultos mas, especialmente a um percurso mais longo de exposição ao conflito (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2006). Os autores citados referem que não existem diferenças significativas entre sexos no que respeita ao impacto do conflito nas emoções e cognições dos adolescentes no entanto, a resposta à situação de conflito por parte das raparigas é de alheamento utilizado como estratégia de perseveração da sua segurança emocional.

A insegurança emocional, uma forma de reatividade emocional, pode manifestar-se nos filhos que vivem em lares caracterizados por conflitos conjugais severos, através de elevados níveis de medo, *stress*, vigilância e hostilidade, com maior risco de desajustamento comportamental e problemas psicológicos a longo prazo (Cummings & Davies, 1996 citados por Davies & Cummings, 1998).

Estudos acerca da segurança emocional da criança no âmbito das relações parentais demonstraram que os géneros diferiam estatisticamente nas médias da reatividade emocional e das representações internas das relações parentais, sendo que nas raparigas os índices eram superiores aos dos rapazes (Davies et. al., 2002).

No presente estudo apuramos que as raparigas apresentavam uma maior segurança emocional face ao conflito interparental do que os rapazes não sendo significativas as diferenças para as representações familiares construtivas e desajustamento comportamental.

Ressalta igualmente do nosso estudo, que a idade apenas tem efeito significativo no evitamento embora no que respeita às representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito e reatividade emocional global, os índices médios mais elevados condizentes com maior segurança emocional foram obtidos nos adolescentes com 16 anos, as representações familiares construtivas nos de 15 anos o evitamento e o desajustamento comportamental nos adolescentes de 16 e 17 anos e mais.

Por outro lado, apuramos que os adolescentes que frequentam o 11º. Ano têm maior segurança emocional nas dimensões reatividade emocional e reatividade emocional (global) e os do 12º. Ano na dimensão, representações familiares construtivas. Contudo é nos adolescentes do Curso Profissional que se encontraram índices mais elevados nas dimensões, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes ao conflito e envolvimento.

Quanto aos resultados da relação entre local de residência e segurança emocional do Adolescente apuramos que os adolescentes residentes na zona rural têm uma maior segurança emocional, em todas as dimensões da escala que os congéneres da zona urbana.

Há consenso na literatura sobre a existência de uma forte correlação entre a qualidade das relações conjugais e parentais. Para Winsler, Madigan e Aquilino (2005) a perspectiva dos sistemas familiares sugere que a situação marital e relacional entre mães e pais desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança e Adolescente. Para Cruz, (2005) pais e mães apresentam ideias diferentes resultantes não apenas do seu próprio processo de socialização, mas porque a sua experiência como pais é muito diferente. As condutas maternas estão mais fortemente associadas à preocupação com os cuidados e à segurança afetiva dos filhos, enquanto as paternas se voltam mais para a questão da disciplina.

De acordo com Martins (2005), a percepção de crianças e jovens face à existência de conflitos interparentais pode influenciar o seu sistema de valores e de crenças, bem como a forma como percebem a família e o seu funcionamento. Desta forma, podem desenvolver problemas de saúde física, comportamental e psicológica, assim como desenvolver um baixo autoconceito, autoestima, medo, ansiedade e isolamento social.

O nosso estudo revelou que os adolescentes que coabitam com Pai apresentam maior segurança emocional nas dimensões, representações familiares construtivas, envolvimento e reatividade emocional global, os que vivem com Mãe apresentam maior desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas e representações consequentes do conflito e os que vivem com “Outros” maior reatividade emocional e evitamento. A menor segurança emocional foi registado nos adolescentes que coabitam com o pai em relação às representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito, envolvimento e reatividade emocional (global), nos que residem com Mãe na reatividade emocional e representações familiares construtivas e nos que residem com Pai apenas no desajustamento comportamental.

Estudos demonstram que as crianças que nascem em famílias de pais casados têm menos probabilidade de experienciar situações de instabilidade familiar, em relação àquelas

que nascem em famílias de pais coabitantes não casados (Horn, 2006), demonstrando a vantagem dos filhos nascerem em famílias cujos pais estejam casados. Esta assunção, traduz em alguma medida os resultados obtidos dado que a maior segurança emocional foi encontrada nos adolescentes que vivem com pais casados no que respeita à reatividade emocional, representações familiares construtivas, evitamento, envolvimento e reatividade emocional (global). A menor segurança emocional foi observada nos adolescentes com pais solteiros.

Reportando-nos à escolaridade dos progenitores, é assumido pela literatura que um nível de escolaridade mais elevado constitui-se como um indicador forte de um estilo parental autoritativo (Barrett, Singer & Weinstein, 2000). As mães com um elevado nível de escolaridade adotam estilos parentais relacionados com resultados mais positivos nas crianças, do que as mães com um menor nível de escolaridade. Em relação aos pais, os de nível de escolaridade elevado mostram uma menor monitorização com os filhos, do que os que possuem um nível de escolaridade mais baixo. Esta diferença pode emergir, segundo os autores, porque os pais com elevado nível de escolaridade estão mais envolvidos na sua vida profissional, investindo menos nas funções da parentalidade, principalmente de monitorização, do que os pais com baixo nível de escolaridade.

Como notamos os resultados desta investigação apontam para uma unicidade relativamente à segurança emocional. Com efeito, filho de pai e mãe com o Primeiro Ciclo manifestaram maior reatividade emocional, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, representações consequentes ao conflito, envolvimento e reatividade emocional (global). O evitamento ocorreu nos adolescentes cujos progenitores (pai e mãe) possuem o Ensino Secundário e a exceção verificou-se com índices mais elevados nas representações familiares construtivas em adolescentes cujo pai possui o Ensino Superior e para a mãe com o Ensino Secundário.

Já no que concerne às atividades profissionais exercidas pelos progenitores, os resultados não parecem ser conclusivos porquanto se apurou que adolescentes cujo pai exerce uma profissão “Técnica” apresentavam uma maior segurança emocional nas representações familiares construtivas, mas simultaneamente nas representações familiares destrutivas, no evitamento e envolvimento e os com uma profissão na área “Operacional”, maior segurança emocional na reatividade emocional e representações consequentes do conflito.

Por outro lado, uma mãe com a profissão “Gestor” transmite ao adolescente maior segurança emocional relacionada com as dimensões, reatividade emocional, representações familiares construtivas, evitamento e envolvimento, enquanto o desajustamento comportamental as representações familiares destrutivas e a reatividade

emocional (global) foram encontrados nos adolescentes filhos de mãe com atividade “Operacional” e as representações consequentes ao conflito nas mães com profissão “Intelectual”.

Os resultados expostos mostram com clareza que a segurança emocional, tem significados diferentes quando estamos perante níveis de desenvolvimento diferentes, pelo que na nossa perspetiva deverá haver algum cuidado na interpretação dos mesmos, dada a inconstância encontrada quando se compara a segurança emocional dos filhos com a profissão dos progenitores. Porém, tal facto não ocorre quando analisamos os resultados obtidos com a colaboração dos adolescentes em atividades domésticas na medida em que a segurança emocional se manifestou sobretudo entre os que colaboram em atividades domésticas e com o rendimento familiar que ocorreu nos adolescentes cujos pais auferiam um rendimento familiar Baixo ou Médio Baixo, exceto nas representações familiares construtivas e envolvimento que foram mais evidentes nos adolescentes cujo rendimento familiar é Médio Alto e Alto.

A respeito da relação da segurança emocional com a perceção do adolescente face ao conflito interparental, o estudo de Cummings e Davies, (2010) já anteriormente citado, apontou os reflexos do conflito interparental no desenvolvimento dos adolescentes. Tendo em consideração a alta intensidade e frequência do conflito não resolvido, ou seja conflito destrutivo entre os pais, este produz resultados nefastos nas emoções, cognições e conduta dos filhos, que manifestam sentimentos de insegurança, ameaça, preocupação e culpa. Nesta situação, os filhos não conseguem preservar a sua segurança emocional devido à dimensão do conflito, ou seja quanto maior o conflito interparental destrutivo, menor segurança emocional e maior preocupação por se sentirem impotentes para ajudarem a resolver os conflitos.

No nosso estudo os adolescentes que revelaram uma perceção positiva ao conflito interparental registaram maior segurança emocional no que respeita à reatividade emocional, desajustamento comportamental, representações familiares destrutivas, evitamento, representações consequentes do conflito, envolvimento e reatividade emocional global e a menor segurança emocional foram encontradas nos adolescentes com uma perceção negativa ao conflito interparental, com exceção das representações familiares construtivas.

Já os adolescentes com perceção muito adequada do comportamento parental sentiram maior segurança emocional no que concerne às dimensões, reatividade emocional, representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, representações consequentes do conflito, envolvimento e reatividade emocional (global) e os adolescentes com adequada perceção uma melhor segurança emocional no

desajustamento comportamental enquanto os com inadequada percepção maior segurança emocional no evitamento.

O presente estudo pretendeu dar relevância à relação entre Segurança Emocional com os Comportamentos Hostis em adolescentes. Os resultados obtidos com o propósito de testar essas previsões conferem a validação das suposições empíricas prévias. Deste modo, apuramos que as representações familiares construtivas e as representações familiares destrutivas não se constituíram como variáveis preditoras dos Comportamentos Hostis em adolescentes. Quanto à reatividade emocional apenas prediz positivamente o receio. O evitamento e as representações consequentes ao conflito predizem a hostilidade indireta, sendo que a primeira estabelece uma relação direta e a segunda uma relação inversa. É o desajustamento comportamental e a segurança emocional (global) que mais se configuram como variáveis preditoras dos Comportamentos Hostis. Com efeito, aferimos para o desajustamento comportamental a sua relação de dependência com a violência, hostilidade indireta, irritabilidade e hostilidade verbal estabelecendo uma relação positiva e negativa com a hostilidade (global).

A segurança emocional (global) prediz negativamente a violência mas positivamente o receio, hostilidade verbal, culpabilidade e hostilidade (global).

Finalmente o envolvimento estabeleceu-se negativamente como preditor do negativismo e do receio.

Em síntese, pensamos que os resultados obtidos constituem um contributo para a compreensão dos fatores que se repercutem na Parentalidade e nos Comportamentos Hostis em adolescentes. Os resultados do presente estudo demonstraram a influência das variáveis sociodemográficas, percepção do Adolescente face ao comportamento parental e conflito interparental e ainda da segurança emocional do Adolescente na assunção de Comportamentos Hostis, segundo o ponto de vista dos adolescentes.

Por último, importa reconhecer que dada a escassez de estudos relacionados diretamente com a relação das variáveis supracitadas, estes resultados poderão contribuir para produzir conhecimento sobre a temática “Parentalidade e Comportamentos Hostis em adolescentes”.

CONCLUSÕES

Surge o momento de traduzirmos para este espaço uma reflexão final sobre os aspetos que envolveram o desenvolvimento desta investigação, realçarmos os resultados obtidos que consideramos mais pertinentes e abordarmos algumas implicações práticas dele decorrentes.

Este estudo permitiu-nos melhor compreender os fatores que influenciam os Comportamentos Hostis em adolescentes. Para o efeito investigámos as características sociodemográficas dos participantes e do contexto familiar, o que nos permitiu conhecer o *background* dos adolescentes. Determinamos também a influência da Perceção dos adolescentes face ao Comportamento Parental e Conflito Interparental nos Comportamentos Hostis em adolescentes e analisamos a influência da Segurança Emocional do Adolescente no Subsistema Parental.

Foi sempre nossa preocupação ao longo do desenvolvimento do estudo, responder às questões de investigação:

1. Qual a prevalência dos Comportamentos Hostis em adolescentes?
2. Que variáveis sociodemográficas e de contexto familiar têm efeito significativo sobre os Comportamentos Hostis em adolescentes?
3. Em que medida a Perceção face ao Comportamento Parental, a Perceção face ao Conflito Parental e a Segurança Emocional têm influência nos Comportamentos Hostis em adolescentes?

Realçamos as diversas dimensões dos Comportamentos Hostis, as dimensões do Comportamento e Conflito Interparental e Segurança Emocional para além da caracterização sociodemográfica e de contexto familiar da nossa amostra.

Para este estudo, recorremos a uma amostra não probabilística por conveniência de 1890 estudantes. O perfil que extraímos revela-nos um Adolescente do sexo feminino, com cerca de 16 anos de idade, residente na área urbana a coabitar com os pais, inserido numa família com razoáveis recursos económicos e que colabora em atividades domésticas. Já o perfil dos progenitores indica que se trata de pais casados, com habilitações literárias semelhantes entre si, ou seja segundo ciclo, com um rendimento mensal médio e com profissão “Operacional”.

Após análise e discussão dos dados recolhidos sobressaem as seguintes evidências:

O comportamento Violento foi encontrado em 93,5% dos adolescentes e percentuais similares registaram-se nos comportamentos de Ressentimento, Hostilidade verbal e Hostilidade global;

O sexo não influencia significativamente os Comportamentos Hostis;

Os adolescentes com 16 anos revelam uma maior Hostilidade indireta, Irritabilidade, Ressentimento, Hostilidade verbal, Culpa e Hostilidade global;

É nos adolescentes do Curso Profissional que se denotam mais Comportamentos Hostis, exceto para o comportamento de Hostilidade indireta que se regista nos adolescentes que frequentam o 11º. Ano de escolaridade;

Os adolescentes residentes da zona rural apresentam índices mais acentuados de Hostilidade indireta e os adolescentes a residir na zona urbana maior Hostilidade global;

Os resultados comprovam que o local de residência influencia os Comportamentos Hostis em adolescentes, mas o estado civil dos pais e o rendimento familiar não interferem com os mesmos;

No que concerne à relação das diversas dimensões dos Comportamentos Hostis com as dimensões do Comportamento Parental, Conflito Interparental e Segurança Emocional inferimos:

Quanto maior a Perceção do Adolescente face ao Comportamento Parental, desajustamento comportamental e representações consequentes ao conflito, mais negativa a Perceção face ao Conflito Interparental e menor a Segurança Emocional sendo maior o Comportamento Violento;

Quanto mais elevados os valores da Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental (global) e representações consequente ao Conflito e menores valores no desajustamento comportamental, evitamento e controlo psicológico vs. autonomia psicológica menor o Comportamento de Hostilidade indireta;

A Irritabilidade é tanto menor quanto mais positivo o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Perceção ao Conflito Interparental e menor o desajustamento comportamental;

Quanto mais positiva a Perceção face ao Conflito Interparental e menor a Perceção face ao Conflito Interparental (global), controlo psicológico vs. autonomia psicológica, ameaça e envolvimento, menor o Negativismo;

O Ressentimento é menor quanto mais positiva a Perceção ao Conflito Interparental, maior a Segurança Emocional do Subsistema Parental, melhor o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e representações familiares construtivas e menor o controlo firme vs. controlo psicológico;

Quanto maior a reatividade emocional e o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e mais negativa a Perceção ao Conflito Interparental maior o Comportamento Hostil relacionado com o Receio;

A Hostilidade verbal é tanto menor quanto mais baixa a Perceção ao Conflito Interparental e menor o desajustamento comportamental, o controlo psicológico vs. autonomia psicológica e a Segurança Emocional do Subsistema Parental;

Os adolescentes que registam valores mais baixos de Perceção ao Comportamento Parental e Segurança Emocional e valores mais elevados de Perceção ao Conflito Interparental nas suas diferentes dimensões, apresentam menos comportamentos de Culpabilidade;

Valores mais elevados de Perceção do Adolescente face ao Conflito Interparental e representações familiares construtivas e menores de Perceção ao Comportamento Parental e Segurança Emocional apresentam menores valores de Comportamentos de Hostilidade global;

Concluído o estudo e enfatizados os aspetos mais relevantes, ficámos a saber que as variáveis independentes se associaram com os Comportamentos Hostis dos adolescentes estudados, sendo a qualidade da relação parental determinante para o desenvolvimento global do adolescente.

Assim, de acordo com a diversa bibliografia focada ao longo do trabalho, podemos afirmar que as relações com os progenitores caracterizadas por Conflito Interparental não resolvido são prejudiciais para o comportamento do Adolescente, levando-o a desenvolver Comportamentos Hostis, que se recorrentes e intensos, implicarão comportamentos de risco, com enorme probabilidade de se constituir um adulto marginal, desinserido socialmente.

Para terminar iremos fazer referência às implicações práticas do estudo.

Admitimos que apesar do nosso esforço no sentido de expor, clara e corretamente, todos os elementos necessários para a compreensão e explicação desta problemática, existem resultados do nosso estudo sem confrontação com outros estudos dada a sua inexistência no âmbito das variáveis por nós estudadas.

Neste contexto consideramos que os resultados que apuramos poderão servir de suporte a futuras linhas de investigação que a seguir propomos:

1. Para melhor conhecermos esta realidade será importante desenvolver investigações que apresentem um desenho longitudinal que permita compreender a evolução da relação parental no comportamento do Adolescente;

2. Consideramos que será de todo o interesse, perceber a perspetiva de outros atores como pais e professores, através de entrevistas individuais ou de grupos de discussão (*focus group*). Tais procedimentos metodológicos não foram praticáveis no nosso estudo face ao tamanho da amostra;
3. Dada a importância desta problemática será importante alargar esta pesquisa a todo o território nacional para um conhecimento abrangente desta realidade;
4. Prosseguir esta linha de investigação no sentido de averiguar se os Comportamentos Hostis em adolescentes se relacionam com perturbações do humor, ansiedade e depressão, pois como podemos constatar algumas dimensões dos Comportamentos Hostis se perpetuadas e intensas podem constituir sintomas destas perturbações;
5. Apoiar a implementação de um programa de intervenção entre a Escola, Adolescente e Família incentivando os pais e toda a comunidade educativa para uma relação assertiva em prol da promoção de comportamentos saudáveis em adolescentes;
6. Acentuar a necessidade de que futuras investigações que analisem a relação entre os Comportamentos Hostis e o rendimento escolar dos adolescentes, para compreendermos se esses comportamentos influenciam a progressão académica dos estudantes;
7. Divulgar os resultados desta pesquisa, contribuindo junto do Ministério da Saúde e Educação, para o desenvolvimento de políticas e estratégias de intervenção para a promoção de contextos de vida saudáveis nesta etapa da vida, que se encontram inexploradas no Plano Nacional de Saúde 2014-2016 como área com recomendações de intervenção a considerar.

Terminamos esperando que a divulgação deste estudo constitua um contributo valioso para a qualidade de vida dos adolescentes, ao nível da prevenção primária, sustentando uma intervenção pedagógica articulada com as estruturas de apoio social, diminuindo os riscos potenciais desta problemática com repercussões nefastas na vida adulta e para a sociedade em geral.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, M. E. G. G., & de Pinho, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.
- Aluja, A., Del Barrio, V., & García, L. F. (2007). Personality, social values, and marital satisfaction as predictors of parents' rearing styles. *International Journal of Clinical Health & Psychology*, 7(3), 725-737.
- Amaro, F. (2004). *Inquérito às opiniões, atitudes, conhecimentos e comportamentos face à sida da população portuguesa dos 15 aos 69 anos*. Lisboa: Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.
- American Psychiatric Association. (2006). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: texto revisado (DSM-IV-TR)*. Porto: Porto Editora.
- Andreu, J. M., Peña, M. E., & Larroy, C. (2010). Conducta antisocial, impulsividad y creencias justificativas: análisis de sus interrelaciones con la agresión proactiva y reactiva en adolescentes. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 18(1), 52-72.
- Assis, S. G. D., & Avanci, J. Q. (2004). Abuso psicológico e desenvolvimento infantil. In C. A. Lima (Coord.), *Violência faz mal à saúde de crianças e adolescentes* (pp. 59-67). Brasília: Ministério da Saúde. Acedido em http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/06_0315_M.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2012). *Estatísticas APAV: Relatório anual*. Lisboa: APAV. Acedido em http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Totais_Nacionais_2012.pdf
- Avila, S. D. F. O. D. (2005). A adolescência como ideal social. In *Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo. Acedido em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200008&lng=en&nrm=iso
- Baptista, M. N., Baptista, A. S. D., & Dias, R. R. (2001). Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicologia: Ciência e profissão*, 21(2), 52-61.
- Barber, B. K. (2002). *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents*. Washington: American Psychological Association.
- Barcelos, R. H. (2010). *Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Acedido em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24512/000747049.pdf?sequence=1>
- Barrett, A. T. S., & Weinstein, R. S. (2000). Differential parental treatment predicts achievement and selfperceptions in two cultural contexto. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 491-509.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development*, 887-907.

- Benetti, S. P. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268.
- Bickham, N. L., & Fiese, B. H. (1997). Extension of the children's perceptions of interparental conflict scale for use with late adolescents. *Journal of Family Psychology*, 11(2), 246.
- Bock, A. M. B. (2007). Adolescence as a social construction: a research on the concept on books applied to parents and educators. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76.
- Boléo-Tomé, J. (2006). *Pensar educação: Tentativa de definição de valores e modelos de comportamento*. Porto: Associação do Médicos Católicos Portugueses.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de psicologia*, 7(2), 227-235.
- Braconnier, A., Marcelli, D., & Fernandes, M. C. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Brás, P. M. F. (2008). Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.
- Burke, J. D., Pardini, D. A., & Loeber, R. (2008). Reciprocal relationships between parenting behavior and disruptive psychopathology from childhood through adolescence. *Journal of abnormal child psychology*, 36(5), 679-692.
- Buss, A. H., & Durkee, A. (1957). An inventory for assessing different kinds of hostility. *Journal of consulting psychology*, 21(4), 343.
- Calheiros, M. M., & Monteiro, M. B. (2007). Relações familiares e práticas maternas de mau trato e de negligência. *Análise psicológica*, 25(2), 195-210.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación/E Aval Psicol*, 24, 193-210.
- Canha, L. N. & Neves, S. M. (2008). *Promoção de competências pessoais e sociais: Desenvolvimento adaptado a crianças e jovens com deficiência: Manual prático*. Lisboa: Instituto Nacional de Reabilitação.
- Carnaúba, M. E. C. (2009). *Marcuse e a psicanálise: Mais-repressão e princípio de desempenho*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.
- Cobos, E. G. (2008). Adolescencia y familia: Revisión de la relación y la comunicación como factores de riesgo o protección. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10(2), 105-122.

- Collins, W. A., & Sprinthall, N. A. (2008). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coutinho, C.P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas, teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Covell, K., & Abramovitch, R. (1987). Understanding emotion in the family: Children's and parents' attributions of happiness, sadness, and anger. *Child Development*, 58(4), 985-991.
- Cox, M. J., Paley, B., & Hater, C. (2001). Interparental conflict and parent: Child relationship. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research and application* (pp. 249-272). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Crockenberg, S., & Forgays, D. K. (1996). The role of emotion in children's understanding and emotional reactions to marital conflict. *Merrill-Palmer Quarterly* 42(1), 22-47.
- Cronback, L. J. (1990). *Essentials of psychological testing*. New York: Harper & Row.
- Crowe, M., Ward, N., Dunnachie, B., & Roberts, M. (2006). Characteristics of adolescent depression. *International Journal of Mental Health Nursing*, 15(1), 10-18.
- Cruz, C., Almeida, M., Pinto, J., Aleluia, S. (2011). Comportamento violento em adolescentes: Uma evidência numa Escola Secundária. *Millenium*, 40, 133-147.
Acedido em <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/1216/1/Comportamento%20Violento%20em%20Adolescentes.pdf>
- Cruz, O. (2005) *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1996). Emotional security as a regulatory process in normal development and the development of psychopathology. *Development and Psychopathology*, 8, 123-139.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). *Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(1), 31-63.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2011). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. New York: Guilford Press.
- Cunningham, A. J., & Baker, L. L. (2007). *Little eyes, little ears: How violence against a mother shapes children as they grow*. London: Centre for Children & Families in the Justice System.
- Dadds, M. R., Holland, D. E., Laurens, K. R., Mullins, M., Barrett, P. M., & Spence, S. H. (1999). Early intervention and prevention of anxiety disorders in children: Results at 2-year follow-up. *Journal of consulting and clinical psychology*, 67(1), 145.

- Dallo, L., & Paludo, K. I. (2013). Adolescência: Perspectiva de desconstrução de uma visão naturalizada. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 4(2), 129-141.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1998). Exploring children's emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. *Child development*, 69(1), 124-139.
- Davies, P. T., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2002). *Child emotional security and interparental conflict: Monographs of the Society for Research in Child Development*. New Jersey: Wiley.
- D'Avila-Bacarji, K. M. G., Marturano, E. M., & Elias, L. D. S. (2005). Suporte parental: Um estudo sobre crianças com queixas escolares. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 107-115.
- Del Barrio, V., Carrasco, M. Á., Rodríguez, M. A., & Gordillo, R. (2009). Prevención de la agresión en la infancia y la adolescencia. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 9(1), 101-107.
- Díaz Galvis, J. L., Peña Olvera, F. de la, Suárez Reynaga, J. A., & Palacios Cruz, L. (2004). Perspectiva actual de la violencia juvenil. *Med Unab.*, 6(20), 115-124. Acedido em http://tdahlatinoamerica.org/documentos/08_CARPETA_5_Diaz_Perspectiva_de_la_violencia_juvenil.pdf
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child development*, 1244-1257.
- Edens, J. F., Cavell, T. A., & Hughes, J. N. (1999). The self-systems of aggressive children: A cluster-analytic investigation. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40(3), 441-453.
- El-Sheikh, M., Harger, J., & Whitson, S. M. (2001). Exposure to interparental conflict and children's adjustment and physical health: The moderating role of vagal tone. *Child development*, 72(6), 1617-1636.
- Fergusson, D. M., & Horwood, L. J. (1998). Exposure to interparental violence in childhood and psychosocial adjustment in young adulthood. *Child abuse & neglect*, 22(5), 339-357.
- Ferreira, S., Nogueira, S., & Fernandes, B. (2011). O meu filho põe-me à beira de um ataque de nervos. *Saúde Infantil*, 33(2), 91-92.
- Fonseca, H., & Strecht, P. (2012). *Compreender os adolescentes: Um desafio para pais e educadores*. Lisboa: Presença.
- Frota, A. M. M. C. (2007). Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 147-160. Acedido em <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>
- Gallo, A., & Williams, L. (2004). Adolescentes autores de ato infracional: Perfil. *Anais da XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia* [CD-ROM].

- Garbarino, J. (2009). Why are adolescents violent?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 533-538.
- Garcia, D. C. D. (2006) *Transgressões humanas: Pecado e sentimento deculpa*. São Paulo: PPO.
- Garcia-Leon, A., Reyes, G. A., Vila, J., Perez, N., Robles, H., & Ramos, M. M. (2002). The aggression questionnaire: A validation study in student samples. *The Spanish Journal of Psychology*, 5, 45-53, Acedido em http://ac.els-cdn.com/S1877042812011937/1-s2,0-S1877042812011937-main.pdf?_tid=c0df2a9e-a48a-11e3-94b4-00000aab0f6c&acdnat=1394040340_07d22137e755fb09a9f09119d5477b27.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Orgs.) (2007). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 21-60). Campinas: Alínea.
- Gonçalves, P., M., M. (2004). Pais, presença e educação. *Servir*, 52(1), 24-26.
- Goulart, V. R., & Wagner. A. (2013). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 392-408. Acedido em <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/817/811>.
- Gouveia, J. L. R. V. (2004). Diferenças ao nível do gênero na adaptação psicossocial a curto prazo no pós enfarte agudo do miocárdio (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho). Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/588/1/tese.pdf>
- Grych, J. H. (1998). Children's appraisals of interparental conflict: Situational and contextual influences. *Journal of Family Psychology*, 12(3), 437.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (Eds.). (2001). *Interparental conflict and child development: Theory, research and applications*. Cambridge University Press.
- Grych, J. H., Fincham, F. D., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000). Interparental Conflict and Child Adjustment: Testing the Mediational Role of Appraisals in the Cognitive-Contextual Framework. *Child development*, 71(6), 1648-1661.
- Grych, J. H., Harold, G. T., & Miles, C. J. (2003). A prospective investigation of appraisals as mediators of the link between interparental conflict and child adjustment. *Child Development*, 74(4), 1176-1193.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: The children's perception of interparental conflict scale. *Child development*, 63(3), 558-572.
- Guareschi, P. A., & Silva, M. D. (2008). *Bullying: Mais sério do que se imagina*. Porto alegre: EDIPUCRS.
- Hann, D. M., & Borek, N. (2001). Taking stock of risk factors for child/youth externalizing behavior problems. Bethesda, MD: US Department of Health and Human Services. *Public Health Service, National Institute of Mental Health/National Institute of Health*.

- Hawkins, J. D., Herrenkohl, T. I., Farrington, D. P., Brewer, D., Catalano, R. F., Harachi, T. W., & Cothorn, L. (2000). *Predictors of youth violence*. Washington, DC: US Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Hetherington, E. M., & Elmore, A. M. (2003). Risk and resilience in children coping with their parents' divorce and remarriage. *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 182-212). London: Cambridge.
- Hernández Sampieri, R., Fernández Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2006). *Metodología de la investigación* (4ª ed.). México: McGrawHill.
- Hinshaw, S. P. (1992). Externalizing behavior problems and academic underachievement in childhood and adolescence: causal relationships and underlying mechanisms. *Psychological bulletin*, 111(1), 127.
- Horn, W. F. (2006) Fatherhood, Cohabitation and Marriage. *Gender Issues*, 23(4), 22-35.
- Jackson, S., Bijstra, J., Oostra, L., & Bosma, H. (1998). Adolescents' perceptions of communication with parents relative to specific aspects of relationships with parents and personal development. *Journal of adolescence*, 21(3), 305-322.
- Jiménez-Barbero, J. A., Ruiz-Hernández, J. A., Llor-Esteban, B., & Waschgler, K. (2014). Influence of attitudes, impulsivity, and parental styles in adolescents' externalizing behavior. *Journal of health psychology*, 1359105314523303.
- Kerig, P. K. (1998). Gender and appraisals as mediators of adjustment in children exposed to interparental violence. *Journal of family violence*, 13(4), 345-363.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002) *Relatório mundial sobre doença e saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child development*, 62(5), 1049-1065.
- Lázaro, J., Casimiro, E., & Fernandes, H. (2010). Determinação do perfil psicológico de prestação de andebol português: Um estudo em atletas da Liga e da Divisão de Elite. Acedido em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0269.pdf>.
- Lewis, M. (1993). *Self-consciencious emotions: Embarrassment, pride, shame and guilt*. New York: The Guildford Pres.
- Loeber R, Burke J, & Pardini D. (2009). Perspectives on oppositional defiant disorder, conduct disorder and psychopathic features. *J Child Psychology Psichiatry*, 50(1-2), 133-142.
- López, F. (2008). La familia como contexto de desarrollo de los adultos. In M. J. Rodrigo, & J. Pallacios (coords), *Familia e desarrollo humano*. Madrid: Alianza Editorial.
- López, M. H., Bacerra, I. G., García, M. J. M., & Guttierrez, C. G. (2008). Prevención de la violencia infantil-juvenil: Estilos educativos de las familias como factores de protección. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 8(1), 73-84, Acedido em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=56080107>.

- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: Formerly Carmichael's manual of child psychology* (pp. 1-103). New Jersey: Wiley.
- Marôco, J (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed. revista e aumentada). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martínez-Ferrer, B., Murgui-Pérez, S., Musitu-Ochoa, G., & Monreal-Gimeno, M. D. C. (2008). El rol del apoyo parental, las actitudes hacia la escuela y la autoestima en la violencia escolar en adolescentes. *International Journal of Clinical Health & Psychology*, 8(3), 697-692.
- Martinho, L. V. F. (2010). *O papel da educação parental no comportamento anti-social dos adolescentes*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade de Coimbra.
- Martins, D. (2005) *Autoconceito de crianças expostas à violência interparental* (Monografia não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Marty, F. (2006). Adolescence, violence and society. *Agora: Estudos em teoria psicanalítica*, 9(1), 119-131.
- Masten, A. S., & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. In *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-52). New York: Springer US.
- Matos, M. G. D., & Carvalhosa, S. F. (2001). A saúde dos adolescentes: Ambiente escolar e bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(2), 43-53.
- McDonald, R., & Grych, J. H. (2006). Young children's appraisals of interparental conflict: Measurement and links with adjustment problems. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 88.
- Meichenbaum, D. (2001). *Treatment of individuals with anger-control problems and aggressive behaviors: A clinical handbook*. London: Crown House Publishing.
- Miller, P. H., & Aloise, P. A. (1989). Young children's understanding of the psychological causes of behavior: A review. *Child Development*, 60(2), 257-285.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2009). Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
- Moura, O., Santos, R., & Matos, P. M. (2006). The children's perception of interparental conflict scale (CPIC): Análise factorial confirmatória com adolescentes e jovens adultos. In *XI Conferência Internacional de Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. 6, pp. 1-9). Braga: Universidade do Minho. Acedido em [http://docs.octaviomoura.com/research/Moura\(2006\)_CPIC_CongressoBraga.pdf](http://docs.octaviomoura.com/research/Moura(2006)_CPIC_CongressoBraga.pdf)
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: Uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2), 69-77.

- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2012). Adolescentes em conflito com a lei: Percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-191.
- Neto, A. A. L. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.
- Neves, A. D. (2010). *Avaliação Externa do impacto da expansão dos cursos profissionais no sistema nacional de qualificações*. Lisbon: ANQ.
- Norgren, M. D. B. P. (2011). Cultura de paz e arteterapia. *Construção Psicopedagógica*, 19(18), 19-24.
- Nunes-Costa, R. A., Lamela, D. J., & Figueiredo, B. F. (2009). Psychosocial adjustment and physical health in children of divorce. *Jornal de pediatria*, 85(5), 385-396.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Office for Victims of Crime (1999). *Breaking the cycle of violence: Recommendations to improve the criminal justice response to child victims and witnesses*. Washington: U.S. Department of Justice Office of Justice Programs.
- Oliveira Gomes, V. L., & Da Fonseca, A. D. (2005). Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras. *Texto & Contexto Enfermagem*, 14, 32-37.
- Oliveira, J. S. (2005). *Desenvolvimento psicossocial e estilos de vinculação: convergência e divergência de percepções de satisfação na família* (Tese de doutoramento, Universidade do Porto). Acedido em http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pubs_pesquisa.FormView?P_ID=65867.
- Oliveira, R. A. (2000). Do vínculo às relações sociais: Aspectos psicodinâmicos. *Análise Psicológica*, 18(2), 157-170.
- Organização Mundial de Saúde. (2008). *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-10*, São Paulo: Edusp.
- Osofsky, J. D. (2003). Prevalence of children's exposure to domestic violence and child maltreatment: Implications for prevention and intervention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6(3), 161-170.
- Pacheco, J. T. B. (2004). *A construção do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais: Uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais* (Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Acedido em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6132>.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Stability of antisocial behavior on the infancy-adolescence transition: a developmental perspective. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(1), 55-61.
- Pacheco, J. T. B., & Hutz, C. S. (2009). Variáveis familiares preditoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 213-219.

- Peled, E., & Davis, D. (1995). *Groupwork with children of battered women: A practitioner's manual*. Sage Publications.
- Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 507-518.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Descobrimos a regressão: com a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Silabo.
- Pinheiro, F. M. F. (2006). *Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino fundamental* (Tese de doutoramento, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos). Acedido em <http://www.laprev.ufscar.br/documentos/arquivos/teses-e-dissertacoes/dissertacao-fernanda-martins-franca-pinheiro.pdf>
- Ribeiro, M. A. (1989). Separação conjugal: O que os filhos acham e como se sentem. *Estudos de Psicologia*, 2, 25-40.
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 29(2), 185-200.
- Rodrigues, M. J. B. (2008). *Reações emocionais e percepções da criança ao conflito parental* (Dissertação de doutoramento, Instituto Superior de Ciências Biomédicas de Abel Salazar). Universidade do Porto. Acedido em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19395/2/ReacesEmocionaisPercepoCrianaConflitoParental.pdf>
- Rohner, R. P. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": universal correlates of perceived rejection. *American psychologist*, 59(8), 830.
- Rossmann, B. B. R., Hughes, H. M., & Rosenberg, M. S. (2000). *Children and interparental violence: The impact of exposure*. Michigan: Taylor & Francis.
- Sá, D. G. F., Curto, B. M., Bordin, I. A. S., & de Paula, C. S. (2009). Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo. *Psicologia: teoria e prática*, 11(1), 179-188.
- Sampaio, D., & Barros, E. (2006). *Lavar o mar: Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sani, A. I. M. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental* (Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho). Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6958/1/0%20-%20%C3%8Dndice.pdf>
- Sani, A. I. M. (2004). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência* (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho. Braga. Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6958>
- Savietto, B. B., & Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6(1), 15-43.
- Schaefer, E. S. (1965). A configurational analysis of children's reports of parent behavior. *Journal of consulting psychology*, 29(6), 552.

- Schludermann, E. H., & Schludermann, S. M. (1988). Children's report on parent behavior (CRPBI-108, CRPBI-30) for older children and adolescents. *Winnipeg, MB, Canada: University of Manitoba.*
- Sebastião, J., Alexandre, A., Ferreira, J. H., (2010). *Adolescência, violência e género no concelho de Cascais. Lisboa: CIESIUL.*
- Seixas, S. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares-bem estar e ajustamento escolar* (Dissertação de doutoramento, Universidade de Coimbra. Acedido em <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400,15/111/1/Tese.Dout.Sonia.Seixas.pdf>
- Sena, I. D. J., & Machado, T. R. C. (2006). A delinquência juvenil e suas relações com a função paterna. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 10(1). Acedido em <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/48>
- Silva, A. T. B. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais (Dissertação de mestado)*. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Silva, S. (2009). *Papel parental em perturbações do comportamento infantil* (Monografia de licenciatura). Lisboa: Instituto de Psicologia Aplicada de Lisboa. Acedido em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0100.pdf>
- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. In A. B. Lozan, *Libro de actas do XI congresso internacional galego-português de psicopedagogía* (pp. 4071-4083). Coruña: Universidade da Coruña. Acedido em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15346/1/Percep%C3%A7%C3%A3o%20dos%20estilos%20educativos%20parentais_sua%20varia%C3%A7%C3%A3o%20ao%20longo%20da%20adolesc%C3%Aancia.pdf
- Sousa, M. R. C., Morais, C. (2011). Sintomas de internalização e externalização em crianças e adolescentes com excesso de peso. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 60(1), 40-45. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v60n1/v60n1a08.pdf>
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in cognitive sciences*, 9(2), 69-74.
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2006). Impact of hostility and withdrawal in interparental conflict on parental emotional unavailability and children's adjustment difficulties. *Child Development*, 77(6), 1623-1641.
- Toloi, M. D. C. (2006). *Filhos do divórcio: Como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação* (Dissertação de doutoramento, Universidade Católica de São Paulo). Acedido em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-04-19T12:13:06Z-2948/Publico/PCL%20-%20Maria%20Dolores%20Cunha%20Toloi.pdf
- Toumbourou, J. W., & Gregg, M. E. (2001). Working with families to promote healthy adolescent development. *Family Matters*, 59. 54-60.

- Trigo, M., Rocha, E. C., & Coelho, R. (2000). Factores psicossociais de risco na doença das artérias coronárias: Revisão crítica da literatura. *Revista Portuguesa de psicossomática*, 2(2), 149-199.
- Urra, J. (2007). O pequeno ditador: Da criança mimada ao adolescente agressivo (4ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Vilhena, J. D., & Bittencourt, M. I. G. (2008). A espinha partida: Considerações acerca da violência no filme Tsotsi-infância roubada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(3), 0-0.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Weimer, B. L., Kerns, K. A., & M Oldenburg, C. (2004). Adolescents' interactions with a best friend: Associations with attachment style. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88(1), 102-120.
- Wendt, N. C. (2006). *Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Acedido em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88679/227416.pdf?sequence=1>
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1), 1-12.
- Ximenes Neto, F. R. G., Dias, M. D. S. D. A., Rocha, J., & Cunha, I. C. K. O. (2007). Gravidez na adolescência: Motivos e percepções de adolescentes. *Rev. bras. enferm*, 60(3), 279-285.

ANEXO I

INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS



Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde de Viseu



INSTRUMENTO DE COLHEITA DE DADOS

Caro Estudante

Encontramo-nos no âmbito do Curso de Doutoramento em Educação a desenvolver um trabalho de investigação científica com estudantes das Escolas Secundárias da cidade de Viseu do 10º. 11º. 12º. Ano de escolaridade e Curso Profissional, sobre Parentalidade e Comportamentos Hostis em adolescentes.

Solicitamos a sua participação na resposta a questões que lhe irão ser colocadas, através de questionários, com o máximo de sinceridade e honestidade, não existindo respostas certas ou erradas. Estas são rigorosamente confidenciais e anónimas, servindo apenas para tratamento estatístico.

Após terminar, certifique-se se respondeu a todas as questões.

Obrigado pela sua colaboração!

DADOS PESSOAIS

1 – Idade: ____ anos.

2 – Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

3 – Ano de escolaridade

10º ☐

11º ☐

12º ☐

Curso Profissional ☐

4 – Local de residência:

Cidade ☐

Vila ☐

Aldeia ☐

5 – Com quem reside:

☐ Pais

☐ Pai

☐ Mãe

☐ Irmão(s)

☐ Avós

☐ Familiares

☐ Outros _____

6 – Os pais são:

☐ Casados

☐ Solteiros

☐ Divorciados

☐ Separados

☐ Mãe é viúva

☐ Pai é viúvo

☐ Ambos os pais faleceram

7 – Profissão do Pai: _____

8 – Profissão da Mãe: _____

9 – O nível de estudos dos pais é:

Pai	Mãe
☐ Não sabe ler nem escrever	☐
☐ 1º ciclo do ensino básico (4ª classe)	☐
☐ 2º ciclo do ensino básico (ciclo)	☐
☐ Ensino secundário (12º ano)	☐
☐ Ensino superior	☐

10 – Fora da actividade escolar costumás ajudar os teus familiares nalguma actividade?

Sim ☐ Não ☐

Se respondeste sim, quando é que o fazes com mais frequência?

- ☐ De manhã antes de ir para a escola
- ☐ À tarde depois de chegar da escola
- ☐ Tanto de manhã como à tarde
- ☐ Só ao fim-de-semana

11 – O rendimento mensal dos meus pais é:1

- ☐ Baixo
- ☐ Médio baixo
- ☐ Médio alto
- ☐ Alto

1 Para responderes a esta questão, tem como base o salário mínimo nacional.

CRPBI

Schludermann e Schludermann, 1988

À medida que os adolescentes crescem aprendem cada vez mais sobre os seus pais e como os seus pais educam os filhos e as filhas. Gostaríamos que descrevesse algumas destas experiências. Por favor, lê cada uma das afirmações e assinala com uma cruz a resposta que melhor descreve a forma como a tua mãe se comporta contigo. Não te esqueças de assinalar todas as afirmações.

A MINHA MÃE É UMA PESSOA QUE...

	Não parecida	Um pouco parecida	Muito parecida
1. ...faz-me sentir melhor depois de eu lhe falar acerca das minhas preocupações.	☐	☐	☐
2. ...conta-me todas as coisas que fez por mim.	☐	☐	☐
3. ...acredita que devem haver muitas regras que têm de ser cumpridas.	☐	☐	☐
4. ...sorri para mim muitas vezes.	☐	☐	☐
5. ...diz que se eu realmente gostasse dela não fazia coisas para a preocupar.	☐	☐	☐
6. ...insiste que eu devo fazer as coisas exactamente como ela me diz.	☐	☐	☐
7. ...faz-me sentir melhor quando eu estou aborrecido.	☐	☐	☐
8. ...está sempre a dizer-me como eu devo comportar-me.	☐	☐	☐
9. ...é muito dura comigo.	☐	☐	☐
10. ...gosta de fazer coisas comigo (ex: ver televisão).	☐	☐	☐
11. ...gostava de ser capaz de me dizer o que tenho de fazer a todo o momento.	☐	☐	☐
12. ...dá castigos maus.	☐	☐	☐
13. ...alegra-me quando eu estou triste.	☐	☐	☐
14. ...quer controlar tudo o que eu faço.	☐	☐	☐
15. ...tem calma comigo.	☐	☐	☐
16. ...dá-me muitos cuidados e atenção.	☐	☐	☐
17. ...está sempre a tentar que eu mude .	☐	☐	☐
18. ...perdoa-me quando eu faço algo de errado.	☐	☐	☐

	Não parecida	Um pouco parecida	Muito parecida
19. ...faz-me sentir a pessoa mais importante na vida dela.	☐	☐	☐
20. ...só cumpre as regras quando lhe convém.	☐	☐	☐
21. ...dá-me toda a liberdade.	☐	☐	☐
22. ...mostra-me o amor que tem por mim.	☐	☐	☐
23. ...é menos minha amiga se eu não penso nas coisas à sua maneira.	☐	☐	☐
24. ...deixa-me ir onde eu quero sem lhe pedir licença.	☐	☐	☐
25. ...está sempre a dizer-me coisas boas.	☐	☐	☐
26. ...evita olhar para mim quando eu desobedeço.	☐	☐	☐
27. ...deixa-me sair à noite sempre que eu quero.	☐	☐	☐
28. ...é fácil conversar com ela.	☐	☐	☐
29. ...se a magoei deixa de falar comigo até eu voltar a agradar-lhe.	☐	☐	☐
30. ...deixa-me fazer tudo o que eu gosto de fazer.	☐	☐	☐

CPIC

John H. Grych, Ph.D., Michael Seid, Ph. D., e Frank D. Fincham, Ph D.

Em todas as famílias há ocasiões em que os pais não se dão bem. Em baixo encontram-se algumas afirmações relativas à forma como os adolescentes às vezes pensam ou sentem quando os pais delas têm discussões ou desentendimentos.

Indica o que pensas ou sentes quando os teus pais discutem, colocando uma cruz (X) no quadrado antes da expressão que indica se a afirmação é *Verdadeira*, *Às Vezes Verdadeira* ou *Falsa*.

Se os teus pais não vivem juntos na mesma casa contigo, pensa nas vezes em que os teus pais estão juntos e têm desentendimentos, ou nos tempos em que viviam juntos e tinham desentendimentos.

	Verdadeiro	Às vezes	Falso
1. Eu nunca vejo os meus pais discutindo ou discordando.	☐	☐	☐
2. Quando os meus pais têm uma discussão geralmente resolvem o assunto.	☐	☐	☐
3. Os meus pais discutem frequentemente sobre coisas que eu faço na escola.	☐	☐	☐
4. Quando os meus pais discutem eu acabo por estar envolvido na discussão de alguma maneira.	☐	☐	☐
5. Os meus pais ficam muito furiosos quando discutem.	☐	☐	☐
6. Quando os meus pais discutem eu sou capaz de fazer alguma coisa para me sentir melhor.	☐	☐	☐
7. Fico com medo quando os meus pais discutem.	☐	☐	☐
8. Sinto-me no meio da discussão quando os meus pais discutem.	☐	☐	☐
9. Não sou culpado pelas discussões dos meus pais.	☐	☐	☐
10. Os meus pais pensam que eu não sei, mas eu sei que eles discutem e discordam muito.	☐	☐	☐
11. Mesmo depois dos meus pais pararem de discutir eles ficam zangados um com o outro.	☐	☐	☐
12. Quando os meus pais discutem eu tento fazer alguma coisa para pará-los.	☐	☐	☐
13. Quando os meus pais têm um desentendimento eles discutem com calma.	☐	☐	☐
14. Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.	☐	☐	☐
15. Os meus pais são muitas vezes maus um com o outro mesmo quando eu estou presente.	☐	☐	☐
16. Quando os meus pais discutem eu preocupo-me sobre o que me poderá acontecer.	☐	☐	☐
17. Quando os meus pais têm um desacordo não me apetece ficar do lado de um deles.	☐	☐	☐

	Verdadeiro	Às vezes	Falso
18. É geralmente por minha culpa que os meus pais discutem.	☐	☐	☐
19. Frequentemente vejo ou oiço os meus pais discutindo.	☐	☐	☐
20. Quando os meus pais discordam sobre alguma coisa, habitualmente arranjam uma solução.	☐	☐	☐
21. As discussões dos meus pais são geralmente sobre mim.	☐	☐	☐
22. Quando os meus pais têm uma discussão eles dizem coisas más um ao outro.	☐	☐	☐
23. Quando os meus pais discutem eu geralmente posso ajudar a melhorar as coisas.	☐	☐	☐
24. Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mau possa acontecer.	☐	☐	☐
25. A minha mãe quer que eu esteja do lado dela quando ela e o meu pai discutem.	☐	☐	☐
26. Mesmo que não digam, eu sei que sou culpado quando os meus pais discutem.	☐	☐	☐
27. Os meus pais raramente discutem.	☐	☐	☐
28. Quando os meus pais discutem, geralmente fazem as pazes logo a seguir.	☐	☐	☐
29. Os meus pais geralmente discutem ou discordam por causa de coisas que eu faço.	☐	☐	☐
30. Eu não me meto na discussão quando os meus pais discutem.	☐	☐	☐
31. Quando os meus pais têm uma discussão gritam um com o outro.	☐	☐	☐
32. Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para pará-los.	☐	☐	☐
33. Quando os meus pais discutem preocupo-me que um deles fique magoado.	☐	☐	☐
34. Sinto que devo ficar do lado de um deles quando os meus pais têm um desacordo.	☐	☐	☐
35. Os meus pais frequentemente chateiam-se e queixam-se um do outro por toda a casa.	☐	☐	☐
36. Os meus pais quase nunca gritam quando têm um desentendimento.	☐	☐	☐
37. Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.	☐	☐	☐
38. Os meus pais quebram ou atiram coisas durante uma discussão.	☐	☐	☐
39. Quando os meus pais param de discutir, ficam amigos um do outro.	☐	☐	☐
40. Quando os meus pais discutem tenho medo que eles também gritem comigo.	☐	☐	☐
41. Os meus pais culpam-me quando têm discussões.	☐	☐	☐
42. O meu pai quer que eu esteja do lado dele quando ele e a minha mãe discutem.	☐	☐	☐
43. Os meus pais empurram-se ou batem-se durante uma discussão.	☐	☐	☐

	Verdadeiro	Às vezes	Falso
44. Quando os meus pais discutem não há nada que eu possa fazer para me sentir melhor.	☐	☐	☐
45. Quando os meus pais discutem fico preocupado que eles possam divorciar-se.	☐	☐	☐
46. Os meus pais continuam a agir mal depois de terem tido uma discussão.	☐	☐	☐
47. Geralmente não é por minha culpa que os meus pais discutem.	☐	☐	☐
48. Quando os meus pais discutem eles não ouvem nada do que eu digo.	☐	☐	☐

SIS

Davies, Patrick T.; Forman, Evan M.; Rasi, Jennifer A. e Stevens, Kristopher I.

Por favor responde em que medida as questões que se seguem foram verdadeiras para ti durante o ano passado. Responde a cada questão assinalando com uma cruz O.

Quando os meus pais têm uma discussão...

	Nada verdadeiro	Um pouco verdadeiro	Quase verdadeiro	Muito verdadeiro
1) Sinto-me triste.	☐	☐	☐	☐
2) Sinto-me assustado.	☐	☐	☐	☐
3) Sinto-me zangado.	☐	☐	☐	☐
4) Sinto-me inseguro.	☐	☐	☐	☐
5) Sinto pena de um ou dos dois.	☐	☐	☐	☐

Depois dos meus pais terem discutido...

	Nada verdadeiro	Um pouco verdadeiro	Quase verdadeiro	Muito verdadeiro
6) Fico com o dia todo estragado.	☐	☐	☐	☐
7) Parece que não consigo me acalmar.	☐	☐	☐	☐
8) Não consigo libertar-me dos sentimentos maus.....	☐	☐	☐	☐

Quando os meus pais têm uma discussão...

	Nada verdadeiro	Um pouco verdadeiro	Quase verdadeiro	Muito verdadeiro
9) Fico quieto, como se fosse uma estátua.	☐	☐	☐	☐
10) Tento esconder o que eu sinto.	☐	☐	☐	☐
11) Grito ou digo coisas desagradáveis às pessoas da minha família.	☐	☐	☐	☐

12) Bato, dou pontapés, dou bofetadas ou atiro coisas às pessoas da minha família.	☐	☐	☐	☐
13) Não sei o que fazer.	☐	☐	☐	☐
14) Tento distraí-lo com outros assuntos.	☐	☐	☐	☐
15) Tento comportar-me o melhor que eu sei (ex.: fazer coisas boas para eles).	☐	☐	☐	☐
16) Tento fazer palhaçadas ou causar confusão.	☐	☐	☐	☐
17) Sinto-me apanhado no meio da discussão.	☐	☐	☐	☐
18) Tento estar muito calado.	☐	☐	☐	☐

Quando os meus pais têm uma discussão...

	Nada verdadeiro	Um pouco verdadeiro	Quase verdadeiro	Muito verdadeiro
19) Acabo por não fazer nada, apesar de querer fazer alguma coisa.....	☐	☐	☐	☐
20) Não consigo parar de pensar nos problemas dos meus pais.	☐	☐	☐	☐
21) Tento resolver o problema dos meus pais.	☐	☐	☐	☐
22) Tenho esperança que as coisas melhorem.	☐	☐	☐	☐
23) Tento acalmar um ou os dois.	☐	☐	☐	☐
24) Apetece-me ficar o mais longe possível deles.	☐	☐	☐	☐

25) Tento pensar que as coisas estão melhores.	☐	☐	☐	☐
26) Tento afastar-me deles.	☐	☐	☐	☐
27) Sinto que os meus pais estão preocupados comigo.	☐	☐	☐	☐
28) A família ainda consegue dar-se bem uns com os outros.	☐	☐	☐	☐
29) Sei que eles ainda se amam.	☐	☐	☐	☐
30) Sei que tudo vai ficar bem.	☐	☐	☐	☐
31) Sinto que a culpa é minha.	☐	☐	☐	☐
32) Preocupo-me com o futuro da minha família.	☐	☐	☐	☐
33) Preocupo-me com o que vão fazer em seguida.	☐	☐	☐	☐
34) Sei que é porque eles não sabem conversar um com o outro.	☐	☐	☐	☐
35) Eu penso que eles me culpam.	☐	☐	☐	☐
36) Fico a pensar que se vão separar ou divorciar.	☐	☐	☐	☐
37) Acho que eles vão conseguir resolver os seus problemas.	☐	☐	☐	☐

INVENTÁRIO DE HOSTILIDADE DE BUSS-DURKEE

Nas diversas afirmações assinala se apresenta-se verdadeira ou falsa:

	V	F
1 – Raramente bato em alguém, mesmo que a pessoa me bata primeiro.	☐	☐
2 – Às vezes critico as pessoas que não aprecio.	☐	☐
3 – Só faço alguma coisa se me pedirem de bons modos, caso contrário, não o faço.	☐	☐
4 – Enfureço-me com facilidade mas por pouco tempo.	☐	☐
5 – Parece que nunca recebo o que mereço.	☐	☐
6 – Sei que as pessoas costumam falar mal de mim nas minhas costas.	☐	☐
7 – Quando não aprovo o comportamento dos meus amigos, faço-o saber.	☐	☐
8 – As poucas vezes que preguei uma partida, sofri remorsos insuportáveis.	☐	☐
9 – De vez em quando não consigo resistir à vontade de prejudicar os outros.	☐	☐
10 – Nunca me ponho tão nervoso a ponto de atirar coisas/ objectos.	☐	☐
11 – Às vezes as pessoas incomodam-me só pelo facto de estarem a meu lado.	☐	☐
12 – Quando alguém estabelece uma regra com a qual eu não concordo, fico tentado a violá-la.	☐	☐
13 – Os outros parecem receber sempre todas as oportunidades.	☐	☐
14 – Costumo não confiar nas pessoas que são mais amigáveis do que estou à espera.	☐	☐
15 – Frequentemente não estou de acordo com os outros.	☐	☐
16 – Às vezes tenho pensamentos maus que me fazem sentir envergonhado.	☐	☐
17 – Não tenho nenhuma razão para bater numa pessoa.	☐	☐
18 – Às vezes quando estou furioso ponho uma cara de desagrado.	☐	☐
19 – Quando alguém é mandão, faço o oposto do que me pedem.	☐	☐
20 – Enfado-me com mais frequência do que as pessoas pensam.	☐	☐
21 – Não conheço ninguém a quem odeie plenamente.	☐	☐
22 – Há um determinado número de pessoas que aparentemente não me apreciam.	☐	☐
23 – Não posso evitar discutir com as pessoas que não estão de acordo comigo.	☐	☐
24 – As pessoas que não cumprem com o seu trabalho devem sentir-se muito culpadas.	☐	☐
25 – Se alguém me bate primeiro, reajo de igual modo.	☐	☐
26 – Às vezes, quando estou furioso/a, bato com as portas.	☐	☐
27 – Tenho sempre paciência com os outros.	☐	☐
28 – Ocasionalmente, quando estou furioso/a com alguém, deixo de lhe falar por algum tempo.	☐	☐
29 – Quando penso no que passei, não posso deixar de sentir um leve ressentimento.	☐	☐

	V	F
30 – Há um determinado número de pessoas que parecem ter ciúmes de mim.	☐	☐
31 – Insisto em que as pessoas respeitem os meus direitos.	☐	☐
32 – Deprime-me pensar que não fiz mais pelos meus pais.	☐	☐
33 – A pessoa que me insulte ou que insulte a minha família está à procura de uma discussão.	☐	☐
34 – Nunca prego nenhuma partida às pessoas.	☐	☐
35 – Odeio que alguém faça troça de mim.	☐	☐
36 – Quando as pessoas são mandonas, demoro mais a fazer as coisas só para importuná-las.	☐	☐
37 – Quase todas as semanas vejo alguém que não aprecio.	☐	☐
38 – Às vezes tenho a sensação que os outros se riem de mim.	☐	☐
39 – Mesmo que tenha coragem, não uso más palavras.	☐	☐
40 – Preocupo-me com que perdoem os meus pecados.	☐	☐
41 – As pessoas que estão sempre a incomodar, estão à procura de levar um murro no nariz.	☐	☐
42 – Às vezes ponho cara de desagrado quando as coisas não saem à minha maneira.	☐	☐
43 – Se uma pessoa me incomoda sou capaz de lhe dizer o que penso dela.	☐	☐
44 – Às vezes sinto-me como pólvora, a ponto de explodir.	☐	☐
45 – Mesmo que não dê a demonstrar, às vezes os ciúmes consomem-me.	☐	☐
46 – A minha frase favorita é “nunca confies nos desconhecidos”.	☐	☐
47 – Quando as pessoas me gritam eu também lhes grito.	☐	☐
48 – Faço muitas coisas que depois me dão remorsos.	☐	☐
49 – Quando perco as estribeiras sou capaz de bater em alguém.	☐	☐
50 – Depois dos dez anos não me voltou a dar uma birra.	☐	☐
51 – Quando fico furioso digo coisas desagradáveis.	☐	☐
52 – Às vezes tenho uma atitude de “atreve-te a meter-te comigo”.	☐	☐
53 – Se as pessoas conhecessem os meus sentimentos consideravam-me uma pessoa pouco suportável.	☐	☐
54 – Usualmente pergunto-me qual será o interesse que a pessoa tem em fazer algo para me ajudar.	☐	☐
55 – Não podia colocar alguém no seu sítio mesmo que o merecesse.	☐	☐
56 – O fracasso provoca-me remorsos.	☐	☐
57 – Envolver-me em discussões tão frequentemente como as outras pessoas.	☐	☐
58 – Recordo ter estado tão furioso que agarrei a primeira coisa que encontrei e parti-a.	☐	☐
59 – Frequentemente faço ameaças sem intenção de as levar a cabo.	☐	☐
60 – Não posso evitar ser um pouco mal-educado com as pessoas que não aprecio.	☐	☐
61 – Por vezes sinto que a vida tem sido injusta comigo.	☐	☐

	V	F
62 – Antes eu pensava que a maioria das pessoas diziam a verdade, mas agora sei que não é assim	☐	☐
63 – Geralmente dissimulo a má opinião que tenho sobre as outras pessoas.	☐	☐
64 – Quando faço algo que está mal, a minha consciência castiga-me severamente.	☐	☐
65 – Se tivesse que recorrer à violência física para defender os meus direitos, fazia-o.	☐	☐
66 – Se alguém não me trata bem, não deixo que isso me incomode.	☐	☐
67 – Não tenho inimigos que realmente me queiram prejudicar.	☐	☐
68 – Quando estou a discutir, tenho tendência a elevar a voz.	☐	☐
69 – Frequentemente sinto que não tenho levado uma vida correcta.	☐	☐
70 – Conheci pessoas que me levaram a tal extremo, que fez com que nos envolvêssemos em pancada.	☐	☐
71 – Não deixo que muitas coisas sem importância me incomodem.	☐	☐
72 – É raro sentir que alguém está a fazer com que me enfureça ou que me esteja a insultar.	☐	☐
73 – Ultimamente tenho estado de mau humor.	☐	☐
74 – Prefiro dar o braço a torcer do que discutir por alguma coisa.	☐	☐
75 – Por vezes demonstro o meu aborrecimento dando pancadas na mesa.	☐	☐